

Casa

Gab.

Est.

Tab.

N.º

02

4

14

R-4-14

ESCOLA *Dupl.*

DE

ORACAM

CONTEMPLACAM,
MORTIFICACAM DAS PAIXOENS,
& outras materias principaes da
doutrina espiritual.

Composta pello Padre

FRETIOAM DE IESVS MARIA

*Carmelita Descalço, natural
de Calahorra,*

E AGORA TRADUZIDA EM NOSSO
Idioma Portugues, pello Padre Balthezar Guedes, Sa-
cerdote do Habito de São Pedro, filho indigno da Ter-
ceira Ordem da Penitencia, & Reytor do Collegio de
Nossa Senhora da Graça dos Mininos Orfaõs da
Cidade do Porto, que tambem acrecen-
tou o Alfabeto dos Tratados pe-
ra melhor intelligencia
desta obra.

OFFERECIDA A SEMPRE VIRGEM MARIA

*Senhora Nossa das Soledades, Padroeira
deste Santo Oratorio.*

EM COIMBRA. *Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de IOSEPH FERREYRA, Impres-
sor da Vniversidade: Anno 1678.

*Do Collegio d' S. Joseph d' Carmelitas das
Calh.*

ESCOLA

de

ORACAO

CONTEMPORANEA DA PAIXOES

de

domingo

de

DE JESUS MARIA

de

de

ORAÇÃO

de

de

de

de

de



DEDICATORIA
OFFERECIDA A SEMPRE
Virgem Maria Senhora Nossa
das Soledades, Padroeira
deste Santo Ora-
torio,



VITO alta, & muito poderos-
sissima Senhora, Suspenso, por
pouco devoto, vacilava na elei-
çam a quem avia de dedicar este minimo
trabalho de traduzir à lingua Portu-
guezã esta Escola, & principio de ora-
çam, que ha quatro annos se continua
em este Oratorio, & Collegio dos vossos
Orsaõs: & flutuando neste mar da elei-
çam, entre a escolha do acerto, pus os
olhos em o Ceo (porto seguro pera minha
navegaçam,) & achei logo a vós Sobe-
rana Estrella, pera conseguir com mar
bonança o fim de meu intento, estando

DEDICATORIA.

*certo de seu bom successo, quando por
 vòs Soberana Aurora, me governasse; se-
 gui este intento, & acertei, achando,
 que só a vòs Soberana Imperatrix do
 Ceo, & terra pertencia esta dedicatoria;
 a rezam he tam clara, que nam ne-
 cessita d'explicação: porque, se o Se-
 nhor vos fes Mãe de peccadores, quan-
 do afflicta assi assististes ao pé da Cruz,
 & se com nosco assistis como a filhos
 lembrados de vossas lagrimas, & Sole-
 dades, percisamente me era necessario
 buscarvos por emparo (como sempre) pe-
 ra patrocinarem esta tradução, donde
 espero, que com vossa graça, & favor,
 ham os filhos do vosso Oratorio de tirar
 muitos proveitos espirituaes, & muitas
 melhoras em suas vidas, de que vòs te-
 reis particular gloria por veres, que vos-
 so filho, & nosso Deos he servido, & a-
 ma-*

DEDICATORIA.

*mado nestes Santos exercicios, & que
nòs os peccadores, que os exercitamos,
tratemos de viver, como quem ha de
morrer de vòs assistidos com a confiança
que temos de vosso emparo. Os Anjos
vos louvem: os justos vos engrandecam,
& eu peccador sempre vos sirva, sempre
vos ame, & em vosso obsequio dè a vida.
Deste vosso amado Collegio dos vossos
Orfaõs do Porto 16. de Julho de 1677.*

Deste vosso escravo que muito
deleja servirvos.

Balthazar Guedes.

DEDICATORIA.

En este libro se contiene el tratado de la
 medicina que se practica en el Reyno de
 España, y en las Indias Occidentales,
 y en las partes de Africa y Asia que
 son de su jurisdiccion, segun el
 orden de las facultades de medicina
 que se enseñan en las universidades
 de España, y en las de las Indias,
 segun el orden de las facultades de
 medicina que se enseñan en las
 universidades de las Indias.
 En esta obra se trata de la medicina
 que se practica en el Reyno de España,
 y en las Indias Occidentales, y en
 las partes de Africa y Asia que son
 de su jurisdiccion, segun el orden
 de las facultades de medicina que
 se enseñan en las universidades de
 España, y en las de las Indias, segun
 el orden de las facultades de medicina
 que se enseñan en las universidades
 de las Indias.

De este libro el Sr. D. Juan de Torres y Guzman

Salvador Guzman

PROLOGO AO DEVOTO LEYTOR.

Sempre me persuadi ter muito necessario, aos que querem tratar da vida espiritual, terem hum A, b, c, ou Escola, donde principiassem este tanto exercicio, que não sómente consta de fervorosa continuacão, mas ainda necessita de liçã na Escola da Oraçã, & pratica do Pay espiritual, que suposto neste caminho do espirito o verdadeiro mestre he o Elpirito Santo, que com sua divina luz illustra o entendimento, pera que suspenso das cousas terrestres trate só das celestiaes, & com esta verdade ser tam clara, nos aconselham Santos: tenhamos liçã antes da Oraçã, que he sua segunda parte, & como quem principia ha mister Escola em que leya, trateis de procurar Escola, em que todos os filhos deste santo Oratorio possã ler, & aproveitar. Pratiquei, devoto leytor, este meu desejo com quem governa (por pay espiritual) minhas açoens: aconselhoume, tratasse de traduzir esta Escola da Oraçã do Idioma Espanhol ao nosso Portuguez; porque entre os livros doutos, pios, & contemplativos, era este o ramallete mais suave, que entre o magnifico jardim da livraria espiritual sahio a luz ha muitos tempos. E como seu Autor he Religioso Carmelita Det-

calço poem o tratado primeiro, explicando o Estatuto de sua Religiam, fins, & partes, & obrigaçoens do seu estado; & isto mesmo, que elle diz acerca da perfeiçam de sua vida, devemos nòs imitar, pois tratamos de reformar nossas vidas, & entre o laberinto mundano, dirigir nossas acçoens à perfeiçam religiõa, & Christãa quanto nos for possível; pello que te peço, devoto leytor, que quando leres o Capitulo seguinte, & achares as obrigaçoens de hum Religioso, entendas fala contigo o tal Capitulo, advertencia, numero, & notaçam; porque como todos queremos caminhar pera a perfeiçam, pera onde elles caminham, devemos nòs tambem, os q̄ seguimos o santo exercicio (que neste Oratorio de Nossa Senhora das Soledades, neste Collegio dos mesmos Orfaõs todos os dias se continuam,) he conveniente caminhar com acerto, orar com fervor, penitenciar com discricam, & anhelar com todo o desvelo ao sequito das virtudes, pera agradar, & servir a sua divina Magestade; tudo, devoto leytor aqui te offereço, pera esta Escola te chamo; pera esta lição te convido; & que sigas esta santa doutrina te admoesto, Deos te guarde, o Espirito Santo te alumie, & a mim me encaminhe. Oratorio do Porto 16. de Julho dia do Triunfo de Santa Cruz de 1677.

Valle.



ESCOLA
DE
ORACAM.
TRATADO I.

*Do Estatuto, & modo do Estado Reli-
gioso, partes, & fins & obrigações de
tão reformado modo de vida, que
devem continuar os q̃ tra-
tão de perfeição.*



VALQUER Religioso está obrigado a saber, qual seja seu proprio, instituto, suas partes, & obrigações, pois a rezão pede q̃ todo o professor, saiba o que professa; & pera que

Fol. 107 *Escola de Oração.*

os Religiosos, & mais pessoas, q̄ resolutos a seguir a Christo, & deixar vicios, conuem tenham distinto conhecimento destes pontos tão importantes, será pois bem, que se sirvão das advertências seguintes.

Nota primeiro. Causa certissima he, que o ultimo fim, assi dos Religiosos, como dos seculares he o mesmo: porque todos caminhão à eterna vida, quando vivem huns, & outros como devem. De sorte que o verdadeiro Religioso, & o bom Christão secular, cada hum destes, conforme seu estado, tem posto a mira, & todo o seu cuidado em a visão clara de Deos, pera o gozarem em sua gloria com a perfeita charidade, & amor, com q̄ em aquella celeste Ierusalem, o estão gozando, os q̄ do mundo triumpharão: E este gozo he o ultimo fim do homem.

Nota 2. Não basta ao Religioso, & Christão saber só esta verdade: se não tambem ha de saber, que antes de chegar aquelle ultimo, & beatissimo fim, ainda ha outro fim, antes do ultimo, em
o qual

o qual convem todos, & ao qual caminho, & se dirigem todas as Congregações, de Religiosos, & gente pia; & este fim, ainda não ultimo, commum a todas as Cógregações, he a perfeição da charidade em o Senhor, que se pode, & custuma alcançar em esta vida: Aqual charidade, & Amor de Deos, ainda que não chega à ultima perfeição, de charidade do estado glorioso, com tudo isso, he hũ excellentissimo grao da perfeição, mui digno de ser de nós buscado com todos os trabalhos, & exercicios da vida Monastica, & reformada, em que os bons seculares caminão, fora da clausura religiosa.

Nota 3. Saiba pois o Religioso, & o Christão reformado, que pello mesmo caso, q̄ hum professa sua regra, & o outro largando vicios, detestando culpas, começa a caminhar pella vida espiritual, exercitandose nas virtudes, se obriga gravemete a seguir com todo o cuidado, & dirigir suas acções a perfeição de charidade, & Amor de Deos, de ma-

Escola de Oração.

neira, que ha de por o ficto em procurar alcançala, mas, nem por isso está obrigado a ser perfeito como o estão os Prelados, cujo estado he de Mestres da perfeição. E o estado Religioso, & secular reformado, não he estado de Mestre, se não de Discipulo, & de homem, que estuda, & se aplica a apprehender a perfeição da vida Christãa, segundo a commum doutrina dos Santos, & Theologos Ecclesiasticos. Pera intelligencia desta obrigação, de caminhar cada hum de nós a perfeição, se considere, aquelle cômum proverbio dos Espirituaes, em que se declara, que no caminho da perfeição: O não hir a diante he tornar atras; o que se prova com evidencia; Toda a acção humana em particular, ou he boa, ou he mà, segundo o commum sentir dos Thomistas: E por tano, quando he boa, adiante se caminha, & quando he mà atras se torna, ou gravemête peccando, quando a acção de si he peccado mortal: ou levemente, quando a acção não he mais, que peccado venial, & neste

ste caso os habitos da graça, & Amor de Deos, com outras virtudes, não se destroem, nem perdem os graos de sua intenção, Note-se tambem, que a perfeição Christãa consiste principalmente, & essencialmente em a observancia dos mandamentos do Amor, & charidade de Deos, & do proximo; & secundaria, & instrumentalmête consiste em seguir os conselhos Evangelicos, que servem pera a mais perfeita guarda dos mandamentos. Note-se mais, que a rezão, porq̃ a perfeição espiritual consiste em a charidade, como diz Santo Thomas em o lugar citado assima art. 1. He porq̃ a perfeição de hũa cousa consiste em unir-se có o seu proprio fim: E por tanto a perfeição do homẽ Espiritual consiste em a charidade, & Amor de Deos, aqual com o mesmo Senhor une nossas almas, que he o nosso ultimo, & beatissimo fim.

S. Thom.
2. 4. 9.
184. ar-
tic. 3.

Nota 4. De mais dos pontos sobre-ditos, que são communs a todas as Religioes, & a todos os Christãos no seu es-

Escola de Oração.

tado secular, quando nelle vivem como devem; convem, q̄ assi huns como outros, saibão o fim, ou proprios fins de sua Religião, Congregação, ou Estatuto; porque cada hum destes Estados, & vida Espiritual, aqual se compoem, daquelles fins, que são mais proprios seus, & tem as partes principais acomodadas a observancia da regra, ou modo de vida, q̄ vão seguindo. E desta destinação especifica, nasce a variedade maravilhosa das Sagradas Religioes, adorno fermosissimo da Santa Madre Igreja; de tal maneira lustrão, que sendo os fins de cada hũa particulares, & proprios, em os quaes, nem todos convem, caminão todos à perfeição da charidade, & Amor de Deos, em aqual charidade todos se unem, por ser seu ultimo fim. Assi vemos, que hũa Religião, ou Congregação escolhe por Estatuto, & proprio fim a contemplação: Outra o desvello de pregar: outra escolhe ambos estes fins: contemplar, & pregar, dispondoos de maneira, que seja pera aproveitarse assi, &

& a seus proximos. E como esta variedade de fins immediatos, aspirão ao fim mediato, & commum da divina charidade, como fica dito. Advirtase, que ha muitas Religioes, que hão escolhido aquellas dous fins immediatos, porem seguindo diferentes regras, & Constituições, ou modo de caminhar àquelles fins, as quaes bastão, pera q̄ se nomeem, & sejam differêtes Religioes, por quanto pera haver distincão especifica de cousas moraes, não se necessita de mais differença, que aquella, que nas cousas sobreditas se acha.

Nota 5. E conforme a doutrina asfentada, estão nossos Religiosos, & Congregados necessariamente obrigados a saber qual seja nosso Estatuto, & modo de viver reformado, pera que saibão, quaes são os fins immediatos, pellos quaes hão de chegar ao fim mediato da divina charidade, & ao ultimo da eterna vida, que buscamos. Respondendo a este ponto, digo, que nosso Estatuto he mixto, & composto de dous fins, ou

Escola de Oração.

*Leia-se o
Tratado
da vida
activa,
& contem-
plativa.*

partes, das quaes húa he a contempla-
ção, & outra a acção; E de tal maneira,
que sempre a contemplação he fim, ou
parte mais principal, quero dizer, que
nossa Religião, & forma de vida atten-
de primeiro, & principalmente a cami-
nhar à perfeição da charidade (que he
o mesmo, que Amor de Deos) com os
exercicios da vida contemplativa, & se-
gundaria, ou menos principalmente có-
os da vida activa. E pella Misericordia
de Deos nosso Senhor, & dos mereci-
mentos da Virgem Santíssima sua mãy,
& Senhora nossa, & intercessão de nos-
sa Madre S. Theresa, os taes exercicios,
estão admiravelmente ordenados, & a-
comodados pera ambos os fins, & par-
tes de nosso Estatuto, tanto em os Mo-
steyros de Religiosos, como nos Con-
ventos de Religiosas.

Nota 6. Do sobredito se segue, que
quando algum dos nossos Religiosos,
ou Congregados, lhe pergütarem, aon-
de caminha, com a observancia, q̄ pro-
fessa, responda: Caminho à perfeição
do

do Amor Divino por meyo de hum Estatuto mixto, & composto de contemplação, & acção (que he o mesmo, que vida activa) de tal maneira, que meu principal cuidado, he adereçar minhas acções, & sentidos, que me levão, & encaminhão a vacar a Deos, & contemplar as cousas divinas: o qual modo, notavelmente me ajuda pera aproveitar em o Amor de Deos, & secundariamente me anima, a satisfazer cõ prompta vontade, o q̃ a Obediencia me ordena, em rezão da vida activa, quando me manda estudar, pregar, cõfessár, & trabalhar de mãos pera a charidade do proximo.

Nota 7. Convem advertir, que o Estatuto da Religião, ou Congregação comprehende os dous fins sobreditos, regra, Cõstituições, & exercicios, como meyos, pellos quaes se alcanção aquelles dous fins. Por esta rezão os nossos Religiosos, & Congregados, de tal maneira hão de considerar aquelles fins, q̃ não busquem outros caminhos, ou meios, pera alcançalos, se não aquelles, que

Escola de Oração.

nossas leis, & Estatutos lhês ordenão, persuadindose, que só desta maneira, & não de outra caminharão seguros a perfeição do divino Amor, pellos proprios fins, ou partes de nosso Estatuto. Com esta doutrina, se responde a hũa importante pergunta; he ella que cousa seja caminhar a perfeição, respondo, q̄ não he outra cousa mais, que guardar a lei de Deos, & aquellas cousas, que são cômuns aos outros Christãos, juntamente com as partes do proprio Estatuto, que cada hum tem obrigação guardar, aonde sempre ha de ir com a mira, & desejo de caminhar a perfeição do Amor, & charidade de Deos.

○ Nota 8. Quanto às obrigações do nosso estado não se offerece cousa de novo neste lugar, se não, que os tres votos solemnes, & o quarto de não pretender officios, né dignidades, & os preceitos formaes dos Superiores, & o officio divino obrigaõ aos Religiosos professos a peccado mortal, & a regra obriga a peccado venial. As Cõstituições, & instruc-

instrucções, & outras disposições dos Superiores não obrigaõ a peccado algum, & somente obrigaõ a pena, donde, & quando algũa se impoem. Com tudo, os bons Religiosos hão de guardar (como pella graça do Senhor observão) os Estatutos q̄ não obrigaõ a peccado, com tanta perfeição, como se quebralos fora grave culpa.

Nota 9. Com o conhecimento dos pontos sobreditos faberà qualquer Religioso distinguir o seu estado, & modo de vida, do estado, & vida dos seculares Christãos, o qual servirà, pera estimar, & venerar mais o estado Religioso, em que se vê, pera dar ao Senhor graças, por tantos beneficios, tanto mais avantajados, quanto são menores os do mundo. Porque alem da graça, q̄ o Senhor lhes dà ajudandoos à guarda de sua divina lei, acrescentandolhe os remedios dos Sacramentos, & alguns exercicios espirituaes, & mortificações, em q̄ por muitas vezes, os reformados seculares se exercitaõ; Ha provido sua Divina Mage-

Escola de Oração.

Magestade a nosso Religioso estado de muitos favores proporcionados, pera alcançar a perfeição Christãa, que seria grande cegueira não conhecelas, & notoria ingratição, não estimalas, & não dar por ellas muitas graças a sua divina bondade. Os votos, a regra, as Constituições, & ordens dos Superiores, os exercicios da Oração, & mortificação, a vida commua, & regular, os capitulos, exortaçoẽs ordinarias, o retiro da cella, o silencio, a emulação em pontos de observancia, os actos de charidade, & humildade, & outras cousas, que contem nosso Estatuto, são singulares beneficios divinos, & convenientissimos meynos pera o grangeo, & sequito da perfeição, & da eterna vida, pera onde caminhamos.

Nota 10. Aquelle pois que pertende chegar até o fim da perfeição Monastica, principalmente ha de attender, & applicarse a duas cousas. A primeira he o estudo, & cuidado da oração, & mortificação, de maneira, que em os exercicios

cicios de nossa Regra, & em todas as occasiões, que se offereção tenha sempre o Religioso, & Congregado postos seus olhos em dous pontos, o primeiro he ter o coração unido em Deos nosso Senhor pello acto resignante em sua divina vontade: O outro, anegar o juizo, vontade, & proprios appetites. Este he o real caminho, que Christo Senhor nosso pregou, & os Apostolos, & mais Santos seguirão, por cuja causa ha de ser de todos nós amado com todo o coração.

Nota II. Concluamos sabendo, que àcerca dos fins immediatos, ou partes de nosso Estatuto pello qual somos obrigados em primeiro lugar a attender à contemplação como a fim mais principal, de que nasce hũa duvida: que parece, que não satisfaz sua obrigação o Religioso, ou Congregado, q̃ não chega à contemplação, pois havemos dito, que este immediato na nossa Religião, ha sido escolhido por hum meyo efficaç, com o qual, se chega à perfeição do divino Amor, & charidade de Deos, pera

Escola de Oração.

pera o qual caminhão todos os que tra-
tão da vida espiritual, & reformada, af-
fim os que vivem em clausura, como os
que no seculo se dão à vida reformada,
& espiritual. Formase esta duvida, & se
comprehende em estas palavras. Como
pode aproveitar em o Amor de Deos
nosso Senhor, o que não continua o ca-
minho, que escolheo pera aumentar-se
na divina charidade? Respondo: que
quem se aplica à oração, que he cami-
nho da contemplação (como o fazem
nossos Religiosos, & Congregados) fa-
tisz a sua principal obrigação, ainda q̄
não cheguem à verdadeira, & propria
contemplação. Por se não haver esco-
lhido, como meyo universal, pera apro-
veitar em a charidade do acto proprio
da contemplação, o qual he hum dom,
& merce especialissima do Senhor, al-
cançada de poucos: Considerando, que
havemos escolhido universalmente a
vida contemplativa, quero dizer, hum
modo de vida, que se emprega em ex-
ercicios espirituacs, principalmente de
oração,

oração, cujo fim, & termo, he propria contemplação, do qual termo toma o seu nome, & se chama por esta causa vida contemplativa. E por esta causa o Religioso, & Congregado, que caminha atè aquelle termo, satisfaz com sua obrigação, & pode alcançar a perfeição da charidade divina, ainda que em toda a sua vida não tenha hum quarto de hora de propria contemplação. Mas aquellos poucos, q̄ alcançáo este grande bem aproveitaõ taõ maravilhosamente em a divina charidade, que não são as palavras bastantes a explicalo.

TRATADO II.

Da Oração.

Oração, propriamente he hũa petição feita a sua Divina Magestade; mas conforme o uzo ordinario, este nome oração significa hũa sobida, ou elevação da alma a Deos nosso Senhor;

Escola de Oração.

*Oratio
est eleua-
tio mētis
in Deum.*

& neste sentido se incluem todas as partes da oração, q̄ conforme sua primeira significação somente convem a ultima parte, & ultimo fim, que he Deos.

2 As partes da oração são seis. Preparação, Lição, Meditação, Acção de graças, Offerecimento, & Petição: A preparação he de duas maneiras, remota, & proxima; A preparação remota consiste em hũa creatura, que quer amar a Deos, fugir às occasiões de destrahir os sentidos pellas creaturas, & suspender os cuidados de todas as cousas contrarias ao recolhimento interior de sua alma; A proxima consiste em considerar, que a Divina Magestade està alli presente, a quem nada se esconde, & logo voltando a creatura sobre si, vê claramente sua propria vileza, & fragilidade, com aqual consideração, se dispoem com reverentes affectos, & amorosos actos a sua Divina Magestade, humilhando se pello conhecimento proprio, considerando consigo mesmo, que não ha nelle cousa boa, & q̄ só he hum abismo

mo, de peccados. E com este affecto, & humiliação se ha de começar a orar; como o fez o Publicano, cuja oração foy taõ agradavel a Deos nosso Senhor, que entrando peccador a orar, sahio da oração justificado.

3 A Lição ha de ser primeiramente com attenção lida, o segundo de espaço, & com sossego, o treceiro com eleição do ponto mais efficaz, tomando delle a parte, que mais o obriga, & rende o espirito pera meditar, ou discorrer sobre o passo daquelle dia, ou ponto da lição, a fim de mover a vontade a se render, pera amar a Deos, & não farà muito ao caso ser a lição antes, ou despois da preparação.

4 A Meditação ha de ser, primeira moderada, segunda efficaz; Advirtase, que da meditação donde se consideraõ os beneficios de Deos, nasce o agradecimento daquelles favores, & este agradecimento tem duas partes, que são o affecto interior agradecido, com o qual se dão as graças ao Senhor, & a outra

B

parte

Escola de Oração.

parte he obrar algũa cousa no serviço, segundo suas forças, & a este fim se faz o offercimento, em o qual se offercem os bons prepositos de obrar obras virtuosas interiores, & exteriores.

5 A Acção de graças consiste, primeiro, em despertar affectos de agradecimento, segundo, em fazer alguns actos de amor, louvando, & engrandecendo a Deos nosso Senhor, pellos beneficios, que a creatura considera na meditação tem recebido de sua Divina Magestade.

6 O Offercimento consiste em sacrificar-se todo por acto resignante na vôtade deste Senhor, querendo, que nelle se faça sua Divina vontade; segundo em offerecer outros infinitos coraçãoes, se tantos tivera, pera amar este Senhor, terceiro, em propor sempre consigo de fazer excellentes actos de virtudes interiores, & exteriores, principalmente daquellas, de que se vê mais necessitado, & de pelear contra as paixões, & tentações, que mais o combatem.

7 A Petição consiste em pedir; primeiro,

meiro, todo o bem conveniente ao homem; segundo, em pedir a victoria das tentações, & vicios, que mais o afligem; terceiro, em pedir a virtude, que por entãõ lhe he mais necessaria; quarto, em pedir pellos proximos; quinto, em pedir có grande fee ao Eterno Padre nos conceda o que lhe pedimos por I e s v Christo nosso Senhor, & seu unico Filho.

8 A rezão destas seis partes he a seguinte. Estã mui posto em rezaõ, que quem ha de fallar com hũ grande Principe, & muito mais com a Magestade de Deos, se prepare, & concerte, considerando, com quem quer tratar, & que negocio he, o que lhe quer communicar, & pera este fim serve a preparaçaõ. A mesma politica pede, que se considere a materia, do que se ha de tratar: & a este fim he a Liçaõ, que representa a materia sobre que se ha de meditar. Obrigação he, que se considere a materia de que se ha de tratar, pera cujo effeito he necessaria a Meditaçaõ pera a ponde-

ração da materia discorrendo sobre ella. Depois de discursar, se segue a applicação do affecto, pera amar a Deos, o qual affecto nasce da meditação, em aqual se haõ considerado os beneficios recebidos da liberal mão de sua Divina Magestade. Porque o mesmo motivo, que moveo a alma a preparar-se, & escolher materia, discorrendo sobre ella obriga, que quando naquelle discurso da meditação, se conhece mais claramente as misericordias de Deos nosso Senhor se reconhece a alma muito mais obrigada a seu grande bemfeitor, & por ellas lhe de graças com intimos affectos de seu coração, & pera este fim servem a acção de graças. He justo que alem deste agradecimento interior faça a alma agradecida a recompensa que pode, & lhe he possivel; & a este fim serve o offerecimento. Em o qual o homem se offerece todo, com aquelle affecto de agradecimento possivel, & propoem, que fará obras virtuosas por agradar ao Senhor, de quem se vê taõ obrigado.

Mas

Mas segundo a doutrina Catholica, se supoem, que não pode o homem pagar esta divida, & obrar santamente sem o favor, & graça divina. Pede a rezaõ, q̃ a ultima parte seja offerecer petição a seu Creador, & Senhor pedindolhe forças pera satisfazer com suas obrigações, pera lançar de si o pezo dos peccados, pera alcançar as virtudes, & finalmente pera alcançar todas as cousas necessarias, & convenientes ao sequito da eterna vida, que o Senhor a todos nos communique.

9 *Em que se poem a Oração composta pellas partes sobreditas, tomando por materia as dores, & afrontas de Christo Senhor N. crucificado.*

Supoemse a Lição, ser deste mysterio.

PREPARAC, AM.

10 **E**V vilissimo peccador, aqui prostrado, ey de fallar contigo! O Magestade altissima, & excellentissimo

Escola de Oração.

Senhor, Creador, & Redemptor meu. Que extremo he este a q̄ chegais, dignandovos concederme o bem de que nesta ora trate convosco, sendo eu, o q̄ mais, que todas as creaturas vos ha offendido, & entre os homens o mais ingrato: Bem se està mostrando, que este excessso he obra de tua divina bondade, & misericordia, pois consentes, que eu vil bicho da terra, o mais desprezado, q̄ mereço, por minhas culpas, ser de ti apartado eternamente, pello muito, que te ey offendido: Ache agora lugar diante de tua Divina Magestade pera orar, & pedir o bem de minha salvação. Louvemte por mim todos os Espiritos Bemaventurados. E eu miseravel peccador te adoro, te conheço, & te quero amar desde oje pera todo sempre. O Altissimo Rey dos Reys, diante de cuja grandeza, & immensa Magestade hũa, & mil vezes me torno a postrar, & te confagro minha alma, pera vacar, & orar ati que es todo o meu bem, & final objecto: Senhor, de meus peccados me arrependo

*Note se, q̄ esta medi-
tação, &
as outras
partes, se
podẽ es-
tender
mais con-*

pendo muito de coraçãõ, suplicandote humilmente tenhas por bem perdoarme, ajudandome, pera que esta ora de oraçãõ em que me ponho seja proveitosa, & frutuosa, pera gloria tua, & salvação minha.

forme o tempo, do qual se ha de empregar a maior

II Meditaçãõ, he cuidar, & meditar em o passo, que ly de te ver posto, meu Iesv, & Senhor meu em essa Santa Cruz; O Iesv, & Redemptor meu, quem me soubera, como devo, ponderar ternamente aquellas acerbissimas dores, gravissimos tormentos, & ignominias, que nesse patibulo, por mim padeceste.

parte, em as tres partes seguintes, q̃ são o fruto da boa meditaçãõ.

Eu estou certo, ò meu bem infinito, ò Iesv de minha alma, que toda a exageraçãõ, de que eu pudera uzar, seria mui curta, pera admirar o excessivo dessas dores; Porque quando te vejo assi lançado em esse duro madeiro, desconjuntados os ossos, engravadas as mãos, & sagrados pès com taõ duros cravos, & tua sacratissima cabeça toda trespassada, com aquelles horriveis espinhos, com cujas dores todo te vejo afflicto, & angustia-

do,

Escola de Oração.

do, como te cantou o Propheta, com
cruéis angustias de morte: E quando
confidero, & sei de certo, que teu purif-
simo corpo foi formado pello Espirito
Santo com hũa compleição delicadissi-
ma, & aptissima pera sentir as dores,
mais que outro qualquer homem, assen-
to comigo, que forão inefaveis tuas pe-
nas, rigorosissimos teus tormentos, &
sem comparação tuas dores: Acho, que
quem a ellas se não move a sentillas, &
choralas pera emenda de sua vida, he
mais pedra, do que homem, & mais du-
ro que as mesmas pedras, pois se que-
braraõ, vêdo estas dores, & eu não mor-
ro, considerando estas penas: & se a tan-
to excesso de amor ajunto, aquella ad-
miravel traça de tua Divina Pessoa, que
soube inventar aquelle modo tão admi-
ravel de unir-se a hũa natureza passivel
pera ficar apto, & disposto a padecer
tão excessivas dores; Pasmo admirome,
desejando saber sentir, assi como sei ad-
mirar, só digo com todo o conhecimen-
to proprio, que sou hũa creatura crudi-
lissima,

líssima, ingrátíssima, que foi a causa deste espectáculo justo, que se executou em ti, inocentíssimo Filho de Deos vivo, que por mim morreste em esse sacratíssimo lenho. E se depois de todas estas considerações me puzer a escutar attentamente os escarneos, as ignominias, & baldões, que teus inimigos, meu Iesv, vendo te em tão grandes penas de novo te crucificação com suas infernais linguas, dizendote mil insultos, & defacatos, alegrandose de verte morrer, cõ tanta dor, & ignominia; A estes extremos de amor, pera comigo, que ey de responder, meu Deos, se não que sou hum Iudas ingrato, hum discipulo traydor, hum peccador excessivo, hum abismo de culpas, hum mar de offensas, que formando esquadroes desconhecidos, por meus, te pufferão em as mãos sacrilegas desses famintos lobos, pera que à sua vontade, te pufferem nesse estado de penas, em q̃ tanto te desejavão ver. Peçote, amantíssimo Senhor meu, me digas como he possivel, ou que rezão

Escola de Oração.

pede, que tu meu Redemptor te hajas entregue em as mãos de tais inimigos por meu amor? Eu sei que te offendi desde o instante, que comecei a viver, & provoquei tua ira a castigarme; pois como peijas cótra mim tão doce, & brandamente? Porque ha de morrer o innocente pello culpado, & pello ingrattissimo peccador como eu.

12 Agradecimento, & acção de graças: Eu te dou infinitas graças Eterno bem meu, & quisera ter infinitos corações, pera cantar, & celebrar com todos elles tua infinita misericordia. Este, & os seguintes actos, se hão de multiplicar segundo o tempo der lugar.

13 Offerecimento. Eu Senhor meu benignissimo te offereço amim mesmo, todo, & infinitos corações, que quisera ter pera sacraficalos todos a teu serviço, & proponho em correspondencia de tanto amor servirte fidelissimamente, & mortificarme em tudo o que he adverso a minha salvação, & em particular naquelle vicio em que mais me fin-

to inclinado, & mais me dificulta, o sequito da virtude a elle contraria. Aqui conforme o tempo, como aſſima ficado, mais, ou menos abreviado.

14 *Petição.* Conheço amantissimo Senhor, que nenhũa cousa boa posso obrar sem tua ajuda, Rey liberalissimo; Dame graça, pera que alcance victoria das payxoês que me aſligem, & pera alcançar esta virtude necessito muito de teu Divino Amor, & amparo, pera que com elle chegue a lograrte nessa eterna gloria: Donde por tua misericordia me leva. Amem.

15 *Das partes da oração em commum.*

16 **D**Vvida primeira. Se ha outras partes mais da oração alem das que havemos dito? Respondo que naõ. Antes muitos Santos as reduzem a menos. Porém esta divisaõ, que havemos escrito, he utilissima pera os principiantes. E suposto, q alguns livros espirituaes poem a contê-

Escola de Oração.

plação na ordem em que havemos posto as partes da oração: Achamos, & a experiencia nos tem mostrado, que ha sido causa de menos acerto aos novos principiantes; & suposto he verdade, q̄ debaixo deste nome da oração se pode comprehender a contemplação, por ser hũa ultima elevação da alma pera Deos, com tudo isso fallando propriamente, ha grande differença da oração à contemplação, & os q̄ de novo principião, querendo logo por se a contemplar, perdem o tempo, & o proveito da oração ordinaria, o que mais claramente se entenderà, quando em seu lugar se tratar da contemplação.

Pera esta duvida, 17 *& pera a seguinte se leia também a resposta da duvida* 14. Duvida 2. Se he necessario aquem ora fazer todas as seis partes, que dissemos? Respondo, que he conveniente ao principio, pera empregar aquelle tempo com fruto; mas não he de tal maneira necessario, de tal modo, que se o que ora, se sente bem occupado (ponhamos por exemplo) em a preparação. (E o mesmo digo das outras partes

tes

tes affectivas) não cõvem deixar aquelle pasto certo pello duvidoso, ou por exercitar as outras partes. Advirtase, q̃ quando a preparação, se não fizer antes, convem, que em nenhum caso, se deixe de fazer em o mesmo Oratorio.

18 Duvida 3. Se he necessario uzar da mesma ordem que aqui fica posta? Respondo que he proveitosa, em quanto a alma, se não sente movida do Senhor a outra forma de orar, mas quando se sente rendida ao primeiro lance, em a petição v. g. ou em o offerecimento, bem pode seguir aquelle impulso, ainda que não haja precedido meditação, & despois virà a entender a mesma Meditação. Saibão q̃ a lição pode ser antes, ou despois da preparação indifferentemente. Tambem se advirta, que despois da Meditação, não convem ligar a alma a ordem daquellas tres partes ultimas affectivas, que são acção de graças, offerecimento, & petição, mas antes deixar a alma, q̃ attenda primeiro àquella parte, àqual se inclina mais o seu

Escola de Oração.

seu affecto, & amor.

Da Preparação.

19 **D**Vvida 4. Acerca da materia da oração, se se ha de preparar, o que vai orar antes de ir ao Oratorio? Respondo, que si, mas ha-se de advirtir hum erro, que pode succeder em a preparação, porque a sua forma he aquella, que assima fica posta, & em ella está a excellencia da boa preparação; mas em dispor a materia succede, que o que não está exercitado convenientemente, teme não lhe falte a materia, em que se ocupe, quando está em a oração, gastando o tempo em considerar antes da oração muitos conceitos pera depois meditalos em o Oratorio, perdendo o fructo da oração com o demasiado discorrer; o que he notorio erro, não se ha pois de fazer assim, se não continuar a ordem das meditações custumadas, considerando hum pouco na cella, casa, ou caminho, o ponto, que
mais

mais o rende , & afeiçoa ao amor divino, v. g. se esta tarde havia meditar o inferno, tomar o ponto, que mais o movem a terrivelidade das penas , & sua duração que serà eterna , ou a privação da vista de Deos tanto pera sentida , & de nòs taõ pouco considerada : & procurar conservar aquelle sentimento na alma, tornando despois ao tempo da oração a considerar o mesmo quando finta em sua alma , que outro qualquer ponto o naõ move, mais eficazmête, entre aquelles pontos, que ha lido, ou ouvido ler. E não convem preparar muitos conceitos, rezoês, jaculatorias, pera despois repetilas artificiosamente na oração, se naõ ir a ella com humildade, & singeleza , que dessa sorte fica a alma mais illustrada, & cõfortada do Senhor com as rezoês, & pensamentos, q̃ como amoroso Pay em o lugar da oração, lhe està inspirando. Nem convem artificiosamente preparar o affecto amoroso , q̃ da oração deseja tirar porque , se a meditação foi verdadeira , & fervorosa o affecto

Escola de Oração.

affecto se despertará com ella: Suposto, que bem se pode, & convem não sempre, ir muitas vezes a oração com determinado intento, de tirar v.g. affecto de cõtrição, ou dor dos peccados, quando hũa alma se examina, pera confessar geralmente, ou de humildade quando a propria estimação o combate, Porém este modo, mais propriamente se chama intento, que preparação do affecto amoroso. Tenho dito que não convem ir sempre à oração com intento de tirar affecto determinado, porque não convem apertar demasiadamente o espirito, se não darlhe lugar, que pella meditação se mova geralmente a bons affectos do Amor de Deos N. Senhor, porq̃ se a vontade hũa vez se enternece, facilmente tirará depois algum affecto dessa mesma vontade, dobrandoa em aquella ternura, em q̃ se vê, como se fora hũa cera; aborrecendo o peccado por ser agravo cometido, contra seu querido bem: Logo se renda ao seguimento das virtudes, à mortificação das pay-
xoês,

xoës, & finalmente a obrar todo o bem,
& fugir a todo o mal.

Da Meditação.

20 **D**Vvida 5. Que cousa he Me-
ditação? Respondo, que he
hum discurso do entendimê-
to, dirigido a mover a vontade; segue-se
logo, que se ha de uzar della quanto he
necessario pera mover a vôtade, a amar
a Deos nosso Senhor, & não mais.

*Da presença de Deos, & do uzo da
imaginação.*

21 **D**Vvida 6. Que cousa he pre-
sença de Deos? Respondo, q̃
he hũa applicação da alma a
meditar em Deos nosso Senhor, ou ima-
ginaria, ou intellectualmente; & com
esta applicação dizemos, q̃ temos a Deos
presente, & suposto que he verdade q̃
Deos está presênte em todo o lugar, ain-
da que nosso pensamento esteja delle

C

diver-

Escola de Oração.

divertido, & só dizemos (como os Santos nos ensinão) que temos a Deos presente, & estamos em sua presença quando nossa alma, se lhe aplica có suas potencias. Advirtase que quando applicamos a alma sem formar imagens, se chama presença de Deos intellectual, & quando se applica forma de imagens, se chama presença de Deos imaginaria, & segundo esta doutrina, se pode exercitar a meditação com imagens, ou sem ellas.

22 Duvida 7. Como poderá a presença de Deos nosso Senhor acomodar-se a qualquer materia, que na oração se medita, & que húa creatura toma ao principio do dia, ou da semana? Respondo que acerca desta acomodação, não he necessario ao que ora, molestar-se em buscar acomodação da materia, & presença de Deos artificialmente; se não, que traga figurado a presença de Christo Senhor nosso da maneira que o traz em sua presença aquelle dia, & então medite na materia, que se lhe oferece,

ferece, considerando com todo o acatamento, que está diante do mesmo Senhor; & se a materia da meditação cõcorre com a da presença de Deos, & ou ver modo pera acomodar hũa com outra, & se não cõcorrer, bastará ter o resguardo sobredito; & sendo de outra maneira se gasta o tempo sem proveito, em especulações, faltando na oração o affecto, que se pertende. De maneira, que esta reposta que dou se ha de entender, quando a meditação não he da mesma materia; como de Christo em quanto Deos, ou em quanto homem, se não de outras cousas, como do juizo, ou da morte, &c. Digo, q̃ então figure a presença de Deos, na forma, que aquelle dia o traz presente em sua alma, meditando em a materia que quizer, como quem está diante de Christo: Mas se naquelle dia, ou ora tomase por presença de Deos o passo de Christo atado à coluna, & quizesse meditar em Christo erucificado, he cousa certa, que por então ha de deixar a presença da coluna,

Escola de Oração.

& tomar a de Christo Senhor nosso na Cruz.

23 Duvida 8. Quanto à meditação; se se ha de formar algũa imagem, pera meditar? Respondo, que si, salvo, se a pessoa, que ora, despois de ter larga experiencia, & conselho de seu mestre espirital, tiver licença de orar, sem formar imagens, se não applicandose somente à presença de Deos intellectualmente. Advirtase, que ha algũas almas, que não podem formar imagens; & pera estes tais convem, o que acabamos agora de dizer, despois de haver desta materia boa experiencia.

24 Duvida 9. Se os que não podem formar imagens, sendo imperfeitamente, hão de deixar a obra da imaginação, & dar-se à presença intellectual? Respondo, que não, se não q̄ se contentem com aquella formação imperfeita, & exercitem, em quanto seu mestre espirital lhe não ordenar o contrario; porq̄ dado caso; que sua memoria lhe não forme as imagens perfeitamente, cõ tudo aquelle

le modo imperfeito he bastante, pera q̄ formem, & fação boa oração, pera o que não he necessaria, nem muitas vezes conveniente à perfeita formação das imagens. Quanto mais o caminho seguro não està em subir com tanta preguias cousas intellectuais, sem passar primeiro, pelas imaginarias, das quatro ultimas, & da humanidade de Christo Senhor nosso.

25 Dúvida 10. Que remedio terá pera meditar a paixão de Christo Senhor nosso, ou em outras cousas imaginaveis, em particular as quatro derradeiras, q̄ são os quatro novissimos do homem, a brevidade da vida, ao aperto da conta, a rectidão do Juiz, &c. Aquelles pois, q̄ não podem formar imagem algúa, & se acaso a formão logo são turbados com outras imagens impertinentes, q̄ o demonio lhe traz naquelle ponto à imaginação? Respondo q̄ se hão de contentar com aquellas breves figurações, & applicarem se a discorrer sobre ellas, & esforçarem se a não fazer caso das im-

Escola de Oração.

70
pertinentes imagens, que naquella oca-
sião lhe concorrem; & desta sorte ale-
gremse no Senhor q̄ sua oração he me-
ritoria; & não se ha de deixar a confide-
ração da vida, & paixão de Christo Se-
nhor nosso pella inconstancia da imagi-
nação, ou representações molestas. Co-
mo aquelle q̄ anoitecendolhe está con-
versando com algum amigo, & suposto
lhe não divisa as feições, nem por isso
deixa a pratica, do que gosta: satisfazen-
do seu amor com o ter presente, & sa-
ber, que o ouve, & lhe responde àquillo,
que lhe convem ao negocio, q̄ com elle
está tratando.

26 Duvida II. Se os que facilmente
em sua imaginação formão de qualquer
maneira imagens, & lhes parecem q̄ as
vêm, & se hão de uzar daquella tão per-
feita formação? Respondo que não, an-
tes hão de concertar, & aplacar aquella
viva cidade, & vehemencia da imagina-
ção, & não deterse a formar figura (po-
nhamos exemplo) a philosophia do
rosto de Christo Senhor nosso; & ou-
tras

tras particulares miudezas, se não contentese com hum modo imperfeito, & attenda aos actos, & partes da oração. Porque de outra sorte aquella perfeição de imaginações lhes farião damno, & algũa vez virião a crer, & ter por sem duvida, que havião tido algũas visoões, ou revelaçoões, aquillo, que meramente hão sido só imaginaçoões, & illusoões diabolicas, que o demonio custuma fazer muitas vezes pera zôbar de semelhantes fogeitos.

27 Duvida 12. Se as imagens, estando na oração, se hão de formar junto, ou dentro de si, longe, ou remota? Respondo, que olhando a imagem em si, he melhor figuralas pegado aissi, ou dentro de si mesmo: porque ajuda mais ao recolhimento interior; mas alguns sentem nesta materia difficuldade, & a experiencia mostra, que de outras maneiras, se tem a oração com mais sossego, formando a imagem mais longe de si, & conforme esta rezão faça cada hum experiencia, & veja a maneira, em q̃ mais

Escola de Oração.

fossgado está , dando primeiro conta a seu mestre espiritual, seguindo em tudo, o que lhe ordenar.

28 Duvida 13. Se he bem algúas vezes reparar com attenção na imagem, q̄ tem formado , v. g. de Christo Senhor nosso, sem discorrer? Respondo , que em algúas occasião ferà acerto fazelo assi; como quando a vontade está já inflammada no amor desse Senhor desorte , q̄ seja hum resguardo, ou vista sincera, humilde, & affectuosa; o que custuma muitas vezes a ajudar a mais despertar o affecto. Mas advirtase, que não convem, àquelles que tem a imaginativa tão perfeita, como havemos dito assima, em se porem com farça , & affecto a ver com seus olhos aquella imagem, & menos convem reparar vivamente na boca , olhos, & mais partes , &c. mas contentem se com aquella presença indistincta do Senhor , como assima fica dito no exemplo da noite. Tambem se advirta, em o que fica dito, que quando a vontade está inflammada pella imagem, convem

vem algũa vez parar, & ver a Christo
nosso Senhor, o que se ha de entender,
suspendendo o discurso, & frequencia
dos actos affectuosos, mas não embo-
bandose, (que he ficar, sem nenhũ dis-
curso, adormecido.) De maneira, que
queira suspenderse de tal sorte, que não
possa advertir na presença do Senhor,
em cuja presença está, & isto he erro, &
ferà grande imprudencia, porq̃ as sus-
pensoes em a oração não succedem por
diligencias nossas, se não pella divina
graça, & quando sua Divina Magestade
as quer conceder.

Da Monção dos Affectos.

29 **D**Vvida 14. Se quando a al-
ma, se sente mover mais effi-
cazmente, de outros pontos,
ou considerações fóra da materia, com
que se havia preparado, & fóra do dis-
curso, que faz na oração, se se ha de de-
ixar levar desses affectos? Respondo, q̃
si; porque são pontos pios, & uteis (que

Escola de Oração.

isto se ha de presupor) porque aquelle monção, he final, que o Senhor quer dar pasto a alma, em outra cousa mais importante, que a em que ella meditava. Porem se isto fosse muitas vezes, & a alma conhecesse, que passado aquelle fervor, do movimento, que sente, não lhe fica outro bem, ou que o ganho he pouco, que dalli tira; não se deixe levar facilmente, porque perderá o discurso, que na oração hia seguindo, que ajuda muito pera illustrar o entendimento, & convencer, & mover a vontade cõ mais firmeza, & he como pão de cada dia a oração, que sustenta a alma. E o q̃ sentir em li estas cousas communiqueas com seu mestre espiritual, pera que acerte a estrada por onde caminha.

30 Duvida 15. Que ha de fazer húa alma quando a meditação lhe não move a vontade? Respondo, q̃ se essa vontade se lhe não move ao principio, persevere hum pouco, pedindo ao Senhor o favoreça naquella sequidão, pera tirar o affecto, que deseja, mas se passa v.g. da meya

meya ora acustumada da oraçaõ, deixe a meditaçaõ, em que acha a secura, & tome outro qualquer ponto, ou cõsideraçã, àquella, a que sua alma mais se inclina com esperança, de que lhe mova a vontade, ou inclinese a fazer as ultimas partes da oraçaõ, que são acçaõ de graças, offerecimento, & petiçaõ, ainda q̃ sejaõ feitas estas partes sem devoçaõ sensível. Porque aquelles são verdadeiros actos de virtudes, & são o fim, & fruto da oraçaõ, & moverse a vôtade em modo sensível não he necessario, & muitas vezes não he conveniente. Esta doutrina serve pera quando hũa alma na oraçaõ he combatida de tentações, & não pode formar discursos. E hase de haver a tal creatura como quando a meditaçaõ não move a vontade, nem tira affectos. Advirtase, que em este nome (affecto) nesta materia, que himos tratando são significados, quaequer actos da vontade, que se produzem com o movimento affectuoso, ou affervorado della. Significase tambem qualquer acto do

apetite

apetite sensitivo, que por outro nome
chamão paixão; porque se produz com
algun movimento, ou mudança do cor-
po. A oração he a officina dos affectos
da vontade, os quais custumaõ nascer
fós, ou em companhia daquelles, que o
apetite sensitivo produz; donde se se-
gue, que quando húa alma ora com se-
quidaõ, & nessa secura, se esforça a fazer
actos bons, & propositos com a vanta-
de, fallando propriamente; isto não he
tirar affectos ainda que he verdade, que
faz actos bons, & de muito merecimen-
to.

310 Duvida 16. Que fará húa alma,
quando subitamente a meditação lhe
move o affecto, suposto com brevidade
torna a ficar como de antes? Respon-
do, que torne logo à meditação húa, &
muitas vezes, soprando ao fogo amoro-
so, pera que arça no divido; & neste ca-
so he muito côveniente mesturar aquel-
las meditações breves, com as ultimas
partes affectivas, que he o mesmo, que
esperar o fervor, & fogo, levantando a
chama,

chama, & labareda, & apagandose esta, tornar ao mesmo sopro. Mas advirtase, que ha pessoas, que com pouca meditação movê o affecto, o qual pode nascer das meditações passadas, com cujo exercicio ficou a vontade branda, & facil, pera se mover à amar a Deos, o que he prova da virtude. Em outras pessoas podem proceder de hum natural compassivo, & custuma ser argumento de fraqueza, de compaixão, & pouca fortaleza de animo; os primeiros fazem bem em meditar pouco: mas estes segundos farão mal, se não continuarem, fazendo força assi mesmos, pera meditareem em o principio de sua conversão, quando começaõ a darse de todo a Deos pella santa oração, & meditação: a rezaõ disto he, porq̃ como se movê brevemente, & se occupaõ em suspiros, & lagrimas de pouco proveito, & não daõ lugar à consideração dos pontos de virtude: O que não he assi em aquelles, que despois de haverem dado tempo, & lugar à consideração, alcançarem facilidade, pera mover

Escola de Oração.

mover o affecto : Em este particular se ha de atentar muito, porque assi importa, pera o trato familiar com Deos nosso Senhor.

32 Duvida 17. Como se haverá hũa alma, quando com a força da meditação, se lhe inflamma muito o affecto? Respondo, q̃ se ha de temperar o movimento sensível, (principalmente nos que começaõ;) Porque este modo he danoso à cabeça, & peito, & nenhũ proveito traz espiritual, antes he impedimento ao conhecimento das virtudes, & dos vicios, & à imitação dos Santos, as quais cousas necessitão do entendimento, & não fomentem do affecto.

33 Duvida 18. Quando o affecto se não move pouco, nem muito com a materia preparada, nem com a lição do Oretorio, que fará esta alma? Respondo, que pode, & deve tomar outro qualquer ponto, que sempre deve ser aquelle, que mais o move a amar, & servir a Deos. Como se o ponto fora v. g. da morte, & nem ainda assi, se pode affei-

*Leia-se o
numero
14.*

çoar às partes, & exercicio das affectivas, que são o fruto da oração, & se vir, q̄ se move mais com meditar em Christo Senhor nosso crucificado, ainda que não seja na festa feira (dia dedicado a esta meditação) receberà sua alma proveito nesta meditação. E o mesmo se pode fazer quando (dado caso, que se haja preparado materia) ao principio da oração se offerece outro ponto, ao qual sua vontade mais se inclina.

34 Duvida 19. Serà acerto quando a vontade està movida a algum bom affecto com a meditação, & ao que està orando lhe parece, que abraçarà mais seu affecto com a meditação, discorrendo mais sobre aquelle ponto, em que se acha mais inclinado a discorrer? Respondo, que não, se a monção do espirito he competente, porque suposto, que achou passo sufficiente a sua alma, que he o fim da meditação, não he acerto deixar o certo pello duvidoso, & o fim pellos meynos, se não attender aos actos das partes affectivas, & ultimas da oração.

Escola de Oração.

ção. Proveitosa, & boa he esta reposta, & não ha que fazer escrupulo, se algũa vez a alma, ainda que esteja já movida da vontade passa adiante com o discurso, pera mais se inflamar: porque poderá ser lhe succeda bem, & se vir, que lhe não succede como imagina servir-lheha de aviso, pera viver acautelado.

35 Duvida 20. De que se ha de uzar, quando o affecto se move a amar, & conhecer a Deos, sem inclinar se a algum objecto particular de seu serviço? Respondo, que o que ora, ha de fazer particulares actos, & prepositos de obrar aquellas cousas, em que sente mais difficuldade, & diversos actos de virtudes, v.g. de Esperança, de Amor; de sorte, q̄ aquelle affecto, que no Senhor sua alma sente, de tal maneira seja paciente nelle, q̄ ponha todo o seu cuidado em fazer cousas grandes em o serviço de sua Divina Magestade em aquellas occasiões q̄ pello amor do mesmo Senhor se lhe offerecem.

36 Duvida 21. Se aquelle que quer medi-

meditar dous, ou tres pótos, & não sente particular monção na vontade, quando vai discorrendo pellos pontos, se ha de esperar, pera tirar o affecto até o fim do discurso, que faz sobre os tres pontos, ou se ha de procurar tiralo de cada hum dos pontos em particular? Respondo, que ha de hir discorrendo até certo lemite, como até a meya ora da oraçãõ, pouco mais, ou menos, provando a ver, se algum daquelles pontos o move. E se entam se nam move a vontade, valhase das ultimas partes affectivas da oraçam, que são a aççãõ de graças, offerecimento, & petiçam, ainda q̃ em sua alma sinta securas: porq̃ aquellas partes são actos de virtudes, pera os quais nam he necessaria aquella monçãõ fervorosa, que se espera: como assi-
ma na duvida 15. fica dito. Mas se antes da meya ora o affecto se desperta, ainda que seja discorrendo sobre o primeiro ponto, melhor he deixar o discurso, & inclinar se ao affecto. Advirtase nesta duvida hum hum erro, que pode

D

haver,

Escola de Oração.

haver, pera os principiantes, que muitas vezes imaginam, que he necessario tirar com violencia o affecto, apertando a alma, que tenha affecto como se foram uvas na impressa. Nam ha rezam pera este excessão, se não procurar o discurrer, & recolher a alma suavemente em paz interior, pera que se mova, & abstenhase, o que assi ora, de fazer força pera tirar affectos, porque a vontade, se move com rezoões, & não cõ forças, nem violencias corporaes.

37 Duvida 22. De que uzará aquelle aquem a vontade se move pera algum bom affecto, ou desejo de alcançar virtudes? Respondo, que ha de fazer muitos prepositos de trabalhar por alcançala, imaginandose algúas occasioões, que provavelmente succedem, & determinandose de vencer aquella dificuldade varonilmente. Tambem ha de pedir cõ instancia a Deos nosso Senhor que o ajude, & nestes actos pode deterse, & dilatarse.

38 Duvida 23. Se convem em o dis-
curso

curso da meditação de Christo Senhor
nosso deterse em qualquer ponto : don-
de se possa tirar algum bom affecto em
particular? Respondo, que em qualquer
ponto donde nasce algum bom affecto,
conveniente he toda a demora:mas não
he conveniente apertar o espirito for-
çosamente pera tirar affecto violento,
se não caminhar, seguindo a meditação
pera dous fins: hum he pera alumiar seu
entendimento, outro pera inflamar
seu affecto; quanto a querer tirar affec-
to particular, bem he hir algũas vezes
com essa attenção como, digamos, quan-
do se ha de meditar sobre os peccados
passados, & hir com advertencia de ti-
rar affecto de contrição, quando se haõ
de meditar os oprobrios, & afrontas, q̃
Christo Senhor nosso passou em sua sa-
grada paixão por amor de nõs, ou por
õs olhos em tirar affectos de humilda-
de. Mas se depois nascem outros bons
affectos, bem he servirse delles, cõ pre-
posito de obrar bẽ em geral, & no mes-
mo ponto particular, ocorre de contri-

ção, & humildade.

39 Duvida 24. Aquelle que medita algum mysterio da payxaõ de Christo Senhor nosso; como da lançada, q̄ deraõ ao Senhor, pergunta, como ha de tirar affectos de humildade, & modestia, particularmête em algũas materias, as quais não parecem, que offerecem motivos daquellas virtudes, que ha escolhido, pera alcançalas, & se na oraçaõ se andaõ buscando estes motivos, causaõ distrahimento? Respondo, que não convem, nem he rezaõ fazer aquellas diligencias pera achar aquelles proprios motivos, porque se perde o tempo muitas vezes sem proveito, & se nos passar da payxaõ de Christo Senhor nosso, ou de outro qualquer objecto donde a alma facilmente não pode achar aquelles motivos proprios, sirvase dos commũs; (ponhamos por exemplo) quer hũa alma tirar a virtude da modestia, & a meditaçaõ he da lançada: já se sabe que aquelle mysterio da lançada foy ordenado por Christo Senhor nosso, com os

de mais mysterios seus, a fim de nossa sanctificação, pera aqual he necessario meditar, quanto nos convem seguir a este Senhor sendo modestos, humildes, &c. Mas aquelle, que facilmente não achar rezoés particulares, sirvase das commuas, & medite aquelle fim, q̄ teve Christo Senhor nosso, em o qual fim se inclue a modestia, & outra qualquer virtude, fazendo a este exemplo actos de modestia, & humildade por satisfazer ao intento, que teve Christo Senhor nosso; pedindolhe affectuosamente esta, & outras virtudes.

40 Duvida 25. Se pera pessoas affligidas, & atribuladas, he a oração mais proveitosa, começando a meditar, recolherem se logo em o chagado coração de Christo, & alli considerar sua immensa piedade, ou em algum mysterio, daquelles mais compassivos, & lastimosos, pera que a intima dor destas penas, lhe dê forças pera imitalas? Respondo, que se não po de dar regra mais certa, que a experiencia, de maneira, que só ella a

Escola de Oração.

pode aprovar, ou escuzar, & aquelle mysterio será a cada qual mais proveitoso, donde acha mais luz, & mais verdadeiro affecto de imitar a Christo Senhor nosso. Advirtaõse, que se haõ de evitar certas maneiras de orar, q̃ alguns indecentemente uzão na consideração das chagas do Senhor, imaginando, que entraõ dẽtro dellas com certos modos, & actos de demasiada familiaridade; porque a devoção ha de hir sempre acompanhada de reverencia.

41 Duvida 26. Se quando se naõ acha gosto em outros objectos, mais que em hum, v. g. em cuidar na gloria, se he acerto deixar os outros, & a meditar naquelles? Respondo, que ha de haver formal experiencia, & se claramẽte vir, que aquelle objecto o anima a ganancia das virtudes, a mortificação das paixões, & convem pera humilhar-se, &c. como a algũas pessoas muitas vezes ha succedido, & neste caso, regularmente fallando, ha de attender aquelle, & naõ deixar os outros de todo, se naõ exerci-
tala

tala de quando em quando, pera adquirir noticia das cousas espirituaes ; exercitandoas com todo o fervor , que acha em aquelle ponto , que mais o accende no amor deste Senhor.

42 Duvida 27. Se aquelle, que medita em as penas do inferno poderà hir alternadamente meditando em a gloria, ou outra cousa semelhante? Respondo , que si ; quando aquella mistura, & união das duas meditações, se dirigir a mover a vontade, como verdadeiramente pode, & custuma servir passando a meditação do horror das penas do inferno às celestiaes consolações da gloria, com cuja contraposição, se considerão bem as eternas penas, & o mesmo digo em outros casos como , quando se considera a baixeza, & miseria propria. Aqui se pode entremeter , & tem lugar a consideração da grandeza , Magestade, & Bondade deste Senhor.

43 Duvida 28. Se aquelle modo de oração q̄ alguns Padres ensinaõ de meditar simplesmente, em como húa alma

85
Escola de Oração.

poderà melhor servir a Deos, & observar seus santos mandamentos, & exercitar com perfeição seu officio satisfazendo às obrigações de seu estado, se he boa pera toda a sorte de pessoas? Respondo, que he conveniente a qualquer pessoa destas pòr todo o seu cuidado em estes quatro pontos, & aquelles, que se sentem movidos em a oração, fação actos, & propositos de attenderem, & de exercitarem os ditos quatro pontos, & pedir a Deos nosso Senhor graça pera assim os exercitarem. Mas esta doutrina não he bastante pera sufficientemente instruir hũa pessoa a caminhar com perfeição neste santo exercicio, mas ha sempre de decer aos pòtos particulares; & não se ensina a fazer oração quanto à forma, se não quanto à materia, de sorte, que he necessario darlhes hum modo, & arte das partes da oração, & ensinarlhes a materia della por sua ordem, começando, regularmente fallando, das quatro ultimas partes da oração, ou pontos, (que são Meditação,
Acção

Acção de graças, Offerecimento, & Peticão,) ou da vida, & paixão de Christo Senhor nosso. E suposta esta doutrina he bem, que todos se apliquem aos quatro pontos sobreditos, como real, & verdadeiramente fazem todos, os q̄ de veras se occupão em este santo exercicio da oração: pois que de tal maneira attendem às cousas de superrogação, que o cuidado principal, he das cousas de obrigação, às quais pertencem os tres pontos, dos quatro postos em esta duvida.

44 Duvida 29. Pera hũa pessoa, que está já acustumada em meditar nos beneficios divinos, & claramente conhece, que tudo quanto ha feito, faz, fez, ou pode fazer, he nada pera satisfazer por aquelles beneficios, em que tem meditado, & poderá meditar, se este tal pergunta, qual será melhor continuar a Meditação, pera chegar à contemplação, & tirar affectos do divino amor, ou exercitar-se em aquelle tempo, que havia de meditar, em diversos actos de virtudes,

Escola de Oração.

des, como de agradecimento, & de charidade: pedindo merces pera si, & pera outros, & offerecerse ao serviço do Senhor, &c. Respondo, que em caso, que a tal pessoa tenha em uzo, q̃ pellas meditações, ou considerações passadas, fica o entendimento tão illustrado, q̃ em pondose em oração, conhece que logo sua vôtade se move a amar este Senhor: moderadamente pode gastar o tempo deputado pera a oração, em fazer aquelles actos: pois que com os trabalhos das meditações passadas ha chegado ao fim, & fruito da Meditação, que são os ditos actos. Mas com tudo isso, ha de uzar das Meditações seguidas muitas vezes, não tanto pera mover o affecto, quanto pera mais pôderar, meditando os pontos, que os conduzem à virtude, como (digamos) em a vida de Christo Senhor nosso, meditando suas penas, & dores com que nos redemio.

45 Duvida 30. Aquella alma, que ao principio se sente levar de algum affecto differente daquelle que ha lido em a medita-

meditação, sem algum discurso que lhe dura pouco, ha de tornar a lembrarse daquelle pouco affecto, ou tomar a materia que ha lido? Respondo, q̄ se isto lhe succede poucas vezes, bem poderá aproveitarse daquelle affecto, & attender a exercitar com elle, as affectivas partes, & ultimas da oração, em quanto dura o affecto, & isto he pera tomar experiencia do bem, q̄ traz consigo aquelle affecto, o qual algúas vezes poderá servir de continuada oração, quando, lembrandose do affecto, se afervorisa em o amor, mas succede muitas vezes o contrario, & se vê, que aquelle affecto se acaba logo, & que não deixa outro fruto na alma: então ha de meditar sobre a materia, que leo, ou sobre aquelle ponto, ou materia, que trazia preparada; porque doutra sorte priva ao entendimento daquelle illustração, q̄ da meditação procede, a qual quanto mais he perfeita, mais luz communica ao entendimento, & faz em a vôtade impressão mais perfeita; & quando este affecto

succe-

Escola de Oração.

sucedesse muitas vezes, se deve cõmunicar com o Padre espiritual; porq̃ podem ser taes as circumstancias, que será necessario gastar mais, ou menos tempo em semelhantes affectos.

46. Davida 31. Se no discurso da meditação fóra daquellas materias donde se considerão circumstancias, poderá a alma buscar outros discursos, & palavras, pera mover melhor a vontade cõ os pontos preparados, ou somente repetir, & tornar a tomar aquellas palavras sós dos mesmos pontos, atè que o affecto se lhe mova? Respondo que não he necessario ata rse à alma aquellas palavras, senão a judarse dellas, & de outro qualquer pensamento, q̃ lhe possa mover o affecto acerca dos pontos preparados.

47. Davida 32. Se he necessario pera tirar bons affectos da oração, uzar daquella arte de considerar as circumstancias pella ordem q̃ alguns ensinão; porq̃ antes parece que este cuidado causa sequidaõ, ou somente continuar com simplicidade.

plicidade: & se he necessario considera-las todas; porque algũas vczes abraza hũa só, & acende o coração, & o q̃ quer passar a diante a cõsiderar as outras perde aquelle bom affecto? Respõdo acerca da consideração das circunstancias, não he necessario ordem entre ellas, se não, que se pode tomar primeiro esta, ou outra differente, como quizer, cu se lhe offerecerm a alma, ou se accommodarem melhor: Tambem não he necessario consideralas todas, se não aquella, ou aquellas, que o affecto mostrar, que bastão pera inflamar o coração.

48 Duvida 33. Que modo haverá mais proveitoso (pera meditar a paixão do Senhor,) & suave pera aquellas pessoas que não podem considerar; nem meditar todas as circunstancias, nem tirar affectos della à força de rezoões, se não com difficuldade, & fadiga do corpo, & da alma? Respondo, que será modo acertado representar a Christo nosso Senhor em os passos de sua santissima paixão sem fazer ceremonias, nem
forças

Escola de Oração.

forças com gestos de cabeça, peito, ou visagens, se não com singeleza, & quietação, querendo só estar alli fazendo companhia a sua Divina Magestade, assistindo com reverencia, & agradecimêto do que padeceo por nós outros, fazendo muitos actos de adoração, de amor, & agradecimêto, pedindo ao mesmo Senhor lhe imprima na alma, & coração aquellas suas dores assi em elle, como nas mais creaturas, pèra que todos padeçamos com amor, & charidade unidos em acto amoroso, & de quando em quando lembrarse suavemente da Magestade daquella Divina Pessoa, & de nossos peccados, pellos quaes padeceo com tanta vontade, & amor, concluindo a oração com firmísimos propositos de padecer por este Senhor tudo o que elle lhe ordenar. Em este modo de oração tambem se une a meditação com as partes affectivas de tal maneira q̄ não molesta, antes he mui proveitosa ainda que a alma não sinta a devoção que queria sentir.

49 Duvida 34. Como se hão de dilatar, & exercitar mais os affectos em a oração? Respõdo, quanto a ampliação, ou dilação dos affectos, não convem fazer estudo arteficiosamente, se não recebemos como o Senhor os communica, & fomentalos mais com singeleza, & abundancia da vontade, que com rhetorica de palavras: fazendo muitos actos de virtudes, & propositos firmes de viver perfeitamente, em quanto dura o affecto conforme o Senhor o inspira.

50 Duvida 35. Que modo he melhor pera conservar os bons affectos, & pôr em execução os santos propositos, que fez na oração? Respondo, que o modo melhor he repetilo muitas vezes entre dia, & exercitalos, & confirmalos com a ordinaria presença de Deos nosso Senhor, que naquelle dia teve, ou com outra qualquer maneira de levantar o coração a Deos no modo, em que a alma se sente mais facil, & prompta pera servir, & amar ao mesmo Senhor. Tambem serve pera esta conservação entrar ad-
vertido,

Escola de Oração.

vertido, & não devertir a alma com olhar, & fallar incautaméte. Pera pòr em execução os prepositos, se são da ordinaria observancia, & de actos de virtudes, ou mortificação das paixões, q̄ pertencem ao modo ordinario de caminhar à perfeição, que uzaõ as almas virtuosas, não he necessario, se não cooperar com a graça do Senhor, & esforçar-se a vencer as difficuldades, & valer-se das occasiões com aquelle amor, & divino fogo, q̄ recebèraõ em a oração, procurando diligentemente guardar fidelidade a Christo Senhor nosso, & se os prepositos forem de cousas extraordinarias he necessario communicalos ao Superior, ou Padre espiritual, pera que disponha o modo que ha de haver pera satisfazelos, se lhe parecer cõveniente, desorte que a vøntade, quanto he da sua parte esteja prompta, & aparelhada pera os executar.

51 Duvida 36. Que farà hũa pessoa, que por andar mendigando os actos de virtudes, que faz em oração, por esta
causa

causa se acha destraida, & com pouco fruto? Respondo que na vida Religiofa, & reformada com facilidade sabe cada hum de si mesmo, & de que virtude tem mais necessidade com as provas q̄ se lhe offerecem, & com o cuidado de feu aproveitamento: & assi não ha pera que estar mendigando com vagação do entendimento, diferentes actos de virtudes, quando por esta causa sente destrahimento, se não que se deve aplicar àquellas virtudes, de que se ve mais necessitado, & dellas faça actos, ou com devoção, ou sem ella, q̄ desta sorte não andarà vagueando, & farà verdadeiros actos de virtudes com menos destrahimentos; & quando se achar com devoção, faça aquelles actos, a que mais inclinado se sente, com o affecto que predomina ao acto que o destrahе, & dos q̄ (como fica dito) sabe estar mais necessitado, & desta sorte se não destrahе em adquirir outros, porque a ancia de buscalos não esfrie os affectos; Poderà tambe fazer outros actos de virtudes quan-

E do

Escola de Oração.

do por fazelos se não ache distrahido.

52 Duvida 37. Que ha de fazer hũa alma, que por a pouca força que recebe a vontade, não se determina de fazer prepositos, de obrar as virtudes, crendo que não as ha de guardar? Respondo, q̄ deponha logo aquella erronea consciência, & faça aquelles actos: pois sabe, que com a graça de Deos poderá satisfazelos, estando certo, q̄ o Senhor lhos não ha de negar, quando essa alma quer cooperar nos divinos auxilios: assi q̄ nossa fragilidade humana não he impedimento, porque os actos de virtudes se fazem com as forças divinas, & não cõ as nossas. E lembrese cada hum de nós de sua vida passada, de cujos vicios com a divina graça alcançou victoria, quando parecia impossivel o vencelos; Pois com este exemplo, porque não ha de esperar com o favor do Senhor vencer as menores dificuldades, quando com esse soberano favor venceo as maiores.

53 Duvida 38. Se he conveniente notar os sentimentos, & movimentos

da

da vontade que succedem em a oração?
Respondo que si , pera dar conta delles
ao confessor , & mestre espiritual , sem
fazer juizo determinado do que são, em
quanto a obediencia o não julga. Nesta
parte haõ de ser fidelissimas as pessoas
dadas à oração sem já mais fiarse de seu
proprio parecer. Advirtase , que quan-
do a vontade se move eficazmente com
algũas rezoões importantes, he conveni-
ente repetir alguns dias as mesmas re-
zoões, & meditar os mesmos pontos com
conselho de mestre, ou confessor.

54. Duvida 39. Que materia se ha de
meditar regularmente? Respondo que
ordinariamente se ha de começar a me-
ditar das quatro ultimas, ou da vida , &
paixão de Christo Senhor nosso, ou de-
stas duas materias em o mesmo princi-
pio: mas em differentes oras, & depois
se ha de subir aos mysterios da divinda-
de. Mas porque ha muitas, & varias cir-
cunstançias entre as pessoas que trataõ
da oração , cada hum se aconselhe com
seu mestre espiritual pera não errar em

Escola de Oração.

a eleição, & escolha da materia em particular.

55 Duvida 40. Como se ha de haver hũa alma, quando as meditações q̄ ordinariamente se lem antes da oração, por serem sempre as mesmas, causaõ defabor, & por conseguinte pouco fruito? Respondo q̄ se pode tomar outra materia pera meditar, mas advertindo que nunca tenha lugar o fastio, & pera fugir a esta occasião acõselhese com o mestre: & sempre he cousa mui conveniẽte pera que os principiantes aproveitem, ler meditações acomodadas, pera os afferorar no espirito aconselhandohe as repitão muitas vezes pera melhor penetralas, fazendo solido fundamento, sobre que assente a fabrica espiritual.

56 Duvida 41. Se se ha de meditar fallando sempre em segũda pessoa com Deos nosso Senhor? Respondo, que este modo não he necessario; ainda que algũas vezes seja conveniente. O conselho acertado serà, q̄ cada hum faça experiencia, & eleja o modo que mais lhe

suavisa o affecto. Algũas vezes se moverà mais, fallando com o Senhor : outras vezes fallando alma consigo mesmo: outras vezes ponderando o ponto, q̃ medita sem fallar com o Senhor, ou consigo mesmo.

57 Duvida 42. Se he perfeita a oração quando na alma ha abundancia de conceitos, & larga meditação? Respondo q̃ commummente he oração de pouca importancia: porque se acha em ella muitas rezoês contra o côselho de Christo Senhor nosso, & não se dà tempo às ultimas partes da oração que são as melhores, que são acção de graças, offercimento, & petição. A oração perfeita tem poucas palavras, & muitos desejos de Deos. Com tudo isso, então serà boa a oração, quando a meditação de tal maneira he dilatada, que nessa dilacão haja união de affectos, que como faiscas saltão da força das rezoês, com as quaes o entendimento move a vontade.

58 Duvida 43. Se se podem em a meditação rezar algũas oraçoês vocaes, q̃

Escola de Oração.

sejão a preposito, & convenientes? Respondo, que si quando essa oração seja só em o que reza, porque essas orações vocaes lhe despertão o affecto: o q̄ não fará estando em communidade, ou oratorio de concurso, excepto quando o movimento da boca seja tão baixo que ninguem o possa ouvir, & quando o que ora conhecece, que aquella pronunciação de palavras lhe ajuda a mover o affecto. Advirtase, que muitas pessoas espirituas orão vocal, & mentalmente tudo junto, quando se achão em lugares solitarios levantão a vòz de que tirão muito aproveitamento pera suas almas.

Das securas espirituas.

59 **D**Vvida 44. Que ha de fazer hũa alma, q̄ ao principio da oração se vê atribulada em recolherse? Respondo, que se humilhe, & peça ao Senhor se sirva darlhe graça, pera estar em aquelle lugar, conforme a sua santissima vontade for mais agradavel;

vel; & juntamente se valha de algũ movimento devoto, que a seu parecer lhe possa causar interior recolhimento; ora seja o Padre nosso, ora hum verso de hũ Pŕsalmo, ora trazendo à memoria algũa imagem de Christo Senhor nõsso; ou da Virgem Senhora nõssa, & dos Santos, ou de mortos, & geralmente fallando de qualquer outro motivo que lhe sirva pera o recolhimento interior, uzando com destreza, & suavidade destas coufas de maneira, que a alma se aplique a algum objecto dos sobreditos, & quando menos nõ de lugar aos destrahimentos, pera que o nõ impida a meditar em a materia que traz preparada.

60 Duvida 45. Que ha de fazer em a oraçõ hũa alma, que sente intoleravel trabalho em dizer a nõsso Senhor hũa palavra em começando a orar, começõ logo as tentaçõs do odio, de impiedade, blasfemia, desconfiança, desesperaçõ, & outras semelhantes tentaçõs, q̃ naquelle tempo perfidamente o combate; & juntamente as tentaçõs escru-

Escola de Oração.

pulosas, & outras taes, que não deixão a pobre alma chegar-se a seu Deos? Respondo quanto ao primeiro, que diga esta alma a seu Senhor, Meu Deos por teu amor quero sofrer estas tentações no melhor modo, & maneira que me seja possível, & ati agradável. Quanto ao segundo, diga, Senhor Iesv, & todo o meu bem, façamos hum concerto, a minha tenção he que estes movimentos de odio, blasfemea, &c. quero que tenham o sentido ao contrario, & que padecendoos sejam outros tantos offercimentos, & sacrificios espirituaes, que nesta ora faço de mim mesmo. Quanto ao terceiro, que ainda que seja com grande pena sua, de quando em quando, diga algúas palavras, vocaes, se estiver só, mentaes se estiver acompanhado. Digo palavras de louvor, & gloria a Deos nosso Senhor. O quarto que faça algúas adorações, espiritual, ou corporalmente, cóforme os lugares, & companhia aonde se achar. O quinto, que estes actos sofridos com paciencia, & resignação

saõ

saõ excellente, & perfeitissima oração
pera almas tão gravemente alictas, &
desconsoladas.

61 Duvida 46. Que remedio pera
pessoas, que na oração padecem tenta-
ções pouco honestas, & muitas vezes
nascidas da mesma oração? Respondo,
que não devem afligirse, os q̄ semelhan-
tes tentações padecem, quando vivem
casta, & virtuosamente, porque as taes
tentações he diligencia diabolica, que
custuma pòr as mesmas tentações, pera
inquieta a alma, jũto aos objectos mais
puros, & santos, como (ponhamos por
exemplo) a humanidade de Christo Se-
nhor nosso, & da sempre Virgem Se-
nhora nossa, & muitas vezes se sentem
deleitações, & movimentos tão desor-
denados, de que procede algũa vez, cõ
esta forte tentação (pella bondade do
Senhor não consentida) chegar a effu-
saõ de humor, o remedio desta pena he
dar logo conta ao Padre espiritual, &
seguir o seu consello, & sossegar o espi-
rito. As pessoas que padecem semelhan-

Escola de Oração.

Alvirta se, q̄ esta palavra, regularmente X por q̄ ha casos, & circūstancias de peffoas, em q̄ se pode usar doutra maneira, q̄ se vi-se, que a tal prohibiçãõ fosse danosa à pessoa, q̄ he casta. Lease em esta materia o tratado da discipção dos espiritos num. 32.

tes tentações se lhe ha de aconselhar, q̄ façãõ diligencia, se achãõ pasto pera sua alma, & bons affectos em outros objectos, & neste caso, X regularmente falando, (se os acharem) ferà conveniente absterse daquelles, em os quaes se seguião os ditos movimentos desordenados: mas quando por experiencia se mostra, que a alma não acha pasto, nem affecto, se não em aquelles objectos, em os quaes sente os ditos movimentos, he evidente sinal, que as inquietações assima ditas são refinadas tentações do cômmum inimigo, que as arma pera atribular aquellas virtuosas almas com aquella terrivel carneçeria interior, & neste caso se lhe deve aconselhar não façãõ caso daquelles movimentos, & immundices, & cô este não fazer caso mostrãõ desprezãõ ao demonio, que como espirito de soberba confusamente vencido, deixa a alma victoriosa.

62 Duvida 47. Se na oração que se faz fora da communidade, lhe parece ao Religioso, & homem de virtude, que não

não poderá meditar com proveito de sua alma, se será conveniente deixala logo, & occuparse em outro exercicio? Respondo que ha de fazer experiencia, & se despois vê, que de ordinario lhe succede esta froxidão como na pergunta se diz, valhase da lição dos livros detendose em aquelles pontos, que lhe fazem mais força, & amorosamente o movem, em quanto dura aquelle fogo, tornando à lição com pressa quando esse acto fervoroso falta, & assi terá oração unida com a lição.

63 Duvida 48. Que fará hũa pessoa quando sente fraqueza na cabeça? Respondo, que ore suavemente sem tanta applicação, como uza quando está sem molestia, desorte que se em discorrer, ou em não recolherse se sente molestada, & afflicta, satisfaca se com assistir humilhada diante de seu Senhor, fazendo alguns actos de differentes virtudes, & certifique se, que não ganha pouco de merecimento. Esta doutrina he bonissima pera aquellas almas, que natural,

Escola de Oração.

ou accidentalmente por enfermidades, ou trabalhos interiores, tentações, cansaço, ou outra qualquer causa não podem discorrer como desejaõ.

64. Duvida 49. Que ha de fazer hũa alma quando não acha cousa que a mova nos affectos pios, & amorosos, antes rudo he sequidaõ ancias, & tribulações? Respondo q̃ a sequidaõ custuma proceder de diferentes causas, & segundo a diversidade dellas, ou dos remedios: custumaõ pois as causas reduzirse às seguintes. Primeira com as imperfeições da consciencia. Segunda com a multidão de negoços. Terceira com indisposição natural, habitual da imaginação inconstante. Quarta indisposição natural, accidental, ocasionada da revolução dos humores, ou do tempo, &c. Quinta tentações do demonio. Sexta disposição divina, que ordena estas sequidoes pera provar a seus servos, ainda que elles fação todas as diligencias, & vivão com grande pureza. Septima hum concurso geral das ditas causas, q̃
algũas

algũas vezes, ainda que poucas, se vêm durar por largo tempo. Pera a primeira causa deste mal està prompto o remedio, porque sendo a causa as ditas imperfeições, que se cometem, olhando, fallando, & vivêdo com pouca mortificação, o remedio efficaz he absterse destas cousas. Pera que a segunda causa, que he multidaõ de negoceos, ainda q̃ se fejaõ impostos por obediência servirá o andar, & viver com aviso, tendo em o meyo dos negoceos cuidado de seu coraçãõ levantando muitas vezes a Deos pera que não se embarace com a execução dos negoceos, & não diftraya suas potencias, tratando de recolhelas quanto lhe for possivel, & em lugar da oração, & neste particular ponha todas suas forças, clamando ao Senhor cõ humildade, confiando lhe darã sua graça pera que medite em as cousas, q̃ mais forem agradaveis a sua divina vôtade, & quando não tenha outra oração mais do que esta, não ficará sem fruto o seu trabalho, & quando o Senhor lhe não conceda

da

Escola de Oração.

da esta merce, (porque nem sempre lhe convem) não se desconsolle , mas antes faça muitos actos de amor de Deos nascidos do intimo de sua alma, & orações jaculatorias , que sem meditação continuada, são de grandissimo fruito, como a experiencia tem mostrado em muitas pessoas, que quasi nunca podem discorrer pella meditação, passando toda a vida em aquelles actos de amor, & nestas jaculatorias. Pera a terceira causa, q he natural indisposição, imaginação actualmente inconstante, servirão a repetição dos actos, orações jaculatorias, como dissemos assima. Pera a quarta causa que he disposição natural accidental causada da revolução dos humores, ou do tempo, &c. o que não he culpavel, será proveitoso soffrer com paciencia a sequeidão, ajudandose com actos de virtudes, ainda que seja com impaciencia interior, & neste caso convem a toda a pressa dar conta ao confessor, & seguir puntualmente, o que a santa obediencia lhe ordena, & não forçar por então

as potencias, pera que a alma tenha oração tam forçosamente; antes occupar-se em algũa cousa, que pertença à vida activa, como he obrar de mãos, ou outra cousa semelhante, advertindo sempre de levantar ao Senhor seu coração em meyo das occupaões activas. Pera a quinta causa, que são tentações, & des-trahimentos, se ha de uzár toda a diligencia, & cuidado, que decentemente dê pasto a alma, como rezar o Padre nosso, ou repetir algum verso dos Psalmos, ou sentença do S. Evangelho occupando seu pensamento em esta diligencia o melhor que ser possa, & anime-se, q̃ nam ficará seu trabalho sem premio. Mas se nem ainda pode uzar esta regra como muitas almas sentem, por así o ordenar a Divina disposiçam (como affirma fica dito) chegam a hum termo de interior afflicção que parece irremediavel, porèm nam esmoreça esta alma entre àfflicçam, que à tormenta, porque se cuida que perde o fructo, antes o ganha, porque quando nam faça mais, q̃ estar

em

Escola de Oração.

em o lugar da oração pelejando contra as tentações, & importunos pensamentos, nam os querendo admitir por gloria do Senhor, saiba de certo, que tem bonissima oração: & por ventura muito melhor, se nella suavemente fora do Senhor favorecida. Quando as tentações, & distracções molestissimas, & desamparo de Deos nosso Senhor chegam a este extremo, & a experiencia mostra, que os sobreditos remedios, ou outros semelhantes nam aliviam esta pena, convem com licença do confessor ler livros spirituaes, em aquellas oras deputadas pera a oração, applicando, as que lè, a attenção, que pode, fazendo pausa pouco a pouco donde a alma se sente mover no amor de seu Senhor, tornando à lição, quando o fervor se diminuir. Mas quando esta acção pera se obrar tenha algum impedimento, o remedio he ter paciencia, & esperanza firme em o Senhor, que quer provar aquella alma, & que junta com as de mais ore em communidade, porque a tribu-

atribuição, que a molesta se acabará, & se seguirá hũa grande paz, & abundancia espiritual pera aquella alma, & este mesmo modo consolativo, servirá pera aquelles, que se achão afligidos de muitas, ou das sobreditas cousas juntas, que foy o caso posto em o septimo lugar.

65 Dúvida 50. Quando hũa alma vê, que em hum mez, ou muitos mezes, & annos, que frequenta a oração não acha mais que securas, & desamparo de Deos nosso Senhor, esta tal ha de mudar o exercicio, & applicarse à vida activa? Respondo, q̄ não, se não q̄ perseverare, aproveitando se dos sobreditos remedios, & creya, q̄ aquelle modo de estar na oração com seguidões, he hum gratissimo sacrificio pera sua Divina Magestade, & pera aquella alma mui proveitoso, & a experiencia mostra, que estas pessoas desamparadas, despois de larga prova, & mortificação, as visita o Senhor, não só com lhe dar excellente oração, mas ainda as levanta a altissima contemplação. O Patriarca Ioseph vendo a seus

F

irmãos,

Escola de Oração.

irmaõs, obrigados da fome de Egypto, a buscar trigo, ainda que no exterior se lhes mostrou aspero, & riguroso, provandoos de muitas maneiras, & dizendo-lhes, que eraõ espias; com tudo, tinha tanta lastima de seus trabalhos, que para dissimular o affecto, & encubrir as lagrimas, recolheose com pressa a seu aposento, & naõ podendo mais ter recluso o seu amor se lhes deu a conhecer, communicandolhes todas suas grandezas. Assim parece, em certo modo, que o costume uzar sua Divina Magestade com alguns de seus amigos, que os prova, & trata severamente, multiplicando nelles as afflicções, mas no fim enternecidas as entranhas de sua Divina Misericordia, & naõ podendo reprimir seu Divino amor se lhe descobre, & os recebe em os braços de sua Divina correspondencia, communicandolhe com abundancia suas divinas consolações.

Dos gostos espirituaes.

66 **D**Vvida 51. Que cousa he devoção? Respondo, devoção he hum acto da vontade, que ella mesma produz por hũ acto da virtude, que chamão religião, & este acto não he outra cousa, se não hum querer prompto, & determinado, pera as cousas do culto divino, o qual querer se pode achar, & descubrir sem devoção sensível, & ainda com repugnancia sensível da parte inferior, que he a nossa natureza. Advirtase que conforme os exemplos dos Santos se ha de conservar a devoção; ainda a sensível, & se ha de procurar, quando falta essa devoção sensível, com as diligencias que se ordenão, & dirigem a afeiçoar o coração às cousas do culto divino.

67 Duvida 52. Se se hão de desejar na oração gostos, & consolações? Respondo, que nam, se nam quando podem servir esses gostos pera mayor perfei-

Escola de Oração.

çam, o que se ha de deixar à Divina vó-
tade, que sabe, quais consolações, & go-
stos convem pera o aproveitamento da
alma. Advirtate (fallando Theologica-
mente) que os gostos de Deos se podem
desejar, & pedir, pellos bons affectos q̄
causão, de mayor humildade, luz de
Deos, desprezo do mundo, & outros
muitos bens que delles nascem: mas or-
dinariamente aconselhaõ as pessoas es-
pirituaes, que se nam pessam, nem dese-
jem esses gostos; porque saõ muito pou-
cas as almas tam puras, que em desejar,
ou pedir esses gostos, ponham o desejo
só em a gloria de Deos nosso Senhor, &
em seu aproveitamento espiritual.

68 Duvida 53. Se sam de húa mesma
maneira os gostos interiores d'alma?
Respondo que nam, se nam mui diffe-
rentes, conforme o Senhor os quer cõ-
municar. Algúas vezes se sente húa fra-
grancia de hum suavissimo cheiro, que
conforta a alma, & o corpo. Outras ve-
zes hum sabor, ainda na lingua corporal,
que causa grande refrigerio, outras ve-

zes se sente hũa alegria na parte inferior, que he esta nossa humanidade, que sobrepoja a todas as alegrias do mûdo, com a qual alegria costumam os principiantes na virtude proromper em actos exteriores com jubilos, de tal sorte, que se nam pode encobrir, esta se custuma chamar inebriamento espiritual, & algũas vezes he tãõ grande este impeto q̃ faz deitar sangue pella boca, pella muita força interior; outras vezes custuma sobrevir hum contentamento espiritual tam grande, no discurso da meditaçam, com lagrimas, & suspiros do coraçam, q̃ parece quer pular fóra do corpo. Outras vezes sem trabalho de meditar parece, que nasce em o intimo d'alma hũa suavissima fonte de consolaçam, a qual com grande paz, & quietação se vai extendendo, & correndo todas as partes do homem, & esta especie parece melhor que as outras, que se sentem em a parte inferior, & he menos sospeitosa: Bem he verdade que ninguem se ha de fiar de si em estes gostos, & consolações

Escola de Oração.

espirituaes, se não ir sempre sobre avifo, & buscar conselho de pessoas dourtas, & espirituaes. Alem destes gostos ha outras maneiras de consolações: Como he hnm modo de satisfação interior, que algúas vezes a alma sente, & não he propriamente gosto, ou deleite, se não húa satisfação, como fica dito, q lhe parece a alma, que está bem; & finalmente ha outros gostos mais levantados em a parte superior, que o Senhor communica de diferentes maneiras, & taó delicadissimas, que se não podem explicar: & quanto são mais puramente pertencentes à parte intellectual se chegaõ mais ao seguro. Estes são proprios da contemplação, & da Theologia mystica. Quanto acerca destes gostos, advirtaõ os novos no exercicio de orar, que não o acertaõ aquelles, que se acustumão estar na oração gozando aquelles gostos, como meyo adormecidos, passando assi muito tempo. Estes taes se haõ de espertar, & applicarse à cõsideração da vida, payxão, & virtudes de

de Christo Senhor nosso, juntamente à mortificação das paixões, & procurar ganhar virtudes, & se se escusaó dizendo, que não podem discorrer, porq̃ logo o affecto se acende, & os gostos chegaó à pressa, fação força, que os não admittaó, & se não puderem discorrer ao menos fação muitos, & diferentes propositos, & actos de virtudes, advertindo, q̃ estão na presença de sua Divina Magestade; & lançando de si aquella abstracção, & adormecimento pouco proveitosa, ou por dizer melhor damnosa pera a alma, & pera o corpo, que fica quasi despedaçado. Advirtase em esta materia de gostos, que quando vem có muitas lagrimas, & suspiros háose de temperar com prudencia pera que não enfraqueção, & fação damno à natureza; & por tanto convem muitas vezes divertirse, ainda que não he contra esta doutrina dar licença às lagrimas em alguns casos particulares, como succedeo na conversam de Santo Agostinho, que todo em lagrimas se resolvia, & em ou-

Escola de Oração.

tros casos extraordinarios, como succede despois, que húa alma tem passado por húa grande sequidão, & quando as lagrimas vêm sem movimento corporal, & parecem como húa chuiva, que o Senhor manda quando menos se imaginação.

69 Duvida 54. Quais gostos são melhores, os que sam como espremidos com a força da meditação, ou os q̄ vêm sem aquella força? Respondo, que os segundos sam melhores, & fertelizão melhor a alma, estes sam como chuiva, os primeiros sam como agoa, que por alcatruzes vai passando.

70 Duvida 55. Se quando se sentem gostos na oração se hão de desprezar, ou estimar? Respondo, que não se ham de desprezar, porq̄ podem ser de Deos, nem se ham de estimar, porque podem ser do demonio. E suposto que sejam de Deos, nam sam ordinariamente sinais de mayor perfeiçam, antes o costumam ser de almas menos perfeitas, as quaes se o Senhor as nam consolar daquella

quella forte tornariam atraz em o espiritual caminho. Advirtase, que quando os gostos sam de almas aproveitadas, depois de muitos trabalhos, & provas do Senhor sam mais de estimar, porque he mais provavel que sam de Deos dados com os sinaes de aprovada virtude, & de alma, que ha passado pello fogo, & subida ao refrigerio.

71 Duvida 56. Quando hũa alma sente gostos espirituaes, ha de continualos, ou fazer diligencias pera mais gozalos? Respondo, que nam, se nam acustume-se a recebelos moderadamente, sem fazer diligencia pera augmentalos; porèm advirtase, que quando a alma tem passado por hũa larga sequidam, nam contradiz esta doutrina, abrir essa alma os poros espirituaes, pera receber o celestial chuveiro: como a terra seca, q̄ depois de muito tempo, que não ha chuido custuma abrirse em grutas pera melhor ficar banhada. O que se não entende naquelles principiantes no espirito, & são muitas vezes visitados com

Escola de Oração.

as delicias espirituas, porque estes as devem receber com mais cautela pera que não venhão a encorrer pella sua indispção em húa como luxuria espiritual.

72 Duvida 57. Se quando vêm gostos espirituas, que parecem seguros, & visoões, que parecem de Deos, & não ha occasião de duvidar, se se hão de comunicar estas materias cõ o mestre espiritual? Respondo, que si, ainda q̄ lhe parece se a cousa mais clara que o mesmo sol, & particularmente quando são visoões, ou revelaçõs, as quaes com toda a pressa, & sem demora se hão de cõmunicar ao Padre espiritual, pera que aquella alma, que esteve não se acustumete a algum engano, ou conversão do demonio com apparencias de Deos. Advirtase que he cousa eserupulosa, & que se deve muito evitar não communicar logo estas materias com pessoas doudas, & experimentadas, que fallem conforme as regras da Theologia; porque a alma, que o contrario obra gravemente se

se poem a perigo de errar , porque hũa
mesma imagem, que aparece , pode fer
de Deos , ou do demonio , ou formada
na propria imaginação , de quem as
vê.

73 Duvida 58. Que ha de fazer hum
Padre espiritual com as almas , que tem
visoões, revelações, ou fallas em a oração?
Respondo, que ha de examinar o natu-
ral da pessoa que lhas communica, se he
vehemente, ou melencolico, fragil, &c.
Tambem ha de examinar os costumes
da tal pessoa, se são, & hão sido bons , &
quanto tempo ha que os continua, &c.
Ha tambem de notar se as visoões , reve-
lações, ou fallas, são verdadeiras, & con-
formes à Sagrada Escritura, & doutrina
dos Santos. Ha de considerar adverti-
damente se a materia das visoões , & re-
velações, ou fallas , he materia honesta,
fanta, util, ou necessaria: ou ao contrario,
se he curiosa , & pouco decente à Divi-
na Magestade. Ha de advertir os effei-
tos que fazem estas cousas interiores ; se
são bons concorrendo as circumstancias,
que

Escola de Oração.

que havemos apontado, & se permite, q̃ dellas se faça juizo em favor, & ajuda, pera que concorram com o espirito de Deos: mas se succede ao contrario, a toda a pressa lhas divirta, & abomine o Padre espiritual, pera que as taes almas fiquem livres do maligno espirito. Acerca desta materia se lea o tratado da descripção dos espiritos.

Das partes affectivas.

74 **D**Vvida 59. Se o agradecimento, offerecimento, & petição, se podem deixar quando em ellas se sente dificuldade, & acabar o tempo da oração com fazer alguns actos de virtudes? Respondo, que algũa vez se podem decorar, & dar lugar ao affecto se elle se sente mais inclinado a outros bons actos. Notese q̃ a ordem das partes da oração, de tal maneira se hão de guardar, que se não tenha por regra inviolavel, quando a alma se sente mover a outros actos bons, por outra ordẽ continuados,

tinuados, de tal sorte, que regularmente em toda a oração continuada haja parte de meditação, & de affectos parte, porque dessa sorte se illustra melhor o entendimento, & se move a vontade. Tambem se advirta, que não se ha de ter por regra infalivel, que a meditação se faça primeiro por si, & depois se fação as partes affectivas, ou outros actos de virtudes; porque se em meyo da meditação, se levantão (como costumão) diversos affectos, ou aspirações jaculatorias, não se háo de lançar fóra, se não darlhes lugar, unindoas com a meditação; porque aquellas faiscas de varios affectos saltão da vontade, com a força, ou impulsos, q̄ nessa vontade faz a meditação.

75 Duvida 60. De que sorte se pode apropriar, & acomodar algũas partes da oração, como (digamos) o dar graças em algũas materias particulares, como faõ em as da morte, & juizo, pera quem não sabe conhecer em ellas os particulares beneficios, q̄ este Senhor lhe faz?

Respon-

Escola de Oração.

Respondo, que se podem acomodar, dando graças ao Senhor, por havelo livrado de hũa desgraçada morte, que o pudera tomar em mau estado, & haver-lhe concedido tempo pera preparar-se, & por este respeito das graças que ao Senhor dá, se pode exercitar o offercimento, & concluir com a petição de pedir ao Senhor hũa boa morte. E advirta-se que não he necessario forçar-se muito pera que aquellas partes vão com propriedade, quando esta se não acha facilmente; porque melhor he tirar, & exercitar bons affectos, liberal, & livremente, conforme a alma se inclina com a força da meditação, como vemos tirar da morte, temor de Deos, fazer actos de viver com reformação, tirando occasião de peccados, o pedir a Deos misericordia, &c. conforme o affecto predomina, ainda que algũas vezes deixe o dar as graças, ou outra parte da oração.

Respon-

Da

Da oração em commum, & das suas circumstancias.

66 **D**Vvida 61. Se se ha de advertir algũa cousa acerca do lugar, & tempo da oração? Respondo, que si. Em quanto ao lugar, digo que se procure, que seja o mais desviado, & quieto, que ser possa. Quanto ao tempo o da noite despois de haver repousado o que baste, pera ter a cabeça livre; ente ndese, não estar carregado de sono; este tempo he bonissimo pera orar. Tambem ha outras oras convenientes, pera este santo exercicio principalmente em os lugares solitarios, em os quaes, ainda que seja de dia se goza da comodidade do silencio, semelhante ao da noite.

77 Duvida 62. Se se ha de estar com grande attenção? Respondo, que si: mas não ha de ser fazendo força com a cabeça, & peito, antes applicando suavemente a alma com estimação das inspiraçoẽs

Escola de Oração.

rações divinas, & com firme esperança de receber a nosso Senhor; que a importância do negocio, que na oração se trata, tida na estimação que se deve, ajuda muito pera attenção, & applicação. Advirtase, que muitos nesta parte & não, interrompendo o discurso da oração, & applicandose com muita attenção, a ouvir, & escutar a Deos nosso Senhor, como se em realidade verdadeira logo q̄ elles se callão, começase o Senhor a falar com elles. Não se ha de admitir este erro; porque quando o Senhor quer, sabe muito bem fazer que as almas o oução de mil maneiras: donde se collige a bobaria de alguns, que se poem a fazer perguntas a Deos nosso Senhor, & pãrão pera ouvir a resposta, respondendo a si mesmos, com a simplicidade de sua imaginação.

78 Duvida 63. Se se ha de pòr cuidado em compor o corpo na oração? Respondo, que si: pera que não impida a alma; & por esta causa, se ha de estar naquelle lugar da oração cõ muita composição,

posição, & reverencia, pondo de parte todo o genero de inquietação, como he cuspir, suspirar alto, bocejar, & moverse de hũa pera outra parte: tambem se ha de fugir de toda a commodidade do amor proprio, quando não seja necessario, como he encostar-se, sentar-se, &c. porq̃ tem mostrado a experiencia certa, que a pessoa que vai à oração com aquella froxidão, querendo sua commodidade, ainda que seja em cousas minimas, quando he sem justa causa de enfermidade, fraquesa, ou cousa semelhante, lança tudo a perder não tirando fructo da tal oração.

79 Duvida 64. Como convem estar em a oração có os olhos abertos, olhando pera algum objecto? Respondo que não he reprovado este modo, quando o que ora conhece, que este modo de olhar lhe he conveniente pera o interior recolhimento; & saibão, que ha algũas pessoas que não podem ter oração, se não com olhos cerrados, outros ao contrario.

Escola de Oração.

80 Dúvida 65. Que fará hũa alma, quando na oração he tentada de sono? Respondo, que ha de uzar de diferentes remedios, como são beliscarse pellos braços, levantar-se em pè, apertar consigo cilicio, ou cadea, se a traz, fazer alguns actos ferverõs, levantando o coração a Deos, com efficacia, sacudindo de si a froxidaõ, como fazem as aves quando despertão, que parece que a este fim as batem, finalmente, fóra de outros muitos remedios, que se podião aqui trazer, a alma, que así se vê combatida ponha todas as suas forças em oração applicação, & pedir favor ao Senhor, & a sua Santissima Mãe, & ao Anjo da sua guarda, principalmente quando vê, que aquelle sono he tentação do demonio, quando ha dormido o que lhe basta; o que succede muitas vezes, como se vê por experiencia, que se àquelle que está tentado do sono mandão dormir; não pode dormir, & tornando ao lugar da oração torna o sono a afligilo. Advirtase que algúas vezes o sono procede

de do tempo, ou de outras cousas naturaes: & então he a oração boa, & convém pelear contra o sono pera assistir diante da Divina Magestade em aquelle lugar da oração. Tambem esta doutrina serve, pera quando se sente algum cansaço, ocasionado do tempo, como em o verão custuma succeder.

81 Duvida 66. Que ha de fazer hũa alma quando vê que está orando, & que quasi ha passado a ora da oração, & que não fez em ella cousa algũa pera seu aproveitamêto, pellas distracções de seu espirito, ou por negligencia de seus cuidados, ou por outros importunos respeitos? Respondo que se ha de esforçar esta alma a fazer alguns actos intentos de virtudes, v.g. de contrição, de humildade, de amor, procurando restaurar cõ todo o cuidado o dano do perdido tempo, com tanto mayor affecto, quanto he o tempo, q̃ mais breve lhe fica, imitando nisto aos caminhantes, que quando vêm chegar-se a noite, & que por haver caminhado de vagar em o dia, receão q̃

abua
G 2 não

Escola de Oração.

não possaõ chegar à poufada, aonde determinavão, começação de andar com mais pressa, querendo com a diligencia presente restaurar o dano passado. Mas se então se lhe offerecer algũa rezão pera mover a vontade, que antes lhe não occorreo, se o tempo, que fica he sufficiente pera formalá, & que faz impressão em a vontade; serà acerto applicarse com brevidade, & diligencia àquella rezaõ, & tirar aquelle affecto da vontade, & despois recolherse na parte mais cõveniente; & fazer as partes affectivas da oração, & se não puder recolherse por suas occupaões, como deseja, bastará fazer aquellas partes com breves aspiraões, em quanto vai dar satisfação a seus negoceos.

82 Duvida 67. Como se ha de pedir em a oração? Respondo, que se saõ cousas indifferentes, se hão de pedir, debaixo de condição ao menos tacita; a expressã nem sempre convem, porque costuma esfriar o fervor. Mas as cousas q̃ ajudão pera a verdadeira sãntidade, & faude

faude d'alma hão se de pedir absolutamente, com muito esforço, & confiança.

83 Duvida 68. Que condições se requerem pera a efficacia da oração? Respondo, que são quatro, seguindo a doutrina dos Santos, a primeira he pedir cousas necessarias pera a eterna salvação: a segunda, pedir piamente, isto he com fé, & esperança, & bom desejo: terceira pedir pera si: a quarta pedir com perseverança.

84 Duvida 69. Quaes são os efeitos da oração? Respondo, que são tres, merecer, satisfazer, & alcançar: em os dous primeiros se achão concorrendo cõ as outras obras pias, & satisfatorias, o terceiro he mais proprio da oração, porq̃ se ordena a impetrar, & alcançar do Senhor o que se pede com as condições requisitas. Ha tambem outros muitos efeitos admiraveis da oração, como he a luz de Deos nosso Senhor, o levantar-se o coração a amar as eternas cousas, & desprezar as temporaes, &c.

85 Duvida 70. Quaes são os sinaes de

Escola de Oração.

aproveitar na oração? Respondo, que são a mayor luz, que húa alma tem pera conhecerse así mesma, & a Deos nosso Senhor, & o mayor recolhimento interior, a mayor mortificação, & outros semelhantes.

86 Duvida 71. Que causa ha pera q̄, sendo muitos, os que tratão de oração, são poucos os q̄ em ella se aperfeiçoão? Respondo, que duas são as causas principaes, húa he a pouca mortificação, como (digamos) o muito fallar, o olhar cõ curiosidade as cousas creadas, &c. as quaes imperfeições por serem quotidianas, destroem tanto, ou mais do que se ganha, & aproveita em a oração de cada dia. Isto mostra claraméte a experiencia, porque havendo pessoas, que não cometem culpas graves, & se vê, q̄ ainda que tratem de oração, não aproveitaõ, por não quereré obrigar-se a viver mais mortificadamente, conforme a doutrina dos Santos. A outra causa de não aproveitarem he a pouca estima do santo exercicio da oração, pera o qual se preparão imper-

imperfeitamente, & quando estão no
fanto exercicio, dão lugar à froxidão do
animo, de tal sorte, q̄ estão alli com hum
coraçãõ descahido, & sem recolhimen-
to, & menos applicaçãõ do espirito, &
por esta causa as tentações, & destrahi-
mentos achãõ às pessoas semelhantes,
como cidades sem muros, & fortalezas
sem guardas.

87 Duvida 72. Se a oraçãõ ha de ser
larga? Respondo, que quando a oraçãõ
se tem em communidade ha de ser con-
forme a obediencia tem ordenado o tẽ-
po da oraçãõ, de maneira, que nem seja
breve, nem demasiadamente largo; mas
quando hũa alma ora em particular, a
oraçãõ he tanto mais proveitosa quan-
to he mais larga, salva a saude, & forças
de quem ora. Pello que os principiantes
se governem como em tudo, pello con-
selho de seu mestre espiritual.

88 Duvida 73. Que farãõ aquellas
pessoas, q̄ por diversas occupaçoens tem
impedidas as acustumadas oras de sua
oraçãõ, ou naõ tem lugar a proposito,

Escola de Oração.


ou não podem ter oração a seus oportunos tempos, que pera ella tinhão finalados? Respondo, que se tem tempo antes das oras deputadas, ou ao despois tenhaõ a sua oração quando puderem, & quanto ao lugar, tenhaõ todo o lugar por oratorio, & se não podem ter oração oras inteiras, seja meya ora, ou hum quarto seguido de oração, & o de mais tempo procurem satisfazelo com orações jaculatorias, & de interpollados suspiros do coração, & interiores actos de virtudes, & o restante do dia.

89 Duvida 74. Como poderãõ ser ensinadas pessoas ideotas, & simpleses pera que tenhaõ oração? Respondo, q̄ ferà bom o modo de ensinallas em como haõ de crer, & cuidar, que Deos N. Senhor està em todo o lugar, & dizerlhes como haõ de formar em sua imaginação a imagem de Christo Senhor nosso humanado, & que vaõ à oração com reverencia de sua Divina Magestade, & com dor, & confusão de seus peccados, & estejaõ alli cuidando como melhor
pude-

puderem em algũa destas cousas sobreditas, & da humanidade de Christo Senhor nosso, & desta sorte estando em o lugar da oraçãõ, em presença de sua Divina Magestade, & fazendo prepositos de viver santamête, & de fugir de todo o peccado, & juntamente offerecendo-se ao Senhor, & crendo em elle, esperando em elle, amando, & pedindolhe seu divino favor, & em todos estes actos procedendo com simplicidade, & com abundancia de boa vontade, farà fructuosa oraçãõ.

TRATADO III.

Da presença de Deos.

I  Rimeiramente se pergunta, q̃ cousa he presença de Deos? Respondo, que presença de Deos em o sentido q̃ uzaõ as pessoas espirituaes, não se entêde a existencia de Deos em todo o lugar, nem menos a attenção, & advertencia, que

Escola de Oração.

sua Divina Magestade tem pera com
nós outros, & a todas as nossas cousas, né
taó poco estaremos nós outros (junta-
mente com todas as de mais creaturas)
presentes diante o Senhor, se não en-
tendese em o exercicio interior princi-
palissimo, que ha na vida espiritual, que
consiste em duas cousas: húa he a repre-
sentação, que interiormente se forma
das cousas divinas, ou da humanidade
de Christo Senhor nosso, ou de outros
objectos semelhantes: a outra he húa
pia applicação d'alma, & do affecto a
Deos nosso Senhor, & a outras cousas
representadas pellas imagens, que inte-
riormente se formão, & aquella applica-
ção he a principal parte da presença de
Deos, taó celebrada das pessoas espiri-
tuaes, sem a qual a representação das
cousas divinas, ou da humanidade de
Christo Senhor nosso seria de pouco
fruito.

Em esta materia se veja o 2. Segundo. Perguntase quantas ma-
neiras ha de presença de Deos? Respó-
do que a presença de Deos commum-
mente

mente se divide em presença imaginaria, & intellectual: Imaginaria he aquella, em a qual se formão imagens de cousas corporaes, v.g. a figura de Christo S. nosso em qualquer acto, ou passo de sua vida, & paixão, ou Ressurreição, Ascensão, &c. Intellectual he aquella, em a qual não se formão taes imagens, se não que o entendimento attende, & se applica a existencia assistente de Deos em todo o lugar. Advirtase acerca desta doutrina, que ainda que concorrem a phantasmas, ou imagens da imaginativa imaginação, ainda pera entender (conforme, q̄ nesta vida he possível) as cousas divinas, conforme a doutrina de S. Dionisio Ariopagita capit. 1. *Cælestis Hierarchia*, & de S. Thomas 2.2. *quest.* 174. *art.* 2. *ad* 4. com tudo isso chamão presença de Deos intellectual àquella, em a qual se termina, & dirige a applicação d'alma a cousas, ou rezoões intellectuaes, ainda q̄ a alma se sirva de algũa imagem propria, ha differença da presença imaginaria, em a qual se formão

pro-

tratado da criação desde a duvida 8. até a duvida 14.

Escola de Oração.

proprias imagens, & a alma se aplica a-
velas; o que não succede em a presença
intellectual, se não, que sobe sobre toda
a representação a cousas intelligiveis.

3. Pera entender a presença intellec-
tual servem os pontos seguintes. Pri-
meiro, considerar como hum homem
se anima, & esforça com a presença de
outro homem, não tanto pello corpo, q̃
vê, quanto pella alma, que não vê: clara-
mente se experimenta esta verdade cõ
hum exemplo; Se aquella alma, que ani-
ma aquelle corpo o deixar de animar, o
homem que o tinha por companhia, &
emparo, quando vivo, estará diante do
morto? Não, antes o deixará por temor;
seguese que em quanto havia alma, que
elle não via, tinha a fortaleza, & não o
corpo de quem se ausenta por morto.

2. Quando hum homem cego, está
junto com hum mudo, ainda que o cego
não vê ao mudo, nem d'elle espera repo-
sta, com tudo, como de certo sabe, que
alli está junto de si aquelle homem mu-
do, ainda que o não ouça fallar, confor-
tase

tase com aquella companhia. Assim tam-
bem quem se applica à presença intellec-
tual de Deos nosso Senhor, ainda que
naõ veja sua Divina Magestade, nem es-
pere, que lhe responda, com tudo se es-
força, & anima, porque sabe certissima-
mente, que o mesmo Senhor lhe està
presente, & como Pay de clemencia at-
tende a suas miserias pera remedialas.

3. Quando hum homem pouco vale-
roso, entra de noite em hum adro, se vai
acompanhado não teme: & muitas ve-
zes descansa, & repousa no mesmo adro,
& se os companheiros o deixão, sem q̃
elle o advirta, està sem temor dormin-
do, porq̃ o imaginar, que estão seus cõ-
panheiros presentes esforçoa sua fra-
queza. Pois, se o imaginar, q̃ estão pre-
sentes tres, ou quatro homens, os quais
em realidade se ausentãrão, animão tan-
to a hum homem timido, que parece se
lhe alarga o coração, como naõ darã es-
forço, animo, & fortaleza a hum fraco
homem a presença intellectual de Deos
nosso Senhor, quando esse fraco homẽ
com

Escola de Oração.

com acto vivo de fé, está conhecendo, que aquelle summo bem, & Senhor seu lhe está presente pera o fortalecer, & animar.

4. Se os fervos de Christo nosso Senhor se alentaõ, alegraõ, & fortificaõ de estar junto ao Santissimo Sacramento do Altar, suposto que naõ vem o corpo do mesmo Senhor, & se confortaõ, & animaõ, porque a fé lhe diz, que alli está realmente. Que causa pode haver pera naõ sentir esforço quando se applicaõ intellectualmente à presença de Deos nosso Senhor, pois crem com fé divina, q̄ o corpo de Christo está naquelle Sacramento, assi pois crem com fé divina, q̄ a mesma pessoa, & divindade do mesmo Christo está presente em qualquer lugar donde elles estão,

5. Ajuda muito pera entender a presença intellectual de Deos nosso Senhor, considerar o que seria, se fosse verdade, ou pudese ser, que sua Divina Magestade estivesse em algum lugar determinado, como (digamos) em o Cèo, & naõ

não estivesse na terra. Verdadeiramente, que em este caso sentiriaõ os servos de Deos, aquella ausencia com grande pena, & logo conheceriaõ o motivo, que tem de consolação, em saber, q̄ tem presente, conforme a fé os ensina, que em todo o lugar aonde se achaõ tem presente este Senhor; tambem serve a este preposito, o que seria, se o Santissimo Sacramento da Eucharistia estivesse, v. g. nas Indias occidentaes somente, & neste caso, dado, & não concedido, não se pôde com palavras explicar o sentimento, magoa, & dor, que teriaõ os fieis de Europa pello muito que amaõ o divinissimo Sacramento do Altar.

3. Perguntase, se ha diversos modos de presença de Deos nosso Senhor, que se comprehendaõ debaixo da sobredita divisaõ? Respondo, que si, porq̄ cooperando com a divina graça se podem formar diversas imaginações dos objectos imaginaveis, & applicarse de muitas, & diversas maneiras às cousas divinas, por modo intellectual: mas de mais de-
fles

Corresponde ao n. 3.

Escola de Oração.

stes modos, nos quaes, ainda que se fazem com o favor divino, concorre nossa cooperação: custuma o Senhor favorecer algúas almas, formandolhes em a imaginação, outras vezes em o entendimento, diversos, & admiraveis modos de sua presença: de sorte, que sentem estas almas hũa correspondencia dulcíssima, & hũa amavelíssima companhia, a qual vêm algúas vezes por diferentes modos, & outras a não vêm; mas cõ toda a certeza a sentem, & entendem, cuja he, & della recebem hum particular esforço pera caminhar, & crescer em a perfeição da vida Christãa. Quando estas merces do Senhor succedem, com toda a pressa se haõ de comunicar cõ o Padre espiritual; pera q̃ não haja mistura de algũa diabolica illusão.

*Pertencz
ao n. 4.*

4. Perguntase, se pode darse presença intellectual de alguns objectos corporaes? Respondo, que si. De maneira, q̃ assi como hum Anjo vê (isto he) conhece, v.g. o corpo de Christo Senhor nosso, sem formar imagem corporal, assi como

mo a forma hum homem, q̄ tem olhos corporaes, & fantasia, & imaginação, cõ a qual forma aquellas imagens, que chamão phantasmas: assi tambem pode hũ homem ver, isto he, entender hum homem com o divino favor o corpo de Christo Senhor nosso, & ter delle presença por modo intelligivel, & Angelico, sem que o veja com os olhos corporaes, ou delle forme imagens em a sua imaginação. He verdade, que algũa differença haverà entre o Anjo, & o homẽ mortal: porque o Anjo, & o homẽ mortal he diferente: porque o Anjo bem poderà dizer a figura do que vio, v.g. as feições do rosto de Christo Senhor nosso, porque o homem não o saberà dizer, como se sabe por experiencia daquellas pessoas, a quem o Senhor ha feito esta merce: do qual não convem agora neste lugar dar a rezão especulativa: & nesta materia hão de ir os Padres espirituaes com muita cautella, & discrição; pera não errar em fazer juizo de algũas merces, que o Senhor faz a seus servos.

Escola de Oração.

*Pertence
ao n. 5.*

5. Perguntase, se se pode dar presença de Deos imaginaria de objectos intellectuaes? Respondo com distincção desta maneira: se o sentido da pergunta he, se se dà presença de Deos, quero dizer, da natureza, & perfeições Divinas, cõ algũa formação de imagês, ou phantasmas? Respondo, que si, conforme a doutrina commua assima dita de S. Dionisio, a quem os Theologos seguem, dizendo: que as cousas divinas em quanto estamos em esta vida, se conhecem debaixo de semelhanças de cousas corporeas. Ponhamos exemplo: Quando Deos communica hum alto conhecimẽto de sua divindade, ou do mysterio da Santissima Trindade debaixo de algum simbolo, ou semelhança de hũa grande luz, ou de hũa branca nuvem, fermosa, & resplandecente, ou de outra maneira mais admiravel, alem daquillo que nõs podemos explicar, em este sentido bem pode ser, juntaremse imagens de cousas corporeas com conhecimento de cousas intellectuaes, & divinas. Mas se a pergunta

pergunta quer dizer, se esta he propriamente presença de Deos imaginaria, ha-se de responder, que não, porque estas imagens não tem cousas corporaes existentes, às quaes propriamente respondo, se não que se formão a fim, não de representar cousas corporeas, como a imagem de Christo nosso Senhor, & da Virgem Senhora nossa, &c. se não pera significar cousas puramente intellectuaes.

6. Perguntase, se as maneiras sobreditas de presença de Deos se reduzem a outros exercicios pios acerca das creaturas? Respondo, que si, hũas vezes cõ imagens, que trazem a presença da Santissima Virgem nossa Senhora, & dos Santos, ou se medita em a morte, inferno, ou juizo universal, &c. das quaes cousas se formão, imagens dos corpos, & acçoẽs corporeas; outras vezes sem imagens, como quando se medita em a nobreza dos Anjos, ou perfeiçoẽs da divina graça, & a excellencia da charidade, & outras cousas semelhantes com

hum modo intellectual, sem formar imagens de corpos, como se formão na presença de Deos imaginaria. Este exercicio tambem se chama presença de Deos, porque se ordena pera levantar a alma a Deos, q̄ nelle tem o seu fim por meyo daquella applicação d'alma às creaturas, com resguardo, & attenção de unir se só com seu Creador; & afsi se lê de alguns Santos Monges, que commummente se exercitavão em estes modos da divina presença, com mais fruto, que outros com diferentes, & mais altos modos.

7. Perguntase, qual he melhor, a presença intellectual, ou a imaginaria? Respondendo com distincção, porque aquella palavra, melhor pode significar, ou mayor excellencia, ou mayor proveito. Quanto à excellencia não ha duvida, q̄ a intellectual he mais nobre, mais alta, & mais excellente, porque olha, & respeita a mais alto objecto, que he a natureza divina, & he como o fim da imaginaria. Mas quanto ao proveito, não se pode por em pratica sinaladamente regra geral.

geral. Porque ainda que de si, & conforme sua natureza a presença intellectual he mais proveitosa, com tudo isso posta em pratica muitas vezes succede, q̄ pera muitos he de mais proveito a imaginaria, como o mostra, & tem mostrado a experiencia.

8. Perguntase, que modo haverà pera fazer hũa boa eleição da presença de Deos? Respondo, que se ha de tomar experiencia por algum tempo, pera experimentar, qual presença he mais proveitosa pera a alma (isto he) pera ver qual presença, he a que mais illustra a alma, a inflamma, & conforta mais, pera satisfazer com as obrigações de seu estado, pera a mortificação das paixões, & sequito das virtudes, & não fazer a tal eleição sem maduro conselho de seu mestre espiritual. Advirtase, que se não ha de deixar a presença imaginaria, por causa de não poder formar perfeitamente as imagens; q̄ isto não he necessario, & muitas vezes he danosa aquella perfeita formação com o perigo das illu-

soes;

Escola de Oração.

soés; & a formação imperfeita he bastante, & menos arriscada, & deve se considerar se por outros respeitos, v.g. pouco proveito, fraqueza da cabeça, & outras cousas semelhantes com as quais se haja de deixar.

9. Perguntase, se depois de feita a eleição, cõvem saber, da presença imaginaria, se de quando em quando poderá uzar da intellectual, & ao contrario, se tendo escolhido a intellectual poderá algũas vezes uzar da imaginaria? Respondendo, que si. Em o que se ha de notar, & advertir, que não convem atar a alma, & obrigala a que esteja sempre sogeta, fomente a hum modo de exercicio, de tal sorte, que não possa lançar a mão a outros exercicios, porq̃ este modo causa afflicção, & melencolia, q̃ como o homem se compoem de espirito, & corpo lhe convem muito uzar desta alternativa, & mudança de exercicios, pera alivio d'alma, & pera alcançar os bõs affectos, que deseja.

Digo tambem, que ainda que he verdade,

dade, que depois de eleita hũa presença de Deos, se regularmête se ha de uzar sempre della, com tudo isso he bem que se dê lugar a outros bons pensamentos em diversas formas, de tal sorte, que a alma esteja sempre occupada em bons, & santos pensamentos, & não atada a hum só.

Suponho neste lugar a diligencia que se ha de fazer pella manhã em tomar logo a divina presença, cuidadosamente, como custuma fazer o caminhante, que leva algũa preciosissima joya, o qual pernoitando na pousada, em despertando, pera se pôr a caminho lança a mão à sua joya, segurandose, que junto de si a tem.

10. Perguntase, se he conveniente exercitar a presença de Deos, q̃ se tomou pella manhã, sobre a qual se teve a oração? Respondo, que si: mas ha de ser cõ a discrição q̃ fica dita em o numero precedente: Advertindo que se guarde do engano, que tem alguns principiantes, os quaes, se tem outros pensamentos

Escola de Oração.

bons, não lhe dão entrada; porque não são da mesma materia, q̄ pella manhã meditação, & com o mesmo, q̄ querem fortalecer o espirito o perdem, & destroem.

11. Perguntase, como se ha de unir a presença de Deos com aquella virtude, que hũa alma escolhe, pera a semana, ou pera o mez, porque conforme a doutrina religiosa, a presença de Deos, como tambem a oração continuada, ha de servir pera o seguimento, & conquista das ditas virtudes? Respondo, que se ha de consertar de tal maneira, que tire mais motivos da presença de Deos, que exercita pera inclinar a alma ao estudo daquella virtude, como, se a presença de Christo he a colúna, & a virtude, q̄ escolheo he a humildade, cõsiderar muitas vezes a humildade, com q̄ o Senhor está despido, & posto como hum escravo em cadeas. Se escolheo mansidão, cõsiderar muitas vezes, como está o Senhor atado, como hum cordeiro innocente, recebendo aquellas injurias, & dores

dores sem indignarse, nem agastarse cõtra os verdugos, que tão mal o tratão. Se escolheo castidade, considere muitas vezes como he castigada aquella carne immaculada de Christo, & virginal, &c. & estas cõsideraçõs hão de ser brevissimas, & a cada passo repetidas, & entretecidas com a presença de Deos nosso Senhor no mais tempo, que não tem a dita oração. Tambem se hão de fazer firmes prepositos, & actos de virtude, q̃ escolheo, resolvendose a vencer as difficuldades, que nellas se offerete, & ensinandose a obrar as obras, que lhe occorrem da maneira que as faria Christo Senhor nosso em occasioens semelhantes. Mas hasẽ de advertir, que quando a alma não acha facilmente na presença de Deos as rezoões, & motivos proprios para inclinar-se ao sequito da virtude, que escolheo, não he bem, que vã cansandose em especulaçoões, & em esquadrinhar conceitos, se não vã com simplicidade servindose da presença de Deos, pedindolhe repetidas vezes, lhe dê aquella

virtude, que ha escolhido por sua summa bondade, & pellos meritos de sua santissima paixão, por suas dores, & por seu santissimo fangue, &c. fazendo propositos, & actos firmes de se exercitar naquella virtude.

12. Perguntase, se com o Senhor se ha de fallar em segunda pessoa, quando se está no exercicio de sua Divina presença? Respondo que nesta parte não convem atar alma, se não q falle em segunda, ou em terceira pessoa com o Senhor, ou consigo mesma; Advertindo que o Senhor lhe está presente, ou de outras maneiras, conforme o affecto, que mais o eleva.

13. Perguntase, se entre dia ha de fazer intensa applicação d'alma, & do affecto no exercicio da presença divina? Respondo, que o pensamento, & affecto se ha de aplicar suavemente, sem fazer força, ou movimento com a cabeça, & peito: porque com esta moderação melhor se persevera nella, & deixa a cabeça mais descarregada, & com attenção
suffi-

sufficiente pera melhor se aplicar em as cousas que se offerecem do serviço do Senhor, & desta sorte não vem os fervos do Senhor a fazerse inuteis pera negocios proprios, & de seus proximos. Esta suave applicação d'alma, quando a presença he de Christo Senhor nosso ha de ser com attenção a lhe fazer boa, & fiel companhia, imitando ao mesmo Senhor em as cousas ordinarias, & occurrentes, como são silencio, modestia, andar, estar assentado, olhar, fallar, &c. Procurando fazer aquelles actos virtuosos, se possivel fora, como os faria o mesmo Christo, propondo obrar por seu amor cousas extraordinarias, & acompanhalo com perfeição até morte.

14. Perguntase, se se ha de aplicar hũ homem à presença de Deos, quando esse homem anda em negocios com seus proximos, & quando està em conversão, quando està na mesa, & em outras semelhantes occasiões? Respondo que si, sendo com a moderação encomendada em o numero precedente, a qual he mui a-

como-

comodada pera todas as occasiões, como claramente se vê no que obrão pessoas espirituaes, em meyo das festas, & conversões dos amigos, passeando a pè, a cavallo, ou em carroças, &c. em as quaes occasiões sem faltarem a urbanidade, & cortesia, nem aos exercicios de charidade levantão a Deos seu coração húa, & muitas vezes, & interiormente se regulão com seu Senhor; em cuja presença estão. Servindolhe esta divina presença de fortaleza, & trincheira, pera não receber dano algum com a comunicação das creaturas, conservando seu coração preparado, & disposto, como convem pera a oração, & outros muitos bens espirituaes. Esta fidelidade, & paz interior entre os negoceos da terra he mui estimada do Rey do Cèo. Desta doutrina se segue, q̃ os servos de Deos hão de procurar estar sempre na presença do Senhor, porque se entre os negoceos anda procurando, quanto mais a devem sollicitar quando não estão occupados em outras cousas, que dessa presença os distra-

distrahe? Assim o fazem os virtuosos, & os que tratão da vida espiritual, q̄ quando não estão occupados em cousas incompativeis, vivem em hũa cõtínua memoria de Deos, multiplicando sem numero muitos actos meritorios, & ainda q̄ pella fragilidade natural passãõ algũa parte do tempo sem esta memoria, não he voluntaria esta distracção, porq̄ tanto, que advertem', tornão logo a porse na presença do mesmo Senhor em qualquer lugar donde se achão.

15. Perguntase, como se hão de ver as creaturas espiritualmente pera que sua vista sirva de fomentar a presença de Deos? Respondo, que todas as creaturas, que se vêm ora sejão naturaes, como os campos, os rios, as arvores, &c. ou sejão artificiaes como as imagens, vasos de ouro, de prata, casas, & palacios, &c. se hão de olhar com hũa relação, & respeito ao Creador, & Senhor de todas aquellas cousas, do qual Senhor procede todo o bem natural, & artificial, &c. E se a presença de Deos he intellectual,

ou

Escola de Oração.

ou imaginaria de Christo Senhor nosso, ha hũa grande proporção, & acomodação em ver aquellas cousas, & juntamente vêr o Author dellas, levantando o coração pera honrar, & amar a Deos nosso Senhor com os motivos, que naquellas mesmas cousas se achão: v. g. se vemos a fermosura das flores, pôde se logo ver a Christo Senhor nosso, & aplicar o affecto pera amar sua infinita fermosura, se o que se ve he hum sumptuoso palacio, ver logo ao Senhor, & desejar subir à Cidade de Deos, que está fabricada pera seus escolhidos; se de hum rio confidere, logo a divindade, que he como hum mar de purissima agoa, & suspire por ella, desejando entrar naquelle eterno refrigerio. E quando o que se applica à presença do Senhor não saiba achar proporção entre estas aspirações, & vistas interiores, bastará, que com singeleza, & desejo de unirse com sua Divina Magestade se lembre de ver aquellas cousas que ve, como cousas de seu querido Senhor universal, louvando,


& glorificando por aquelle Senhorio, digno de tão grande Senhor, & Monarca; & desta sorte tirará de seu coração bonissimos affectos, húas vezes de temor quando os objectos são pera temer, v. g. a morte, juizo, & inferno, & outras vezes de amor, quando as cousas que ocorrem são amaveis, & deleitaveis, como campos, flores, & arvores, &c.

16. Perguntase, de quanta importancia he o exercicio da divina presença? Respondo, q̄ he de summa importancia pera todo o bem espiritual, & pera todo o genero de pessoas, especialmente pera muitos, que por indisposição natural, ou accidêtal habitual, não podem discorrer, & menos ter oras continuas de oração, às quaes pessoas serve a presença de Deos nosso Senhor de continuada oração. E universalmente fallando se vêm admiraveis effectos em as pessoas, que se applicão à divina presença, porque os que são fieis em este santo exercicio, tem hum não sei que divino

no em olhar, & fallar, em a modestia, em o negociar, &c. que bem mostram serem governados pello Espirito Santo.

TRATADO IV.

Das tentações.

I.  Sta materia he mui copiosa, & se hão escrito muitas cousas em differêtes livros, eu deixarei as cousas de menos proveito, & direi (com o favor do Senhor) o que for mais a proposito pera as pessoas espirituas gravemente tentadas, pera que se ajudem assi mesmas, & possam aconselhar a outros.

II. Suponho que hum homem pode ser tentado em toda a materia de pecado, & contra todas as virtudes. Tambem suponho que as tentações podem nacer de tres pontos, ou partes principaes. Primeiro do demonio. Segundo de nossa concupiscencia, que peleja contra a rezão, & contra a Ley de Deos, ou

por particular ordem, & premissão do Senhor; que nos quer provar. Tambem supponho, que estes tres pontos não se haõ de distinguir como se o primeiro, & o segundo, não succedem com ordem, & premissão de Deos; mas ha-se de entender, que o terceiro ponto se attribue a particular conselho divino, ainda que a concupiscência, ou o demonio nos não tentase com seu ordinario modo, porq̃ ha disposições divinas extraordinarias quando o Senhor quer provar a hũ seu seruo, premitindo ao demonio q̃ o affliza extraordinariamēte pera mayor gloria de sua graça, & bem daquella alma, & exemplo de fortaleza, & paciencia pera os outros.

3. Alem do sobredito supponho os remedios communs pera todas as tentações, que se podem reduzir aos seguintes. O primeiro he a oração, porque todo o homem atribulado busca aquella pessoa, que lhe pòde valer, & por isso aquelle q̃ se sente affligido tome por remedio a santa oração. O segundo remedio

Escola de Oração.

dio he humilhar-se em a divina presença, porque desta sorte alcançará brevemente o alivio, pera sua pena. O terceiro he a paciencia contra a tristeza, & desconsoiação, que a tentação lhe causa. O quarto he a fortaleza; & constancia em resistir, principalmente em o principio da tentação com o temor de Deos, & esperança do premio. O quinto he ter firme esperança em Deos nosso Senhor sem perder o animo, nem esmorecer-se. O sexto he aconselhar-se cõ pessoas espirituas particularmente Prelados, & mestres; & este remedio primeiro que todos se ha de buscar cuidadosamente pera uzar dos outros remedios com a direcção dos seus mestres, porque sendo, como são, varias as tentações he necessario desde o principio uzar de differente direcção. Advirtão os mestres de espirito, que universalmente, quando as tentações causão ao tentado hũa grande froxidão de espirito, & corpo como são as da Fè, de blasfemea, de escrupulos, & outras semelhan-

tes se ha de aconselhar, aos q̄ padecem semelhante peha, que se divirtão da oração, & de outros exercicios mentais, & que comão, & durmão, pera que não dem em algũa desordem espiritual, & corporal, que ao despois seja muy difficuloso o remedio.

4. Feitas estas suposições, & deixando innumeraveis modos de tentações, com que os servos de Deos são mortificados, & exercitados, direi só as mais graves, & que costumão ocorrer mais facilmente, das quaes eu tenho mayor noticia, & pera cada hũa das tentações, q̄ differ, porei alguns remedios mais efficazes, pera as tentações, que pretendo tratar, que são de Fè, de impuridade, de blasfemea, de escrupulos, de desesperação, & de odio de Deos.

Tentação de Fee.

5. **Q**uanto às tentações de Fee, se advirta; que ha algũas pessoas espirituaes, q̄ padecem grandes combates nesta parte, porque com

Escola de Oração.

a promessa divina, o demonio as sollicita, & inquieta em cada mysterio da Fee com mil perguntas, & argumentos impertinentes, que parece os não deixa respirar. Por cuja causa muitas vezes os faz adoecer, & outras vezes perder o juizo a leu parecer, de forte, que, suposto este exercicio seja tão penoso não he por isso de muito perigo pera a alma, porque quanto he mais desbarate, o que o demonio lhe diz tanto menos perigo ha em darlhe credito, antes de ordinario he ganhar nesta batalha a victoria; porque como se vêm os servos de Deos tocados em hũa materia, por cuja confissão dariaõ mil vidas, se tantas tiverão, quando se sentem mais turbados, & affligidos, prorrompem em certos actos de Fee nobilissimos, com hũa fortaleza semelhante a que os Santos martyres tinham na presença dos tyranos, & estes actos heroicos, & nobilissimos custumão fazer principalmente em os lugares solitarios, donde com mais affectos, com palavras, & actos exteriores con-

fissão

feffaõ a verdade Catholica com animo forte, & varonil, que he pera Deos nosso Senhor de muito gosto o victor desta victoria, & da mesma bondade divina se ha de crer, que permite aquellas tentaçõs tão graves, para recolher o fructo daquelles excellentes aëtos de virtudes, tão suaves, & aprasiveis pera sua Divina Magestade.

6. Os remedios particulares desta tentaçõ (fóra os que assima aponte) são os seguintes. O primeiro não dar ouvidos aos argumentos do demonio, nem menos por se com elle às rezoens, ainda, que ao que he tentado lhe pareça que sabe pera poder vencer o tentador. O segundo he não se deixar turbar, & inquietar interiormente como alguns fazem, que se inquietão muito com o horror que lhe causa aquella especie de tentaçõ, por ser contra a Fee divina. Não se ha de perturbar o tentado, se não desprezar a tentaçõ, quando essa tentaçõ se està vendo, que descubertamente se opoem cõtra hũa ver-

Escola de Oração.

dade certa, & infalivel. De maneira, q̃ o tentado se ha de haver com o demonio nesta parte como se hum doudo lhe estivese dizendo aos ouvidos desbarates rediculos, & doudices desbaratadas, & assi como o tétado não fizer caso dessas impertinencias por serem de hum louco, menos caso faça das desbaratadas tentações de hum demonio. Esta doutrina se pode confirmar com o côselho de pessoas espirituaes, quer pello q̃ pertence ao dano, que custumaõ receber os que são desta maneira atribulados, não temem; antes lhe parece, que tem menos que temer quando são tentados em outras cousas mais leves, como são, falar ociosamente, no qual caso se pode presumir, que ha algum consentimento ainda em pessoas mui espirituaes, o que não se pode affirmar com fundamento em as tentações, que são contra a Fee. Terceiro remedio he fazer actos mui affectuosos de Fè mas singelamente sem buscar outra rezão se não aquella universal, de que Deos o disse, que he a que
nos

nos propoem a Santa Igreja Catholica Romana.

Tentações deshonestas.

7. **Q** Vanto às tentações deshonestas se ha de advirtir, que são gravíssimas, & mais perigosas, que outras, pella fragilidade de nossa carne, da qual o inimigo se ajuda pera combater hũa alma. Estas tentações nascem muitas vezes da mesma cópleição, & natureza por ser inclinada àquelle vicio, quando o corpo vive em regalos, & está pouco, ou nada mortificado. Outras vezes não tem a origem a tentação em o corpo, porque está fraco, & debilitado com penitencias, & com tudo isso parece, que se abraza aquella alma em fogo infernal da concupiscencia: & então he final, q̃ aquellas tentações se continuaõ por particular providencia do Senhor, que quer purgar aquella alma, & levantala a mayor perfeição. O mesmo se ha de julgar daquelles servos

Escola de Oração.

de Deos nosso Senhor, que vivem fracos, & com pouca saude, aos quaes as continuas indisposições, & achaques servem de hũa continuada penitencia, & com toda esta pena são tentados gravemente nesta materia. E finalmente do mesmo modo são tentados muitos servos do Senhor, que não tendo objecto presente, que lhe cause tentação, & procurando elles cõ todas as forças occuparem se em obras do serviço de Deos nosso Senhor por não darẽ lugar a torpes pensamentos, com tudo isso padecem gravissimas, & molestissimas tentações.

8. Tambem se ha de notar, que esta gravissima batalha corre por diferentes estilos tanto ao tempo, como ao impeto, com que acomete as almas. Quanto ao tempo, dura em algũas almas esta tentação torpe, quatro, seis, dez, & mais annos com intermissões em huns, & em outros sem intermissões, q̃ he sem cessar: Esta pena he intoleravel. Quanto à força com que vem algũas vezes chega a tenta-

a tentação a termos, que parece húa especie de fogo; outras vezes se segué indecencias, & extravagantes couias por obra diabolica, das quaes a honestidade, & modestia não sofre, que com mais distincção se ecreváo, por cuja causa as não ponho mais claras: mas advirto aos leitores espirituaes, que se não inquieté por qualquer successo extraordinario nesta materia; em quanto, pella graça do Senhor a vontade não consente, o que consta claraméte das vidas dos Santos, & Santas castíssimas, q̄ foraõ nesta parte cruelmente atormentadas.

9. Os particulares remédios desta tentação, alem dos communs ditos assima, que nesta materia se haõ de uzar com muita diligencia, & fidelidade, saõ os seguintes.

Primeiro he fugir as occasiões na vista, conversão, &c. Segundo castigar o corpo quando he robusto, saõ, & bem disposto partes que o conduzem à tentação, & então uze de jejuns cilicio, & açoutes, & trabalhos corporaes, que saõ

Escola de Oração.

instrumentos certos pera rebater a violencia carnal. Mas quando o corpo não está así disposto com a faude, & forças necessarias, se não fraco, & doente, não convem uzar destes meyo, se não pouco, ou quasi nada; mas logo ha de buscar os espirituaes remedios de orações, sacramentos, &c. com tanto mayor cuidado, quanto menos dos corporaes remedios se podem valer. Terceiro remedio he uzar da occupação de tal forte, que o pensamento tenha pouco tempo pera unirse aos objectos da tentação. Advirto, que a occupação ha de ser conforme a faude, & estado do que tem a tentação, lendo, ou escrevendo, negoceando, ou trabalhando de mãos, ainda que as obras de mãos, quando não são de muito trabalho, & não pedem cuidadosa attenção do animo, pouco impedem os torpes pensamentos. O quarto remedio he a frequencia do Santissimo Sacramento com esta intenção de receber sustento, & adquirir forças pera a tentação precedendo primeiro o conselho do confessor,

fessor, ou mestre espiritual. Advirtase, que estes remedios alentaõ muito as forças pera resistir as tentações desta especie, que não são mui ordinarias; tambem ajudaõ pera as extravagantes ordinariamente. O quinto (donde está o remedio de todos os males) mas por ordem da Divina Providencia vemos algúas pessoas tentadas nesta parte, q̄ com frequentar estes remedios, & resistir varonilmente, nenhum alivio sentem, ainda despois de haverem pelejado muitos annos. Mas estas pessoas não haõ de desmayar, se não confiar muito no Senhor, de cuja graça tem hũ indicio certo de muita consolação, que he perseverar tanto tempo entre terriveis combates sem peccado mortal conhecida-mente, & digo mais, que ainda que pela vehemente, & continua tentação, ouvessem algúa vez cahido em algúa mortal fragilidade, de nenhũa forte desmaem, porque na sagrada Escritura temos exemplos de Santos, que cahirão algúa vez mortalmente, mas tornarão logo

Escola de Oração.

logo fortalecidos às ordinarias pelejas, dando ao Senhor muita gloria, & assi mesmos dilatados merecimentos.

Tentações de blasfemea.

10. **A** Cerca destas tentações de blasfemea se ha de advirtir, a furiosa operação do demonio, com q̄ vem acompanhandoa com terriveis inquietações pera despenhar com graves impaciencias aos servos do Senhor. Esta tentação a meu entender, não custuma vir só, se não acompanhada com grande tristeza interior, ou tentações de desesperação, & de odio contra Deos nosso Senhor, ou graves tentações cōtra a castidade. A rezão he, porq̄ fingindo o demonio, q̄ a parte inferior do homem gravemente affligida, & privada de toda a consolação, & gofio, se tornase colericamente raivosa contra a rezão, & contra o mesmo Deos, tanto mais ferosmente, quanto lie mais affligida do demonio, ficando como hũa fera, que

que em quanto a não molestaõ, parece estar quieta, mas em vendo, q̃ lhe pro-
vãõ a paciencia desenfoscada mēte em-
bravecida se arroja contra quem a in-
quieta, & então se levantãõ horri-
pensamētos, & algũas vezes lançãõ pel-
la boca palavras mal soantes, que ordi-
nariamente sãõ ditas sem advertencia,
& menos deliberação com a vehemen-
cia, & impeto de tentação. E hãõ de ser
interpretadas piedosamente, porque al-
gũas vezes podem ter sētido toleravel,
como algũas das sentenças do Santo
Iob, quando com a vehemencia de suas
dores maldizia o dia de seu nacimiento,
&c. Custuma durar muitos annos esta
tentação de sorte, que o espirito malig-
no de blasfemea parece chega a ser co-
mo habitual, & com qualquer minima
tentação de tristeza, & de deshonesti-
dade, &c. se poem logo em campo este
inimigo.

II. Os remedios particulares desta
tentação, fóra dos commũs sobreditos
sãõ os seguintes. O primeiro commu-
nicar

Escola de Oração.

nicar muitas vezes com pessoas doudas,
& espirituaes, principalmente com as q̄
tem experiencia desta tentação, & con-
siderar muito os avisos, que ellas lhe de-
rem. O segundo he divertir-se não so-
mente em occupaões espirituaes, se não
tambem com indifferentes entreteni-
mentos, & alguns licitos jogos, que em
taes pessoas são excellêtes actos de vir-
tude, fazendo elles por aliviar a alma
do grave pezo da tristeza, & tirar as o-
casioes daquella tentação das blasfe-
meas, & por esta rezão muitos fervos de
Deos doudos, & graves costumão pôr
estas almas em grande perigo carregari-
doas de exercicios espirituaes impor-
tunos, & indiscretos: O mesmo digo nas
outras tentações deste tratado, que to-
das requerem divertimento, & muita
prudência nos mestres espirituaes, quan-
do chegão a taes extremos. O terceiro
remedio he não tomar mais peña, do q̄
traz consigo a tentação, mas antes ani-
mar-se a não fazer caso della, como ha-
vemos dito da que he contra a Fee: Se

bem he verdade, que aquella vêm com hum modo mais especulativo:& parece cousa menos difficultosa desprezar hũ argumento impertinente, que hum sentimento furioso, q̃ parece arrebatada traz si o affecto, como acontece em a tentação de blasfemea. Com tudo isso se ha de desprezar, & não dar lugar à vehemencia, pera que não cresça, & procurar serenar, & sossegar o animo pouco a pouco, o melhor que puder ser. O quarto remedio he fazer muitos actos de adoração, & de louvor do Senhor, ainda que seja com pena, porque estes espirituales sacrificios agradão infinitamente a Divina Magestade, em meyo de taes tribulações, & por elles se indigna a cõmunicar seu favor a estas afflictas almas, & alivialas de tão cruel pena.

Tentações de escrupulos.

12. **Q**Vanto às tentações de escrupulos, que poem o homem em pontos, que lhe falta pouco aos servos de Deos pera enlouquecer,

Escola de Oração.

cer, & juntamente aos principiantes, & modernos na virtude, mas ainda aos antigos, & de muitas letras: hase de notar, q̄ alem do modo ordinario de muitas pessoas, que padecem esta tentação eustuma chegar a hum certo extremo, q̄ parece incrível, & esta demasia extraordinaria se cre provavelmente, porque em muitas pessoas não se funda tanto em ignorancia, ou desconfiança, ou em outra cousa, que nellas esteja, quanto na providencia do Senhor, que dar lhes este exercicio, o qual he hum certo genero de martyrio, pera seu mayor merecimento. Não ha pera q̄ deternos mais nesta materia, que claramente se ve por exemplos quotidianos, ainda q̄ conhecido, que não são muitos em numero, os q̄ sendo pessoas granadas na doutrina, & entendimento venhão no ultimo de sua vida a padecer esta tentação em o extremo, que fica dito.

13. Os remedios particulares alem dos commús são os seguintes. Primeiro he obrigarêse a governarse por fé, quer
dizer

dizer reger-se pello que lhe diz seu confessor o qual ha de ser douto, & espiri-
tual. Este remedio era só bastante com
a graça do Senhor se o tentado obra-se
valerosamente, como o pede a rezão.
Porque este remedio não está posto em
opinião, como o estão os casos particu-
lares de peccados, acerca dos quaes po-
de dizer o tentado, que ha opinioes dif-
ferentes de Doutores, & que quer dis-
putar qual he a mais segura. Em este ca-
so não he assi, porque não ha Doutor
algum, que tenha opinião, se não q̄ to-
dos concordemete affirmão, como cou-
sa indubitavel, que despois que hũ pe-
nitente fizer eleição hũa vez de hum
bom confessor, pode, & deve o tal es-
crupuloso governar-se em tudo por a-
quilo que seu confessor lhe disser com
toda a segurança. Conforme esta dou-
trina o escrupuloso faça hũa vez a elei-
ção escrupulosamente, quero dizer pru-
dentemente, mas despois de havela fei-
to considere, q̄ não lhe fica rezão, nem
opinião pera formar mais algum esclu-
pulo,

Escola de Oração.

pulo, & he isto tanto verdade que ainda que por conselho do confessor deixe o escrupuloso de confessar alguns peccados, que a elle lhe parece não havelos confessado, julgando o confessor o contrario, ou ainda que realmente lhe pareça ao penitente, que não ha satisfeito com o divido officio, parecendolhe ao mestre, ou confessor o contrario, não ha rezão pera formar escrupulo sobre estas materias.

2. Remedio he fundarse em hũa doutrina commúa, que pello mesmo caso, q̃ forma escrupulo de hũa cousa pode seguramente, & deve inclinar se a querer o contrario, porque tem hum bonissimo principio moral, & universal, pera não querer aos escrupulos particulares, que isso he estar enfermo com esta doença de escrupuloso.

3. Remedio he fazer força assi mesmo a não deixalos formar interiormente; quero dizer, que quando sente, que o pensamento do escrupulo se vai formando, ou imprimindo nalma seja mui diligente

diligente em desfazelo, pera que se desfça antes que de todo se represente. O que pode, & deve fazer com toda a segurança, seja o escrupulo qual for.

4. Remedio he communicar com outros servos de Deos, & olhar, como se confessaõ, & como rezão o divino officio, &c. porque vendo elle que tantas pessoas reputadas por boas, & fantas não sotilizão as cousas, nem adelgação as miudezas em que elle repara, este cõmum o ajudará a que alargue o coração, & se não deixe fogueitar da quella escrupulosa paixão.

5. Remedio he sentir bem da divina bondade, & misericordia, & tratar muito com os servos de Deos destes pontos, com os quaes convencem muito o entendimento a crer, que não he verisimel, que aquella charidade infinita se ponha a reparar naquelles pontinhos, & palheiras em que o escrupuloso olha, & repara, & procurando sentir esta verdade de Deos nosso Senhor se esforçará, & desabafará o coração pera fazer

Escola de Oração.

muitos actos de confiança em sua Divina Magestade.

14. Quanto à tentação de desesperação se ha de advirtir q̄ algũas vezes procedem da multidão dos peccados da vida passada, com hum grande temor, de que quem tanto ha peccado como se ha de salvar. Outras vezes vem, ser esta occasião, mas movida por instigação diabolica, com excessivo temor da estreita conta do juizo divino. Outras vezes succede, por particular providencia de Deos nosso Senhor pera mayor merecimento do que he tentado desta forte, como fica dito nas outras tentações. Esta especie de tentação tambem afflige muito, porque combate, & litiga contra a esperança de todo o nosso bẽ, & nas pessoas de virtude, que muito de coração amão ao Senhor, causaõ hũa grandissima turbação, porque sentem intimamente as ausencias de sua costumada esperança, de gozarem eternamente aquelle Senhor, aquem amão sobre todas as cousas, & por quem sempre suspi-

suspirão neste valle de miserias.

15. Os particulares remedios desta tentação alem dos commús consiste em illustrar bem o entendimento com as eficazes rezoés, que tem ainda os mayores, & grandes peccadores, pera esperar a eterna saude naquelle mesmo ponto, & hora, que a Deos de todo seu coração se convertem. Porque a tentação de desesperação formase em húa odiofa estimação da Divina Misericordia, & dos remedios que ha preparado pera a salvação dos homens, & asy as armas contrarias he aclarar o entendimento, q̄ estava escuro, & fazer, que faça estimação, & ponderação dos motivos que ha de esperança, que pòde mover as mesmas pedras, são os remedios proprios desta tentação, destes motivos, que se reduzem a tres principios, que são a natural inclinação da Divina Bondade, pera fazernos bem, & o mysterio da Encarnação, & paixão de Christo Senhor N. que do Cèo veyo salvar os peccadores, & as suas promessas fidelissimas declara-

Escola de Oração.

radas no Santo Evangelho, q̃ ha ey tratado copiosamēte na arte de bem morrer, por quanto a tentação de desesperação custuma naquella ora attribular muito as pessoas faltas de virtudes, & assi não tenho, que determe a tratalos neste lugar.

Tentação de odio de Deos.

16. **A** Cerca desta tetação do odio contra Deos nosso Senhor se ha de advertir que aflige intoleravelmente a muitos servos de Deos nosso Senhor; os quaes na parte inferior sentem hũa grande averção a sua Divina Magestade, & as cousas de seu divino serviço; o que lhe parece intoleravelmente penoso, & infosfrivel, porq̃ estas pessoas, que assi se sentem alictas são de consciencia, & vida mui pura, & tem a Deos grande amor, & sentem com esta pena hũa mortal desconsolação, & lhes parece; que Deos nosso Senhor as carrega muito com sua cruz, & cõ tudo isto


isto cõ esta pena inexplicavel não faltão em as cousas do serviço de sua Divina Magestade, obrandoas neste tempo como fazião quando lhes parecia, q̃ erão regaladas de sua Divina mão, quando em paz de espirito passavão a vida. Estas almas necessitão muito de serem cõsoladas, & aliviadas dos servos de Deos sabios espirituaes, porque sua desconso-lação he em summo grao penosa.

17. Os remedios particulares pera esta gravissima tentação, fóra dos cõmús sãõ os mesmos, que ficão ditos pera a tentação de blasfemea, que ordinariamente custuma ser companheira da tẽtação odiosa, & assi não ha pera que de-ternos mais neste ponto.

18. Pera outras tentações menos crecidas, & empertinentes, que se ajuntãõ com algũa alteração das paixões, servi-rà o seguinte tratado, donde, pera ellas, se applicão os remedios.

TRATADO V.

Das paixões.

I.  Perguntase, q̃ cousa he paixão? Respódo, que por este nome, em esta materia, & preposito entendẽ os Philosophos, & Theologos o acto do appetite sensitivo, que se move com a imaginação do bem julgado por conveniente, ou do mal julgado por nocivo, de maneira, que entrevem algũa comoção, ou mudança do corpo, particularmente do coração, no qual se sentem mais as paixões interiores.

S. Thom.

1.2.9.22

23.

2. Perguntase, que cousa he appetite sensitivo? Respondo, que he hũa licença d'alma unida com o corpo, que está na parte inferior do homem, cujo objecto he o bem, ou mal sensível que a imaginação lhe propoem, com estimação de conveniencia, ou desconveniencia. Tem o seu assento no figado, & no coração,

ração, & como querem alguns, só no coração (conforme diversas opinioes,) & divide-se em duas partes, concupiscivel, quero dizer desejosa, & apaixonada.

3. Perguntase, qual he a parte inferior do homem, donde está o apetite sensitivo? Respondo, que pera entender esta parte inferior do homem, donde tem seu assento o apetite sensitivo, se ha de notar com S. Thom. 1. *parte quest. 79. art. 9.* que o entendimento do homem em quanto contempla as cousas divinas, & eternas, ou as olha pera encaminhar a ellas suas acçoens, & obrar outras cousas, se chama rezão superior, & em quanto olha as cousas creadas, & as dispoem, & ordena por rezoões de creaturas, se chama rezão inferior; de sorte que se divide em rezão superior, & inferior, ou porção superior, & inferior da rezão, q̄ he o mesmo, & a estas duas porções, & partes, respondem outras duas porções na vontade, em quanto essa vontade se move pellas rezoões da porção superior, & inferior do entendimento. Tambem

Escola de Oração.

se advirta que toda a parte sensitiva do homem se pôde chamar razão inferior em quanto pôde obedecer ao imperio do entendimento, & vontade. Note-se finalmente q̄ communmente entre as pessoas espirituaes, por parte inferior do homem, se entende toda a parte sensitiva, na qual se inclue o apetite sensitivo, pera cuja mortificação, he necessario saber as cousas, que contem o presente tratado. Tambem he necessario saber o que pôde o de nonio obrar no apetite, movendo a imaginação, as paixões, & humores, pera o qual se leão os primeiros numeros do tratado da discriminação dos espiritos.

4. Perguntase, qual he o officio da concupiscivel, & irascivel? Respondo, que o officio da concupiscivel he mover-se atè o bem, que lhe he proporcionado, & fugir do mal contrario; & o officio da irascivel he pelejar contra as difficuldades, que impedem alcançar o dito bem, & fugir dos males da concupiscivel, de tal forte, que he como homem

mem armado, & aparelhado pera vencer as difficuldades dos impedimentos, que se offerecem.

5. Perguntase quantas são as paixões? Respondo, que são onze, seis das quais estão em a concupiscivel, cinco em a irascivel. As seis da concupiscivel são, amor q̄ he hũa inclinação, & cóplacencia do apetite em ordem ao conhecido bem: desejo, ou concupiscencia, que he movimento, ou extensaõ do amor, que se estende pera abraçar o bem, gozo, ou deleitação, que he hum movimento do apetite, posto já em possessaõ do bem, & estas tres paixões olhão, & correspõdem ao bem que se deseja: Odio, que he dissonancia, ou desunião do mal no apetite: Fuga, ou abominação, que he hum retirar-se, & desviar-se o apetite do mal, tristeza, ou dor, que he apressaõ do apetite pella interior representação do mal presente, ou pello mal unido ao corpo com a aprehensaõ do sentido, & estas tres paixões seguem a alma, pera perdela: as paixões da irascivel são, e speranza,

Escola de Oração.

ça, que he hum movimento do a petite, & hũa elevação em ordem ao bem arduo, ou difficil de o alcançar, ainda que se julgue ser possível o alcançalo: Audacia, ou ousadia, que he hum movimento do apetite pera o mal, que ameaça de perto, & he difficultoso de resistir: Desesperação, he hum desmayo, ou froxidão do apetite pella difficuldade do bem que lhe parece difficultoso, que a seu juizo lhe parece não pôde alcançar: Temor he hum divertimento, & retirar-se o apetite do mal futuro difficultoso de evitar, ainda que não he impossivel: & finalmente ira, que he hum movimento do apetite, que deseja vingança despois de recebida a injuria.

6. Perguntase, que bem, ou mal he aquelle que olha, & respeita o apetite sensitivo? Respondo, que o bem, a que se inclina o apetite sensitivo se divide naquellas tres especies, celebradas dos Philosophos, que são bem honesto, util, & delectavel, bem (digo) verdadeiro, ou aparente, ao qual se move o apetite fugindo

fugindo dos tres males contrarios, que são deshonra, desconmodidade, dano, tristeza, ou dor; o qual se ha de notar muito pera saber o alvo das paixões, cõ claridade, & distincção. De maneira, que com este modo notavel saberà qualquer pessoa quando vir, que em sua alma se levanta algũa paixão, logo conhecerà, que busca algum bem verdadeiro, ou aparente.

7. Perguntase, qual he a ordem, que tem as paixões com a primeira, & principal, que he o amor? Respondo, que de tal maneira estão subordinadas, & atadas as outras paixões com a primeira, que nunca se movem, se não he por respeito, ou causa della, cujo movimento sempre vai diante, de forte q̃ ninguem deseja, ou se deleita, se não naquillo que ama; ninguem aborrece, foge, ou se entristece, se não por algum mal, que he contrario, ao bem, que ama; ninguem espera, nem se atreve a pelejar, se não pello q̃ ama; ninguem desespera, teme, ou se encolerisa, se não por algum bem q̃ ama.

Escola de Oração.

ama. 8. Perguntase, se as paixões são actos bons, ou maos? Respondo, conforme a opinião de Aristoteles, & a commum dos Theólogos com S. Thomas, que o amor proprio, & todas as paixões medidas, & reguladas pella rezão, são actos bons, & perfeitos, mas quando carecem daquella regra, & perfeição, são actos maos, & imperfeitos. Donde se segue hum importante aviso, & he q̃ quem se inclina a mortificar as paixões com os mesmos actos dellas reduzidos ao acerto, que a rezão pede, adquire excellentes virtudes, & pello contrario o que se deixa levar desordenadamente dellas amontoa pessimas obras, & viciosos actos.

9. Perguntase, se as paixões obedecem de todo à rezão? Respondo, que não, com S. Thom. 1. 2. *quest* 17. *art.* 7. porque depêdem não sómente d'alma, se não tambem do corpo, cuja disposição não està de todo sogeita ao imperio da rezão, & assi he verdade, o que diz
Aristo-

Aristoteles *Polit. cap. 3.* que a rezaõ governa, & manda a irascivel, & concupiscivel com imperio politico, & cortez, do modo que ElRey manda aos que são livres, os quais nem sempre lhe obedecem, & os manda não com absoluto imperio, como o Senhor manda a seus escravos.

10. Perguntase se as paixões algũa vez chegão a privar do uso da rezaõ? Respondo, que si, o que se ha de notar muito pera fazer juizo dos affectos das pessoas espirituaes, principalmente quando as paixões andão inquietas, & excitadas do demonio. Advirtase com o Cardeal Caetano 1. 2. *quest. 12. art. 7.* Que muitas vezes succede que o primeiro principio de algũs achaques corporaes, he a imaginação, que causa algum movimento, no apetite sensitivo, conseguintemente move, & altera a disposição corporal. Advirtase com o mesmo author que pella mesma rezaõ allegada, muitas vezes a imaginação he causa, que ainda estando despertos succede

08
Escola de Oração.

a estas pessoas illuções semelhantes às q̄
tem os freneticos, ou aquelles que estaõ
dormindo. A causa he a alteraçã do
sentido pello movimento sensitivo do
apetite, & consequentemente do corpo,
conforme as qualidades naturais, de
quentura, ou frialdade, &c.

11. Perguntase, que cousa seja amor
mais distinctamente? Respondo, que a
difição do amor he hum movimento
de complacencia, ou inclinação, que
causa o conhecido bem no appetite, de
maneira que aquella primeira impres-
são, que faz hũa cousa boa, ou fermosa
no coração espertando nelle a compla-
cencia, ou inclinação sobredita, se cha-
ma paixão de amor, o qual se divide em
amor de amizade, & amor de concupif-
cencia. Amor de amizade he aquella in-
clinação do appetite, q̄ olha ao termo, &
fim por si; principalmente, como (diga-
mos) respeita hum homem a outro, &
ihe quer dar hũa joya, o amor que tem
a este homem he o amor da amizade, &
o amor da joya he amor de desejo, o
qual

o qual não olha a joya por si, principalmente, se não em quanto he util, ou delectauel ao amigo.

12. Perguntase, quaes são as causas principaes do amor? Respondo, que as geraes são estas. 1. A bondade, & fermosura. 2. A semelhança das pessoas. 3. O amor de quem ama, que produz outro amor na cousa amada, porq̃ ajúta, & une o que ama à cousa amada. 4. Os beneficios. Mas as causas particulares, que fazem húa pessoa amada são muitas, v.g. todas as excellencias de nobreza, de sciencia, de prudencia, de agudeza, de engenho, de industria, &c. Grande motivo de amor he a graça natural, que consiste em composição das acçoés, como a fermosura na compostura dos membros: muito serue pera este fim a modestia, no sentir de Aristoteles, o qual envergonha aos Christãos pouco afeiçãoados a este cabal adorno da vida humana. Notem os Religiosos quanto bem se adquire com a modestia pois cõ ella se fazem summamente amaveis, &

Escola de Oração.

he conselho dos Santos procurar com tais meios ser agradaveis aos proximos.

13. Perguntase, quaes são os effeitos do amor? Respondo, que são os seguintes. 1. Extasi, que he o mesmo que sair de si, pera se unir à cousa amada. 2. Hú derretimento, ou ternura, aqual he como clareza d'alma, ou como húa maneira de abrir os poros, pera inclinar a si a cousa amada, como a esponja embebe em si a agoa. 3. A união, que he, como hum contrato de duas almas. 4. A união correspondente, & recipocra; que he como enlaçar-se, & atar-se às cousas já unidas. 5. A união, que he húa maneira de entrar hum amante em outro com affectos do coração. 6. A transformação, que he hum querer mudar-se na forma, ou perfeição da cousa amada. 7. O ardente zelo, & ciume, que não sofre companheiro no bem que goza. Estes effeitos do amor se exercitão com mais força, quando o amado bem se possue. E quando despois do grande desejo, q se chama fervor, não se possue, se segue hum

hum effeito de amor, que se chama desmayo, o qual costuma causar a morte pella pena excessiva da falta do bem amado, mas ausente.

14. Perguntase, se a paixão do amor, & seus effeitos estão na vontade, assi mesmo as outras paixões? Respondo, que não, ainda que ha nella certos actos, que essa mesma vontade produz, os quaes se chamão com os mesmos nomes das paixões, amor, gozo, deleitação, odio, &c. A differença entre huns, & outros actos he, que os da vontade são actos espirituaes, & mais levantados, & não causão aquelle movimento corporal, que causão as paixões, donde se infere, que a intelligencia deste tratado he mui necessario pera entender as cousas espirituaes mais altas, & sublimes, que ha na parte superior.

15. Perguntase, quaes são os remedios contra o amor desordenado? Respondo, que são os seguintes. 1. Divertir os pensamentos, & sentidos. 2. Considerar as imperfeições da desordenada af-

Escola de Oração.

feição. 3. Considerar os danos, que nascem do tal amor. 4. Ocuparse em outras cousas, que devirtão, & destruaão a desordem do amor. 5. Pôr o affecto em cousas dignas de se amarem, como são as glorias eternas as delicias, & consolações celestiaes, procurando tirar o affecto terrestre, subilo ao celeste com o favor da divina graça aniquilando com ella as cousas amaveis da terra, & levantando as mayores possessões do Cèo. Muito ajuda pera este affecto hũa maravilhosa vigia, ou sentinela religiosa, que costumão fazer as pessoas verdadeiramente espirituaes, que com toda a applicação estão considerando, que amores se movem na sua parte inferior, pera logo cortalos, com aquella elevação do coração, que atraz deixamos dito, como (ponho por exemplo) vê hum Religioso, ou outra pessoa, que outros homens o estimão, & honrão, & com esta estimação logo se sente mover interiormente com amor àquella estimação humana, neste caso corte logo aquella paixão, levan-

levantando com presteza o coração à eterna honra, dizendo consigo, longe se aparte de mim o cõtentarme desta gloria vãa, o que eu pretendo, & quero he a verdadeira, & eterna, q̃ com o desprezo desta terrestre se alcança.

16. Perguntase, que cousa he odio? Respondo, que com a doutrina que fica dita, quanto do amor, se pòde julgar da doutrina do odio, em quanto a essencia, causas, effeitos, & remedios d'elle, & quanto a essencia, odio, conforme S. Thomas 1. 2. *quest.* 29. *art.* 1. he hũa defuniaõ do appetite daquellas cousas q̃ se julgaõ, & estimaõ, por mãs, & danosas.

17. Perguntase, quantas maneiras ha de odio? Respondo, que se divide em odio, abominaçaõ, ou fuga; & em odio de enemidade. Este segundo he quando o appetite quer fazer, que outrem faça mal à pessoa, que aborrece: O primeiro não se move com perseguiçaõ contra a cousa aborrecida, se não com contradicçaõ a ella.

Escola de Oração.

18. Perguntase, quaes são as causas do odio? Respondo, que as causas geraes do odio são as contrarias às do amor. A 1. he imperfeição que se oppoem à bondade, & a fealdade se oppoem à fermosura. A 2. à de semelhança. A 3. he a malquerença, que a pessoa aborrecida tem contra quem a aborrece. A 4. as más correspondencias, como são injurias, perseguições, &c. Tambem ha muitas cousas em particular que fazem as pessoas odiosas, & aborreciveis, principalmente os vicios, & particularmente os que sahem a publico, porque mais offendem aos proximos.

19. Perguntase, quaes são os effeitos do odio? Respondo, que são os movimentos contrarios àquelles effeitos do amor, q̄ são extasi, união, &c. Os quaes são notorios, & qualquer pessoa poderá conhecelos pello que se ha dito acerca dos effeitos do amor.

20. Perguntase, quaes são os remedios contra odio? Respondo, que tambem os remedios se tiraõ pella dita contraria-
rieda-

riedade, ou semelhança. Em o 1. remedio em parte convem às duas paixões contrarias, que afsi no amor, como no odio desordenados he necessario devirtirse dos pensamentos, que movem estas paixões, mas não concordão em tudo, porque muitas vezes a paixão do desordenado odio se cura, & remedeia com animarse a communicar com a pessoa aborrecida, como a experiencia o mostra, principalmente quando o odio se funda em algũa falsa imaginação. O 2. remedio he considerar as perfeições da pessoa aborrecida, contrapondo as imperfeições verdadeiras, ou imaginadas, q̄ nella se representaõ, & quando lhe faltase todo o motivo de amor, não lhe faltaria o ser amada de Christo S. N. que tanto com seu exemplo encarreo, & com doutrina ensinou o amor do proximo. O 3. he semelhante ao remedio aplicado ao desordenado amor, que saber considerar os danos, que se seguem do odio desordenado. O 4. he tambem semelhante a este, que he occuparse

Escola de Oração.

parse em diversas cousas pera não dar lugar a pensamentos varios, & à desordenada paixão. O 5. he propor ao appetite as cousas verdadeiramente dignas de odio, como a condenação eterna, a fealdade do peccado, &c. & ir applicando o odio a estas cousas peccaminosas, & aborreciveis a sua divina Magestade, porque com esta applicação se poem freo às desvoltas paixões pera que não abominem as cousas que lhe desagradão por asperas, & penosas: a qual diligencia se bem logra, & alcança o que pertende com as boas, & santas considerações, & com as forças, & luz da divina graça, q̄ faz conhecer as cousas, que são verdadeiramente aborreciveis, & odiosas, reprovando as que são desconcertadas, & que trazem consigo o pendor da culpa.

21. Perguntase, que cousa he a paixão da concupiscencia, ou desejo? Respondo, que a segunda paixão, que immediatamente se segue ao amor, & se chama concupiscencia, ou desejo, he hum movimento do appetite acerca do bem futuro

ro sensível de maneira q̄ he como húa extensaõ do amor. Porque o bem tanto que se julga por conveniente, faz a primeira impressaõ, que he aquella cõplacencia, ou inclinaçaõ, que chamaõ amor, & despois o apetite se estende atè o bem que se ama; & este movimento extensivo, & continuado he a paixãõ da concupiscencia.

22. Perguntase, quantas maneiras ha de concupiscencia, ou desejo? Respondo, que as concupiscencias saõ de duas especies, conforme Aristoteles ao 3.
 etic. cap. 11. & o 1. *Reth. cap. 11.* Algũas se chamaõ naturais, & irracionais, que saõ as que nascem da mesma natureza, ou compleiçaõ do animal: convem a saber as de comer, beber; outras se chamaõ naturais, ou racionais, & saõ as q̄ se seguem, à estimativa, em quanto o homem julga, que este, ou aquelle bẽm lhe convem pera nelle se deleitar. As primeiras saõ commũas com os brutos, as segundas saõ proprias dos homens, os quaes pella faculdade cogitativa, que se

S. Thom.

1.2. q. 30

art. 3.

73
Escola de Oração.

chama rezão particular, podem formar das cousas particulares noticias, àquellas que não alcançáo a estimativa dos brutos, v.g. podem os homés julgar com a sua estimativa, por estas, ou por aquellas circunstancias, que esta, ou aquella honra lhes convem, & por esta causa a deseção, o q̄ não pòdem fazer os brutos, ainda que nelles se vejáo rastos de estimar a honra, como se vê nos Elefantes.

23. Perguntase, se as concupiscencias, ou desejos são finitas, ou infinitas? Respondo, q̄ as concupiscencias naturaes são finitas, as sobrenaturaes são infinitas, como advirtio Aristoteles 1. *Polit. cap. 6.* o qual se prova com a moderação em suas concupiscencias, os quaes chegáo a certo termo donde não passáo: Mas os homés passáo muito além dos termos como se vê claramente na cobiça, & desejo do ouro, honras, & riquezas, &c.

24. Perguntase, quaes são as causas de concupiscencia, ou desejo? Respondo, que são as mesmas que se descobrem no amor.

25. Per-

S. Thom.

1. 2. q. 30

art. 4.

25. Perguntase, quaes são os remedios da concupiscencia? Respondo, que são os mesmos, que os do amor, aos quaes se ajunta tres remedios principaes. O 1. cortalas logo nos principios. O 2. meditar na morte, &c. O 3. considerar não tanto o principio, se não os desaventurados fins das desordenadas concupiscencias, & desconcertados desejos.

26. Perguntase, que cousa he fuga, ou fugida? Respondo, que a paixão oposta à concupiscencia, ou desejo, conforme S. Thom. 1.2. *quest.* 30. *art.* 2. *ad* 3. não tem nome proprio, se não que nos servimos do nome cômum das paixões, que consistem na fugida d'algun mal a que chamamos fuga, ou abominação, pera significar o movimento do appetite, que se oppoem ao movimento da concupiscencia, ou desejo. Digo que nos servimos do nome commum de fuga, ou abominação, porque debaixo destes nomes se comprehendem, & declarão todas as paixões, que consistem em algũa contradição, ou fugida, & aborrecimen-
to

Escola de Oração.

to do mal. Esta paixão de fuga he hum movimento, que consiste em desviar-se, & ausentar-se do mal, que aborrece, & hũa como extenção do odio, assi como tambem temos dito, que o desejo, ou concupiscencia he hũa como continuação extensiva do amor.

27. Perguntase, quaes são as causas, & remedios da fuga? Respondo, que são os mesmos, que os do odio: os quaes são tão faceis de aplicar pera qué tiver entendida a sobredita doutrina quanto ao odio, que não he necessario determonos em repetilos: se não que aquelle que aborrece desordenadamente, tambem foge desordenadamente das cousas que não devia aborrecer, nem fugir, como claramente se vê pello que passa na doutrina religiosa, porque quando hum sujeito aborrece o trabalho, não se contenta com só aborrecelo, se não tambem procura fugir às occasiões donde se lhe pòde offerecer, ou o pòdem mandar: & he necessario pelejar varonilmente, offerecendo-se às occasiões, pera que a alma

ma

ma não vâ recalcitrando, & descaindo nas obras do seruiço do Senhor, atè dar em despenhado precipicio.

28. Perguntase, que cousa he deleitação? Respondo, que a deleitação, ou gozo he hum movimento da concupiscencia acerca do bem presente, & termo do amor, porque com o amor se inclina o apetite à cousa amada, despois com o desejo crece, & se multiplica atè chegar a ella, & finalmente quando a tem presente repousa, & descança nella com hum acto, que se chama deleitação nos animaes, & no homem se chama gozo; porque se segue a apprehensão da cogitativa, que chamão rezão particular. Esta paixão, quando he desordenada he malissima, & causa nalma gravissimos danos.

29. Perguntase, quaes são as causas de deleitação? Respondo, que as causas são todas as cousas, que se amão, & desejão, porque estas mesmas quando estão presentes, & se gozão, deleitão, & no mesmo tempo que se ausentão rompem

Escola de Oração.

pem em desejos, & presentes causão a-
legria.

30. Quaes são os effeitos da deleita-
ção? Respondo, que são os seguintes.
O 1. hũa dilação, & continuação com a
qual o coração se alarga pera receber o
bem que o alegra. O 2. he hũa sede, ou
desejo, quando o bem que se goza não
farta, nem de todo satisfaz, ora seja por
ser pequeno, & insufficiente, como se vê
nos bens transitorios, ora seja porque a
operação d'alma he imperfeita, ainda q̃
o bem seja perfeito, como se prova pel-
la imperfeição das operações d'alma
nesta vida, acerca de Deos N. S. que es-
ta he a causa, de que os deleites, que se
recebem do conhecimento de Deos, &
das divinas cousas, causão mayor sede;
porq̃ sendo nossa operação tão imper-
feita, como he, não acaba de gozar per-
feitamente o muito que ha de gosto na-
quelle perfeitissimo, & infinito bem.
Tambem se diz universalmente, que
toda a deleitação ainda a que se recebe
na gloria, gera sede, entendendo por
sede,

sede, húa vontade, ou affecto, de inclinar-se ao bem que se goza. O 3. effeito he contrario ao 2. quando a alma levada do desejo passa dos termos, & excede as regras, que devia guardar, como acontece nas corporaes deleitaçoës, como, v g. quando hum homem com o gosto dos manjares come demasiado, & dali se segue ficar com fastio: Ao contrario do gosto dos bens espirituaes, como notou S. Gregorio na Homilia 36. sobre os Evangelhos. Advirtase que nos deleites espirituaes, cóforme S. Thom. 1. 2. *quest.* 33. *art.* 2. nunca, quanto he da parte delles, ha excessõ, nem as operaçoës d'alma acerca delles passaõ os devidos termos. Mas accidentalmente se pôde dizer, que algúas vezes os excedem, & continuão, por rezão das corporaes operaçoës, que juntamente concorrem có aquelles deleites espirituaes, que debilitão as forças, & enfraquecem o corpo. O 4. effeito he que impede o perfeito conhecimento, o que se ha de entender, quando a deleitaçoão he diversa

Escola de Oração.

versa operação do conhecimento como ensina Aristoteles *lib. 6. Ethim. cap. 5.* S. Thom. 1. 2. *quest. 33. art. 3.* porq̃ quando a deleitação nasce do mesmo conhecimento, entãõ o faz mais perfeito. O 5. effeito da deleitação consiste em aperfeiçoar a operação donde nasce, como diz S. Thomas na questaõ allegada *art. 4.* Aristoteles 10. *ethic. cap. 4. & 5.* A rezãõ deste effeito he, porq̃ o gozo, & deleitação com a doçura que sente, obriga, & incita o operante pera que obre com mayor intensaõ: no que se ha de notar, & advirtir, he louvar muito ao Senhor, & a sua Divina Providencia, que por esta rezaõ poz deleites nas operaçoẽs, necessarias pera que sendo boas se não deixassem, & sendo mãs se desprezassem.

31. Perguntase, quacs são os remedios da deleitação & gozo? Respondo, que antes que se chegue ao seu acto, são os mesmos remedios, que se daõ pera o amor, & concupiscencia. Mas quando já actualmente se goza, se essa deleitação he

he elicitá o remedio he desistir della, mas se he licita o remedio he moderála pera que não exceda os termos da razão, pera o q̄ convem muito unir-se com o santo temor de Deos nas considerações do juizo, morte, & inferno, ou a lembrança da gloria, como fica dito da concupiscencia: Com as quaes considerações costumão os servos de Deos cõpor, & refrear a furia de appetite, propõdolhe, & lembrãdolhe as penas da outra vida, & os deleites perduraveis da eterna, q̄ são tanto mais mayores, quanto mais gozão da divina vista. De maneira, que ainda quando comem, & fazem semelhantes cousas necessárias pera cõservar esta vida, pera não sentir, ou ao menos, pera moderar o gosto, que dellas se recebe, se divertem, procurando levantar, & aplicar o pensamento, & co-ração nas celestiaes delicias.

32. Perguntase, que cousa he dor, ou tristeza? Respondo, que a dor, ou tristeza, he a ultima paixão da concupiscivel, he hum movimento, com o qual o ape-

tite se afflige, perturba, & inquieta com a afflicção do mal presente; Digo presente, ou real, ou imaginariamente, ao contrario da deleitação, com a qual o appetite sente descanso pella posse do bem presente, ou esperado.

33. Perguntase, quantas maneiras ha de dor? Respondo, que duas. Húa, que se segue a apprehensão, & lembrança sensitiva com a estimação da desconveniência, a qual pode acharse alem do homẽ em outros animaes. A outra, que se segue à potencia cogetativa, que he propria do homem, a qual mais propriamente se chama tristeza, & tem com a dor a proporção, que o gozo tem com a deleitação, como ensina Santo Thomas 1. 2. *quest.* 34. *art.* 2. Divide se tambem em dor interior, & exterior. Interior se chama aquella, que se segue somente a apprehensão interior d'algum mal, que repugna ao appetite: Exterior se chama aquella que segue, não somente a apprehensão interior, se não tambem a apprehensão dos sentidos exteriores do mal,

que

que realmête faz algũa molestia ao corpo. Depois disto se divide em dor, que he proprio do homem; & se chama tristeza, em muitas maneiras, q̄ ha de tristeza, como saõ misericordia, enveja, angustia, ansia, nemesis, penitencia, accidia, & zelo. Misericordia he tristeza do mal alheo julgado, como proprio; enveja he tristeza do bem alheo, sentindo delle, como de proprio mal. Angustia, ou ancia, he tristeza, que de tal maneira agrava, que parece se não pode evitar. Accidia he hum dos males que aperta de maneira, q̄ impede o uzo dos membros. Penitencia he tristeza do mal proprio; Nemesis he tristeza do bem temporal alheio, em quanto o reputamos por mal empregado na pessoa, q̄ o tem. Zello, he tristeza do bem alheio em quanto o considera falta aquelle que o zella.

34. Perguntase, quaes saõ as causas da dor, ou tristeza? Respondo, que saõ diversas, como não alcançar o desejado bem, perder aquelle bem que já se pos-

Escola de Oração.

fulia, concorrer naquelle inconveniente, que se temia, a dilação do bem, que se deseja, & outras muitas cousas verdadeiras, ou imaginadas, & algũa vez sem causa por achaque corporal, ou operação do demonio. Podemse tambem cõtar entre as causas da tristeza, os sete modos, & como especies de tristeza explicadas no num. precedente.

35. Perguntase, quaes são os effeitos da desordenada tristeza? Respondo, q̃ são diversos, como ensina Santo Thomas 1. 2. *quest.* 37. O primeiro effeito he, que quando a tristeza he demasiada de tal maneira carrega a alma, & corpo, que impede ao obrar do entendimento com tanta vehemencia, que muitas vezes fica o entendimento amortecido, & por algum espaço privado do acto intellectual, & neste caso se ha de ponderar, o que advertio Santo Thomas *question.* 37. de S. Gregorio, que pella tristeza que tinha deixou, & interrompeo a exposição de Ezechiel. O 2. a tristeza debelita todas as outras operações, q̃ se

se obrão em quanto ella dura. O 3. he capital inimiga do espirito, tanto, que he commum parecer das pessoas espirituales, que não ha paixão, que tanto dane assi a alma; como o corpo. São Bernardo no livro *de interiori domo cap. 52.* diz: *Tristitia omnis boni impedimentum est.* E por esta causa he digno de ponderação aquelle conselho do *Eccl. cap. 30.* *Tristitiam longe expelle à te, multos enim occidit tristitia, & non est utilitas in ea,* o que se entende na tristeza preverfa; porque tambem ha algũa tristeza boa, que o Apostolo 2. *Corinth. 7.* chama tristeza conforme Deos nosso Senhor a quer, à qual elle mesmo chamou tristeza do seculo; daquelle (diz o Apostolo) *Penitentiam in salutem stabilem operat.* Obra hũa penitencia firme pella faude de tua alma: Desta diz, *mortem operatur:* Causa morte. A tristeza que por amor de Deos se toma, ou he pellos peccados cometidos contra sua Divina Magestade, ou pella dilacão de ver ao mesmo Senhor, & outras seme-

Escola de Oração.

lhantes: as quaes quando muito crescem se hão de moderar.

36 Perguntase, quaes são os remedios da tristeza? Respondo, que os remedios contra a tristeza perjudicial, & danosa, particularmente se hão de aplicar contra nossa mà estimação, ou opinião, porque ordinariamente procede muitas vezes a tristeza mais da nossa estimativa, & imaginação, que do mal succedido, a cujo respeito estamos tristes, como por experiencia vemos, que hũa cousa, que antes nos causava tristeza, como a perda da fazenda, ou dos filhos, passado algum tempo em meyo já não causa tanta tristeza, por rezão, que já a opinião, & imaginação fez mudança; & não o mal, em que não ouve mudança; o q̄ advertio Cicero na questão 3. *Tusculana*. Os remedios são os seguintes. Primeiro, prevenir o mal, que nos pode vir antes que chegue, porque quando chega he menos sentido. 2. Quando chega o mal, & se padece, considerar, que com elle se offercem occasiões de gran-

grangear numerosas riquezas espiri-
tuaes, que são as excellentes virtudes,
paciencia, humildade, fortaleza, &c. O
3. Considerar, o que padecêrão huns,
& padecem outros, quiça com menos
peccados: Porque entrando a alma na-
quella companhia, & comunicação
dos atribulados, & affictos vem a ser a
tristeza sofrivel, & toleravel. O 4. Ad-
vertir, que por dar lugar à tristeza não
se remedeia o dano, antes se multiplica,
& aumenta. O 5. He lembrar-se das tri-
bulações passadas, considerando, que a-
quelle soberano Senhor, & Pay das Mi-
sericordias, que então lhas remedeou,
tambem agora lhe não faltará com seu
emparo.

6. As lagrimas de ordinario deminuê
a tristeza, porém aja prudencia em der-
ramalas; porque nem por serem muitas
tirão o mal, que o afflige. O 7. A con-
sideração dos danos, que a tristeza cau-
sa, de que tratamos ahsima entre seus ef-
feitos. Geralmente fallando, tudo o q̃
he delectavel, he grande alivio pera di-

Escola de Oração.

minuir a tristeza, por esta causa deseirão os melencolicos mais que outros os deleites, & passatempos, como notou Aristoteles 7. *Eth. cap. 14.* Acerca destes remedios da tristeza se hão de notar as muitas ajudas de custo, que ha no estado Religioso contra a tristeza, principalmente pella grande charidade, cõ que os Religiosos huns a outros se alivião, tomando sobre si as afflicções dos atribulados, ajudandoos a continuar cõ a carga em q̃ se considerão agravados.

Das paixões da irascivel.

37. **P**erguntase, que cousa he esperança? Respondo, que he a primeira paixão da irascivel, que se chama esperança, he hum movimento do appetite, que se inclina ao bem arduo, & difficultoso de alcançar, ainda que possivel. He como hũa elevação do coração, que ajuda muito pera o alcance das virtudes, quando essa elevação se inclina a bons, & santos objectos.

38. Per-

38. Perguntase, quaes são as causas da esperança? Respondo, que são as que communicão faculdade, & poder, pera alcãçar o difficultoso bem, como as forças corporaes, engenhão a industria a favor dos Princepes, &c. & tambem as que conduzem a crer, & considerar, que o bem que se deseja he possivel, & como tal alcançarse. E por esta rezão disse Aristoteles 3. p. *Eth. cap. 8.* q̄ aquelles, que do vinho se turbão tem muita esperança, como tambem os moços de robustar praças, como ensina S. Thomas 1. 2. *quest. 40. art. 6.* Nacem da ignorancia, & pouca consideração das difficultades, & de pouca experiencia. Que por esta causa se persuade facilmente, q̄ poderão alcançar o que desejão. E tambem o calor da idade juvenil, & do vinho ajuda a crer o que parece difficultoso de alcançar, ainda que possivel, & com o calor se achão mais alegres, & fortes pera acometer todas as difficultades, que podem ocorrer no alcance do amado bem, q̄ pretendem. Mas fal-

Escola de Oração.

lando espiritualmente, a consideração do divino favor, que nunca falta, ao que de veras se dispõe a hũa couia efficacissima, pera despertar a paixão da esperança, a cousas difficultosas boas, & santas. Isto succede principalmente quando ha precedido experiencia de haver já vencido maiores difficultades com o divino favor.

39. Perguntase, quaes são os effeitos da esperança? Respondo, que são o primeiro alegrar, o segundo fortalecer pera novos trabalhos, o terceiro fazer as pessoas expeditas, & diligentes pera grandes emprezas: dos quaes effeitos ha quotidianos exemplos, & mui notorios, nas vãs esperanças do mundo, & não menos nas boas, & santas da escola de Christo nosso Senhor.

40. Perguntase, quaes são os remedios da desordenada esperança? Respondo, que são, o primeiro considerar a vaidade dos bens mundanos, o segundo considerar os exemplos de tantos que havendo posto sua esperança nos homens,

mens, viverão, & morrerão miseravelmente, o terceiro exercitar esta paixão, ou applicala em ordem a outros objectos de verdadeiros bens, como são as virtudes, & a eterna bemaventurança. Este terceiro remedio he importantissimo, & as pessoas espirituas devem praticar com muita estimação, & fazendo do muito caso delle, & representandose na imaginação difficultosos casos, & quanto mayores, mais devem espertar a esperança em ordem a elles, levantando o coração a Deos nosso Senhor; dizendo com o Apostolo: Tudo posso em nome daquelle que me conforta.

41. Perguntase, que cousa he desesperação? Respondo, conforme S. Thomas 1.2. *quest. 40. art. 4.* he hum movimento do appetite, que quasi vencido, com a difficultade de alcançar algũa cousa, q̄ pretende desmaya, & della se retira, tendo por impossivel alcançala; por esta palavra (alcançar) entendemos a victoria da difficultade, que se offerece, assi pera conseguir o bem, como pera evitar

Escola de Oração.

41. Evitar o mal, porque de ambas estas duas maneiras se move a desesperação ao contrario da esperança, que tambem se move pellos mesmos dous motivos, julgando, & confiando de sahir com victoria na sua empresa.

42. Perguntase, quaes são as causas da desesperação? Respondo, q̃ são as contrarias às da esperança. 1. A insufficiêcia, ou falta das forças, engenho, amigos, ou favores dos grandes, &c. 2. A estimação, ainda que falsa, de sua fraqueza, & insufficiencia, a qual a muitos desanima, que na verdade tinham sufficiencia de forças, & de industria, &c. 3. A desconolação, & desemparo interior, principalmente quando se ajunta com hũa mã consciencia. Daqui nace, que muitos mundanos vivem, como à desesperado, & lhes parece, que quando lhe fallão, & tratão de sua salvação julgão, que aquillo he pera elles cousa fora de preposito. Ha outros, que ainda que não dão tanto lugar à desesperação, padecem com tudo hum desmayo do coração nas materias

terias espirituas muito grande, & penoso pera elles, vendo que depois de largo tempo, & de muitas pelepas passadas dentro de seu espirito, ainda assi estaõ em pè, & sem renderse ás paixões, & que não acabão de vencer a difficuldade das virtudes. Estes taes tem muita necessidade de fazer todas as oras muitos remedios, pera que de todo se não percão, nem dêm com sua alma nos baixos da desesperaçãõ.

43. Perguntase, quaes são os effeitos da desesperaçãõ? Respondo, que são os contrarios aos da esperança; Isto he, q̃ o 1. He entristecerse, o 2. Enfraquecer, o 3. Fazer a alma tardia, & parvoa, & o corpo como paralitico.

44. Perguntase, quaes são os remedios da desesperaçãõ? Respondo, que os remedios deste mal quanto aos bens, & pertençaõs da terra não fazem a nosso preposito, porque não queremos esperar em homens mortaes, & em falsos bens; antes supomos, como certo, que as pessoas espirituas desprezãõ os taes bens,

Escola de Oração.

bens, como caducos, & de nenhum valor, tirando delles toda a lembrança, & estimação, julgando prudentemente, que não são estes os bens, que elles buscão, se não aquelles, que na eternidade gozão, os que ao Senhor nesta vida feruem; & assi os remedios que buscamos, são pera quando a desesperaçõ, ou demaya o animo em rezão dos espirituaes, ou temporaes bens, que se ordenão aos eternos. Pois nestes casos se ha de reprimir a paixão da desesperaçõ, despertando, alentando a paixão da esperança, valendose dos remedios principaes, que são pòr em hum a consideraçõ dos exemplos de outros, que em casos, que parecião não esperados sobrepojarão as difficuldades, & alcançõ, o que pia, & santamente pertenderão: o outro he a consideraçõ da bondade, & misericordia de Deos nosso Senhor, que nunca falta nas cousas necessarias pera nossa salvaçõ: & muitas vezes ha mostrado com claros exemplos da divina Escritura, que se glorifica sua Divina Magestade.

Magestade em favorecer aos que nelle esperão, & confião: Quando as cousas estaõ , & parecem mais difficultosas ao juizo dos homens.

45. Perguntase, que cousa he valor, ou ousadia? Respondo, que he hum movimento do appetite, com que pertende alcançar o bem difficultoso. Esta paixãõ diz Santo Thomas 1. 2. *quest.* 45. que he como hum crescimento, ou continuação da esperança, & juntamente com ella olha ao bem difficultoso julgando por impossivel o seu alcance.

46. Perguntase, quaes são as causas do valor, ou ousadia? Respondo, que do assima dito, se segue, que taõ as mesmas, que as da esperança, & assi a força, o engenho, & outras cousas semelhantes, que dão animo, & esforço pera fazer grandes cousas, & a estimação, ou presunção, que o homem imagina tem pera sahir com ellas a publico, esper-taõ a paixãõ da ousadia, ou valor, concorrendo principalmente o divino favor.

Como notou Aristoteles

lib.

Escola de Oração.

lib. 2. Reth. cap. 5. dizendo que aquelles são mais alentados, & animosos, que estão mais bem dispostos, & ordenados, quanto às divinas coulas, que esperão alcançar. A rezão he, porque estes taes mais firmemente confião, que lhe não ha de faltar o divino favor. E por isso diz o mesmo Aristoteles no lugar citado assima, que aquelles, que são mortificados, & desprezados se esforçao, & animão mais pera padecerem, porque crem, que Deos nosso Senhor favorece aos atribulados, & afflictos.

47. Perguntase, quaes são os effeitos da ousadia, ou valor? Respondo, que são frio, & tremor dos membros exteriores, como notou Santo Thomas 1. 2. *quest. 45. art. 4.* & recolherse o calor natural ao coração, como notou o mesmo *question. 44. art. 1. ad 2.* Advirtase, que os que com a subita, & repentina apreheensão se lançao, & arrojão aos perigos sem madura deliberação ao principio per-valecem: mas em continuar a empreza são inconstantes, como apontou Aristoteles

teles 3. *Eth. cap. 7.* o que procede da novidade, & pouca experiencia da difficuldade mal prevenida, & mal acautelada, mas naquelles que precedendo a devida deliberação, despertaõ em si a ousadia, & valor, são mais fortes, & constantes no padecer, ainda que no principio mostrem temor, ou tremão; porq̃ quando estão no perigo não tem por novidade as difficuldades, q̃ se lhe offerecem, porque d'ante mão as considerão, & com animo de vencelas as buscãõ. O valor, & ousadia santa tem bons efeitos spirituaes, como instrumento da fortaleza, & magnificencia de seu animo; & ao contrario quando não tem este fim, se não que se aplica a cousas indecentes, porque entãõ são os efeitos pessimos por extremos.

48. Perguntase, quaes são os remedios da desordenada ousadia? Respondo, q̃ são os mesmos que os da desordenada esperança, porque naquelles casos, em que não he justo q̃ esperemos, taõ pouco não he bem que nos atrevamos; &

Escola de Oração.

quando convem moderar, & reprimir a
esperança, muito mais convem reprimi-
r, & moderar a ousadia. A confide-
ração também da vaidade dos bens ter-
renos, por cujo respeito não he conve-
niente arriscar a grandes perigos, & os
exemplos de quam mal custuma succe-
der, aos que são desordenadaméte atre-
vidos, & arrojados, & também o exer-
cicio da paixão contraria, que o temor,
são bons remedios contra a desordena-
da ousadia. Também ajuda muito a des-
pertar, & ocupar a ousadia, a fim de ou-
tros objectos, ou difficuldades, cujas vi-
ctorias são uteis, & santas, à imitação
dos Santos martyres, & confessores, que
forão santamente fortes, & valerosos,
pera exercitarem actos de excellentes
virtudes.

49. Pergunta se, que cousa he paixão
de temor? Respondo, que está posta no
apetite, com horror, & espanto de algũ
mal eminente, & que se teme succeda,
& cresça se possa evitar, porque se este
mal se não cresça, não se movèra a pai-
xão

xão do temor, se não moverase a tristeza, que essa ve o mal presente. E por esta razão disse Aristoteles 2. *Reth. cap. 5.* que aquelles, que logo hão de ser justificados, ou mortos não temem, mas antes se entristecem, porque a morte se lhes representa certa, & chegada. Diz tambem, que os males, que de longe se representaõ não são temidos, v. g. a morte, que se não teme, quando longe se considera, & por vir se imagina. Mas não se pode negar, que neste caso deixará de haver temor, ainda que pouco: conforme Santo Thomas 1. 2. *quest. 42. art. 2.* & seria razão, que este temor não fora pequeno, mas antes he justo seja muito grande, pois cada ora se ve que morrem pessoas de toda a idade quando menos o imaginavaõ.

50. Perguntase, quantas especies ha de temor? Respondo, que o temor, como outras paixões se podem dividir em natural, & racional; & o racional, que se segue a apprehensão, & discurso do hemé, se divide em seis especies, conforme S.

Escola de Oração.

Thomas 1.2. *quest.* 41. *art.* 4. A 1. Espécie se chama preguiça, ou froxidão, q̄ he hum temor do trabalho, que parece excede às nossas forças. A 2. He a vergonha, que he temor de perder a reputação, & boa opinião por algũa culpa já cometida. A 3. He pejo, que he o mesmo que temor de perder o bom credito, & fama, por algũa culpa, que está para se cometer. A 4. He admiração, que he temor de algum grande mal de que não sabe o modo, como d'elle escapará. A 5. He stupor, ou assombro, que he temor de algum mal, que por ser novo, & não experimentado, se teme a sua grandeza. A 6. He agonia, q̄ he temor de algum mal, ao qual, o que teme não pode resistir. Estes seis nomes, se costumão tambem uzar em outras significações.

51. Pergunta se, quaes são as causas de temor? Respondo, que se podem comprehender em poucas palavras, dizendo com Santo Agostinho *lib.* 83. *questionum quest.* 3. & com Santo Thomas 1.2. *quest.* 43. *art.* 1. que todo o temor
nace

nace do amor, ou concupiscencia do bẽ contrario àquelle mal, que se teme. O qual se ha de entẽder, quando à pessoa, q̃ teme faltão forças pera evitar aquelle mal, ou soffrelo com fortaleza. Pello que diz Aristoteles 2. *Reth. cap. 5.* & Santo Thomas na questãõ allegada *art. 2.* que tanto he hum menos forte, quanto he mais poderoso, & tem mais ajuda de amigos, & riquezas, &c. & ao contrario. Os que são mais desemparedados das ajudas, & forças humanas, estes são mais fogueitos ao temor. E daqui se segue, que os que tem mã consciẽcia são mui oprimidos do temor por quanto lhes falta o poder, & esforço da divina graça, & amidade de Deos nosso Senhor: *Sapientia 17. Semper præsumit se va, perturbata conscientia*, quer dizer: A mã consciencia sempre pronostica males terri- veis. Porém o contrario passa na boa consciencia.

52. Perguntase, quaes são os effeitos do temor? Respondo, que são os seguintes. O 1. Se o temor he moderado a-

Escola de Oração.

viva o entendimêto, pera se aconselhar, conforme Aristoteles, & Santo Thomas, em quanto faz, que aquella obra seja mais perfeita, tanto, quanto pende da applicação d'alma, & por isso aconselha o Apostolo aos Philipenses. 2. Que obremos nossa saude com temor, & tremor, dizemos nossa salvação. 3. Por outra rezaõ empede o temor a perfeição das obras, em quanto causa tal movimento no corpo, que com a frialdade se aperta o coração, & por essa causa o tremor nos membros exteriores empedem a obra exterior. O 4. Causa sede, como advirtio Aristoteles *Sec. 27. Problem. quest. 8.* dizendo, que o frio dos q̄ temem, porque o calor, & quentura desempara superiores, a sede, porque falta a humidade. Mas fallando espiritualmente o temor desordenado causa n'alma maos effeitos de cobardia; de fuga, da disciplina Religiosa, &c. E o temor bem ordenado causa bellissimos effeitos de cautella espiritual, & de observancia, &c.

53. Perguntase, quaes são os remedios contra o desordenado temor? Respondo, que são os mesmos que acima dissemos do desordenado amor, & concupiscencia, de sorte, que o que não ama, nem deseja desordenadamente contra o principio do temor, porque nada teme, se não o que he contrario, ou o que o priva daquillo, q̄ ama, & deseja. 2. Seruem tambem pera o temor os remedios que se tem applicados, pera a dor, & tristeza, porque o que sofre com paciencia os males presentes pellos quaes se move a tristeza, estará bem disposto, & preparado pera não temer desordenadamente os males eminentes, pellos quaes o temor se desperta.

Tambem alenta muito a alma, a consideração da nobreza, & fermosura da virtude, que resplandece nos que estão com hum coração pacifico, & magnanimo, quando se lhes offerece padecerem alguns trabalhos, & perigos. 4. He conveniente remedio o cuidar, & buscar rezões pera deminuir o temor; porq̄ or-

dinariamente o mal que se representa he menor do que se espera. Finalmente muito anima a consideração do divino favor, que ao humano coração anima, & fortifica.

54. Perguntase, que cousa he ira? Respondendo, q̄ he hum movimento do appetite, com o qual se move a tomar vingança do mal, que lhe hão feito, & adverte à retribuição desse mesmo mal como a seu proprio objecto. Pera intelligencia desta paixão se ha de notar, q̄ o mal quando está presente em rezão de presente não causa na irascivel ira movimento algum, se não move a concupisivel com movimento de tristeza, a qual he, aquella, que directamente ve o mal presente; mas com tudo isso excita, & inquieta a iracivel em outro movimento, que he a paixão da ira, q̄ não attende ao mal, se não à vingança por aquelle mal, & injuria recebida, considerando, & vendo nella, como húa certa apparencia de rezão, como se em rezão estivera posto fazer aquella igualdade, & fazer mal,



mal, aquem mal lhe ha feito, & por isso disse Aristoteles *Eth. 7. cap. 6. Iram cõsequit aliquoaliter rationem*, quer dizer: a ira em algũa maneira segue a rezão, mas aparente.

55. Perguntase, quantas maneiras ha de ira? Respondo, que se custuma dividir, conforme S. Thomas 1. 2. *quest. 46. art. 8.* em ira que se chama fel, que he aquella, que subitamente se acende; & em (mania) que nasce da ira permanente, & dilatada, & em furor, que já mais se tira atè, que a vingança se execute.

56. Perguntase, quaes são as causas da ira? Respondo, que no homem se podem todas reduzir a desprezo, porque parece, que he commum a todas, que o homem irado, & colerico funda a sua ira em cuidar, que o desprezão, ou que em pouco he estimado por ellas. Conforme Santo Thomas 1. 2. *quest. 47. art. 2.* Aristoteles 2. *Reth. cap. 2.* Plut. *lib. de ira cohibenda.* Donde se segue, que quanto hũa pessoa he mais excellente tanto mais se custuma indignar, porque

101
 lhe parece mais grave a injuria, q̃ imagina, se lhe faz, ainda que pello contrario as faltas da excellencia, & comodidades mundanas custuma fazer aos homens mais agastados em quanto essas faltas causaõ nelles tristeza, donde a ira procede. Donde vem, que os affligidos com afflições, molestias, & enfermidades, se agastão mais facilmente, como notou Santo Thomas 1.2. *quest.* 47. *art.* 3. & Aristoteles *lib.* 2. *Reth.* *cap.* 2. Tambem incita muito a ira a baixeza da pessoa que injuria, ou irado; donde se segue, que a divina indignação contra o peccador se ha de julgar por infinita, comparando a baixeza do peccador, cõ a Divina Magestade de Deos nosso Senhor. A ignorancia do que injuria diminue, ou tira a ira; que não se presume, que o ignorante advirta o aggravado que comete; & o mesmo dizemos dos que estão fóra de si, por qualquer causa que seja, porq̃ estes como ignorantes obraõ sem sciencia.

57. Perguntase, quaes saõ os efeitos da

da ira? Respondo, que são os seguintes.

1. Húa certa deleitação, & gozo pella estimação, & esperança de vingança, conforme Santo Thomas 1. 2. *quest.* 48. Aristoteles 2. *Reth. cap.* 2. O 2. Hum encendimento de calor, ou ferveçencia no coração, que acende, & faz ferver o fangue. O 3. Muitos sinaes de turbação no corpo, como se ve nos olhos, na lingua, & no tremor, &c. O 4. Que impede mais a ira as outras paixões, & o uzo da rezão. O 5. Que faz a alma inutil, & entorpecida pera as cousas espirituales, & divinas.

¶ 58. Perguntase, quaes são os remedios da ira? Respondo que são os seguintes.

1. Mortificar a propria estimação, & a cobiça dos bens temporaes. O 2. Não fallar, nem fazer, o que dita o animo naquelle tempo, que a ira o domina. O 3. Entre tanto, que o homem reprime o fervor da ira procurar deminuir a estimação da injuria a elle feita com a rezão da ordinaria experiencia, que nos mostra, como passada a ira se ve, q̄ a injuria,

Escola de Oração.

juria, de que nos queixavamos não tinha de injuria nada, ou se a tinha era muito menos do q̄ nos parecia. 4. Considerar, que a injuria não he tão danosa pera o injuriado, quanto pera o mesmo que injuria; este he hum pensamento de remedio mui Christão. O 5. Considerar os danos, que da vingança se seguem os quaes así pera a alma, como pera o corpo são graves, & danosos, como he notorio. O 6. Considerar a mansidão de tantos Santos, principalmente a de Christo nosso Senhor, aquem devemos imitar.

Tambem ha outros remedios pera aplacar a ira nos proximos. O 1. Não resistir ao primeiro impeto da ira. O 2. Fallar com voz baixa, & humilde a pessoa, que se agasta, quando a ira está já mais mitigada. O 3. mostrar pena, & sentimento de haver dado occasião de paixão, & pedir perdão da causa, q̄ pera isso deu. O 4. Procurar cuidadosamente, que o apaixonado entenda, que não teve animo de o apaixonar, nem injuriar.

riar. O 1. Destes remedios he do Apóstolo *Ad Rom.* 12. O 2. Da Sabedoria *Proverb.* 15. O 3. De Aristoteles 2. *Reth. cap.* 3. O 4. De Plut. & todos são convenientes. Como se ha de pôr em pratica a mortificação das paixões com actos interiores, se poderá collegir dos exemplos seguintes. Tratarei do amor, & da ira, que são duas paixões, hũa primeira, & principal, a outra, que muito necessita de remedio pella grande facilidade, com que se custuma mover, & pellos grandes males, que traz consigo.

Em quanto ao amor, por ventura, que alguem veja hũa gala melhor, q̃ aquella que traz vestida, & logo a apetece, deixando tela, & deste modo se vai despertando em seu coração hum movimento do amor. Neste caso poderá cortar o dito movimento com hũ dos tres modos seguintes.

Ao primeiro dos quaes pera melhor claresa chamo Moral, ao 2. Christão, ao 3. Monastico, & perfeito. Vzando do Moral, dirà: Tira de ti esta complacencia,

Escola de Oração.

cia, que he indigna de homem de rezão,
& por natureza superior aos outros ani-
maes, nascido pera o estudo da sabedo-
ria, & seguimento das virtudes, pois se
sabe, que o entendimento aplicado a es-
tes bens mundanos se divertẽ daquel-
les celestiaes; mas com o modo Chris-
tão deve dizer assi mesmo: não ames es-
tes bens caducos, porque não he licito
querelos algum homem Christão, que
ha de vestir-se da veste preciosa da im-
mortalidade, & ha de gozar dos bens e-
ternos: não he justo, nem rezão, que por
estã inutil gala o homem se desvie do
estudo, & ganancia daquelles eternos
bens. Finalmente com o perfeito mo-
do, & monastico poderã dizer: não po-
nhas tua affeição na inutil gala, q̃ não
convem, aquem ha de imitar a desnud-
des, & desamparo de Christo nosso Se-
nhor. Na ira que se move pella injuria,
& afronta recebida dirã com o modo
moral: soslegate ferõz appetite, que não
convem a homem de rezão embrave-
cer-se, como bruto, & com esta terrivel
furia

furia perder o juizo de homem: & he esta paixão da ira tão disforme, que nos olhos, na boca, & palavras se manifesta, & todo o homem irado perde a mansidão, que como animal racional, & domestico lhe convem. E como Christão dirá: Bemaventurados os mansos porq̃ serão possuidores da terra dos viventes; pois como, & porque causa segues esta paixão bestial, sabendo, que com ella te privas daquella feliz herança, & Reyno do Cèo, & por ultimo modo dirá como Religioso: Christo Senhor nosso esteve atado como hum manso cordeiro diante quem o injuriava com obras, & palavras, sem que o Senhor abrisse boca, antes como mansa ovelha levado ao Calvalario não abria boca, nem se queixava, & tu não te quietarás? Com os exemplos destas paixões todas as mais se podem mortificar.

Em quanto às paixões pera cuja mortificação são necessarios actos exteriores, & particularmente penitencias corporaes se ha de proceder com o conselho

lho dos mestres, & dessa forte se caminhará seguramente.

TRATADO VI.

Das virtudes.



Eu intento neste tratado he satisfazer ao desejo de muitas pessoas espirituaes, & dar hũa breve noticia de todas as virtudes, com algum memorial abreviado pera a pratica dellas, por quanto já em outros livros largamente ei tratado das virtudes necessarias pera a disciplina Religiosa.

1. Virtude conforme o commum dos Theologos, fallandó de virtude em nossa natureza he hũa qualidade, ou habito, que dispoem bem a potencia donde se acha, pera produzir convenientes actos a humana natureza.

2. Custuma a virtude dividir se em intellectual, & moral, por quanto algũas dellas estão no entendimento, outras

no apetite racional, que he a vontade posta no apetite sensitivo, que seruem pera os costumes conformar a natureza dos ditos appetites.

3. As virtudes intellectuaes segundo Aristoteles 6. *Eth.* & S. Thomas 1. 2. *quest.* 57. são cinco, arte, sciencia, prudencia, sabedoria, entendimento. Arte he hum habito do entendimêto, o qual precebe, & conhece o modo das cousas factiveis exteriores, como architectura, escultura, & de algúas acçoês humanas, ainda que não seião acerca de materias, ou obras exteriores, como são artes liberaes, grammatica, rethorica, &c. Sciencia he hum habito demonstrativo, de cousas, que necessariamente são o que dellas se mostra ou conclue. Prudencia he hum habito, que serve pera bem escolher, & preparar os remedios convenientes, & meynos pera o bõ fim: A qual ainda que na verdade he virtude intellectual, se poem no numero das moraes por ser ella a q̄ guia, & rege as de mais. Sabedoria he hum habito com o qual o

O

enten-

201 *Escola de Oração.*

entendimento conhece os effeitos pelas causas uniuersaes geraes, & julga dos principios das sciencias, & esta conforme Aristoteles, he a Metaphysica. Entendimento se chama o habito dos primeiros principios, com o qual concordamos com os principios das sciencias. Estas são as virtudes intellectuaes, das quaes as quatro dão faculdade, & poder ao entendimento pera fazer actos perfeitos, & regulados, conforme a rezão acerca de diversas materias, mas a prudência faz mais, porque encaminha os bons actos em ordem a bom fim. De maneira que o homem será bom architecto, ainda que fabrique com o mau fim da vã gloria: mas não será prudente, porque não ordena aquelle meyo de fabricar pera bom fim ao menos conforme a rezão natural. Isto baste pera ter hũa competente noticia das virtudes intellectuaes, as quaes não fazem tanto a nosso preposito, porque o nosso intento somente he tratar das moraes, & theologaes.

4. Acerca das virtudes moraes have-
mos primeiro de fazer hũa distincção,
porque hũas servem pera communicar,
& tratar bem com os proximos, regu-
lando os actos, ou operaçoẽs em ordem
a elles: & outras servem pera reger, &
regular as proprias paixoẽs. Acerca das
operaçoẽs com os proximos se custu-
mão contar dez especies de virtudes, q̃
são a Iustiça, que dà a cada hum o q̃ he
seu. Religião que paga a Deos nosso Se-
nhor o devido culto, que se lhe deve;
Piedade, que satisfaz com as obrigaçoẽs
aos pays, & à patria dividas; Observan-
cia, que reverencia às pessoas de conhe-
cida virtude, & dignidad; Verdade, que
trata de aclarar o que he certo cõ obras,
& palavras, & a satisfazer as promessas;
& conforme esta ultima parte de satisfazer
as promessas se chama see, & fide-
lidade; Agradecimento, que attende a
agradecer, & corresponder com obras
ao beneficio recebido. Vingança, ou ju-
stiça vingativa, cujo officio he tomar
vingança das injurias, conforme a ordẽ

da rezão; Liberalidade em ordem ao proveito dos proximos dandolhe algũs bês, & em particular pecuniarios; Magnificencia, que se applica a fazer grandes gastos regulandoos pella rezão em proveito de outros. Amifade, ou affabilidade, que trata de ajudar aos amigos cõ diversas maneiras de beneficios pera cõ elles. Todas estas virtudes estão na võtade; & tem outras muitas, em q̃ se dividem, como se verá tratando de cada hũa em particular.

5. Acerca das paixões ha dez maneiras de virtudes, leyase Aristoteles 2. *Eth. cap. 7.* & Santo Thomas 1. 2. *quest. 6. cap. 5.* Temperança, que rege, & governa as paixões do appetite concupiscivel, quanto aos objectos deleitaveis, cõforme o tacto; Liberalidade, que està no mesmo appetite, & rege as paixões do amor, concupiscencia, & deleitação, acerca de dinheiro; & faz, que o homem uze delle conforme a rezão, principalmente em despendelo. Philotimia, que significa amor de honras, & està na concupif-

cupiscivel, & rege as tres paixões ditas
afsim a respeito das honras, & digni-
dades. Magnificencia, que se applica à de-
vida grangearia do dinheiro em quanto
he bem difficuloso de alcançar: & por
isto rege as paixões da esperança, & de-
sesperação, reduzindoas à devida me-
diania, & està em a irascivel, & rege as
mesmas paixões, quanto às honras, &
dignidades em quanto são bens diffi-
cultosos de alcançar. Verdade, que se
inclina a mostrar o que cada hum sente
cô palavras, & obras decêtes, em quan-
to o q falla, gosta desta sua mesma mani-
festação, & està esta virtude na parte
côcupiscivel, & tem por objecto aquel-
la sua communicação, em quanto he ab-
solutamente delectosa àquelle mesmo,
que a faz; Amidade, ou affavelidade, que
se applica a acomodar-se aos outros agra-
davelmente, nas cousas de verdade, es-
ta se poem na concupiscivel. Eutrapi-
lia, que trata de mostrar-se alegre nos jo-
gos, & recreações, esta reside na concu-
piscivel. Fortaleza, que està na irasci-
vel,

Escola de Oração.

vel, & rege a ousadia, & o temor, & se ferve daquellas paixões em quanto cõvem pera o alcance de algum bem, conforme a rezão; Mansidão, q̃ rege a ira, assiste na irascível. Muitas destas virtudes tem outras como partes suas, que a seu tempo, & lugar se declarão.

6. Acerca da Liberalidade, Magnificencia, Verdade, Amisade, se ha de notar, que ainda, que estes mesmos nomes destas virtudes se hajão numeradas em a vontade em rezão das operações, & no apetite, concupiscível, & irascível se achão em rezão das paixões, com tudo isso são realmente distinctas, & virtudes diversas. Porque as da vontade olhão a seu objecto formal, em quanto he bem do proximo; mas as do apetite sensitivo olhão formalmente o seu objecto em quanto bem do aparente. Santo Thomas põz a Liberalidade, & Magnificencia na vontade *1.ª p. quest. 12. art. 1. ad 1.* & elle mesmo põem a Liberalidade na concupiscível, & a Magnificencia na irascível *1. 2.ª quest. 60. art. 5.* O qual não pôde

pòde ser, se não dizendo, que são virtudes diferentes. Deixo de trazer outros lugares do mesmo Santo a respeito de outras virtudes.

7. Entre todas as virtudes, que dizem rezão ao bem moral conforme à recta verdade, ha quatro chamadas cardeaes, que quer dizer, virtudes principaes, & por taes são reputadas, porque em cada húa dellas resplandece húa certa excellencia, que pertéce à dignidade das virtudes. A primeira he prudencia, a qual olha excellenteméte ao bem mortal conforme a rezão, como objecto proprio, por estar, como está na mesma rezão, q̄ he no mesmo entendimento, como em seu proprio fogeito. A segunda he justiça, que olha com excellencia ao bem da rezão acerca do proximo. A terceira he a fortaleza, pella qual o homem alcança com excellencia o bem proprio conforme a rezão, sobrepojando os trabalhos, & perigos, que podião retiralo daquelle bem que pretende. A quarta he a téperança, pella qual o homem alcança

excellentemente o proprio bem, conforme a rezão, apartandose dos deleites illicitos, que são a ella contrarios. A justiça, & fortaleza não samente olhão ao proprio bem, se não ao commum, & por isso são mais excellentes, q̄ a temperança, q̄ samente respeita ao bem proprio. A prudencia he mais excellente, que todas as mais destas virtudes, como quem a todas ellas rege, & governa.

8. Estas quatro virtudes, se chamão exemplares, em quanto estão em Deos as ideas, ou exemplares dellas. Chamão politicas em quanto estão no homem (que he animal politico, ou civil) conforme suas proprias rezoões, o qual se diz pera denotar a differença de como estão em Deos, porq̄ não estão no mesmo Deos, como em o homem, se não cõ infinita eminencia no Senhor. Chamão purgatorias em quanto acrescentadas, & corroboradas com o humano estudo, fazendo que o homem se aplique a imitar a divina perfeição. Chamaõse virtudes de animo purgado, em quanto

cultur

custumão chegar a hum summo grao de perfeição, como nos bemaventurados no Cèo, & os perfectissimos viadores na terra.

9. Todas as virtudes moraes sobreditas são adquiridas, quero dizer, que são taes, que se podem, & custumão adquirir com os nossos proprios actos. Mas de mais destas, conforme a doutrina de Santo Thomas 1.2. *quest.* 63. ha outras tantas virtudes moraes infusas, q̄ se nomeão com os mesmos nomes. Estas virtudes servem à graça, em cuja ordem sobre natural, as theologaes atentão ao fim sobre natural, & as moraes infusas olhão os meynos em ordem àquelle fim: Assim como na ordem natural a affeição, & natural appetite da bemaventurança olhão o fim da natural bemaventurança, & as virtudes adquiridas dizem respeito aos meynos pera aquelle fim. Verdade he que as moraes infusas se inclinão ao mesmo objecto material, que as adquiridas, com tudo isso o objecto formal he differente. Pomos por exemplo.

Escola de Oração.

A temperança adquirida olha a materia delectavel em quanto he conforme a regra da humana rezão, & por conseguinte à divina regra, em quanto Deos he Author da natureza; & por tanto uza daquella materia, como digamos a iguaria, em quanto he conveniente pera a saude natural, & pera ajuda do uzo da rezão, q̃ se não exercita bem, estando o corpo indisposto. Mas a temperança infusa uza daquella mesma materia, em quanto he conveniente pera alcançar a vida eterna, que promete a Fee Divina, & desta forte regula aquelles actos com hũa regra do mesmo Deos, em quanto he Author sobrenatural, donde se segue, que em alguns casos a temperança infusa custuma apartarse da materia delectavel, nos quaes casos a rezão natural cõ a temperança adquirida não a ensinaria; como quando castiga o corpo com jejuns, pera augmento de mayor graça, & gloria, o qual devem considerar as pessoas virtuosas, pera exercitar os actos das virtudes moraes com este modo
mais

mais soberano.

10. Estas virtudes moraes infusas se recebem, & perdem juntamente com a graça: de maneira, que todos os que são justificados com a graça divina recebem no mesmo instante as virtudes moraes infusas. E quando perdem a graça, peccando perdem juntamente estas virtudes. As moraes adquiridas podem estar sem a graça, & estão juntas, & unidas hūas com outras no estado perfeito. E no alcance destas virtudes se exercitão muito os servos de Deos, principalmente na Escola da Religião, & Congregação, porque ainda que juntamente tenham com a graça as virtudes moraes infusas, com as quaes podem sufficientemente obrar quaesquer actos de virtudes: com tudo isso aquellas não tirão a difficuldade das materias virtuosas tão perfeitamente, como as adquiridas, que se alcanção com actos propios, fujugando com força as paixões, & arrancando os habitos viciosos, que estavam arreigados nas potencias d'alma, o que não

não fazem as infusas, no modo, que o fazem as adquiridas. Desta doutrina da escola de Santo Thomas se segue, que quando os Santos, & Authores espirituales tratão de como se hão de grangear, & alcançar as virtudes, se ha de entender das moraes adquiridas: de maneira, que hum seruo de Deos, que santamente tem có a graça, & charidade todas as virtudes moraes infusas, trabalha, & sua nas occasiões de exercitar os actos de virtude; quanto à materia dellas mesmas, porem ainda não haver alcançado as adquiridas acerca da mesma materia. Por esta razão he necessario aplicar có toda a diligencia as virtudes adquiridas pera as hir grangeando, cujas especies trataremos nos numeros seguintes, antes que tratemos das virtudes theologaes.

II. Havendo de tratar das virtudes moraes adquiridas, as quaes se reduzem a quatro ordens, conforme o numero das virtudes cardeaes, entre as quaes a primeira he prudencia, diremos primei-

ro desta, começando por sua definição. Prudencia he hũa virtude do entendimento chamado práctico, que serve para estabelecer, mandar, & ordenar o que se ha de fazer, em qualquer caso particular, conforme a rezão.

12. O officio da prudencia he propor os remedios, com os quaes as virtudes moraes alcanção os seus fins, os quaes propoem, a synderesis, que quer dizer hum habito natural intellectual dos principios prácticos, cujo acto he aprovar o bem, & reprovar o mal, & se chama consciencia; Propoem o fim à temperança, que he uzar das deleitaçoens do tacto, & gosto, guardando o meyo necessario; pera que não haja excessão, nem falte o necessario. A prudência despois nos casos particulares, dicta os meyo, cõ os quaes se alcança aquella mediania, como o faõ comer tanta quantidade, tantas vezes ao dia, a tal hora, &c.

Donde se infere, que as virtudes moraes com a direcção da boa consciencia, que por outro nome se chama, synderesis,

Escola de Oração.

111
fis, olha o bom fim; & o propoem à prudencia, & ella olha, & afsinala os meynos acomodados pera aquelle bom fim, & por esta razão disse Aristotel. 6. *Ethim. cap. 12. & 13.* que ninguẽ pode ser prudente, se não he homem de bem, quero dizer, virtuoso, com as virtudes moraes, ainda que he verdade, que pode haver prudẽcia verdadeira adquirida nos peccadores. Digamos: hum homem, que adquirio prudencia, & virtudes moraes, & depois pecca mortalmente, nem logo perde as virtudes de que Aristoteles trata.

13. As partes integraes de prudencia são a boa memoria das cousas, & intelligencia das particulares, que se offerecem; a docelidade, porque os prudentes são doces; A solercia, isto he a boa, & prompta conjectura, a razão, que he discorrer, & discernir bem hũa cousa de outra; a prudencia, que he hũa acertada disposição dos meynos pera o seu fim; a circunspecção que he a diligente consideração das circunstancias das cousas
parti-

particulares, que ocorrem; a cautella, q̃ he hũa provisãõ, & reparo cõtra as cousas contrarias, que poderião impedir os bons conselhos. Estas se chamãõ partes integrantes, porque todas compoem a inteireza da prudencia, como os membros compoem o corpo, nem he necessario determonos em tratar destas partes.

14. As partes fugetivas, ou especies de prudencia saõ a regnativa, a politica, a economica, a militar, a particular de cada hum, das quaes não he nosso intento tratar mais difusamente.

15. As partes potenciaes da prudencia saõ tres virtudes, que a serve Eubolia, Synesis, Gnome; Eubolia que quer dizer boa cõselheira, serve pera consultar os meynos, que se offerecem; Synesis, isto he a que julga, serve pera fazer juizo do meyno mais conveniente, conforme as regras ordinarias; Gnome, que he o mesmo que regra, serve pera julgar, conforme a rezão natural fora das regras commũas, ou leis ordinarias, que
algũas

111 *Escola de Oração.*

algũas vezes faltão pellas circumstancias de cousas particulares; Destas tres virtudes distinctas em especie se serve a prudencia, & depois de haver consultado, & feito juizo do meyo, que ha de escolher faz o acto do imperio, mandando à execução, que he acto proprio, & principal da prudencia. Santo Thomas 2.2. *quest. 47. art. 9.* diz, que a diligencia pertence à prudencia, o que se ha de entender, quanto ao imperio, & execução das cousas; de que se ha consultado, & feito juizo, porem o consultar ha de ser com sossego, & madureza, & o executar ha de ser com velocidade, & diligencia, como disse Aristoteles 6. *Eth. cap. 9.*

16. Do dito se segue, que a prudencia não està formalmente nos subditos, em quanto subditos, pois que o proprio acto da prudencia he mandar, & o proprio acto de subdito he obedecer. Mas com tudo isso a verdadeira prudencia està nos subditos em quanto são homẽs, que podem, & devem mandar à parte
apeti-

apetitiva, & executiva d'alma, aquillo, q̄
dicta a rezão: O que fazem os bons Re-
ligiosos, & homens de virtude nas oca-
sões que podem, & se lhe offerecem,
exercitando o senhorio da rezão sobre
suas paixões, & actos desordenados do
homem inferior: deixando o mandar
exteriormente, que he acto proprio da
prudencia dos superiores, & naquella es-
pecie de prudencia Monastica, & vir-
tuosa são sollicitos, & diligentes cõ gran-
de merecimento seu.

17. Pera concluir com a virtude da
prudencia, se ha de advertir, como se
ganha, & como se perde: ganhase com
dous meynos principalmente com a ex-
periencia, a qual he cousa certa, por ser
a prudencia hũa virtude, que olha os
casos particulares, os quaes pertencem à
noticia experimental, & com o bom ex-
emplo, & doutrina dos mais velhos, os
quaes suprem o q̄ aos moços faltão da
noticia experimental. Perdesse a prudẽ-
cia por o esquecimento, que tira o uzo
da dita noticia experimental, que se ha-

Escola de Oração.

via alcançado, & pellos maos affectos, q̄ se contrapoem à rectidão do acto proprio da prudencia, a qual depende do recto appetite, & concertado affecto. Desta doutrina se segue, que os moços, que com humildade, & respeito ouvem, & admitem os conselhos dos velhos espirituaes, achão o verdadeiro caminho da prudencia.

18. A segunda das virtudes cardeaes he justiça que he hũa virtude pella qual dá cada hum a seu proximo o q̄ he seu: esta virtude está na vótade. Esta se costuma dividir em duas especies, hũa, que se chama justiça particular; que he a que se exercita com os particulares, & outra legal, que encaminha, & perfeiçoa o homem immediatamente em ordem a republica, ou commuidade em q̄ estão, & he parte: & consequentemente se ordena aos particulares, que são partes daquella commuidade. A rezão formal desta justiça legal he attender as cousas, que são em materia de qualquer virtude, que as leys ordenão em quanto con-
vem

vem pera o bem commum, no qual se distingue da obediencia, que as considera em quanto são mandadas, & dispostas pellos superiores. Tambem se divide a justiça em comutativa, que attende a igualdade das cousas com o proximo, & distributiva, que olha a proporção dos merecimentos das pessoas pera a distribuição, & repartição dos bens communs; de sorte, que quanto hum homem he de mais merecimento, receba mais dos bens da republica. Estas são as especies da justiça.

19. Ha tambem muitas virtudes, que se chamão potencias por serem da justiça, & tem hum certo parentesco, & uniaõ com ella, como as potencias com a alma, mas não participaõ perfeitamente da rezão, & essencia da justiça, como nem taõ pouco participaõ as potencias da essencia d'alma. O parentesco, & uniaõ, ou semelhança, consiste nisto, que serve pera tratar verdade com os proximos, como a justiça, & estão na vontade como ella: mas não chegão à perfei-

Escola de Oração.

ção dessa justiça, ou porque não olhão
perfeitamente a igualdade das cousas,
ou porque não procedem com perfeita
rezão de divida como a justiça proce-
de. Estas são principalmente nove vir-
tudes moraes, que são a religião pera cõ
Deos nosso Senhor a piedade pera com
os pays, a observancia pera com os que
são de excellente virtude, à qual se re-
duz a obediencia; A verdade, cõ a qual
o homẽ se mostra em palavras, & obras,
quam verdadeiro he, à qual virtude se
reduzem a fee, ou fidelidade; A gratifi-
cação, ou agradecimento com a qual se
agradece, & recompensa o beneficio; A
vingança, ou justiça vingativa, cõ a qual
se faz a justa vingança dos peccados; A
liberalidade, que respeita o bem alheyo
por meyo de dadivas pecuniarias parti-
cularmente; A magnificencia, que atten-
de ao bem alheyo com grandes gastos
proprios; A affabilidade, ou amifade, q̃
faz a hum homem agradavel a seu pro-
ximo com varios beneficios, que lhe
faz.

20. Entre estas virtudes a religião, piedade, & observancia não chegam à perfeita rezão de justiça, porq̃ não pagão perfeitamente o que igualmente se deve. E as outras tão pouco chegam a esta perfeição, porque os actos, ou officios dellas com os proximos não são tão estreita divida, como o são os actos da propria, & perfeita justiça. Por esta rezão a divida da justiça, religião, piedade, & observancia se chama legal, porq̃ he estreitissima, & prescripta pella ley, & dellas nasce a civil obrigação. Mas a divida das outras virtudes se chama moral, ainda que em alguns casos particulares esta divida obriga debaixo de peccado.

21. Supostas estas divisoões, & principios, trataremos por ordem de algúas partes potenciaes da justiça, q̃ são mais a preposito pera as pessoas espirituaes, deixando outras, que não são tão necessarias, juntamente com as proprias especies da justiça, porque o exercicio destas proprias especies não se offerecem

Escola de Oração.

tão ordinariamente às pessoas , que tra-
tão da perfeição em o caminho espiri-
tual pera as quaes basta a noticia, q̄ tem
de que se ha de pagar a cada hum o que
he seu. Tratemos agora da primeira das
virtudes assima ditas, que he a religião.

22. Religião, (conforme a commum
sentença dos Theologos) he hũa virtu-
de moral , que inclina o homem a q̄ pa-
gue a Deos nosso Senhor o culto, & hõ-
ra, que se lhe deve , como a cõmum Se-
nhor, & Creador de todas as cousas. Es-
ta virtude he a mais excellente , que as
outras moraes virtudes, porque ainda q̄
naõ he theologal , por quanto naõ res-
peita immediatamente a Divina Mage-
stade , como a seu proprio objecto, o
qual he proprio das virtudes theolo-
gaes ; com tudo chegase mais que as ou-
tras a sua dignidade dellas , pois olha a
Deos como fim , quem offerece culto,
& reverencia : o qual culto, & reveren-
cia he o objecto, a que mediatamente se
dirige.

23. Quanto a honra, culto, & reveren-
cia,

cia, que esta virtude faz a Deos Senhor
nosso, se ha de advertir, q̄ ha duas partes
material, & formal. A material he qual-
quer acto interior, ou exterior, officio,
rito, ou cerimonia, que fazemos pera
despertar em nòs, ou nòs outros àquel-
la estima, tal, qual se deve à Divina Ma-
gestade. A formal he aquella estima-
ção, & excellencia, que fazemos da Ma-
gestade Divina, à qual estimação se cha-
ma gloria de Deos, isto he húa noticia
clara junta com reverencia, q̄ he bran-
co, & objecto da religião virtude, a qual
custuma chamar-se por outros nomes, q̄
todos significão culto de Deos, como
Santidade, Theosebia, Eusebia, Latria.

24. Os actos desta virtude se dividem
em duas ordens, na primeira se poem
todos os actos de todas as outras virtu-
des, porque todas se podem, & devem
refirir a estimação, & gloria de Deos
nosso Senhor como o fazem os bons Re-
ligiosos, & pessoas de virtude. Na segū-
da se poem os actos proprios da virtu-
de religião, os quaes se podem reduzir

Escola de Oração.

a tres ordens, conforme a fogueição que esta virtude professa com a Divina Magestade, fogueitandose por ella o homem assi mesmo, & todas suas acçoés a Deos nosso Senhor. Na primeira ordem entrão os bens espirituaes d'alma, os quaes fogueitaõse a Deos nosso Senhor pellos actos de devoção, & oração, que nesta parte são principalissimos, & pellos actos dos votos, com os quaes o homé firmemente se fogueita à Divina Magestade, como a seu Senhor, & pello acto de jurar quando convem, com o qual acto o homem protesta a Divina Excellência, & pello uzo dos Sacramentos nos quaes protestamos, que o Senhor he Author da graça có a qual fogueitamos nossa alma a sua Divina Magestade. Na segunda ordem entra o bem externo do corpo, o qual fogueitamos a Deos nosso Senhor pellas exteriores adoraçoés, genuflexoés, & prostraçoés por terra, &c. E na terceira ordem entrão os bens exteriores, que o homem possuiue, ou offerrendoos immediatamente ao Senhor, como

como sacrificio, que se faz em honra, & reconhecimento seu, ou mediatamente pera seus ministros, pagando dizimos, & primicias. Destes actos da virtude religião não temos mais que dizer senão, que quanto a devoção, & oração advirtão os Religiosos, & pessoas de virtude, q̄ quando fazem os actos acustumados em seu estado, como são votos, feitos a primeira vez levantem seu coração à Divina Magestade, & assi mesmo quando despois o renovaó, & fazem as ceremonias de adorações, genuflexões, & prostrações, ponhão sempre a tenção na Divina Magestade, querendo honrar, & glorificar com cada hum destes actos, & vivos affectos do coração, referindo, & ajuntando a este fim todos os actos de virtudes não exceptuando nenhum.

25. Acerca da devoção, que he acto de religião se ha de notar, & advirtir, q̄ he acto da vontade, donde a mesma virtude religião está, & q̄ este acto não he outra cousa, mais que hum prompto

Escola de Oração.

querer, & hũa resolução aparelhada a fazer as cousas pertencentes ao culto da Divina Magestade de Deos nosso Senhor. Donde se segue, que pode estar a verdadeira, sustancial devoção na vontade, sem aquella devoção sensível, que se custuma ter acerca das cousas do serviço do Senhor; Antes bem pode estar com grande retinencia, & conservação da parte inferior, quanto às cousas de Deos, & seu divino culto. O que devem ponderar aquelles, que são modernos no serviço do Senhor, os quaes lhe parece, que não aproveitam, quando na parte inferior não sentem devoção, & errão por ignorancia, & pouca experiencia.

26. As causas da devoção, q̄ he aquelle prompto querer, & aquella prompta resignação pera obrar tudo o q̄ for do serviço de Deos nosso Senhor; As causas são muitas, mas principalmête duas, despois da divina graça. Hũa he a consideração dos beneficios recebidos de sua Divina Magestade. A segunda os con-

nhe-

nhcimentos dos proprios afeitos. A 1. estimula, & move a vontade. A 2. a es-
perta, & faz recorrer ao Senhor, conhe-
cendo o homem a necessidade, que tem
de estar emparado debaixo das azas da
protecção Divina. Diz Caetano 2. 2.
quest. 82. *art.* 3. que não merece nome
de Religioso, ou homem espiritual, a-
quelle, que não considera ao menos hũa
vez cada dia estes dous pontos, que aca-
bamos de preferir.

27. O principal effeito da elevação
custuma ser hũa espiritual alegria nasci-
da da consideração da Divina Bondade,
ainda que algũa vez tambem nasce
hũa certa tristeza, que a alma tem, porq̃
não goza aquelle infinito bem, que de-
seja.

28. Acerca da oração, que he acto da
virtude religiosa se ha de advertir, co-
mo essencialmente he acto do entendi-
mento practico, & tem consigo unido
outro acto da vontade, com o qual o q̃
ora deseja, que o Senhor faça, o que lhe
pede, oração propriamente significa pe-
tição,

Escola de Oração.

tição, mas com tudo isso se acomoda este nome a todas aquellas partes da oração, que nos livros espirituaes estão escritas, as quaes vem acabar, & concluir-se na petição. E ainda que este acto está no entendimento, & a virtude da religião tem este acto na vontade, basta pera ser acto desta virtude, que o entendimento produza esse acto pello motivo, com que a vontade o move a produzi-lo, que he a estimação que faz da Divina Magestade, à qual se acolhe o homem, reconhecendo sua miseria, & necessidade, certificandese, que todo o seu remedio, & alivio de suas penas lhe ha de vir do Pay das Misericordias.

29. As condições requisitas, & necessarias pera a efficacia da oração são quatro, conforme a commum doutrina dos Santos. A 1. que o homem ore pera si. A 2. que peça piamente, que quer dizer de maneira, que a petição va acompanhada com Fee, Esperança, & bons desejos. A 3. que as cousas que pedir se-
jão necessarias, & convenientes pera
sua

sua salvação. A 4. que peça com perseverança pera que com effeito alcance. Da consideração destas quatro condições nasce hũa grande consolação pera os bons Religiosos, & pessoas virtuosas, principalmente pera aquelles, que professão, & se entregãõ à santa oração, pois continuamente se applicão a orar cõ estas quatro condições até a morte. A rezão desta consolação he, o que communmente dizem os Theologos, que a oração infalivelmente he sempre ouvida de Deos nosso Senhor, quando nella concorrem as sobreditas condições.

30. A virtude da religião se segue a piedade, que he hũa virtude, com a qual damos a honra, & obediencia que se deve dar a nossos pays, & patria, & pello consequente àquelles, que por sangue tem parentesco, ou com a patria, per benevolencia, ou amizade.

31. Este nome piedade, custuma significar toda a virtude, com a qual Deos he servido, & nossa vida he bem ordenada: & neste sentido, costumamos chamar

Escola de Oração.

mar aos virtuosos, pios, & aos peccadores, impios. O 2. significa particularmente a virtude da religião, de que acabamos tratar. O 3. significa a misericordia, & assi chamamos pios aos homens misericordiosos. O 4. significa hũa virtude particular, & propria, chamada piedade, cuja discrição fica escrita no numero atras.

32. Acerca desta virtude não se offerece dizer outra cousa aos Religiosos, se não, que com exercicios espirituaes ajudem a seus pays, parentes, & patria, pois não estão em estado de os poderẽ ferver, & ajudar de outra maneira, & guardemse, que não dem lugar ao pensamento, nem affecto de pays, & patria, &c. Procurando antes esquecerse delles, como com exemplo, & doutrina o ensinãrão os Santos.

33. Seguese a virtude da observancia, com aqual honramos as pessoas constituidas em algũa dignidade, pella qual nos governão, ou são capazes pera governarnos, & assi mesmo as pessoas de

virtu-

virtude conhecida. Alguns Authores distinguem diversas especies da virtude da obſervancia, conforme as differenças das dignidades, às quaes se deve a divida honra, mas estas virtudes não têm todas proprios nomes. Quanto a esta virtude, os Religioſos advirtão, & as pessoas de virtude, que hão de ſer muito diligentes em respeitar às pessoas excellentes, por dignidade, porque com este exemplo ſe edificação muito os proximos, como eſtã declarado nas historias dos Santos.

34. A virtude chamada, *dolia*, he hũa especie de obſervancia, cõ a qual ſe tributa a honra devida aos superiores por respeito do dominio, & he propria esta virtude dos ſervos pera cõ ſeus ſenhores. Ha tambem outra maneira de obſervancia, chamada, *dolia*, com a qual honramos aos Santos, como eminentes na virtude, & outra chamada *hyperdolia*, com a qual honramos, veneramos, & respeitamos a Santissima Virgem noſſa Senhora pella ſingular excellencia do
OBSTACO paren-

parentesco, que tem com o Verbo Encarnado. Acerca destas duas especies advirta o Religioso, & pessoa virtuosa, que hão de ser mui perfeitos, & fidelissimos em honrar os Santos, & muito em particular a Rainha, & Emperatris do Cèu, & da terra com actos interiores de grande estimação de sua santidade, & com palavras de louvor, & com actos ordenados a fazer lhes a possivel honra, principalmente com a verdadeira imitação de suas virtudes.

35. Seguese a virtude da obediencia com a qual nos applicamos a executar aquillo, que nossos superiores nos mandão, cujos louvores são inexplicaveis, a materia da obediencia são todos os actos de virtudes, que pella santa obediencia nos são mandados pellos superiores, a forma he a rezão de fazer os actos, porque são mandados. Aqual obediencia hão de advirtir os subditos pera serem formaes, & verdadeiros obedientes, não buscando outras rezoés, se não só esta, que o manda o superior, considerando

derando a grande reverencia, & amor, como ao mesmo Christo Senhor nosso, com simplicidade, & com promptidão em pôr por obra o q̄ lhe manda a obediencia, sem dar lugar a discursos, se não fomite á fee.

36. Seguese o agradecimento, com a qual virtude reconhecemos, & confidemos os beneficios recebidos. Chamase graça, & agradecimento esta mesma virtude, à qual todos os que querem seguir o caminho da perfeição devem ser muito affeicionados, & fieis por muitos respeitos, & singularmente os q̄ querem imitar à Santa Madre Theresa de Iesus, q̄ no culto, & veneração desta virtude era tão estremada, que por qualquer beneficio, que lhe fazião ficava tão obrigada, que se tinha por cativa, & escrava de seu bem feitor, & ainda dos Religiosos, & Religiosas, que a servião nas cousas ordinarias da Religião. O principal cuidado ha de ser todo em agradecer ao Senhor os beneficios, que todos os dias nos està fazendo espirituaes, & corporaes,

Escola de Oração.

raes, & darlhe graças, & fervilo por elles com grande affecto, & perseverança.

37. Acerca destas quatro virtudes ultimas, se note, que se hão de exercitar pera com a Divina Magestade com hum mais alto respeito, do que com as creaturas; A piedade como com nosso Pay de quem recebemos o ser, & todos os nossos bens. A observancia como com nosso supremo Superior. O agradecimento como a nosso supremo bemfeitor. A obediencia quando respeita aos Mandamentos divinos chama-se obediencia, mas quando respeita a Divina vontade, pera conformar-se com ella em qualquer successo, que succeda chama-se resignação, & pode tambem chamar-se hũa mais alta, & perfeita obediencia.

38. Segue-se a virtude cardeal chamada fortaleza, que està no appetite irascivel, com a qual o homem de tal maneira se trata acerca das cousas asperas, & terriveis, que nem por temor desordenado dellas, né por desordenada oufadia obrão contra a recta rezão, de for-

te, que ora retirandose, ora arrojandose, conforme a rezão acerca daquellas coufas, obra virtuosamente. Esta virtude está como fica dito no appetite sensivo na parte irascivel, & rege as paixões da esperança, oufadia, ou temor, & ordinariamente se emprega, em defender as outras virtudes, pera cujos effeitos, fortalece o animo contra as difficuldades, que se lhe opoem. A materia desta virtude, são todas as coufas difficultosas, & terriveis as quaes he necessario sobrepojem, pera fazer suas obrigações, & actos de virtudes; mas a mais propria, & principal materia, he a morte, que he a ultima coufa mais terrivel pera o homem.

39. Entre os actos desta virtude he hum delles o martyrio, pera o qual devem os bons, & virtuosos estar sempre preparados, vencendo difficuldades, & vãos temores, & carnaes sobrefaltos por satisfazerem com os actos de virtudes, exercitando em tudo as oufadias em obrar coufas difficultosas, &

Escola de Oração.

terríveis por amor de Deos N. Senhor que estes taes são os que verdadeiramente se preparão pera offerecerse à conversão dos infieis, & ainda ao trato, & redução dos maos fieis, donde ha muitas occasiões de padecer pella fee, & pella gloria, & serviço de Deos nosso Senhor.

40. A Fortaleza não contem em si diferentes especies, porque tem muitas unidas assi mesma, que se chamão partes potenciaes, estas são a fiducia, ou confiança, magnanimidade, seguridade de animo, magnificencia, paciencia, longanimidade, perseverança, & constancia. Chamaõse, conforme Santo Thomas 2. 2. *quest.* 129. & *alibi*, partes da fortaleza, pella semelhança, & união, que tem com ella ainda q̄ não cheguem a igualar sua excellencia.

41. A Fiducia, ou confiança he hũa virtude, que aperfeiçoa a alma, & a fortifica pera que promptamente se lance às difficuldades, que não chegão a perigo de morte. A Magninidade perfei-

ção a alma, pera que obre cousas grandes, principalmente em materia de hōras, procurandoas, ou desprezandoas, conforme as regras da boa rezão. A Seguridade quieta, & dà esforço contra os pensamentos, & sollicitos cuidados, q̄ do temor nascem. A Magnificencia dispõe o animo pera grandes gastos na forma racionavel, & imita a fortaleza em sobrepojar aquella difficuldade de gastar magnificamente. A Paciencia fortalece, & confirma o vnimo contra a tristeza, pera que não falte o homem em obrar conforme a rezão, ainda q̄ aquella paixão ao contrario obrigue; A Longanimidade faz o animo perfeito, pera que se esforce a esperar os futuros, que muito se dilatão sem afflicção; A Perseverança faz, que, não obstante a muita dilação do tempo, esteja o animo perseverante no exercicio da busca de algũa verdade até alcançala, ou até sahir a publico com a boa obra começada; Esta virtude he differente cousa d'aquelle grande dom sobrenatural da perseve-

Escola de Oração.

rança, que he hũa conservação da divina graça, & hũa continuação de boas obras até o fim da vida; A Cõstancia faz, que o animo persista firmemente no bẽ contra as difficuldades, ou empedimentos, que se offerecem, de forte, que a perseverança he contraria à dilacão do tẽpo; A Constancia he contra os empedimentos, que ocorrem dentro daquella mesma dilacão.

42. Tambem a fortaleza tem suas partes integraes, que são muitas perfeições, que ha de ter a obra, ou acto da verdadeira fortaleza, as quaes perfeições se podem significar com os mesmos nomes das virtudes do numero precedente: de maneira, que o acto da fortaleza he necessario, q̃ seja composto, & aperfeiçoado de tal maneira, que se faça cõfiadamente, magnanimamente, seguramente, magnificamente, pacientissimamente, longanimamente, perseverantemente, & constantemente. Destas partes hão de ter particular cuidado as pessoas religiosas, & de virtude pera obrar
em

em as cousas difficultosas, como senhores de si mesmos, & de todo o mundo, imitando a S. Madre Theresia de Iesus, aquem o Senhor dotou de hum generoso animo, pera acometer cousas arduas, & mui difficultosas.

43. Seguese a Temperança virtude cardeal que está posta no appetite concupiscivel, atendendo a reger, & moderar as paixões do mesmo appetite, que se occupão nas cousas delectaveis ao corpo, conforme o sentido do acto no uzo de comer, & beber, & actos venereos.

Advirtase, que não se assinala virtude propria pera os objectos delectaveis aos outros sentidos, porque não tem razão da bondade, ou malicia moral os actos dos de mais sentidos, se não accidentalmente, em quanto se refere a algum objecto do sentido do tacto, ou aos objectos de algúas paixões.

44. A Temperança tem em si algúas virtudes com partes integraes, outras como partes subjectivas, outras como partes potenciaes: As integraes, isto he

Escola de Oração.

as que são certas perfeições, q̄ resplandecem nos actos desta virtude, são duas: honestidade, & vergonha: honestidade he hũa perfeição, que consente naquella decencia, ou decoro, que se deve a obra da temperança; que se descobre em quanto naquella obra se ve hum certo horror de fealdade contraria à honestidade. Vergonha he hum modo de temor de obrar cousas torpes, & disformes. Estas duas perfeições são mui proprias às pessoas Religiosas, & de virtude por serem filhos da Santissima Virgem exemplar da honestidade, & pureza & como taes devem guardar-se muito de palavras, & acções impuras.

45. As partes subjectivas, ou especies da Temperança são quatro; Abstinencia, Sobriedade, Castidade, (que se chama tambem Pudicicia,) & Virgindade. A abstinencia tempera o uzo de comer: A sobriedade o do beber conforme as regras da rezão: O bom uzo consiste em hũa mediania proporcionada à pessoa, & a suas occupaões, & trabalhos.

Em

Em o sequito destas virtudes hão de ser mui estremadas as pessoas Religiosas, & de virtude por muitos respeitos, & principalmente pello continuo exercicio da oração, o qual he impossivel, que se una com a destemperança do comer, & beber demasiado. A castidade he hũa estremada virtude, que governa o uzo venereo, não dando lugar a suas desordens; A virgindade he hũa perfeita castidade, que faz, que o homem com proposito firme se aparte, & abstenha de todo o acto venereo, ainda do que he licito, como o do matrimonio, & conserva a perfeita integridade, & pureza do corpo, a qual se perde por corrupções voluntarias: A saber por actos venereos voluntarios, mas não pellos violentos. Não se offerece dizer outra cousa destas angelicas virtudes, se não, que são proprias das pessoas Religiosas, & de virtude, & pertencem à virtude da Religião, ou latria em quanto se consagra a Deos nosso Senhor por voto solene, com hũ admiravel sacrificio, & não ha duvida,

Q

se

Escola de Oração.

se não que todas as pessoas Religiosas, & de virtude, como filhos da Santíssima Virgem Maria Senhora nossa, são obrigados ao culto, & respeito desta pureza, tanto com mayor obrigação mais particular, quanto o pode hũa tão nobre, & celestial filiação. Advirtase que a castidade, se chama pudicicia em quanto prohibe os exteriores finaes da impureza como são osculos, amplexos, tactos, &c.

46. As partes potenciaes da temperança são certas virtudes allegadas, ou semelhantes a ella em refrear os appetes desordenados acerca de algúas cousas deleitaveis, mas não tão vehementes, & forçosas, como os objectos deleitaveis do tacto. Estas virtudes são oito, Continência, Mansidão, Clemencia, Modestia, Humildade, Cuidado estudioso, Eutropelia, Parcidade, ou Simplicidade, ou Moderação.

47. A Continencia he hũa virtude q̄ refrea os movimentos desordenados da vontade, causados do impulso das paixões

xoés do apetite sensitivo, que induza a vontade às cousas contrarias à rezão. Não he virtude perfeita, porque não faz, q̄ os impulsos das paixões se tirem, se não fomenta, que a vontade não seja vencida do impeto dellas. Deste nome continencia costumamos uzar, pera significar, a castidade, ou virgindade, & por isso chamamos aos castos, continentes, mas aqui não uzamos deste nome nesta significação.

48. A Mansidão, he hũa virtude, que està na irascivel, & modera a ira, & esta he a virtude propria dos Discipulos de Christo nosso Senhor, que hão de fazer o possivel por imitar a seu Senhor, & Mestre, portandose como cordeiros mansos no meyo das injurias.

49. A Clemencia he hũa virtude, que ensina, & encaminha o modo, que se ha de ter mediano em castigar as culpas. Serve este modo pera os superiores, & a brandura, & mansidão, ajuda pera o effeito da clemencia, porque a virtude, que tempera a ira que està no interior ajuda

Escola de Oração.

ajuda a moderar o castigo exterior, & por esta rezão os nomes desta virtude, se costumão uzar indifferenteméte, pera alcançar estas virtudes, ajudão muito os remedios, que applicamos pera a ira, que pussesmos no tratado das paixões.

50. A Modestia he húa virtude, que guarda a moderação nas acções principalmente nas exteriores, esta virtude tem tres partes. A 1. he húa concertada, & disposta ordem posta nas acções, que se obrão, ou não fazelas na ordem, que convem fazelas. A 2. he o ornato, que consiste em dar às acções sua coveniente decencia. A 3. he austeridade, & pezo, que consiste haver nas conversões dos amigos, ou outras pessoas pera que tenhaõ aquella maduresa, & perfeição, que convem às pessoas, & às cousas que se obrão. Esta virtude he o decoro, lustre, & fermosura da casa de Deos, como se manifesta nos compostos Religiosos, & pessoas de virtude, & singularmente na moderação dos olhos, q̄ communmente se chama modestia, & na
lingoa,

lingoa, que se chama silencio, que são as duas partes da modestia, que os Santos celebrão com aventejados jubilos.

51. A Humildade he húa virtude, q̄ está na irascivel, & rege as paixões da esperança, & oufadia: de tal maneira, q̄ não quer se lhe atribua mais do que lhe convem, conforme dignidade da pessoa. Desta virtude se contão doze graos, ou finaes. O 1. mostrar sempre a humildade com o coração, & olhos em terra. O 2. fallar pouco, & conforme a rezão, & sem vozes, nem estrondo. O 3. não ser facil no rizo. O 4. callar até ser perguntado. O 5. seguir a regra commua, & a observancia do mosteiro, ou oratorio. O 6. terse por mais vil que todos. O 7. julgarse por indigno, & inutil pera obrar cousa perfeita, olhando às suas proprias forças. O 8. cõfessar suas proprias culpas. O 9. obedecer com paciencia, & promptidão nas cousas difficultosas, & duras. O 10. sojeitarse aos superiores. O 11. não fazer seu gosto por sua propria vontade. O 12. temer
a Deos,

Escola de Oração.

a Deos, & trazer em sua memoria seus Mandamentos. Estes graos de humildade, não são graos propriamente dentro da essencia daquella virtude, se não sinaes, ou effeitos della. Os quaes graos põz o Patriarca São Bento na sua regra. Os louvores desta virtude são innumereis, & o diligênte estudo della he proprio da Escola de Christo.

52. A Estudiosidade he hũa virtude, que modera o desejo de saber, fazendo, que o homem não queira saber, se não o que lhe convem, & na maneira q̄ lhe convem. He hũa virtude utilissima pera os Religiosos, & pessoas dadas à vida contemplativa, pera a qual he mui danosa a curiosidade.

53. A Eutrapelia he hũa virtude, que guarda o modo, ou temperança conveniente nos jogos, & honestas recreações, que se uzão pera decente alivio do animo. Acerca desta virtude se ha de advirtir, que muitos servos de Deos se aproveitaõ della em cousas, que aos ignorantes; & pouco illustrados não parecem

cem actos de virtude, mas se o não parecem saõno, & em suas occasioes he mui importante telos.

54. A Parcidade, simplicidade, ou moderação he hũa virtude com a qual o homem uza moderadamente das cousas exteriores do corpo, como saõ vestidos, & outro qualquer ornato; chama-se parcialidade em quanto foge às cousas superfluas, & chama-se simplicidade, ou moderação, em quanto não busca nesta materia cousas exquisitas.

55. Seguem-se as virtudes theologaes Fee, Esperança, & Charidade, q̄ saõ excellentissimas sobre todas as de mais. A Fee he hũa virtude com a qual o entendimento, donde ella està assente firme, ainda que não evidentemente a todas as cousas, que propoem a Igreja, como reveladas de Deos. Esta virtude deve o Religioso, & pessoa reformada imprimir em sua alma, pera desprezar as cousas terrenas, & estimar muito as eternas, que por esta virtude lhe saõ reveladas, a lição dos mysterios, a certeza das profecias,

Escola de Oração.

fecias, & da verdade, que vemos, haver puntualmente succedido, como foi muito d'antes profetizada a fortaleza dos martyres, a conformidade dos Doutores, os milagres, & outros muitos pontos, quando com attenção se considerão, causão grande consolação, & esforção o animo pera a confissão da Fee, & por isso he bem, que os Religiosos, & pessoas de virtude se ocupem em meditar os sobreditos pontos, procurando renderse à authoridade divina cõ grande firmeza, & reverencia, & humildade, quando obrão, & fazem os actos ordinarios de Fee.

56. A Esperança he hũa virtude com a qual a vontade se move pera seu Deos, & Senhor em quanto he nossa bemaventurança difficultosa de alcançar, mas possivel com o divino favor, & com os meynos, com que o mesmo Deos pera isso ha ordenado. He virtude que muito se deve estimar, & exercitar, principalmente pera estarem preparados pera o artigo da morte, & outros graves perigos,

gos, q̄ nesta vida acontecem, nòs quaes he necessario, q̄ a alma esteja bem fundada na esperança, se quer naõ perder-se. O modo de exercitala, he fazendo della fervorosissimos actos, confiando na Divina Misericordia, & merecimentos de Christo nosso Senhor, confiando, que o mesmo Senhor nos darà graça, pera fazermos actos meritorios da vida eterna.

57. A Charidade he hũa virtude, cõ a qual nossa vontade ama ao sũmo bem, que he objecto de nossa bemaventurança sobrenatural. Esta he a rainha das virtudes, & se chama forma dellas; assi como a luz se chama forma das cores, as quaes sem luz saõ, como se não fossem, assi as de mais virtudes sem charidade saõ flores sem luz. Tem esta nobillissima virtude effeitos excellentes, como saõ o gozo espiritual, a paz, a misericordia, que he hũa virtude distincta, & o acto della se produz com o motivo, & imperio da charidade divina. O objecto, que respeita a misericordia he a mi-

Escola de Oração.

feria alhea em quanto se pode reme-
dear, & aliviar, ou tirar com o effeito, q̃
he com ajuda da mesma misericordia.
A beneficencia, tambem se conta entre
os effeitos da mesma charidade, a qual
não he outra cousa se não hũa execu-
ção exterior do acto interno da chari-
dade pera com o proximo. Assim mesmo
a correccão fraterna, & a esmola se con-
tão entre os ditos effeitos. Os actos de-
sta grande virtude são dous. 1. O amor
de Deos. 2. O do proximo por Deos.

58. Acerca desta virtude notem as
pessoas espirituaes, que pera a pratica
della seria erro pernicioso não servirse
bem della. O servirse bem consiste em
despertar o coração muitas vezes com
as lembranças da bondade, & amabili-
dade de Deos N. Senhor estimandoo, &
amandoo, porquem elle em si he, & di-
rigindo todos os actos das virtudes a es-
te mesmo fim, pera que com a direcção
da charidade sejam actos formados, per-
feitos, & meritorios da mayor graça, &
gloria.

TRATA.

TRATADO VII.

*Dos tres Estados, ou graos, a saber dos que começão, & dos que aprovei-
tão, & dos perfeitos.*



VVIDA primeira. Se he boa, & sufficiente divisaõ, a q̄ communmente se dà dos tres estados, Santo Thomas 2. 2. *quest.* 24. *art.* 9. dos que começão, aproveitão, & perfeitos? Respondo, que si, porque os Santos commūmente hão ensinado esta divisaõ dos Estados, ou graos, conforme a charidade, por meyo da qual se caminha à vida eterna; & esta divisaõ se faz conforme os estudos, ou exercicios nos quaes o homem se ocupa, que tem a divina charidade, os quaes saõ tres. O 1. estudo, ou exercicio, convem aos que começão, os quaes havendose convertido a Deos nosso Senhor, & começando a amalõ com a virtude da charidade infusa na justificação, principalmente se a-

Escola de Oração.

plicação a apartarse dos peccados, & resistir a suas vivas concupiscencias, q̄ militão contra o amor de Deos. O 2. estudo, ou exercicio, convem aos que aproveitão, os quaes principalmente se applicão a crescer em charidade, & juntamente nas mais virtudes, por quanto já não são taõ molestados de seus vícios, & concupiscencias, como o são os principiantes, & por isso estão mais expeditos para alcançarem as virtudes, & crescerem em a charidade, que no estado de principiantes tinham. O 3. estudo, ou exercicio convê aos perfeitos, os quaes principalmente tratão de unirse com Deos nosso Senhor, & gozar de sua Divina Magestade por quanto com a victoria dos vícios, & com as virtudes, que alcançaraõ tem hũ alto grao de paz, & amor, que continuamente aspira a uniaõ de Deos.

Duvida 2. Se a estes tres graos de charidade correspondem aquellas tres vias, que chamão purgativa, illuminativa, & unitiva? Respondo, que si, a purgativa he

he dos que começam, cujo principal estudo consiste em alimparse, & purgar-se das fezes dos maos habitos, & desordenados appetites da vida passada. A illuminativa he a dos que aproveitaõ no espirito, cujo principal estudo he applicarem-se, & alcançarem as verdadeiras luzes d'alma, q̄ são as virtudes juntas com mayor conhecimento de Deos. A unitiva he dos perfeitos, cujo principal estudo he amar, & servir a Deos, & unir-se cõ elle estreitamente.

Duvida 3. Se aos mesmos tres sobreditos graos respondem a distinctos exercicios proporcionados ao principal estudo de cada hum delles? Respondo, que si: porque ao grao dos principiantes convem exercicios cõvenientes para a alma se purgar, como são exercicios de penitencia, mortificação, meditação da paixãõ do Senhor, oraçãõ, confideraçãõ dos danos, que faz o peccado na alma, procurando fundarse todos em amar, & temer a Deos. Ao grao dos que aproveitaõ no caminho da virtude con-

Escola de Oração.

vem exercicios aptos pera illustrar a alma, como são meditações das obras, vida, milagres, & paixão de Christo Senhor nosso. E o uzo dos meynos, com os quaes se alcanção as virtudes, que nos assemelhão com o mesmo Christo divino exemplar nosso. Ao grao dos perfectos convem os exercicios de cõtemplar, & amar a Divina Magestade, & o uzo das orações jaculatorias, ou aspirações do coração; Todas as quaes cousas são unitivas. Advirtase quando hũa pessoa, que aproveita, ou vive com perfeição, cae em algum peccado mortal (cousa, q̃ custuma acontecer, como por exemplos da Sagrada Escritura se conhece) nem por isso ha de mudar, nem cortar a tea de seus exercicios, tornando aos de principiante: se não por alguns dias occuparse em chorar seu peccado, & fazer penitencia, conforme o parecer de seu mestre espiritual, & despois tornar a tomar o caminho ordinario dos exercicios, que antes costumava ter. A rezão disto he, porque aquelle que desta maneira

neira cahe ordinariamente se levanta com mayor fervor daquelle que d'antes tinha, & ainda que cahio, nem por isso perdeo os habitos, & uzo das virtudes adquiridas, nem por hum, ou poucos actos peccaminosos fez habito, & uzo de peccados, pera o qual seja necessario tornar desde o principio à via purgativa. O que se prova claramente com o exemplo dos Apostolos São Pedro, & São Thomè, & de outros muitos Santos, os quaes não deixàrão de continuar os exercicios de aproveitados, ou perfectos por aquelle pouco tempo, em q̄ peccàrão, & interromperão o acto continuado do amor. De mais, que aos escolhidos do Senhor, semelhantes cahidas lhes servem pera serem mais verdadeiramente aproveitados, & perfectos, o que muito se deve advirtir, & considerar.

Duvida 4. Acerca destas tres vias, se são verdadeiramente tres caminhos, ou não mais que hum? Respondo, que se podem chamar tres caminhos, & se po-

Escola de Oração.

de chamar hum distincto em tres partes; Ponhamos por exemplo se o caminho de Espanha a Roma estivesse de tal maneira disposto, que na primeira parte delle estivessem muitos inimigos com quem o caminhante ouvesse de pelejar, & na segunda parte do caminho não assistissem tantos inimigos, & tambem ouvessem muitas riquezas, & illustres titulos pera os que procedem varonilmente, & o caminhante estivesse aqui menos cõbatido, & pudesse grangear muitos daquelles titulos, & riquezas: & na terceira parte do caminho junto já de Roma, ouvessem aprasiveis jardins, & cristalinas fontes donde o caminhante descansasse, & suavemente gozasse a delectavel conversão do Summo Pontifice; Ainda que pareção tres partes he hũ só o caminho, o qual nos leva sempre ao nosso fim que he Deos. A primeira daquellas partes corresponde o grau dos que começam a vida purgativa: A segunda o grau dos que aproveitaõ na vida illuminativa: A terceira o grau dos perfeitos;

feitos; & a via unitiva; & despois destas tres partes correspóde à Santa Cidade, o felicissimo estado da Gloria.

Duvida 5. Como pode fer hum o caminho, que tem tanta differença de exercicios, q̄ nesta parte não parece correr igualmente na semelhança do caminho material? Respondo, que mui bem pode fer, como claraméte se ve pella doutrina dos Santos, que afsinaõ, & poem esta differença de tres graos na mesma charidade, que he hũa só especie de virtude. De maneira que hũa mesma virtude quando começa, se exercita de hũa maneira, quando crece de outra, & quando he consumada, & perfeita d'outra. Afsi como hum homem na infancia, ou mininice procede de hũa maneira, & na mocidade de outra, & de outra na idade de varão, ainda q̄ esta he grãde differença de graos he com tudo isso hũ mesmo homem. E afsi da mesma sorte são as mesmas virtudes em especie. A charidade, paciencia, & humildade, &c. no que começa, no que aproveita, & no

Escola de Oração.

perfeito, ainda que ha grandíssima distancia de graos.

Duvida 6. Porque nos tres estados sobreditos fomite se chamão os q̄ aproveitão no segundo estado: pois em verdade os principiantes em seu estado tambem aproveitão na charidade; que he amor de Deos: no qual os perfeitos do terceiro grao muito mais aproveitão que os do segundo, porque pois se não diz de todos que aproveitaõ, se não só os segundos; pois a verdade he, que nesta vida não se ha posto termo à charidade, & amor dos viadores, se não que sempre podem aproveitar, & crescer nessa charidade, & amor de Deos, & o q̄ mais ama, mais aproveita, como são os perfeitos? Respondo, que a verdade he na forma, que na duvida se propoem, he que os principiantes aproveitaõ, & os perfeitos muito mais, com tudo isso os Santos hão acomodados estes nomes aos estudos, ou exercicios, que cada hũ faz, conforme o grao da charidade, em que se acha, como assima dissemos. E
pella

pellam mesma doutrina se ha de dizer, q̄
assim como os que começam, & os q̄ apro-
veitam, & perfeitos todos aproveitam,
supondo, que o aproveitar seja estudo
proprio dos segundos; Tambem assim em
todos os tres estados se purgam de algũ
põ de imperfeições, ainda que o pur-
gar se seja proprio dos que começam. E
assim mesmo se ha de dizer, q̄ não somen-
te os perfeitos, se não tambem os que a-
proveitam, & os que começam tratam de
unirse com Deos nosso Senhor na ma-
neira que podem ainda que unirse seja
proprio dos perfeitos. A rezão he, por-
que todos amam ao Senhor sobre todas
as cousas, pois estão em charidade a
qual os move a se unirem com elle: E to-
dos ainda os perfeitos tem algũa parte,
que se lhes pega da terra, ainda q̄ pouca
seja, da qual se purgam, ou limpam, sem
que por isso deixem de ser pessoas de
perfeita charidade.

Duvida 7. Se se pode permitir algũas
vezes, aos que vão aproveitando, & aos
principiantes algũs exercicios proprios
dos

Escola de Oração.

dos perfeitos? Respondo, que si, v.g. nas festas do Nascimento de Christo nosso Senhor, & na Pascoa do Espirito Santo, que parece estaõ todas dedicadas ao amor, que he proprio exercicio de perfeitos, nesta occasiõ he bem q̃ os principiantes deixem por algum espaço seus proprios exercicios, & se apliquem de todo ao amor divino, conformandose com o Espirito da Santa Igreja Catholica, que naquelles tempos parece arde, & se abraza toda em fogo de amor divino. Ao côtrario costumão fazer os perfeitos muitas vezes exercicios proprios de principiantes com rigurosas penitências, & intima dor de seus peccados acompanhada com muitas lagrimas, como se nunca ouvessem chorado suas culpas. Os mestres de espirito advirtão o proveito, q̃ vão fazendo os discipulos per darlhes exercicios proprios a seu estado, naõ os detendo demasiadamente na via purgativa, nem apressandoos com demasia na via illuminativa. Alguns affinaõ quatro, ou seis mezes (regularmente

mente fallando) pera a via purgativa, esta regra he incerta: mas no estado Religioso não he inconveniente servirle de semelhantes regras, porque vão juntas a via purgativa a via illuminativa, & he conveniênte, que passados alguns mezes despois da vocação se dê mais lugar aos exercicios da via illuminativa. Despois não he necessario por taxa no tempo desta via porque o cômum he ser incerta a medida do aproveitamento, se não procurar ir sempre crescendo nas virtudes, & na luz, & conhecimento de Deos. Finalmente na via unitiva, não ha que finaliar termo, nem fim, pois ella he o principio dos exercicios da eterna vida, que he perduravel, & nunca se ha de acabar. Mas quando se ve, que hum Religioso, ou pessoa reformada ha grangeado muito cabedal das virtudes, sofrendo com valor os impetos da mortificação, & ha alcançado a divina luz, & com affecto amoroso se applica às cousas divinas conveniente he darlhe lugar a que entre na unitiva, com tal condição, que

Escola de Oração.

que não se esqueça de aperfeiçoarse nos graos precedentes da purgativa.

Duvida 8. Se pôde hum principiante ter mais alta, & intensa charidade, que aquelle que aproveita, & está em segundo grao? Respondo, que si, & como ensina Santo Thomas 3. *part. quest. 89. art. 2. ad 3.* De sorte, que ainda, que a mesma graça, & charidade, he mayor em hum mesmo homem quando vai aproveitando, q̄ quando he principiante, com tudo isso acontece muitas vezes de outra maneira em diversos homens; de sorte, que alguns começam com mais intensa charidade, do q̄ outros tem quando vão aproveitando, o qual he conveniente pera hũ aviso de grande importancia na doutrina Monastica. Porque ha pessoas de mui pouca idade, que tomão habito de Religião, sem haver cometido graves peccados, & costumão proceder tibiamente, como pessoas, que se não sentem carregadas de grandes dividas: & por esta rezão he moderado o seu aproveitamento; & succede despois

virem

virem alguns homens já de idade, & q̄ hão cometido graves peccados, os quaes como se sentem tão chagados de suas culpas, buscão com mais força o seu remedio, & por isto ainda desde o principio costumão amar mais a Deos, que os primeiros depois de largo tempo de Religiosos exercícios, & com tudo isso estes se exercitão em exercicios proprios de principiantes, & aquelles primeiros andão nos exercicios do segundo grao daquelles que aproveitão: porq̄ estes ainda que tenham mais charidade nem por isso deixão de estar com habitos viciosos da vida passada, & com as vivas paixões de seus appetites, que no mundo tiverão, pello que tem necessidade de applicarse com toda a diligencia à via purgativa.

Duvida 9. Se pôde hum homem immediatamente passar do estado do peccado ao terceiro grao, & via unitiva? Respondo, que si, como ensina Santo Thomas 1. 2. *quest.* 113. *art.* 1. Quando diz, que S. Paulo foi promovido, & levantado

Escola de Oração.

vantado a húa perfeita santidade desde o principio de sua justificação, & pode-se crer, q̃ o mesmo haja feito o Senhor com alguns servos seus. Mas este caso he milagroso, & extraordinario modo de andar pello caminho espiritual; & advirtase, que estes previligiados, nem por isso deixão de se ocupar, ainda que perfectos, nos exercicios da via purgativa, & illuminativa com hum modo mais excellente, que o ordinario, como se ve em São Paulo, que castigava seu corpo, & applicavase ao cuidado, & augmento das virtudes com hum Apostolico modo.

Duvida 10. Se ha nestes tres graos de charidade diversas desconsoações, & tentações? Respondo, que conforme a diversidade dos estudos ha tambem diversidade de tentações. De maneira q̃ os que começam, costumão ser tentados graveméte naquellas mesmas materias, em que peccarão, & costumão sentir vehementes impulsos pera as cousas do mundo, causados dos maos habitos, que
obriuev
tiverão,

tiverão, & da fereza das paixões, & da
difficuldade da nova vida.

Os do segundo grau que costumão ser
tentados de tibeza, frouxidão, curiosi-
dade, zelos indiscretos, & outras cousas
semelhantes.

Os perfeitos são tentados da propria
estimação, & juizo, & outros semelhan-
tes pontos; ocasionados da excellencia
das virtudes. Cõ tudo isto se vèm mui-
tas vezes em os ultimos graos algũas das
tentações dos primeiros, & ao contra-
rio costuma acontecer esta mudança
por maravilhosa dispensação de Divina
sabedoria a qual cõ isso conserva na hu-
mildade aos aproveitados, & perfeitos,
cujas tentações costumão ser, como cou-
sas, não nascidas intrinsecamente, se não
como apegadas, & sobrepostas pera ma-
yor bẽm dos tentados.

Duvida 11. Se ha consolação, & dif-
ferêtes illustrações nos ditos tres graos?

Respondo, que si, de maneira, que co-
mo verdadeiramente são graos de cha-
ridade distinctos huns de outros; assi té

Escola de Oração.

favores distinctos, & huns mayores que outros: de tal forte, que os favores, & regalos dos principiantes são, como os mimos, & caricias que se fazem aos mimos: os regalos daquelles, que aproveitaõ são de mais subidos quilates: & os dons dos perfeitos são mais altos, & estremados. Quanto a esta doutrina se ha de advirtir muito à dita semelhança, ainda que ha muita differença de hum a outro grao, & dom, porque muitos principiantes, lendo livros de Santos, não tendo sufficiente luz pera considerar a distancia da perfeição, se tem enganado, & enganão gravemente, parecendo-lhes, que recebem de Deos consolações, & illustrações, como as receberão aquelles Santos, & Santas, de quem lerão as vidas, sem considerarem a differença, & distancia sobredita, cahindo neste erro, ou ignorancia ocasionada de algũa semelhança em algũas consolações, & regalos. Verdade he que muitas vezes ha algũa semelhança, como entre a luz de hũa vela, & a luz do sol; seme-

lhança

lhança tem, em quanto hũa, & outra luz alumia, porem a distancia de hũa luz a outrahe mui differente; & alguns principiantes, a quem falta a experiencia daquella estremada luz dos perfectos, quando recebem algum rayo semelhante à claridade de hũa vela, enganãose, tendo pera si, q̄ recebem aquelle rayo da luz do sol, como os perfectos o gozão; o que tudo lhes nasce da admiração companheira da ignorancia, com a qual não chegaõ, nem podem alcançar aquelles suaves deleites, & admiraveis illustrações com que o Senhor suavisa a seus amados seguidores. Porque por ser aquelle rayo de luz superior, a q̄ lhes parece, que não ha nesta vida cousa, a que se possa comparar, & disto se admiraõ muito considerando, q̄ he daquellas mais estremadas illustrações, & consolações dos Santos não sendo, se não das minimas.

Duvida 12. Se ha alguns sinaes pera conhecer hũa alma se aproveita, & vai aproveitando no caminho da virtude,

Escola de Oração.

& perfeição; que fica dividida nos tres graos sobreditos? Respondo, que si, & pondo de parte muitas couças, que parecem de pouco proveito, digo, que em todas as virtudes, assi na divina charidade, como em qualquer outra podemos distinguir tres graos.

O primeiro, he preposito firme de obrar aquella virtude nas occasiões, que se offerecem. O 2. he a fortaleza, & constancia nas occasiões, sentindo as difficuldades das virtudes, mas vencendoas cõ o affecto pella estimação, & amor da virtude. O 3. he obrar os actos, que antes lhe eraõ difficultosos, & defabridos, com gosto, & facilidade. Quando hum feryo de Deos ve, & considera, que não fomite tem firme preposito de exercitar os actos virtuosos, se não, que realmente vence as difficuldades, & sofre as amarguras da virtude, vencendose assi mesmo com effeito por obrar conforme essa virtude provavelmente pode conjecturar, que vai aproveitando com a divina graça, & quando ve, que a virtude

38

de se lhe representa facil, & suave, depois daquella difficuldade, & asperesa, que primeiro sentia, pode já com mais fundamento conjecturar, & imaginar, q̄ com a divina graça vai aproveitando no caminho de sua salvação.

Duvida 13. Se nesta conjectura cuncta haver algum engano? Respondo, que si, porque acontece muitas vezes, q̄ Deos nosso Senhor caricia, & trata suavemente aos principiantes, consolandoos, & illustrandoos, & confortandoos de tal sorte, que lhe facilita o caminho, & em quanto durão aquellas caricias espirituaes, parcelhes, q̄ não ha no mundo difficuldade, que lhes possa fazer rosto, & tem por suaves as obras de virtude, de sorte, que em si mesmos vêm semelhantes cousas àquellas, que lograõ os aproveitados, aos quaes depois de muitas victorias se lhes facilita, & suavisa a virtude; Mas enganãose estes taes, porque aquella suavidade, que sentem nas obras virtuosas não he pello aproveitamento, & victorias, que hajão al-

Escola de Oração.

cançado, se não porque o Senhor lhes adormece, & foflega as paixões com aquellas consolações sensíveis, dourando a pirola amargosa da difficuldade cõ aquelle ouro da consolação. Mas real, & verdadeiramente ainda estes, que así se sentem consolados não tem grangeado seu aproveitamento, de maneira, que estejão no segundo estado dos que crescem, & aproveitaõ. O que se ve claramente, porque passadas aquellas caricias da mininice espiritual se levantão as paixões, despertando com tal violencia, & impeto, que lhes mostra claramente, como são soldados novos bisonhos, & ainda não são dos aproveitados, & fundados nas virtudes solidas, & verdadeiras. Mas com tudo, quando os taes resistem varonilmente às paixões, que com força se levantaõ, ordinariamente aproveitaõ mais, do que aproveitavaõ, quando eraõ mimosos lhes parecia que amavaõ já muito a Deos, & se tinhão avêtejado no sequito das virtudes.

Duvida 14. Se os perfeitos, cujos mais proprios exercicios são amor, & cótemplação da divindade hão de alcançar de si toda a imagem de cousas corporaes? Respondo, que não se devem privar das imagés da humanidade de Christo nosso Senhor em quem muitas vezes devem empregar seus pensamentos, ainda os mais perfeitos, não passando todo o tempo em cousas intellectuaes, se não cõsiderando de quando em quando os mysterios da humanidade, por ser Christo Senhor nosso a guia, & exemplar de toda a perfeição. Acerca da Virgem Sacratissima, & dos Santos he conveniente empregar-se algum pouco de tempo de quando em quando, procurando apreheçoarse sempre mais em sua imitação, não se contentando com o que d'antes fizerão nesta parte. He doutrina da Santa Madre Theresa de Iesus, que neste particular falla com grande acerto, & discrição.

Duvida 15. Se os perfeitos conhecem algũa vez, que estão naquelle estado de

Escola de Oração.

perfeição, sem detrimento da humildade? Respondo, que si, o que pòde ser por via extraordinaria, isto he por revelação como em São Paulo. E ainda por via não tanto extraordinaria, quando o Senhor com particular luz sua lhe faz conhecer em si mesmos hũa maravilhosa mudança, & juntamente lhes dà luz, & graça pera que vejão, que todo aquelle tão grande bẽ vem dado da mão de Deos, & não delles: & isto com intimo sentimento de humildade, agradecimento, amor, & temor filial de offender a sua Divina Magestade. Mas advirto, que não convem, que os espirituaes, q̃ vão por este caminho se ponhão miudamente a examinar, em q̃ grao estão, ou andão, se não, que de todo se apliquem a caminhar, & o julgar, & afsinar os exercicios o deixem pera discrição de seus mestres, ou pays espirituaes.

Duvida 16. Qual he o caminho mais breve pera chegar a perfeição? Respondo, que he a humildade, como o mostrão os Santos com seu exemplo. De maneira

neira que aquelle q̄ de veras tratar de humilhar-se em todas as cousas ferà em breve espaço levantado a hum alto grao de perfeição, & charidade, & amor de Deos.

TRATADO VIII.

Da vida Activa, & Contemplativa, na qual se declara que cousa seja Contemplanção.

1



Vando os Santos tratão destas duas vias, tratão do homem conforme o entendimento, o qual se divide em activo, contemplativo, ou pratico, & espectralivo. Pratico he aquelle que tem por fim algũa acção exterior, & diversas interiores, fóra do entendimento, as quaes se ordenão à noticia pratica, ou activa. A especulativa he aquella, q̄ tem por fim o conhecimento da verdade, a qual atenta, & adverte a vida contemplativa. Por este nome, vida, querem

Escola de Oração.

significar aquelle exercicio, ou continuação de actos a que cada qual mais se applica: os quaes se se ordenão à contemplação fazem a vida contemplativa, & se são ordenados a acção fazem a vida activa.

2 Duvida 1. Que actos pertencem à vida activa? Respondo, que lhe pertencem todos os actos das virtudes moraes, porque todos são ordenados não a conhecer, nem a entender, se não a obrar. De forte, que o estudo dos actos não somente exteriores, como são as acçoens manuaes dos exercicios desta vida, & outros bons actos obrados em utilidade dos proximos, como em pregar, confessar, ler & outros semelhantes: se não tambem o estudo dos actos interiores das virtudes moraes, como são os da obediencia. Humildade, paciencia, fortaleza, castidade, &c. juntamente com os actos exteriores das mesmas virtudes, todos convem à vida activa, & juntamente o exercicio da mortificação das paixões, & sentidos exteriores, & interiores.

riores. Este he hum grande campo, pelo qual passaõ huns cultivandoo, & lavrandoo com muito aproveitamêto espirital de suas almas: outros se perdem neste campo. Os bons Religiosos, & pessoas virtuosas passaõ por este campo com felicidade, porque a parte da vida activa, que exercitão não he por respeitos temporaes, se não por rezoês espirituales, que são de muito merecimento.

3 Duvida 2. Se esta vida activa se acharà no estado da gloria? Respondo, q̃ não, porque cessarà a occupação exterior, & se então ouver alguns actos exteriores, se referirãõ alguns delles ao fim da contemplação, & por essa causa pertencerãõ à vida contemplativa, & se as virtudes moraes, que produzem actos interiores pera reformação do homem na presente vida, então não produzirão esta actos, se não outros pertencentes à vida contemplativa. Ponhamos por exemplo: As virtudes, que regem as paixões não servirãõ então pera mortificallas, se não pera conservar hũa admira-

Escola de Oração.

vel quietação na parte inferior, donde estão as paixões, & aquella quietação se referirá à vida contemplativa da gloria.

4. Duvida 3. Que actos pertencem à vida contemplativa? Respondo, q̄ pertencem quatro maneiras de actos, que são. A 1. os actos das virtudes moraes, como disposições em quanto aquietão as paixões, & poem termo às occupaões exteriores, pera q̄ ellas não perturbem a alma. A 2. os actos do entendimento, & d'outras partes do homem, q̄ não são cõtemplaçoões, mas são disposições precedentes, como a lição, a meditação, a consideração, &c. A 3. os actos de contemplação dos divinos effeitos. A 4. o acto da contemplação da Divina verdade. As tres especies de actos são disposições. A 4. he elle proprio, & principal acto, no qual consiste a vida contemplativa.

5. Duvida 4. Se a vida contemplativa está toda no entendimento? Resdondo, que essencialmente está no entendimẽto, porque o acto da contemplação he obra

obra do entendimento, mas acabase na vontade com hũ ineffavel deleite, porq̃ então arde maravilhosamente a divina charidade com a noticia das perfeições divinas.

6 Duvida 5. Se a vida contemplativa dura pera sempre? Respondo, que si: mas né sempre de hũa mesma maneira, porq̃ não he hum mesmo o modo de cõtemplar nesta vida, & na outra, que nesta vida contemplase por inigma, & confusamente, & na eterna vida, serà a contemplação com a clara vista de Deos, pois quando os Santos dizem, que a vida cõtemplativa permanece, ou persevera no Cèo, hase de entender em hum sentido universal, q̃ inclue, & enferra em si hum, & outro modo de contemplar, porque esta vida contemplativa he hum principio, ou hum modo de contemplar imperfeito, que se ha de aperfeiçoar mudandose em outro modo tambem contemplativo, mas perfeitoissimo: Como se dissesemos, que se hum homem, q̃ antes era Rey de hum pequeno Reyno, &

des-

Escola de Oração.

depois se melhora a outro Reyno maior, sempre este tal persevera em ser Rey.

7 Duvida 6. Que cousa he contemplação? Respondo, que contemplação he hum acto, ou húa vista do entendimento, com o qual entende, ou olha pura, & quietamente as cousas. O qual se entenderà com esta differença, que ha entre a meditação, & contemplação. A meditação he hum discurso do entendimento, que vai buscando a verdade. A contemplação he húa vista quieta da verdade achada. Deforte, que a meditação he hum caminho, à contemplação he como hum termo do mesmo caminho.

Advirtase que, o q̄ se ha dito da meditação, que he caminho pera a cõtemplação, se entende de todas as partes da oração, q̄ ordinariamente se uzão, porq̄ por todas ellas se caminha, & se busca o termo da contemplação, & nesta materia terà bom voto aquelle, que exercitando as sobreditas partes da oração for levantado do Senhor à verdadeira
con-

contemplação, a qual se não alcança por nossas diligencias, nem quando a alma a quer, & procura, como quando ora mentalmente, se não somente vem por singular graça do Senhor, que suspende a alma à contemplação quando quer, & he servido.

8 Duvida 7. Qual he a contemplação divina? Respondo, que he aquella, que se exercita com o dom do Espírito Santo, que chamão Sabedoria. Pera entenderse esta resposta que he commua doutrina, dos que hão escrito da Divina contemplação, se ha de notar: que ha contemplação natural de Deos em quanto he Author da natureza, & acerca das cousas, ou verdades naturaes; & ha contemplação sobre natural de Deos em quanto Author da graça, & dos mysterios, & obras sobre naturaes; & finalmente ha contemplação divina do mesmo Deos, & de suas divinas perfeições por meyo do dom da Sabedoria, que he dizer que ha húa vista do entendimento, pura, perspicaz, & quieta, com a qual al-
gũas

Escola de Oração.

gũas vezes com o lume natural se ve, ou entende a natural verdade, & às vezes se conhece com lume sobre natural algum mysterio sobre natural (à qual vista se pode reduzir o conhecimento de algũa verdade natural alcançado com luz sobre natural) & às vezes se conhece com luz sobre natural algũa especia-
lissima perfeição divina com o dom da sabedoria. Da primeira maneira cõtémplão algũa vez os Philosophos, que depois de haverem discorrido sobre algũ segredo natural chegam a hũa clara intelligencia, quieta, & penetrante della, & o entendimento se quieta, apacenta, & deleita naquelle objecto com algũa suspensão. Da segunda maneira cõtémplão algũas vezes os servos de Deos cõ hum conhecimento admiravel dos mysterios da graça, conhecêdoos com hũa noticia quieta, & perspicaz com suspensão do animo. E desta sorte cõtémplão tambem muitas vezes os Prophetas acerca das cousas sobre naturaes, ou acerca das naturaes com luz sobre natural.

Da

Da terceira maneira contemplão os q̄ tem o dom da Sabedoria, & de mais delle recebem com especial auxilio hũa luz divina actual, com a qual produzem o acto da divina contemplação acerca das perfeições divinas com admiração, & suspensão de animo. Este acto se põde definir desta maneira com São Boaventura; *in 3. Iten. Etern.*

Contemplação he hum acto do entendimento não impedido, perfeito cõ a graça, aplicado aos espetaculos, & vistas eternas com cuja vista se suspende, & admira no interior de sua alma. Chama-se acto do entendimento não impedido, porque pera contemplar as cousas divinas he necessario abstrahirse, ou apartarse dos negoceos terrestres, & do empedimento das paixões, & humanos pensamentos. Dizemos que o entendimento ha de estar saõ, & perfeito com a graça porque sua luz he a que tira a ignorancia, & cegueira, & priva das trevas, que empedem o perfeito acto da contemplação, & porque tambem a cõ-

T

templa-

Escola de Oração.

templação divina he acto produzido da Sabedoria, que está sempre com a graça gratum faciente, conforme Santo Thomas. Dizemos, que ha de ser attento, & applicado (isto he q̄ se attenda, & applique) aos eternos espectaculos, porque a contemplaçõ divina, sempre olha objectos divinos, & eternos, como são a bondade, magestade, fermosura, infinidade, eternidade, & outras perfeiçõs da divina natureza. Dizemos suspenso com admiraçãõ, porque se admira muito, & se espanta das grandezas, que conhece com o acto divino, & esta vem a ser a divina contemplaçãõ taõ celebrada dos Santos, & aquella, a que aspiraõ os que exercitaõ a vida contemplativa.

9 Duvida 8. Que dom he este da Sabedoria? Respondo, que he hum dom altissimo, & perfeitissimo, que está posto no entendimento, & serve pera contemplar as cousas divinas, & pera encaminhar as cousas humanas pellas regras divinas. De sorte, que primeiro serve pera hũa pura noticia sublime, & quieta
das

S. Thom.
2.2.9.45
art. 2. Q
3.

das perfeições divinas, & despois pera a direcção das cousas humanas conforme a noticia das divinas, & destes dous actos: o primeiro se chama contemplação divina. De sorte que a contemplação divina he hum acto do dom da Sabedoria, como affirma São Boaventura 3. part. *Itin. Etern. dist. 2.* Esta doutrina he conforme Santo Thomas 1. part. *quæst. 43. art. 5. adjuncto 2. dub. 9.*

10 Duvida 9. Quam excellente seja esta noticia da Sabedoria, q̄ chamão contemplação divina? Respondo, q̄ he hũa noticia admirabilissima, tranquilissima, candidissima, & subtilissima das cousas divinas, das quaes julga quem as cõtempla com hum modo affectivo, profupõdo a divina charidade na vontade, a qual inflamma, & cresce grandissimamente com aquella noticia que tem das perfeições divinas. O dom do Espírito Santo chamado entendimento, serve pera apreheensão, das perfeições divinas, mas o dom da Sabedoria serve pera fazer juizo dellas pello acto da con-

Escola de Oração.

templação.

11 Duvida 10. Se esta taõ sublime noticia, que se chama propriamente contemplação divina, he delectavel? Respondo com a cõmun doutrina dos Santos, que a experimentarão, que he dilihiosissima sobre todas as consolaçoens humanas, & que toda a eloquencia do mundo naõ basta pera declarala, ou della fallar dignamente.

12 Duvida 11. Que effeitos custuma fazer a contemplação divina nas almas? Respondo, que as muda maravilhosamente sobre tudo, o que se pode explicar com humana lingua, & pella experiencia, que vemos em alguns servos de Deos nosso Senhor, favorecidos cõ este singular dom em quarto de ora de contemplação custuma fazer mais impressão em hũa alma, que muitos annos de oração ordinaria. Porque a alma, que hũa vez custuma gozar deste favor, que o Rey celestial, & Pay das misericordias lhe communica, recolhendoa no thalamo de suas celestiaes delicias, fica de tal
manei-

maneira deliciosamente elevada na divina fermosura, que no mesmo instante despreza todas as cousas da terra por mui estremadas que sejaõ, exercitando-se com toda a resoluçãõ em se mortificar, & humilhar, & offerecerse a todas as cousas, que a podem conduzir a mayor honra, & gloria de Deos nosso Senhor, sem tratar de vida, nem de morte, & menos de algum bem, se não só de em tudo agradar a sua Divina Magestade.

13 Duvida 12. Que quer dizer, que todos os que estão em estado de graça tem o dom da Sabedoria sendo taõ raros os q̃ tem o dom da contemplaçãõ? Respondo, que pode haver muitas causas desta esterilidade, & secura; como taõ a pouca pureza da vida, dando lugar a muitos peccados veniaes, às muitas occupaçoẽs, à pouca estimaçãõ da divina communicaçãõ, & outras imperfeiçãoes semelhantes. Hase de advirtir, que a todos os justos ferve o dom da Sabedoria (como tambem os mais dons do Espírito Santo) quanto he necessario pera sua

Escola de Oração.

faude, tanto pera fazer juizo, & estimação das cousas divinas, quanto pera ordenar as cousas humanas, conforme as regras divinas, he doutrina de S. Thomas 2.2. *quest. 45. art. 5.* mas são muito poucos aquelles que vivem com tanta guarda do coração, pera que cheguem, & alcancem a propria contéplação divina, & gozem aquella dulcíssima, & amoro sísima armonicação de Deos, que he commum principio da eterna felicidade, & gozo da gloria, ainda q̄ he verdade, que não são tão poucos aquelles, q̄ chegão a outros inferiores graos de contéplação.

14. Duvida 13. Qual he o mais ordinario caminho, & direita estrada pera a contéplação? Respondo, que he o exercicio da oração, porque conforme a doutrina dos Santos he cousa rara, & como milagrosa ter o dom da contéplação sem que preceda a oração; & assi o q̄ deseja aquelle preciosissimo dom da contéplação aplique-se a orar, como se deve, apartandose de cousas, &

nego-

negoceos, que lhe impedem a quietação interior de sua alma, & a comunicação divina. Esta doutrina deve mover muito às pessoas espirituaes, pera q̄ vivaõ com grande mortificação, não perdoando a trabalho algũ só por chegar a qualquer grao da contemplação, ainda que seja dos minimos della; Não tanto pella intima consolação delles, quanto pella perfeição da vida, q̄ com ella se alcança, & pello gosto, que recebe sua Divina Magestade da estreita comunicação, que pella contemplação té com os homens.

15 Duvida 14. Se ha diferentes maneiras de contemplação? Respondo, q̄ si, como se pode ver nos livros da Santa Madre Theresa, os quaes estão cheyos de sabedoria Divina: porque aquellas differenças de oração, de recolhimento interior, de quietação, de uniaõ, de matrimonio espiritual, de vò de espirito, &c. todos são diferentes modos, & graos de contemplação sobre natural, mas nem todos são sempre graos da có-

Escola de Oração.

templação divina, porque debaixo daquelles nomes pode haver diversa elevação, & excellencia de luz interior, diversos objectos, & diversos graos de perfeição, de que se não pode determinar numero certo, nem grao, certo de perfeição, porque Deos nosso Senhor os pode mudar, como quizer, quanto ao numero, & quanto à perfeição.

16 Duvida 15. Se custuma a contemplação divina dilatar-se muito tempo? Respondo cõforme a doutrina dos Santos, que dura pouco nesta vida, ainda q̃ a vida contemplativa de si seja duravelissima. Desta doutrina dà bom testemunho Santo Agostinho *lib. 10. confes. c. 40.* o qual se lamentava nas suas confissões daquelle brevissimo espaço de q̃ gozava da união, & doçura de Deos, & da pressa com q̃ tornava às cousas creadas, o que succede pello pezo do corpo, & das necessidades da vida mortal. E advirtase, que isto he o que ordinariamente succede: mas não he contra esta doutrina aquillo, que d'alguns Santos se
lê,

lê, que estiverão muito tempo abstrahidos, & suspensos na contemplação.

Pois acerca da duração ordinaria não he necessario declarar, nem determinar se he hum quarto de ora, ou meya, ou tres quartos mais, ou menos. Basta saber que o tempo he breve, & que a contemplação em brevissimo tempo, v. g. em hum quarto de ora causa admiraveis effeitos.

17 Duvida 16. Qual vida he de mayor merecimento, a activa, ou a contemplativa? Respondo, que a contemplativa he de mayor merecimento conforme sua natureza, a qual he commum sentença dos Santos, porque se ocupa mais directamente em amor de Deos, no qual consiste o merecimento: mas pode ser accidentalmente, que hũa alma mereça mais na vida activa, que outra na contemplativa, Santo Thomas 2. 2. *quest.* 182. *art.* 2. como se pella abundancia do divino amor hum servo de Deos se quise privar, ainda da doçura da cõtemplação por aproveitar aos proximos.

Escola de Oração.

18 Duvida 17. Se a vida dos solitarios, que só attendem, & se applicão à contem-
plação, he mais perfeita, que a contem-
plação Monastica? Respondo, que si; se
se toma como convem, v. g. se se toma
despois do exercicio da monastica, por-
que desta maneira supoem, que já tem
ganhada, a perfeição com a companhia
dos outros, que ajudão pera alumiar o
entendimento, & emendar o affecto:
d'outra maneira he mui perigosa, como
ensina Santo Thomas 2. 2. *quest.* 188.
art. 8. & por tanto o que a escolhe por
salto, sem haver alcançado a perfeição
gravemente erra, se o Senhor não acode
com algum privilegio de graça extra-
ordinaria, como o fez com alguns il-
lustres Santos, como com San-
to Antonio, & São

Bento.

(:):

TRATA-

TRATADO IX.

*Dos frutos, & dons do Espirito Santo,
& das bemaventuranças.*



S pessoas, que tratão de espirito, principalmente os que são mestres, & hão de julgar as acções alheas, devem fazer particular estudo dos dons, & frutos do Espirito Santo, & das bemaventuranças, por quanto muitas das cousas espirituaes, & divinas, que o Senhor obra nas almas pertencem aos ditos dons, frutos, & bemaventuranças. Mas vemos que ha pouca noticia destas cousas nos livros espirituaes, & por esta razão ferà serviço do Senhor, & bem dos proximos dizer brevemente, & com distincção os pontos principaes desta materia.

2 Suponho com Santo Thomas 1. 2. q. 68. que os dons do Espirito Santo, são huns habitos certos, & excellentes, que
o Se-

Escola de Oração.

o Senhor aos justos cōmunica, os quaes fervem às potências d'alma aonde estão, pera fazer actos excellentes, & heroicos com impulso do Espirito Santo. De maneira, que em produzir, & obrar aquelles actos he a alma movida do Espirito Santo, & os dons se lhe communicão, pera que se deixe mover facilmente daquelle Divino Espirito, porque ainda q̃ as virtudes theologaes são mais perfectas, que os dons, & communicão à alma hũa grande perfeição pera que toda se ocupe em Deos, que he o fim, & objecto daquellas virtudes, mas não participa a alma tão perfeitamente das ditas virtudes, q̃ deixa de necessitar destes dons, como de ajudas necessarias pera ser facilmente movida do Espirito Santo dōde nasce, que com estes dons fica a alma agil, & se move pera Deos, como levada, & impelida, & com as virtudes theologaes assi mesma se move mais activamente.

3 Dilemos, que os dons do Espirito Santo não chegaram às virtudes theologaes,

gaes, advirtindose, que são mais excellentes, que todas as mais virtudes, ainda que as moraes infusas; porque os dons do Espirito Santo aperfeiçoão a alma em ordem a Deos immediatamente, o que não fazem as outras virtudes.

4 O numero dos dons do Espirito Santo celebrados na Sagrada Escritura, & livros dos Santos he o septenario seguinte. Sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, sciencia, piedade, temor de Deos, entre os quaes dons os quatro de sabedoria, entendimento, sciencia, & conselho, estão no entendimêto, o dom da piedade está na vontade, o dom do temor está na parte cócupiscivel, o dom da fortaleza está na parte irascivel, de sorte, que todas as partes do homem, donde estão os habitos das virtudes têm a companhia de algum dom do Espirito Santo.

5 O dom do entendimento serve pera fazer boa, & perfeita apprehensão, & conceito das cousas divinas, que ensina a fé, de maneira, que serve este dom do entendiment-

Escola de Oração.

tendimento pera entêder aquellas cou-
fas com hum modo de penetração, &
divina subtileza. O dom da fabledoria
serve pera julgar bem das coufas divi-
nas, & das coufas creadas por rezoês di-
vinas. O dom da sciencia serve pera bê
julgar, quanto às coufas creadas. O dom
de conselho serve pera inferir, & con-
cluir do juizo, que se faz com os dons da
fabledoria, & sciencia, àquillo, que em
particular se ha de fazer. Os quacs qua-
tro actos dos quatro dons se fazem com
o impulso sobredito do Espirito Santo.
O dom de piedade serve pera dar, & sa-
tisfazer a Deos, como a Pay a divida hõ-
ra, & tambem, pera satisfazer, a que aos
Santos se deve: & por este respeito at-
tende ao divino culto. O dom de temor
serve pera retirar o appetite concupisci-
vel, donde està, das coufas delectaveis
peccaminosamente, que como taes em-
pedem o bem d'alma. O temor se divi-
de em fervil, inicial, & filial. O temor
fervil he aquelle, com que hum homem
teme as penas, que Deos ha ordenado

contra os peccados , & por este respeito foge de peccar, obrando bem; Bom he este temor , quando procede do amor proprio bem ordenado , q̄ he não querer padecer o dano da pena, se não estar com bem, não tendo por ultimo fim aquelle estar sem pena, se não tendo por bom estado, que se pode referir a Deos, como a ultimo fim. O temor inicial he hum temor filial, mas imperfeito , que de tal maneira teme a offensa de Deos, que juntamente teme a pena, & se ajuda do temor servil pera bem obrar. O temor filial he aquelle , com o qual o homem teme offender a Deos por ser que he, & apartarse delle pello peccado. Estes tres temores são differentes do temor mundano, com o qual o homem de tal maneira teme algum mal , ou descomodidade desta vida , & por esta razão teme offender a Deos mortalmente. Entre estes ditos temores o mundano não he dom do Espirito Santo, nem menos o servil se conta entre os sete dons, porq̄ pòde estar com vontade de peccar , como

Escola de Oração.

mo diz Santo Agostinho allegado por Santo Thomas 2.2. *quest.* 19. *art.* 9. Cõ tudo isto conforme sua sustancia he bõ, ainda, que a servidão he mà, como diz o mesmo Santo Thomas, assi como a fee sem charidade, quanto à sustancia he boa ainda que a infirmitade he mà. O temor inicial cõforme sua sustancia, ou essencia he da mesma especie, que o filial, ainda que dà lugar àquella mistura de servil, da qual se distingue quanto à essencia.

Não se conta entre os sete dons do Espirito Santo, se não só o temor filial, que por outro nome se chama temor casto proporcionado à perfeita charidade, a qual lança fora o temor servil, q̃ não pòde estar com a charidade em quanto servil, porque não se chama servil, se não quando teme a pena como mal principal, a qual he contra a charidade, & temor filial: mas a sustancia do temor servil pòde estar com a charidade, excluida a servidão, de maneira, que possa estar juntamente com a charidade

de. O temor da pena sem servidão, em fim aquelle temor da pena se vai diminuindo ao passo, q̄ vai crescendo a charidade, a qual quando he perfeita não teme a pena. O dom de fortaleza, que está na parte irascivel, serve pera vencer as difficuldades, & perigos, que empedem o serviço de Deos, & união com sua Divina Magestade, & em todos os actos sobre ditos dos sete dons do Espirito Santo ha algũa excellencia no modo de obralos, conforme a monção do Divino Espirito.

6 A estes excellentes dons se attribue os progressos admiraveis, que os servos de Deos obrão com singular monção do Espirito Santo; fóra do modo de obrar ordinario; do qual se achão exemplos na Escritura Sagrada, & historias dos Santos, v. g. ao dom do entendimento, que serve pera alcançar, & penetrar as cousas da Fee se attribue hũa sutil intelligencia de muitos Santos, & Santas, aos quaes lhe parecia, que maravilhosamente entendião os mysterios divinos.

Escola de Oração.

Ao dom da sabedoria se atribue a divina contemplação, com a qual os Santos, & Santas fazião hum juizo, como conatural das cousas divinas, unindose a ellas estreitissimamente com purissimo amor. Ao dom da sciencia se atribue a discricão, & o saber discernir, conhecer, & estimar as verdades catholicas, q̄ nos propoem a Santa Igreja nossa mãy as quaes estremadamête souberão discernir os Santos, refutando os contrarios erros. Ao dom do conselho se atribuem certas eleições de estado maravilhosas, & estupendas, achando a rezão da conveniencia entre a suspensão, & escuridades desta vida, & muitas decisões em casos particulares semelhantes àquelle de Salamão, *3. lib. Reg. 1. 25.* quando julgou, que fosse dividido hum minino que duas mulheres pedião cada hũa por seu, & assi cõ particular impulso do Espirito São descubrio, qual fosse sua verdadeira mãy, semelhante foy tambem aquelle juizo, & sentença de Daniel *Dan. 13. 51.* quando livrou a Susana com a
quella

quelle conselho de julgar os dous malvados velhos, & cóyencelos em presença do povo. Ao dom da piedade se attribuem muitas cousas extraordinarias, q̄ fazem os Santos, & fazião por gloria, & honra de sua Divina Magestade, pondose em campo, & não podendo soffrer, que a honra, que só he devida a Deos se desse aos Idolos; & assi mesmo não soffrendo, que se negasse o respeito às Sagradas Imagens, & menos, que se perdesse o decoro às cousas Santas, mas antes publicamente reprehendião aos tyranos, & hereges. Ao dom do temor se attribuem alguns actos heroicos, que os Santos, & Santas obrarão, pois entre as occasiões vehementissimas de perder a castidade tiverão de tal sorte enfreada a concupiscência sensual com aquelle temor santo, & com elle forão de tal maneira movidos pello Espirito Santo que varonilmente conservarão a pureza, vencendo os perigos, & occasiões, q̄ outros, q̄ assi não fossem alumados do Divino Espirito, não poderião resistir a tão forte

Escola de Oração.

certamen, como as historias publicão.

Ao dom da fortaleza se atribue o animo, & valor dos martyres, que sem temor da morte se arrojavão aos mayores perigos, como se foraõ leões. Tambem na Ley Escrita ouve muitos exemplos como de Sanção, *Iud. 16.* quando derribou as columnas, matandose assi mesmo com todos os inimigos, q̄ naquelle templo estavão, & o exemplo de Eleafaro *1. Machab. 6. 43.* que se poz debayxo do elefante, matandoo, & ficando morto juntamente.

7 O que fica dito serve pera as pessoas espirituas se não turbarẽ quando vêm, que outros servos de Dees obrão coufas, que parecem mui extraordinarias, & pouco advertidas: & pera suspender o juizo, crendo ser conselho do Espirito Santo, como o foy quando David se fingio louco em presença d'El Rey de Gteh, *1. Reg. 2* & como quando despio as vestes reaes, & dançou em presença da Arca do Testamento *13. 2. Reg. 6. 14.* & quando Santo Aleyxo fugio, & deixou
a Roma,

a Roma, casa, & mulher, zombando do mundo por modo nunca visto, & como o fez Alexandre o carvoeiro, (homem de grande sciencia, o qual fazia, & vendia carvão por ser do mundo escarnecido, & encubrir a grande sciencia, de que era dotado: E o mesmo se ha visto em outros muitos casos semelhantes.

8 A intelligencia dos dons do Espirito Santo he mui necessaria, pera entender as cousas interiores, & espirituaes, mais levantadas da contemplação, & da mystica Theologia, porque o Theologo, q̄ sabe, que qualquer homem, que está em graça de Deos nosso Senhor, tem muitos habitos infusos, em o entendimento inseparaveis da divina graça, q̄ servem, ou pera penetrar as cousas divinas, como no dom do entendimento, ou pera divinamente contemplar, como o dom da sabedoria, do qual he acto licito, & proprio da divina contemplação: Terá fundamento de sciencia theologica, pera julgar dos conhecimentos sublimes interiores, & dos divinos gostos, que o

Escola de Oração.

Senhor communica às almas puras pelo nobilissimo dom da sabedoria, o qual de tal maneira illustra o entendimento, que serve pera inflamar a vontade, & fazela capaz dos divinos delcites.

9 Acerca dos frutos do Espirito Santo, & das bemaventuranças, deixando algúas distincções pouco necessarias dos Theologos, que não importaõ a nosso preposito, basta advertir, como os frutos, & bemaventuranças não são habitos, se não actos das virtudes, & dos dons do Espirito Santo de sorte, que os actos das virtudes se chamão frutos, porque são certos ultimos effeitos, & delectaveis do homem, à semelhança dos frutos das arvores, que são a cousa ultima, & mais aprasivel, q̃ produzem. Estes mesmos se chamaõ frutos do Espirito Santo, em quanto se produzem pella graça do Espirito Santo como por virtude de hũa celestial sementeira. Porém as bemaventuranças tem juntamente o serem actos mais perfeitos, & excellentes, de sorte, que incluem em si a
perfei.

perfeição dos fruitos, & se adiantão a mais. É por esta excellencia as bemaventuranças se atribuem aos dons do Espírito Santo, como aſſima fica dito, ſervêpera fazer actos excellentes, & heroicos, & os fruitos se atribuem às virtudes, ainda q̄ não ſejaõ virtudes tão excellentes. Verdade he, que algúas vezes as bemaventuranças ſeraõ actos das virtudes, & os fruitos bem podem ſer dos dons; & por tanto a applicação, & a atenção principal ha de ſer caminhar à perfeição dos actos, em o q̄ conſiſte a mais notavel differença.

10 Quanto aos fruitos do Espírito Santo não ſe nos offerece outra couſa, que por ora expliquemos, ſe não, que ſaõ actos eſtremados, como ſe ve nos q̄ contou o Apoſtolo, charidade, gozo, paz, paciencia, benignidade, bondade, longanimidade, manſidão, ſee, modestia, continencia, caſtidade. Deſorte, que a intenção do Apoſtolo foi dizer, que o Espírito Santo produz eſtes fruitos nas peſſoas juſtas, & virtuoſas com grande

Escola de Oração.

consolação dessas cousas, como dadas do mesmo Deos: Que são o amor, & a interior alegria, & paz interior, a paciência nos trabalhos, a suavidade, & quietação no trato, a bondade o estar sem malicia, mais dons: os quaes se haõ de considerar sempre unidos nas pessoas espirituaes, que recebem de Deos nosso Senhor visitas, & favores celestiaes.

Porque se juntão com boas conjecturas os fruitos do Espirito Santo nestas almas afsi dispostas, se pode fazer provavel argumento, que são governadas pelo Divino Espirito. Advirtase, que naõ quis o Apostolo contar todos os fruitos do Espirito Santo, se naõ os principaes, como advertio S. Thomas 1. 2. *quest.* 70. *art.* 4.º que se ha de dizer da mesma sorte das bemaventuranças.

II Acerca das bemaventuranças se ha de advertir a excellencia dos actos, porque são taõ excellentes, que se podem chamar hum principio da ultima, & eterna bemaventurança: porque a alma, que com a divina graça produz aquelles

les actos, tem chegado a húa perfeição de vida mui semelhante àquella, que os bemaventurados gozão nesse Cèo. Soponhamos com a opinião de Santo Agostinho *lib. 1. de serm. Dom. in monte.* Quer este Santo, que os premios, que Christo Senhor nosso neste sermaõ afinala se gostão antecipadamente já nesta vida, ou soponhamos a contraria de Santo Ambrosio *lib. 5. in Luc. cap. 6.* porque de qualquer maneira, que o expliquemos he certo, que a perfeição, có que esta alma vive he admiravel, & mui chegada ao estado da gloria, pera cujo alcance serve maravilhosamente aquelles actos, q̄ por isso são chamados bemaventuranças.

12 O estado daquelles aquem Christo nosso Senhor chama bemaventurados he tal, que com a pobreza de espirito, q̄ a humildade contraria ao inchado vento da soberba produz certos actos de altissimo desprezo de si mesmos, no qual desprezo estão gozando estremadamente do Reyno celeste. Os mansos,

Escola de Oração.

de coração produzem certos actos admiraveis da mansidão, com a qual alcanção muitas victorias deste miseravel mundo triumphando da ira dos capitães inimigos, tendo hum altissimo sentimento por não chegarem já a possuir aquella herança pacifica da terra dos viventes, quero dizer da eterna vida, na qual repousa, & descansa seu affecto, como o corpo descansa na terra.

Os que choraõ, ou estão tristes com aquella santa tristeza, que diz Christo Senhor nosso no Evangelho, tem hũa perfeição altissima, & mui chegada as delicias eternas, sentindo tristeza excessiva em quanto se vêm privados, & ausentes daquelle summo, & eterno bẽ, ao qual suspiraõ com gemidos sentidos de seu coração, alegrandose ao despois com a esperança de que algum dia virão a lograr aquella suave deleite da eterna bemaventurança. Os que tem fome, & sede da justiça vem a ser aquelles que tem perfeito desejo de se ajustarem com a divina vontade, & em tudo lhe ferem

serem agradaveis, qual custuma ser o affecto, & amor daquelles bemaventurados famintos pera com aquella divina iguaria, & dos sequiosos pera apagarem sua sede com a agoa da vida, tem hũa satisfação de consciencia semelhante àquella grande cea da gloria, na qual haverá fartura sem fastio, gozo sem tristeza.

Os misericordiosos com perfeita misericordia possuem hũa felicissima forte, porque assi como elles livrão aos miseraveis da sua miseria, assi elles serão livres das suas, & beatificados eternamente; & desta ditosa forte, & colmada dita tem hũa firmissima esperança, que com rezão se pòde chamar principio, q̃ conduz a possessão da ultima felicidade, que he ver, & lograr a soberana vista de Deos nosso Senhor.

Os que são puros de coração chegam nesta vida com aquella perfeição de pureza a hũa noticia, & conhecimento de Deos taõ levantado com o dom do entendimento, que he quasi em certa maneira

Escola de Oração.

neira ver a Deos nosso Senhor conforme o entende Santo Thomas 1.2. *quest.* 69. *art.* 2. *ad* 3. o qual diz, que nesta vida, purgada, & limpa a vista interior cõ o dom do Espírito Santo, chamado entendimento em certa maneira se pòde ver a Deos. O que tambem se verifica na divina contemplação, na qual cõmunica o Senhor hũa claríssima luz, & hũa ineffavel noticia de si mesmo.

Os pacificos, são aquelles, que tem composto, & pacificado taõ perfeitamente seu interior, que a parte inferior se rende à superior, & a superior se rende a sua Divina Magestade com hũa rara perfeição, como de muitos Santos se lê, & de pessoas mui espirituaes, as quaes chegaõ a hũa serenidade, & admiravel semelhança de Christo nosso Senhor filho natural de Deos, & os pacificos com singular excellencia se assemelhão com esse Senhor como filhos adoptivos seus.

Os que padecem perseguições pella justiça com grande animo, & fortaleza, chegaõ a hum grao de perfeição, q̃ lhes parece

parece tem em sua mão o Reyno dos Cèos com o testemunho da boa, & pura consciencia nas perseguições, que innocentemente padecem. Estas são as bêmaventuranças, que Christo Senhor nosso prègou acerca das quaes, & dos frutos dellas se ha de advertir, que ainda que se chamem actos dos dons do Espirito Santo, & das virtudes, não se ha de entender, que todos os frutos, ou bêmaventuranças sejam propriamente actos, porque algũas excellencias ha entre elles, que não são propriamente actos, se não hum bosquejo do cèo, & da bêmaventurança celestial, que segue, & acõpanha aos actos, como a paz entre os frutos, & a pureza de coração entre as bêmaventuranças.


13 A noticia, & consideração das bêmaventuranças, & tambem dos frutos ha de servir pera cõsolação das pessoas espirituaes, as quaes sabendo o inestimavel bem, que o Senhor cõmunica a seus amigos ainda nesta vida, hão se de alentar ao trabalho, & hir a diante no caminho

Escola de Oração.

inho da perfeição Christãa; serve tam-
bem (como se disse ahsima tratando dos
dons) pera os mestres da vida espiritual,
os quaes em muitas occasioens verão
quando forem consultados de algúas,
pessoas os actos deliciosos, & excellen-
tes, chamados na Theologia fruitos, &
bemaventuranças, que passaõ em pes-
soas espirituaes, quando chegão a rece-
ber visitas, & favores divinos; Que serà
pera bem dos ditos mestres, & consola-
ção de seus proximos.

TRATADO X.

Das graças gratis datas.

I  INDA que he verdade, que
as graças, que os Theologos
chamão gratis datas (q̃ são
certos dons de Deos nosso
Senhor em ordem a instruir, & ajudar
aos proximos pera o caminho da vida
eterna) costumão communicarse algúas
vezes aos peccadores; suposto que ordi-
naria-

nariamente se dão aos justos de excelente santidade, como se ve pellos exemplos dos Santos, que tiverão espirito prophetico, graça de fazer milagres, discripção, & conhecimento de espiritos, & outras semelhantes graças, q̄ ainda em nossos dias se vêm cousas semelhantes em algũas pessoas celebradas por sua virtude, & santidade; & por esta causa convem dar hũa noticia breve destas graças.

2 O Apostolo, escrevendo aos Corinthios 12. fez hũa lista, & rol das graças gratis datas, em que diz assi: A hum comunica o Senhor pello Espirito o conhecimento da Sabedoria, a outro o da Sciencia, a outro a Fee, a outro a graça de dar saude aos enfermos, a outro de fazer milagres, a outro prophetisar, a outro a discripção dos espiritos, a outro o fallar em differentes lingoas, a outro a interpretação das sagradas letras.

3 A significação, & sustancia destas graças gratis datas conforme S. Thomas 1.2. *quest. 3. art. 4.* he a seguinte, o que o

Apo-

Escola de Oração.

Apostolo disse: *Sermo sapientiae*, sermão, isto he conhecimento de sabedoria, que consiste em hũa rara noticia das cousas divinas, que são as conclusões, q se deduzem, & tirão dos principios, ou Catholicas verdades, que a Fee ensina. A graça da sciencia consiste em hum raro conhecimento de cousas naturaes, & humanas, pera servirse dellas a fim de encaminhar aos proximos às cousas divinas. A graça da Fee não consiste em crer as verdades Catholicas, porque isso he commum a todos os fieis, mas consiste em hũa rara firmeza da Fee, com a qual fica hũa alma idonea, & prompta pera persuadir a todos as verdades divinas. Estas tres graças fervem pera o conhecimêto das cousas divinas em ordem de aproveitar os proximos, & como pera persuadir as cousas sobre naturaes, & divinas, q sobrepoção sobre toda a rezão, não são bastantes rezoões, nem argumentos, se não q se requerem juntamente obras, q sejam proprias da divina virtude: por esta causa communi-

ca o Senhor outras graças, nas quaes vêm os homens effeitos propios da divina virtude, com os quaes se convencem a crerem, que a doutrina, que se lhes prèga he verdadeira, & divina.

4 As graças, que servem pera este fim de confirmar com obras a doutrina, fazendo enfermidades com a divina graça, prophetisar o futuro, & fazer milagres, discernir os espiritos com discricção sobre natural. A graça de farar consiste em dar faude aos enfermos sem medicinas, & sem meynos humanos. A que o Apostolo chamou *Operatio virtutum*. Isto he, a graça de fazer milagres consiste em obralos fomite pera a manifestação do Divino poder, como seria fazer parar, ou escurecer o sol, dividir as agoas do mar, ou dos rios, &c. E o em que se differença esta graça de dividir as agoas, ou parar o sol, da graça de farar enfermidades, a qual, ainda q̄ he obrar milagres, com tudo não he ordenada somente a manifestar o divino poder, se não tambem ao proveito, remedio, &

Escola de Oração.

consolação dos proximos.

A graça de prophesia consiste em hũ conhecimento sobre natural, ordenado a manifestar aquellas cousas, q̃ só Deos nosso Senhor pôde saber, como saõ aquellas, que estão por vir. A discrição de governar espiritos, & conhecelos cõsiste em a noticia, & conhecimento ordenado a descobrir, & manifestar as cousas ocultas nos coraçõs dos proximos, o que claramente se vê não poder ser, senão com particular luz de Deos nosso Senhor. Estas quatro graças fazem os homês capazes pera confirmar a doutrina Catholica; mas pera a intimar, & persuadir aos proximos com o modo humano, q̃ he fallando, se requerem outras graças, que saõ a graça das lingoas, & a interpretação das palavras.

5. A graça das lingoas consiste em uso das mesmas lingoas daquelles proximos com quem communicão, ou querem cõmunicar, que saõ de diversas especies, concorrendo Deos nosso Senhor no conhecimento das taes lingoas, & na pro-

nunciação, & declaração dellas.

A graça que chamou o Apóstolo interpretação dos sermoes, he do que se falla na propria, ou diversas lingoas; consiste esta graça em hũa conveniente declaração das palavras, conceitos, ou sentenças, que se dizem, & nestas duas graças ultimas se ha de supor, que ha de haver hũa particular força de Deos nosso Senhor em o fallar, & explicar, a fim de persuadir, & induzir os proximos à verdadeira, & viva fee, & conhecimento, & serviço do Senhor. E daqui vem vemos os pregadores Evangelicos, & outros muitos fervos de Deos, que nos sermoes, & conversoens particulares declarão a Sagrada Escritura com hũa tão grande força, & efficacia do espirito, que parece se lhe não pode resistir, senão renderse a


suas espirituaes pa-

lavras.

(:!)

TRATADO XI.

Dos raptos, visões, & revelações.

I  Vpondo, que estas tres cousas são diferentes em todo, ou em parte, porque fallando commummente dos raptos, como delles custuma fallar o vulgo, muitos se vem arrebatados, & enganados de seus sentidos, & não se sabe delles, que tenham visões, ou revelações. Sabese tambem que muitos tem visões, & não revelações, porque não se lhe descobre, nem revela cousa algũa naquellas visões.

Finalmente de muitos se sabe, q̄ tem revelações, ouvindo algũa palavra interior, ou vendo algũa cousa interiormente, ou de outras maneiras.

2 A ordem de sabedoria divina, que na Escritura Sagrada se descobre, nos livros dos Santos se lê, & em suas vidas, & exemplos se mostra (querendo o Senhor

nhor levar a si quando he servido) as almas com verdadeiros raptos pera mostrarlhes algũa cousa sobre natural, & darlhe a entender, o que significa. De forte que o Espirito de Deos não arrebatata pera si a alma, privandoa do uzo dos sentidos, & potencias, pera tela como embobada, & amortecida se obrar, nem fazer outra cousa, (como quando succede hum accidente, ou delmayo) que disto não succede, né se segue proveito algum, se não quando o Senhor une a si a alma pera fazerlhe algum bem espiritual, o qual custuma fazerlhe pelas visoões, ou revelações convenientes, & de proveito, ou pera a mesma alma, ou tambem às vezes pera bem dos proximos.

3 Decendo pois a tratar do rapto, sua commua definição he a seguinte.

Rapto he hum elevamento causado do Divino Espirito, com o qual suspende a alma, & a eleva a algũa cousa sobre natural com abnegação dos sentidos. Rapto significa forças, ou violencia, a

Escola de Oração.

qual consiste não na alma se elevar em Deos, porque isso he cousa conforme a natureza, & a mesma inclinação d'alma: & nenhũa cousa se pôde chamar violência, nem menos que padece nas cousas, que lhe succedem conforme a sua mesma inclinação: se não samente consiste naquelle modo rebatado de levantar-se a alma mais apressadamente, & cõ mayor velocidade, em aquella abnegação de sentidos, que não he conforme sua natureza: como quando hũa pessoa atira hũa pedra cõ força pera baixo não padece nenhũa violencia, porque a pedra se ve lançada pera o seu natural, & centro, se não em ser atirada com mais velocidade, & ligeireza daquella, que com seu pezo natural pudera cahir.

4 O rapto não consiste na vontade, & menos no apetite sensitivo, se não em as potencias conhecitivas, porque o entendimento he o que com abnegação dos sentidos he arrebatado às cousas intellectuaes, com algũa intellectual visão, ou a imaginação com algũa visão
imagi-

imaginaria. A rezão porque o rapto se não pôde produzir pella vontade he, porque sendo a vontade húa propensão, ou inclinação ao bem, quanto mais força, ou vehemencia tivessem até o bê, tanto mais conforme seria a sua inclinação: & por isso tanto estaria mais longe de padecer rapto, nem violencia algũa; com tudo isso a vehemência, & força do affecto da vontade, ou do appetite sensitivo costuma ser causa de muitos raptos, porq̄ pegandose a alma com grande força ás cousas que ama, cõ aquella mesma força move as potencias conhecitivas, àquelles objectos amados, tirando essas potencias conhecitivas com impeto, & força de tudo o de mais, que deordenadamente podia amar.

Tudo isto se deve advirtir, & muito reparar pera julgar, & decernir os raptos naquellas pessoas, que tem affectos vehementes naturaes, com os quaes facilmente se transportaõ, & mudaõ em raptos de pouca lustancia, & singeleza, principalmente quando se poem em o-

Escola de Oração.

ração có desejo de algũa cousa, às quaes
pessoas se deve aconselhar, que quando
se sentem hir elevando, ou inflamman-
do se devirtão, porque quando os rap-
tos são verdadeiros, & divinos, ainda q̃
as taes pessoas procurem resistir quanto
mais resistirem serãõ nem mais, né me-
nos arrebatadas.

5 Extasi ordinariaméte significa o mes-
mo que raptõ, ainda que considerando
a propriedade do nome ha differença,
porque raptõ significa violencia, & ex-
tasi significa hum sahir simples, & sin-
gelamente fóra de si: & por esta rezão
convem o extasi à vontade, que sahe, ou
se move pera a cousa amada, & propor-
cionadamente pera o appetite sensitivo,
que tambem faz o mesmo quando ama.
E estas sahidas quando são vehemétes,
são causas dos ditos raptos, do entendi-
mento, ou da imaginação.

6 Acerca dos raptos se hão de advertir
as causas, ou motivos, que costumão ser
certos chamamentos, ou toques interio-
res de Deos nosso Senhor, ou varias ab-
strações,

straçoões, & suspensoões; com as quaes a Divina Magestade chama a si a alma cõ grande força, como Senhor della. Deftes motivos interiores não he necessario largo tratado, porque podem ser diversos, & sem conto, conforme o Senhor quizer, & for servido, porque já hora com hũa luz, ou illuminação interior, ou já com a doçura extraordinaria, que destilla o apetite sensitivo, ou já cõ hum silvo, ou brado secreto, já de outras maneiras chama, & leva a si a alma com tanta efficacia, & imperio, & claramente mostra, q̃ elle he o Emperador, o Monarca, & Creador de tudo.

7 Tambem se hão de notar, & advertir as impressões, & effeitos, que se vêm nos corpos daquellas pessoas, que padecem arrebatamentos, q̃ costumão ser os seguintes; estar o corpo pasmado, frio, & como morto, & algũas vezes levantar se da terra, & estar suspenso no ar. Ha tambem alguns raptos imperfeitos, q̃ não chegão a tirar tanto de si à pessoa, nem abstrahila tanto de si, que não diga al-

Escola de Oração.

gúas palavras, lance alguns suspiros, & se lhe oução algúas vozes: & algúa vez esta violencia, & força lhe faz deitar fangue pella boca, & outras vezes he o corpo atormentado com tremores, saltos, ou correndo de húa pera outra parte com húa alegria muito do coração, como de muitos Santos se escreve. Esta custuma fer húa suave ebriedade do Espírito Santo, & húa suave suspensão dos sentidos, que só se sabe gozar, mas não se pode explicar.

8 Pois como seja verdade, que as cousas exteriores, que se vêm nos arrebatamentos, ou raptos podem ser obra de Deos, ou do demonio, porque tambem elles podem causar os ditos effeitos nos corpos humanos: quem ouver de fazer juizo destas cousas ha de examinar diligentemente os motivos interiores delles cõ as regras ordinarias das paixões, ou effeitos espirituaes, como a diante diremos no tratado da descripção dos espiritos, fazendo pouco caso do que por fóra se ve nos corpos arrebatados, se

se não concorrem os outros sinaes com evidencia de bons, & seguros fundamentos.

9 Acerca das visoões, ou apariçoës, que succede representarem se nos raptos se ha de advertir, q̄ concorrem duas coufas, hũa he a representação, ou imagem, que podem ser intellectuaes, & imaginarias, conforme for a visaõ: A outra he o juizo, que o homem faz das coufas representadas pellas imagens, que vio. A representação se faz pellas especies intelligiveis, & imaginarias, que são como diversas imagens postas no entendimẽto, ou na imaginação, a qual pòde ser infundindoas Deos de novo, ou servindo de das que já estavão no entendimẽto, ou na imaginação, & ordenalas, & compolas de sorte que seão capazes, & convenientes pera representar o q̄ sua Divina Magestade lhe quer revellar. E hase de advertir, que nem o Santo Anjo, nem o demonio podem infundir nas almas novas especies não somente no entendimento, mas nem ainda na imaginação,

ginação, conforme Santo Thomas ; ainda que pode ordenar , compor as especies, ou imagens , que já estão na imaginação pera nellas representarem aquillo, que pretendem. Alem disto o juizo, que o homem faz das cousas representadas, se faz pella luz sobre natural, que Deos nosso Senhor infunde quando revela algũa cousa , & este juizo he a cousa mais nobre quanto às visoões , porque com elle se alcança , & precebe o sentimento , ou conselho de sua Divina Magestade ; & como as visoões sem aquelle juizo , são hũa cousa mui imperfeita , & que se custuma communicar a alguns, q̃ não entendem, o que Deos quer significar, como aconteceu a Pharaõ, & a Nabucdonosor.

10 Acerca destas visoões, ou representações se ha de advertir, que quando succedê aparições exteriores, como a mão, que appareceu a El Rey Balthesar, que escrevia na parede a sentença de morte; & assi mesmo quando se offerecem algũas representações intellectuaes (das
quaes

quaes agora não tratamos, como quãdo o Senhor infundio a sabedoria a Salamaõ, & juntamente aos Apostolos com luz sobre natural, não custuma ser com abnegação de sentidos, como succede nos raptos; mas quando o Senhor representa algũa cousa na imaginativa ordinariamente he com ella. A rezão desta differença he, porque em os primeiros casos julga o entendimento, reduzindose às cousas sensiveis E quanto ao terceiro não he assi, antes he necessario, que o homem se abstraça, & retire das cousas sensiveis, vem a ser das cousas exteriores, que movem os sentidos exteriores, pera que a aparição da imaginativa interna não se engane, parecendo-lhe, que ve exteriormente, o que ve, ou conhece com a imaginação; & daqui nasce, que quando a abnegação dos sentidos he imperfeita, não se decerne, né declara bem o que se imagina daquillo que exteriormente se ve, o que haõ de notar, & advertir bem pera julgar com prudencia.

11. As visões intellectuaes, & imaginarias succedem, ou quando a alma se aparta dos sentidos pella força da contéplação, ou por algum arrebatamento.

A visão imaginaria se distingue em tres graos. O 1. he quando apparecem sinaes, ou imagens. O 2. quando não samente se ouvem sinaes, mas ainda se ouvem algũas palavras. O 3. he quando juntamente com os sinaes, & palavras apparece a algũa pessoa, que falla, ou mostra algũa cousa, & este ultimo final he o de mayor estimação. Mas a visão intellectual he mais nobre, & sublime, que todos estes graos, porque se chega mais, & une à visão clara do cèu. Advirtase, que as visões imaginarias estão expostas a muitos perigos, porq̃ o demonio, & a propria imaginação vehemête fingem muitas visões semelhantes às de Deos nosso Senhor; & por tanto as pessoas espirituas as temem, & se apartaõ dellas quanto lhe he possivel.

12. As revelações, que com estas aparições succedem, (& cõsistem propriamente

mente na intelligencia das visoões, & significações interiores) são varias, por q̃ o Senhor se digna de communicar seus secretos passados , presentes , ausentes, ou futuros, quando, como, & aquem he servido. Acerca das quaes, como tambem quanto às visoões não se offerece q̃ dizer de novo, se não, que se acuda logo aos sinaes communs, q̃ estão no tratado da discricão dos espiritos, samente direi, & advertirei, que as pessoas, q̃ tem estas cousas interiores, estejam muito sobre aviso pera lhe não darem credito facilmente, & hajãose com muita prudencia, em as não descobrir, se não a pessoas de muita doutrina, espirito, & ha de ser logo a consulta tanto que ha o successo, & guardese de não obrar cousa algũa por minima que seja, daquellas q̃ lhes hão sido reveladas, ou pera si, ou pera outras pessoas, sem que primeiro as consulte, & declarem a seus


mestres espirituas.

(!)

TRATA-

TRATADO XII.

Da Mystica Theologia.

I  INDA que Theologia my-
stica he altissima, & subida
ensinada por São Dionisio
Ariopagita, com hum mo-
do escuro, que causa reverencia, & res-
peito, a quem o lè, parece fora escusado
passalo em a lingua vulgar, com tudo,
considerando o estado desta nossa ida-
de, na qual andaó, & se lêm muitos li-
vros vulgares desta materia cõ termos
pouco intelligiveis, de que se segue naó
pequeno dano às pessoas espirituaes, &
considerando o proveito, que pode se-
guirse de escrever vulgarmente, & com
brevidade, & claresa das cousas, que ne-
sta parte são mui intrincadas, & escuras,
parece que serà serviço do Senhor tra-
tar os pontos da dita Theologia com
termos claros, & distinctos, declarando
a realidade das cousas, conforme a dou-
trina

trina commum dos Doutores particularmente Santo Thomas, & São Boaventura.

2 Duvida 1. Que cousa he mystica Theologia? Respondo, que a Theologia mystica he hũa altissima noticia, ou conhecimento experimental de Deos nosso Senhor, a qual se alcança por hũa certa união mei sublime da vontade cõ o mesmo Deos.

3 Duvida 2. Que he necessario pera vir em conhecimento desta definição *S. Boav.* da Theologia mystica? Respondo que se hão de advertir as cousas seguintes, (São Boaventura *de lum. Eccl. serm. 2.* poem o sentido desta definição, ao qual seguem os Authores mais modernos) quando hum homem està em graça de Deos entre os bens espirituales, que possui he hũa qualidade, ou habito excellentissimo, chamado sabedoria, que he dom do Espirito Santo, & està no entendimento. E quando Deos nosso Senhor he servido concorre com especial auxilio, & admiravel luz, illustrando o en-

201
Escola de Oração.

tendimento com aquelle habito da sabedoria, concorrendo com aquelle auxilio divino, donde se produz hum nobillissimo acto, que chamão contemplação: o qual não he conhecimento divino ordinario, se não extraordinario, & tão efficaz, que vem a terminar se, & acabar em o affecto, causando incendio muy grande do amor divino na vontade. Esta doutrina he conforme a de Santo Thomas *1. part. quest. 43. art. 5.* Donde tratando da missão universal do Filho de Deos pera húa alma, diz: q̄ aquella missão não se faz com qualquer perfeição do entendimento, se não quando se communica tal conhecimento, ou noticia ao entendimento, que rompe em hum estremado affecto de amor. E a este preposito allega o Doutor Angelico a S. Agostinho *lib. 4. de etern.* aonde diz, *Filius mittitur, cum à quo quam cognoscitur, atque percipitur,* como se distera: o Filho de Deos he mandado à alma, quando essa alma o conhece com hum recebimento, ou gosto experimental; &

por isso ajunta Santo Thomas: *Perceptio autem experimentalis quaedam notitiam significat, & haec proprie dicitur sapientia, quasi sapida scientia*, como se dissera, a presepção, significa húa certa noticia experimental, a qual propriamente se chama sabedoria, q̄ he o mesmo que dizer: Sciencia saborosa. S. Boaventura *Iten. 3. eter. dist. 2.* declara esta doutrina com as palavras seguintes: *Actus sapientiae est contemplari Deum, non quomodocumque, sed ex dilectione cum quadam experimentalis suavitate in affectu*, que vem a dizer, o acto da sabedoria he contemplar a Deos não de qualquer maneira, se não de sorte que a contemplação naça da charidade com húa certa suavidade experimental de Deos nosso Senhor no affecto, ou vontade. A vontade pois com esta noticia da bondade, fermosura, sabedoria, & outras divinas perfeições se inflama com hum modo seraphico, & a virtude da charidade, que está na mesma vontade produz húa acto de amor ardentissimo,

Escola de Oração.

& se levanta maravilhosamente sobre o entendimento pella mayor elevação, q̄ a charidade lhe communica por ser mayor da que lhe dà a fee, & alem da que participa o entendimento pello dom da sabedoria. Por quanto entre as virtudes theologaes, a charidade he a virtude mayor, como o disse o Apóstolo 1. *Corinth.* 13. Todas as virtudes theologaes (principalmente a charidade) são mais altas, & excellentes, que os dons do Espírito Santo, conforme Santo Thomas 1.2. *quest.* 68. *art.* 8. Donde se infere o que dissemos, que a vontade nesta vida se sobe mais junto a Deos, que não o entendimento, pella alteza que lhe dà a nobilissima virtude da charidade, q̄ está nella, & he mayor que a virtude da Fè, & o dom da sabedoria communicão ao entendimento, aonde estão estes habitos, o qual por ser doutrina certa, não ha pera q̄ deternos a provalo com rezoões especulativas. Depois disto, passando mais a diante Deos nosso Senhor atrahê, & eleva a si a vontade com húa inefavel

favel doçura, & estando nesta eleuação abraça, une, ou pera melhor significalo dà regalado osculo à vontade, com hum celestial amor, & divinos deleites, & finalmente despois daquella união, & divino gosto forma o entendimento húa noticia mais clara de Deos N. Senhor, & muito mais sublime, que aquella que d'antes tinha, por mui levantada q̄ fosse. Estes são os principaes pontos, que se hão de advertir pera intelligencia da mystica Theologia.

4. Davida 3. *Quil* destas cousas afsima referidas he a Theologia Mystica, se he o dom habitual da sabedoria, que està no entendimento, ou o acto da contemplação, que nasce daquelle habito com o especial auxilio Divino, que precede aos actos da vontade; ou se he acto de amor, que com aquella noticia da cõtemplação nasce do habito da charidade, q̄ està na vontade, ou serà aquelle gosto de Deos, que se segue quando a vontade està sublimada com o especial favor divino àquella união altissima cõ Deos

Escola de Oração.

nosso Senhor, ou finalmente se he aquella contemplação mais clara, & admiravel, q̄ se segue depois daquella união, & suavidade de Deos nosso Senhor?

Respondo, que entre estas cinco cousas a quarta, que he aquelle gosto, ou experiencia de Deos nosso Senhor, que he hum acto da vontade mais levantada q̄ o entendimento, este he o proprio, & principal acto da mystica Theologia. O 2. acto he aquella noticia, ou mais clara contemplação que se segue depois do gosto, ou experiencia de Deos, com a qual o entendimento he maravilhosamente illustrado. Tambem se custuma contar entre os actos da Theologia mystica o acto da divina contemplação, q̄ precede àquelle gosto de Deos, o qual, parece que he provavel, por ser como he acto do dom da sabedoria, a qual he habito da mystica Theologia, como escrevem alguns Authores. Acerca desta resposta se ha de advertir, que a parte propria, & certa da Theologia mystica, da qual fallão os Authores com certissimos

simos fundamentos, & estremadas ex-
geraçõs, assentão, que entre as outras
partes he a primaria aquelle gosto, ex-
periencia, ou percepção de Deos, a qual
(como fica dito) he a vontade elevada,
& divinamente atrahida do mesmo
Deos: Resta agora, que respondamos a
algũas difficuldades acerca da doutrina
sobredita.

5 Duvida 4. Theologia quer dizer sci-
encia de Deos, pois como pòde chamar-
se Theologia aquelle acto de gostar de
Deos, que não he sciencia, nem acto de
sciencia, pois não he noticia, ou conhe-
cimento, se não gosto, ou experiencia
de Deos? Respondo, que he verdade,
que não noticia: mas assi como o homẽ
uza da vista pera todos os actos dos sen-
tidos, de tal maneira que quando hum
homem come manjar saboroso custuma
dizer: não vi cousa mais saborosa; assi
nos actos interiores, o nome de sciência,
ou noticia, que he a vista interior se uza
pera qualquer percepção, & como sen-
sação interior, & neste sentido dizemos

Escola de Oração.

que aquella precepção, & gosto de Deos he Theologia, & ajuntase aquelle nome mystica, isto he secreta pera significar isto mesmo.

6 Duvida 5. Se a vntade em esta Theologia ama a Deos mais do que o entendimento entende? Respondo, que si, o que he conforme à doutrina de S. Thomas 1. 2. *quest. 27 art. 2* & acontece isto mesmo em muitas outras cousas, v. g. ama hum homem a pintura, ou a poesia, & ama mais do que a entende, & por esta razão doutrinavel fica claro todo o assima em que dissemos, que a vontade aonde està o amor se eleva, & sublima mais que o entendimento, unindo esse amor ao mesmo Deos. Daqui pode o leytor entender, como a vontade he elevada a hũa sublimissima alteza, à qual não chega o entendimento, & posta a vontade em aquelle alto estado, obra hũa apertada uniaõ, da qual nasce aquelle osculo, ou experiencia de Deos nosso Senhor, que por varios nomes se procura declarar, por ser inefavel.

7 Dúvida 6. Como se verifica o que havemos dito, que despois daquella experiencia, ou gosto de Deos, produz o entendimento hum acto de noticia, ou contemplação mais clara do mesmo Senhor; o qual era aquelle acto de contemplação, que precedia ao dito gosto? P
Respondo que he verdade, & experiencia certa ainda pera aquelles, que não tem conhecimento das cousas divinas, como estão mostrando as quotidianas experiencias; succede muitas vezes, que hum homem em sua vida não ha gostado mel, & mais cre que he doce, pello q̄ lhe dizem; & gostando despois o mel pella experiencia do gosto forma mais claro conceito, daquelle, que tinha d'antes com a relação de sua doçura. Isto mesmo acontece aos que contemplão as divinas perfeições antes de gostalas, & despois que as gostão consideraõ a differença admiravel que vay entre gostar, ou haver gostado, da qual ficaõ estas almas mui arrebatadas, & suspensas em Deos, & advirtase, que esta noticia

Escola de Oração.

por mui elevada que seja não chega à claridade, & perfeição da gloria, mas he só como hum principio da felicidade eterna.

8 Duvida 7. Porque se atribue a vontade àquelle divino gosto? Respondo, que he por ser húa especie de fruição, ou gozo de Deos das mais altas, & sublimes que ha nesta vida, & conforme a doutrina commua dos Theologos com Santo Thomas 1.2. *quest* 11. *art.* 1. Dizem que a fruição he acto da vontade.

9 Duvida 8. Em que parte, ou porção da rezão está aquella precepção, ou gosto de Deos, & aquella contemplação, q̄ precede ao gosto, & finalmente aquella outra contemplação, que se segue depois do dito gosto? Respondo, q̄ aquelles tres actos estão na parte superior da rezão. Isto he do entendimento, & da vontade; desorte, que aquelles dous actos de contemplação estão na parte, ou porção superior do entendimento, & o gosto de Deos está na parte, ou porção superior da vontade, que corresponde àquella

àquella superior parte do entendimento, na qual parte do entendimento está também o dom da sabedoria. Mas ha-se de advertir, que aquelle gosto, ou percepção mystica de Deos, à vontade se levanta mais que o entendimento conforme a doutrina dita assima num. 6.

10 Duvida 9. Que cousa he porção, ou parte superior, & qual a inferior da rezão? Respondo conforme S. Thomas 1. part. *quest.* 79. *art.* 9. que o mesmo entendimento em quanto contempla as cousas divinas, & eternas, & as olha, & considera pera ordenar conforme ellas suas acções, se chama rezão superior. E em quanto considera as cousas creadas, & as dispoë por rezoës de cousas creadas, neste caso se chama rezão inferior, & o mesmo significação estes nomes. Porção, ou parte superior da rezão, que rezão superior, & parte, ou porção inferior da rezão, que he rezão inferior, & conforme a porção desta divisaõ se costuma fazer outra semelhante na vontade, em quanto segue a luz da porção superior,

Escola de Oração.

perior, ou inferior do entendimento. Advirtase, que toda a parte sensitiva do homem se costuma chamar rezão inferior em quanto pôde obedecer ao imperio do entendimento, & vontade. Tambem se advirta, que entre as pessoas espirituales cõmummente por parte inferior do homem se entende a parte sensitiva, & por espirito do homem he entendida a parte intellectiva: & por isso dizemos cõmummente: tal homẽ tem este, ou aquelle espirito, quer dizer, procede quanto ao entendimento, & por conseguinte, quanto à vontade; desta, ou daquella maneira. Com esta doutrina fica mais claro, o que se respondeo á duvida precedente, em que dizemos, que a mystica Theologia està em a parte superior do entendimento, & da vontade, pois não he outra cousa esta Theologia, se não hum gosto, & alta noticia da divindade, como assima dizemos, & que o entendimento se chama rezão superior em quanto contempla, ou conhece as cousas divinas, & eternas.

II Duvida 10. Se são verdadeiras aquellas distincões, que alguns Theologos mysticos ordenarão de duas potencias, hũa chamada intelligencia, cõ outros muitos nomes, a qual, dizê alguns, que he mais alta que o entendimento, & outra mais alta que a vontade, a que chamaõ altura do entendimento: *Apice mentis*, com outros varios nomes?

Respondo com a doutrina commua dos Theologos, & particularmente de Santo Thomas, que dizem não são aquellas distincões verdadeiras, & que em realidade certa, não ha potencias mais altas que o entendimento, & a vontade; nem he necessario imaginar outras cousas mais altas pera todo o que he divino, & passa nas almas, & se le nos Authores antigos, & modernos, mas digo, q̃ aquellas distincões, & multiplicação de nomes (que de proposito não declaro) hão feito pouco fruto, conforme meu juizo, antes hão sido causa de grande confusão, & hão feito, que as cousas divinas, q̃ serião mais intelligiveis, se tratasem cõ
poucos

poucos termos, & esses claros sem esta-
rem inventando termos incognitos, &
pouco conformes à Theologia Escola-
stica, & por esta causa se hão embaraça-
do, como o confessaõ Theologos mui si-
gnalados nas letras, & no espirito mui le-
vantados.

12 Duvida 11. Perguntasse se he ver-
dade o que alguns Escritores dizem da
mystica Theologia, & vem a ser, que a
vontade pode amar, sem que o entendi-
mento entenda de tal sorte, que a von-
tade exclua todo o acto do entendimẽ-
to? Respondo, q̃ naõ: com Santo Agos-
tinho *lib. 10. de Etern.* alegado por San-
to Thomas *1. 2. quest. 27. art. 2.* E sobre
este ponto naõ he necessario escrever
outra cousa, se naõ ter a doutrina mais
folida, & fundada em toda a verdade, q̃
diz, que o objecto da vontade, he o bem
conhecido, & que sem objecto naõ ha
amor.

13 Duvida 12. Se he verdade o q̃ sig-
nificãõ muitos nomes, de que os Theo-
logos mysticos uzãõ, porque as poten-

cias do entendimento, & da vontade fi-
ção como atonitas em receber as cousas
divinas, ou em estar naquella mystica u-
niãõ com Deos nosso Senhor, como que
não fação, ou produzão algum acto se
não somente se hajão passivamente, re-
cebendo o influxo da divina luz, & sua-
ves gostos, que o Senhor lhe communi-
ca? Respondo, que muitas destas cousas
se haõ de interpretar piadosamente por
ser lingoagem dos que amão ao Senhor,
como dizer, que a alma morre pera vi-
ver em Deos; & que não vive em si, se
não, que no Senhor se transforma, & q̃
não obra cousa algũa, se não que rece-
beo em si a operação de Deos nosso Se-
nhor, & outros modos semelhantes à-
quelle de São Paulo: Eu já não vivo, se
não vive em mim Christo. Desorte que
estes modos de fallar se haõ de enten-
der, & interpretar benignamente, mas
quanto à realidade, a verdade he, que o
entendimento, & vótade obraõ, naquel-
las mais altas, & secretissimas unioes cõ
hum mod' o tranquillissimo, & suavissi-
mo,

mo, o qual bastará pera o presente lugar.

14. Duvida 13. Se convem ler os livros da Theologia mystica, que tem aquella variedade de nomes inventados, & definições pouco conformes à Theologia Escolastica? Respondo, que regularmente fallando não convem ler esses livros, mas poderá ser util a algum bom Theologos leos, que souberse discernir a doutrina solida, & deixando as cousas improprias, & pouco moças tomando algúas cousas boas, que lhe servissem pera mayor luz, & amor de Deos, & pera instruir aos proximos.

TRATADO XIII.

Da discrição dos espiritos.

DVAS cousas significa o nome de espirito, he de saber, o que expira, ou inspira, ou move, como Deos nosso Senhor, o Anjo, o demonio, & o proprio
espiri-

espirito, ou alma do homem, & a impressãõ, que o homem recebe daquelles espiritos he semelhante ao vento, que he significado com nome de espirito, & move ao homem espiritalmẽte, da forte que o vento move, corporalmente.

2 Suponhamos neste lugar a commum doutrina dos Theologos, principalmente de Santo Thomas *1. part. quest. 3.* diz o Santo, que só Deos pòde mover a vòtade do interior della, mas o Anjo, ou o demonio, samente pode movela da parte de fóra do exterior; & fazemno, porq̃ lhe propoem cousas aptas pera persuadila, ou movendolhe as paixoens pera indinarlha, & isto de tal maneira, q̃ sempre fica a vontade livre, pera consentir, ou não.

3 Suponhamos tambem que os Anjos podem alumiar o entendimento humano, o que fazem não mostrando ao homem immediatamente seu côceito, como o communica hum Anjo a outro Anjo, se não pondolhe diante alguns exteriores sinacs, ou interiores, como são

Escola de Oração.

phantasmas na imaginativa, & assi mesmo o demonio o pode fazer propondo os ditos sinaes pera molestar, & enganar ao homem, & assi o demonio como o Anjo podem obrar na imaginativa como movendo as phantasmas, & representando diversas cousas com engano dos sentidos, ou sem elle; mas não pòde imprimir especie, que não haja entrado pellos sentidos, como diz Santo Thomas 1. *part. quest. 111. art. 3. ad 2.* Podem tambem mover o appetite sensitivo, alterando os humores, pera despertar as paixões. Podem finalmente mover os sentidos exteriores, perturbando o orgão da potencia, pera q̄ as especies sensitivas pareção o que não são, ou tambẽ representandoas exteriormente em varias formas

4 Tambem se ha de supor, q̄ em qualquer espirito se hão de notar duas cousas. A 1. he algũa verdadeira luz, ou aparente, causada no entendimento ao menos indirectamente, q̄ se chama instincto. A 2. he algum movimento da vontade,

vontade, que vem a ser algum affecto, como de gosto, de amor, de odio, &c. & ambas estas são erradas, & trazem em si muitos erros por illusão do espirito maligno, & por propria imaginação.

5 Acerca da differença dos espiritos se ha de fazer hũa divisaõ, & por a hũa parte a inspiraçaõ, ou instincto de Deos, ou do Santo Anjo, & a outra parte, á instigação do demonio, & da outra parte a mençaõ do espirito humano, porque ainda que ha differença em muitas cousas entre a monçaõ divina, & a do Anjo: mas sempre convem ambas em ser boas, & não he danoso o não saber, & ignorar qual daquelles dous espiritos seja Divino, ou Angelico, porque o effeito sempre he bom. Ao contrario a monçaõ do espirito do homẽ nem sempre faz mal, como quando hũa pessoa se move com natural alegria, & lhe parece, q̃ he nascida do espirito de Deos, ali ha erro material, mas nem sempre por aquella causa se seguem maos effeitos.

6 Supostos estes principios se pergun-

Escola de Oração.

ta, fallando universalmente, qual he o espirito mais seguro? Respondo, que aquella espirito parece mais seguro, que move a vontade, sem que preceda com o modo ordinario obra da imaginação, ou do entendimento. O que acontece quando não precede algũa causa, ou objecto, que seja poderoso a mover a vontade com o modo ordinario, & com tudo isso se sente a vontade movida pera Deos. E advirtase, que não dizemos, q̃ a vontade se mova sem obra do entendimento, mas dizemos bem, que se move, sem que preceda obra do entendimento com o modo ordinario. O q̃ pode ser illustrando o Senhor esse entêdimento no mesmo ponto, que move a vôtade desde o interior della. Esta doutrina he conforme ao que assima disse-mos, & he commum sentença de Santo Thomas, & outros Theologos, que todos affirmão, que só Deos pôde mover a vôtade do interior della. He tambem conforme a doutrina do mesmo Santo *1 part. quest. 111. art. 2.* ensina, que só

Deos

Deos pòde mover a vontade, fazendo, q̃ preceda apreheſão efficaz, propondo à vontade algum bem, como apeticeivel, ou digno de ſer deſejado, porque o mover efficazmente ainda da maneira ordinaria, he ſó de Deos N. Senhor. Mas o Anjo, ou outro algum eſpirito não podem mais, que perſuadir.

7 De mais diſto conforme a opinião provavel daquelles Theologos, que ſentem que neſta vida pòde o entendimẽto com auxilio eſpecial divino entender algũa vez, ſem que ſe converta ou tome as phantaſmas, que he o meſmo, que dizer: que podem entender ſem q̃ a imaginação concorra obrando pera iſſo; por boa rezão ſe moſtra, que as inſpiraçoẽs, vizoẽs, revelaçoẽs, fallas, & outras quaesquer impreſſoẽs puramente intellectuaes, ſão das meſmas figuras: pois que não fomenta o demonio, mas nem ainda o Anjo bom pode obrar no entendimento humano, ſe não indirectamente pella imaginativa. E aſſi ſão impreſſoẽs, ou paixoẽs divinas puramente intellectuaes,

Escola de Oração.

tuaes, sem obra da imaginação, como provavelmente mostram as pessoas espirituaes. Segue-se pois, que aquellas são das mais seguras, & livres de enganoso do espirito maligno, & do proprio espirito, & em toda a boa opinião, quanto menos intervem de imaginario, tanto ha menos de perigo, conforme a doutrina acima allegada acerca do que pôde fazer o espirito maligno.

8 Perguntase, se ha algúas regras commuas conforme a doutrina dos Theologos, pera conhecer, & decernir universalmente os espiritos, ora sejam monções d'alma, ou visões, ou revelações?

Respondo, que si, porque conforme a doutrina commua se ha de advertir, & olhar, que effeitos fazem, se movem a alma a mayor pureza, humildade, &c. ha-se de attentar a verdade quando se ouvem locuções, que he o mesmo q' palavras, & se formão conceitos. Há-se muito de examinar, que tenham conformidade cõ a Escritura Sagrada, & doutrina dos Santos. Veja-se com cuidado se

se a pessoa, que tem estas causas está disposta, como deve espiritual, & corporalmente: v. g. que não seja soberba, & se he melencolica, ou vehemente em amar, & nas outras paixões, & particularmente se he curiosa em imaginar cousas vãs, se he descomposta, ou sem modestia, & outras cousas semelhantes, entre as quaes não costuma estar juntamente o Espirito Divino.

Acerca das cousas reveladas se ha de notar, que sejam de si boas, ou dignas de Deos, não inuteis, ou indecentes, ou curiosas, ou cousas que sem revelações se podem saber, & finalmente desproporcionadas à magestade, sabedoria, & bondade divina, & a pessoa que as recebe, & ao tempo, & lugar, & outras circunstancias de decencia, & conveniencia. Se considerados estes pontos se acha verdade conforme a Sagrada Escritura, & Santos; bons effeitos de piedade, & maior perfeição, & santa vida na pessoa, que tem estas visitas interiores, piedosa, & prudentemente se poderá julgar, que he

Escola de Oração.

espírito de Deos, & ao contrario se algũa cousa falta do assima dito pode se crer que seja espirito do demonio, ou propria imaginação.

9 Acerca do effeito, que faz a imaginação se pergunta que effeitos faz aquella que he de Deos ao principio quando chega, & ao fim quando se vay? Respõdo, que ao principio quando chega costuma causar temor, & turbação, a qual procede da novidade, & grandeza das cousas, & tambem da disposição do sujeito, quando não està acostumado a taes inspiraçoões, mas no fim vem atermnar se em bonissimos, & estremados affectos de santidade; alegrando, enternecedo, affervorizando, aluminando, &c. a instingação do demonio he ao contrario, que ao principio mostra apparencia de bem, & despois vem a parar em mal, mas notese, que aos espirituales, que tem já o animo purgado, ainda aos principios a divina inspiração costuma vir có suavidade, & sem espanto, & assi mesmo alguns, q̃ cometem peccados enormes,

mes, costumados a communicarem com o demonio vem à tal termo, que o chegam a ver sem medo quando lhe apparece em figuras horriveis.

10 Perguntase, se aquellas pessoas por quem passaõ estas cousas interiores sentem, & advertem a differença, q̄ ha entre o bom, & mau espirito? Respondo, que si quando já saõ acostumadas a receber aquellas merces, como se le de S. Monica: (Santo Agostinho *lib. 6. conf. cap. 13.*) mas nem por isso se haõ de fiar de seu proprio parecer, se naõ communicar com pessoas doudas, & espirituas todo o que passa no interior de sua alma.

11 Perguntase, se estas inspiraçoës, ou favores saõ breves? Respondo, que si, como tambem a contemplaçoõ o he conforme o commum sentir dos Santos.

12 Perguntase: se costumãõ acontecer muitas vezes estas inspiraçoës, & favores? Respondo, q̄ si a algũs servos de Deos ainda q̄ a frequencia das inspiraçoës he mayor, que a das visoës, revelaçoës, ou

locuçoens interiores.

13 Perguntase: se ha alguns mais particulares sinaes pera discernir, & conhecer, qual he o Espirito de Deos, qual o maligno, & qual o natural? Respondo, que os Santos, & Escriitores espirituaes tem advertido muitas cousas entre as quaes são mui dignas de ponderação os sinaes, que a Santa Madre Theresa de Iesus advirtio. O 1. he o imperio, & senhorio do Senhor quando falla a alma, porque falla, & juntamente obra seu dizer he fazer, ponhamos por exemplo, ou por hũa palavra, como he (não temas) tira a turbação, & fica a alma em suavissima quietação, & paz interior, ainda que a turbação fosse muito grande. Este final pareceo à Santa Madre dos mais verdadeiros. O 2. he a paz, & quietação com o recolhimento interior, juntando a devoção, & facilidade, com que a alma fica pera dar ao Senhor infinitas graças por taõ altos beneficios. O 3. he que quando o Senhor falla não se esquece a alma daquellas palavras por muito

muito tempo, & de algũas já mais se esquece. O 4. final he a certeza infalivel, que fica impressa n'alma, de que ha de ser aquillo, que o Senhor lhe disse, ainda que se ponhaõ diante varias difficuldades. Fõra destes sinaes notou tambẽ a Santa Madre Theresa de Iesus alguns outros, que acontecem no modo, com q' o Senhor falla a alma com algũa visãõ intellectual muito no intimo da mesma alma com hum grande secreto, & silencio, que parece naõ pode o demonio chegar a alcançar.

O 1. destes sinaes he a claridade com que a alma falla de Deos, que he taõ admiravel, que he mayor, q' as outras claridades, & a firmeza, com que a alma se une, & ata àquellas palavras, notando o estillo, & as palavras, juntamente as syllabas. O 2. final he que ordinariamente naõ precede pensamento algum daquellas cousas, & as divinas palavras formadas de repente respondem a qualquer pensamento, que entãõ passa pella alma com grande velocidade, & ligeiriza,

Escola de Oração.

za, ou algum outro pensamento, q̄ antes teve. O 3. he que estas palavras recebas a alma como quem as ouve lá no mais intimo della: Mas as da imaginação são como quem vai compondo aquillo mesmo que quer que lhe digaõ pouco a pouco. O 4. final he que com hũa palavra daquellas divinas nasce na alma hũa grande luz; o que não succede assi quando he obra propria, ou do demonio. O 5. final he, que juntamente com aquellas divinas palavras se manifestão à alma cousas mais altas, que aquillo que as palavras significão. Estes sinais sobreditos, ainda que a S. Madre os notou quanto às fallas interiores, & divinas locuções, tambem servem pera averiguar, & discernir as visões, revelações, & juntamente das inspirações divinas, & fabelas discernir, & apartar das q̄ forma o espirito maligno na propria imaginação, & por esta rezão se haõ de notar, & unir com os sinais communs, q̄ ficão postos assima, conforme a cõmun sentença dos Doutores.

14 Perguntase, se he espirito verdadeiro o de alguns, que dizem q̄ estão sempre em actual uniaõ com Deos? Respõdo, q̄ he cousa mui difficultosa de crer, & pouco conforme à doutrina dos Santos, Santo Agostinho *lib. 10. conf. c. 45. S. Gregorio 5. moral. cap. 23.* São Bernardo, &c. os quaes confessão, que estar a alma levantada, & unida com Deos he cousa breve porque logo a alma descahe daqualla alteza do pensamento com o pezo do corpo, & por isso he cousa sospeitosa esta uniaõ actual tão larga, & perseverante, como alguns dizem: Mas nem por isso he sospeitosa a uniaõ actual de muitas horas, ou de algum dia, quando concorrem os outros sinaes sobreditos; mas advirtase, q̄ he diferente cousa uniaõ actual de achar sempre a alma que se recolhe, & retira ao Senhor dentro de si. Este modo 2. he mais certo, que o tenham algũas almas de excellente santidade, & isto acertos tempos, mas este modo he mui diferente do primeiro, como o seria poder fallar

ao Papa cada vez que eu quizesse, ou estar continuamente em actual conversação com elle.

15 Perguntase, se he espirito bõ aquele que todo o tempo passa em regalos espirituaes? Respondo, que regularmente fallando parece cousa fõspeitosa, quando os regalos sãõ continuos, por tempo consideravel; principalmente em pessoas, que nunca padecẽrãõ desconsolações, & espirituaes trabalhos, & por tanto he muito de advertir se as delicias espirituaes estãõ em pessoas provadas cõ mortificações, & tribulações precedentes, & se servem pera adiantarse mais nas virtudes, humildade, paciencia, &c. que entãõ he mais provavel, que o espirito he bom, ainda que as delicias espirituaes duren por muito tempo. Tambem se ha de advertir, se vãõ misturados com esses gozos algũas dores, & afflições alternativamente, que entãõ he verifimel, que he espirito de Deos, salva sempre a commum doutrina dos sinais assima referidos, & principalmen-

este dos effeitos. Isto he pera que sirvaõ
no exercicio das virtudes, & pera o a-
proveitamento espirital. Desta doutri-
na se segue, que quando hũa alma passa
muitos dias com hũa sorte de suspenção
de si mesma, & propria abnegação, &
lhe parece, que està sempre absorta em
aquellas delicias espirituas sem outro
algum fruto, he cousa sospeitosa, & ar-
riscada, & se deve despertar, & aplicar à
meditação dos pontos das virtudes, à
imitação dos Santos, pera que não ve-
nha a ser como hũa cousa boba, & sem
movimento intellectual, & sem provei-
to pera as boas obras.

16 Perguntase, se he bó espirito, quan-
do hũa pessoa diz: q̃ no trato com Deos
não obra com o entendimento, nem cõ
a vontade, se não que recebe na essencia
d'alma a operação divina, ou hum ilap-
so divino, deixando, que o Senhor fõ
obre, & faça, & aniquilandose aysi mes-
ma esta alma, pera não impedir a obra
do Senhor? Respondo, que este espiri-
to não he bom, porque he conforme a
hũa

hũa doutrina condenada por todos os
infignes Theologos: a saber que a bema-
venturança, fruição, & gozar de Deos
consiste naquelle ilapso: (Ainda q̄ traz
configo graves inconvenientes o telo
por certo) & detrimêto de muitos me-
recimentos de graça, & de gloria, & tira
o estudo, & exercicio das verdadeiras,
& solidas virtudes com engano de hu-
mildade aparente.

17 Perguntase, se he bõ espirito, quan-
do hũa alma he favorecida, & regalada,
a seu parecer, com doês extraordinarios
de visões, & correspondencias amoro-
sas, como com coroas de rosas, aneis, ou
celebrar desposorios? Respondo que es-
tas cousas por extraordinarias, & q̄ ain-
da em pessoas de altissima contempla-
ção, são cõdenadas, & não as crem gran-
des Theologos, & pessoas mui espiri-
tuaes, se não despois de larga prova, &
madura experiencia, ou despois da mor-
te celebrada com provas de santidade,
& ainda com milagtes, regularmête não
parecẽ aquellas cousas espirito de Deos,

princi-

principalmente quando as pessoas, que tem estas cousas, são novatas no serviço de Deos, & não tem trabalhado, nem hão padecido graves trabalhos có hũa larga mortificação; & exercicios de muitos annos de humildade, & outras muitas virtudes. Com esta doutrina se responde àquellas pessoas, que dizem, que tem as chagas de Christo; a isto se não ha de dar credito, se não com muita maduresa de juizo, & dilatada experiêcia da humildade, paciencia, & mortificação do tal fogeito, como fica dito: Principalmente como a experiencia, q̄ ha dos enganos, que hão succedido nesta nossa idade, alem da rezão, porque aquellas chagas se podem fingir por arte humana, ou diabolica, ou descubertamente, de tal sorte, que aquelle q̄ as recebe saiba, que he obra do demonio, ou dissimulada, ou encubertamête, de maneira, que nem ainda aquelle mesmo, q̄ as recebe saiba, que he demonio, se não imagina que aquillo he obra de Deos, & elle he hum refinado engano.

Escola de Oração.

18 Perguntase, se he espirito bõ, quando húa alma se ha muito mortificado em largo tempo; & passado muitos annos de penitencia, chorado muitas lagrimas, & ao despois se segue húa grande paz acompanhada de estremados regalos, & estremadas caricias do Senhor? Respondo, que esta maneira de espirito he mais provavel que seja de Deos. Mas ha-se de advertir, que pôde intervir engano do demonio, se aquellas caricias são pouco espirituas: he de saber são demasiado sensiveis, & pouco decentes, como muitas vezes succede; & por isso ninguem se ha de fiar da penitência passada, se não estar sempre com temor, & tremor, pedindo ao Senhor não permita seja enganado do espirito maligno.

19 Perguntase, se he bõ espirito quando húa pessoa he facil em raptos, ou extasis? Respondo, que aqui ha sospeita de engano, porque esta facilidade costuma nascer do natural vehemente, q̄ em dando lugar ao affecto se inflamma excessivamente, & sahe fóra de si pella vehemen-

hemencia. Pòde també nascer de operação diabolica, formada na imaginação, & no apetite sensitivo, ou nos sentidos exteriores, & não he mui verisimel, nem se pòde ter por certo, que o espirito de Deos cause tantos arrobamentos, quando não são necessarios pera a fantidade de quem os padece, nem menos pera o aproveitamento dos proximos. E por esta causa se ha de aconselhar às pessoas que tem espirito vehemente, q̄ quando se sentem inflamar fação força por se devirtirem principalmente em lugares publicos.

20 Perguntase, se he bõ espirito, quando hũa daquellas pessoas, q̄ tem visoões, ou revelações, algũa vez foi colhida em engano, ou erro? Respondo, que se he pessoa de vida santa, & as revelações ordinarias são boas, & verdadeiras, com a provabilidade que pòde ser nesta vida, conforme os sinaes assima ditos, não se deve condenar universalmente como pessoa enganada do demonio, porq̄ em algum caso particular haja concorrido

engano. Verdade he que este caso obriga a andar com mayor aviso, & circunspecção entre todos os de mais. Esta doutrina he conforme à de São Gregorio *Hum. 1. in Ezech.* diz q̄ os Santos Prophetas pello uzo de prophetisar dizem algũas cousas do espirito proprio, imaginando, que falla o espirito de Deos, donde vem, que algũas vezes errão sem que por isso nas outras revelaçoẽs sejaõ enganados. He tambem esta doutrina conforme à de S. Thomas 2. 2. *quest. 171. art. 5.* donde diz, que ainda que os Prophetas saibão certissimamente, que he do Espirito de Deos aquillo que entendem por diversas revelaçoẽs, digo expressas, naõ he assi quando fomentem diversos instinctos, que todos nem sempre sabem bem decernir, se saõ de Deos, ou do proprio espirito: do que se segue a doutrina dada na soluçaõ da duvida.

21 Perguntase, se he bó espirito aquelle, que quando as pessoas se sentem mover interiormente de repente desfalecem,

cem, & cahem como mortas? Respon-
do, que se não pôde fazer argumento
concluente de bom, ou mau espirito,
porque na Sagrada Escritura achamos
não somente grandes turbações, se não
tambem desmayos, & cahidas em terra
quando apparecião visões Angelicas, &
assim mesmo os endemoninhados se tur-
bão, & cahem quando são arrebatados
do espirito maligno. Com tudo isso es-
tes desmayos, & cahidas quando são cõ
descomposição, ou falta de modestia, &
com gestos desordenados parecẽ mais,
que são effeitos de mau espirito, ou de
algũa paixão vehemente. E dado q̃ não
sejão descompostas, se não simples cahi-
das, ou como desmayos he mui prova-
vel que seja effeito da fraqueza da cabe-
ça, & que a natureza se rende ao effeito,
& vehemencia desordenada. Estas pes-
soas se costumão curar com absterse al-
gum tempo da oração, comendo, & dor-
mindo bem.

22 Perguntase, se as paixões podem fa-
zer, que hum homem venha a ser como

Escola de Oração.

extatico, ou arrobado, ou como alheyo do juizo? Respondo que si, porq̃ crescem tanto às vezes as paixões, que empedem o uzo da rezão, como os Theologos ensinaõ. Desorte, que pella excessiva alegria, ou tristesa, as pessoas apaixonadas sahẽ muitas vezes fóra de si mesmas. Donde se segue, que podendo o demonio alterar o apetite sensitivo donde estaõ as paixões, juntamente cõ isto turbar a imaginaçãõ, & os sentidos exteriores, muitas vezes parecerà, que hum homem està fóra de si com algum raptõ divino, & poderà ser operaçãõ do demonio, ou excessõ de paixãõ natural vehemente.

23 Perguntase, se he espirito bõ, quando hũa pessoa diz que muitas vezes lhe revela o Senhor, o estado interior dos proximos? Respondo, que regularmente fallando, este espirito he de sospeita, salvo, quando este espirito he despois de larga experiencia, & muitos annos de vida santa, & despois de hum diligentissimo exame, & despois, que esse
espi-

espirito for aprovado por pessoas de grande fantidade, & doutrina, & se acha, que aquella noticia do estado dos proximos não he infructuosa, se não q̄ serve pera faude dos proximos; uzando de muito aviso, & prudencia nesta materia; & com isto se responde àquelles, q̄ tem revelações, & ouvem, que se lhe diz interiormente, que digaõ a seus proximos diversas cousas, estes taes, q̄ advertem, tem necessidade de exame, & prudencia sobredita, & não hão de crer facilmente, que seja bom espirito aquelle, q̄ os move a fazerem semelhantes embai-xadas.

24 Perguntase, se he bõ espirito, quando hũa pessoa diz que conhece o estado futuro dos proximos, & sabe, se haõ de ser perseguidos, enfermos, ricos, levantados, ou subidos a dignidades Ecclesiasticas, ou seculares, &c? Respon-do, que, regularmente estas visões são illusoões do espirito maligno; porq̄ alem da muita experiencia, que temos destas mentiras, & enganõs, fazem grande da-

Escola de Oração.

no às almas dos proximos, porq̃ as trazem suspensas, & enlaçadas, principalmente em materia de grandesa, porque andão sempre em hũas continuas e esperanças; & he este engano tão pegajoso, q̃ alguns destes ainda estando pera morrer não ha persuadilos a que creyão, q̃ morrem, porque imaginão, que não hão de morrer até ver o effeito daquellas illusões. Além de que não he cousa decente à Divina Magestade, & a sua imensa sabedoria revelar taes cousas, sem fruito algum: porque, dado, que fosse verdade que aquellas havião de ser, nenhum homem prudente deve governarse por semelhantes prophecias, principalmente se se considerão as pessoas de santidade não tão aprovada, que costumão ter estas cousas, & reparese as occasiões em que as dizem, porque sempre se descobre hum não sei que de sospeita.

25 Perguntase, se he bó espirito quando hũa pessoa he molestada com visões diabolicas? Respondo, que se a vida he
santa,

santa, & as aparições dos demonios não fazem mais, que afligir, & apresentar as batalhas, nas quaes o paciente não he vencido, pia, & provavelmente se pòde julgar, que aquella pessoa vai guiada por bom espirito, pois prevalece contra o mau, como se le de muitos Santos, que passarão muitos trabalhos com semelhantes aparições.

26 Perguntase, se he bõ espirito quando o paciente he molestado com actos indecentes ordinarios, & resiste sentindo tocamentos, ou cousas semelhantes, como de outra pessoa, que a ella se chega? Respondo, que parece cousa sospeitosa, ainda que a seu parecer resista pela impuridade, q̃ se custuma pegar: porèm isto requiere hum exame mui diligente das circumstancias, as quaes podê ser taes, que piedosamente se possa crer que a tal pessoa vai guiada pello Espirito de Deos, aquella aflicção he hum exercicio, que corresponde a hũa grande fortaleza, & rara virtude.

27 Perguntase, se he bõ espirito, quan-

Escola de Oração.

do as aparições são em forma de Christo Senhor nosso; ou de algum Santo, ou Santa, & se seguem já não com tocamentos deshonestos, mas mui amorosos? Respondo, que estes actos amorosos pedem mui grande exame, & quanto tem de sensível, tanto té de sospeitosos por seré pouco conformes à pureza de Christo Senhor nosso; mas quando a pessoa he de vida, & virtude mocica, & succedem, com hũa maneira espiritual, & certos modos entre Christo, & alma, semelhantes aos que nós podemos imaginar entre dous Anjos, quando conversão, & se tocão (a nosso modo de entender) por aqui se pòde julgar por semelhantes actos de Christo Senhor nosso com S. Getrudes, em hum modo espiritualissimo.

28 Perguntase, se pòde o demonio apparecer exterior, & interiormente em a figura, ou imagem, que verdadeiramente custuma apparecer Christo Senhor N?

Respondo, que si, & por esta causa, o q̃ tem semelhantes aparições não se ha de
arrojar

arrojar logo a adorar aquella imagem, mas se algũa vez com boa fee a adora, não he necessario tomar por isso muita pena, pois esse erro não he formal, nem ainda material voluntario. Advirtase, q̃ não samente o demonio, mas ainda a propria imaginação custuma formar a mesma imagem, como quando aparece Christo Senhor nosso: o que obriga a q̃ se vâ com muita circunspecção nesta materia.

29 Perguntase, se he bõ espirito, quando húa pessoa acustumada a ter revelações, tem por certo, que cada húa dellas he de Deos, & não se rende a crer a pessoas graves, & grandes Theologos, que lhe dizem o contrario? Respondo, que este espirito não he bom, se não se justifica com algũa outra eficaz rezaõ, como seria dizer: quando sente húa impressãõ fortissima na parte superior d'alma, a qual custuma imprimir o Senhor a pessoas santas, com húa segurança do que ha de ser, & disto lhe parece não pòde duvidar. E em caso, que se sinta esta impressãõ

Escola de Oração.

pressaõ obedeça com tudo isso às pessoas que a governão puntualmente, como o fazia a Santa Madre Theresã de Iesus, quando por mandado de seu confessor deu figas a Christo Senhor nosso, que lhe apparecia, ainda que interiormente sentia a certeza de que era Christo S. nosso: & antepunha o mandato de seu confessor a todas as revelaçoẽs, por figuras, & certas, que lhe parecêsem. Em este caso não se deve condenar por espirito mau aquelle que guiasse a hũa tal alma, que com a excellente santidade, & larga communicacão com Deos N. Senhor recebe algũa vez taes favores, & se esforça quanto pôde a obedecer a seus superiores, estimando muito ser privada daquella seguridade interior, que sente só por crer o que lhe dizem. Porém estes favores, & merces não são proporcionados às pessoas, que principião o caminho da virtude, & vida espiritual; nem ainda a pessoas, que não estejão mui aproveitadas, & com muitos annos de oracão, mortificacão, & obediencia,

diencia, & humildade mui provada, & aprovada.

30 Perguntase, se he bõ espirito quando hum homem sonha cousas futuras, & por vir, as quaes ve ao despois, que succedem afsi como as ha sonhado? Respondo, que regularmente fallando he esta materia sospeitosa, & de duvida, porque como ensina Santo Thomas 2. 2. *quest. 172. art. 5.* podem os demonios revelar muitas cousas aos homens, que os mesmos demonios naturalmente sabem: por ser cousa de natureza, & entendimento superior, & prudentemente se ere, que os q̄ tem taes sonhos, dos quaes não tirão nenhum fruto espiritual, nem pera si, nem pera seus proximos, mais do que ficarem só com aquelle modo de adivinhações inuteis, estes taes he certo que não são governados pello Espirito Divino, se não pello maligno, o qual por sua intelligencia, & experiencia diz muitas cousas verdadeiras antes que succedão, mas he com intento de enganar, destruir, & fazer mal.

Escola de Oração.

31 Perguntase, se he bom espirito o de alguns, que fazem oração quando lhe succede alguns negoceos, & despois se poem advirtir, & a considerar o impulso, que sentirão na oração, & crem, que aquelle impulso que sentirão he movimento de Deos nosso Senhor? Respondendo, que estes espiritos estão expostos a muitos erros, & illusoões diabolicas, & proprias imaginaçoës, principalmente quando estas pessoas entraõ na oração com desejo de alcançarem algũa cousa particular, & determinada. Porque nestes a mesma imaginação figura as cousas conforme o affecto, & o demonio coopera pera aquelle engano, & sentimento. Não he contra esta doutrina o sentimento, ou impulso, que algũas pessoas de virtude conhecida sêtem na oração, sem terem inclinação precedete, se não orando com indifferença, & resignação na vontade do Senhor, & sentindose despois movidas a algũa resolução, ou acto particular. Este impulso não se ha de desprezar, ainda que não haja regra

certa,

certa, de que seja espirito de Deos.

32 Perguntase, se he bom espirito o de algũas pessoas, que sãõ faceis de cõpunção, & facilmente chorãõ? Respondo, q̃ não se ha de fazer disto muita estimação, nem crer, que seja espirito de Deos: por quanto pòde proceder de brandura, & fragilidade natural, & de operação diabolica, principal com a experiencia de muitas pessoas, q̃ estãõ em estado de peccado, & querem perseverar nelle: & com tudo isto sãõ faceis de suspiros, & lagrimas, quando ouvem fallar em algũa cousa santa, & de espirito; mas quando o natural não he tão brando, & pouco choroso, & ao despois de muitos exercicios de mortificação, & oração, succede facilidade na compunção, & lagrimas; piamente podemos crer, & prudentemente julgar, que este espirito he de Deos. Desta doutrina se pode tirar a resposta pera aquelles q̃ sãõ duros pera as lagrimas, & difficulosamente se enternecem, ou sentem compunção; os quaes nem por isso hãõ de crer, q̃ não sãõ

Escola de Oração.

saõ guiados por bom espirito, em quanto elles com a parte superior fazem verdadeiras, & fantas resoluções de servirem, & amarem a sua Divina Magestade.

33 Perguntase, se he bõ espirito, quando húa alma que atende a oração recebe algúas vezes certos gostos espirituaes na parte inferior, & se seguem dahi algúas immundices? Respondo, que se a pessoa que padece estas cousas he verdadeiro servo de Deos N. Senhor por outros respeito, & recebe pena, & o desgosta muito aquella impuridade né por isso se ha de atribular, nem imaginar, que he illuso. Por quanto se sabe por experiencia, q̄ pessoas, de cuja bondade se não pôde prudentemente duvidar, tem estas cousas entre as meditações santas, & puras: có tudo isso quando húa pessoa se sente molestada, & affligida com esta afflicção, & outras semelhantes cõmuniqueas com pessoas doutras, & espirituaes, porque se considerem as circũstancias, & se proceda com cautela,

tela, porque proceder sem conselho em materias de espirito particularmente; he dar lugar a que o maligno espirito se entremeta.

As pessoas que padecem semelhante tribulação se lhes ha de prohibir absolutamente toda a meditação daquellas cousas, nas quaes se segue o dito inconveniente, se não ha de considerar o bem espiritual, que tiraõ, & comparalo com o dano, que pôde fazer a prohibição, fazendo experiencia daquillo, que mais conveniente he: Advirtindo, que muitas vezes convem desprezar, & não fazer caso das taes cousas. Esta doutrina he de Santo Thomas, & commua dos Theologos, que não se hão de prohibir as boas obras como o confessar, & estudar, &c. por algũas immundicias accidentaes, & involuntarias, que muitas vezes succedem.

34 Perguntase, se he bõ espirito quando hũa pessoa he gravemente tentada, & procurando resistir varonilmente lhe succede algũas immundicias, não somẽ-

Escola de Oração.

te quando dorme, se não também estando desperto? Respondo, que piedosamente se pode julgar, que o espirito governa bem as taes pessoas, pois que constantemente resistem. De mais de que ha experiencia de muitas pessoas, que passão semelhantes trabalhos, sendo as taes pessoas de conhecida virtude. Com tudo isso as taes pessoas se não hão de fiar de si, se não communicar com pessoas doutas, & espirituas.

35 Perguntase, se he bõ espirito quando algũa pessoa pia, & de virtude solida he gravemente tentada do espirito de blasfemia, & ainda que he verdade que resiste com tudo isso algũas vezes promette em palayras duras, com a grandeza da afflicção, em q se ve? Respondo, que semelhantes pessoas se não hão de atribular, crendo, que vão guiadas do espirito maligno, porque ainda que delle sejão perseguidos, em quanto resistẽtem muita rezão pera julgarem, que são guiadas pello espirito do Senhor; & se sabe por experiẽcia de pessoas dotadas de

de estremada virtude, & santidade, que se vem afligidas por muitas vezes com o espirito de blasfemia. Nem se ha de julgar o contrario por aquellas palavras duras nas quaes por algũas vezes prorompem, porq̃ ou não são palavras delibberadas, ou tem algum sentido toleravel, conforme a gravissima afflicção daquelles que as dizem.

36 Perguntase, se he bõ espirito quando hũa pessoa, que de veras trata de servir a Deos nosso Senhor sente hũa grande averião, ou contradicção não somente às cousas santas, mas ainda do mesmo Deos? Respondo, que quando esta pessoa persevera em servir a nosso Senhor, ainda que sinta aquella grande averião, & sensivel odio, se pôde, & deve julgar prudentemente, que vai governada por bom espirito, porq̃ se assi não fora não duraria naquelle santo serviço com tão grande repugnancia da parte inferior. Alem de q̃ se sabe de pessoas mui santas que nesta parte padecem grandes trabalhos.

37 Perguntase, se quando húa pessoa ha tido familiaridade com o demonio, & ao despois q se ha convertido a Deos nosso Senhor sente na parte inferior cõ grande vehemencia as mesmas paixões, & movimentos desordenados, que antes sentia, se se ha de crer que seja guiada esta alma de bom espirito? Respondo, que se esta pessoa peleja yaronilmẽte, ha se de crer, que he guiada por bom espirito, & com elle vence ao mau espirito, nem ha de desmayar pellas cousas horriveis, que em si sente, ou junto de si ouve, porque dessa sorte se vai purgando essa alma das immundicias passadas, como se sabe por experiencia de muitas almas, que por estes caminhos alcançãrão do Senhor muitas misericordias.

38 Perguntase, como se ha de examinar o espirito? Respondo, que se haõ de advirtir as cousas seguintes. 1. Considerar bem o natural; se he melencolico, vehemente, inquieto, curioso, duro de renderse, & outras cousas semelhantes. 2. Considerar os costumes passados, &

os presentes, se a pessoa he humilde, obediente, mortificada, casta, modesta, calada, & que não deseje cousas espirituas extraordinarias. 3. Considerar as cousas que ouve, se são verdadeiras, castas, pias, necessarias, ou proveitosas pera fins espirituas. 4. Considere se são conformes às Escrituras, & doutrina dos Santos. 5. Considerar, se fazem bõs effeitos de mayor humildade, mortificação, desejo de Deos N. Senhor, &c. Estes são os principaes pontos conforme os quaes, se com bom, & diligente exame se achar boa disposição moral, & natural, inspiraçoões, visões pias verdadeiras, puras, uteis, & conformes à Escritura Sagrada, doutrina & exemplos dos Santos cõ mayores effeitos de mayor bondade, & perfeição divide se pode, & deve julgar bem, & ao contrario se pode julgar mal. Advirtindo à cerca do primeiro ponto donde se tocão as imperfeiçãoes naturaes de melencolia, inquietação, &c. que o espirito de Deos costuma emmendar aquellas imperfei-

Escola de Oração.

ções com segurança, & misericórdia, como claramente se sabe pella doutrina dos Theologos, & experiencia de muitos Santos.

(:!)

F I M.

Per a gloria, & honra de Deos nosso Senhor, & da Virgem Maria sua Mãe.



INDEX

DOS TRATADOS QUE se contem neste presen- te liuro.



- T**ratado 1. Da sagrada reforma de nossa
 Senhora do Carmo dos descalços, fins,
 & partes della, & das obrigações de
 seu estado, donde este liuro sahio, fol. 1.
- Tratado 2. Da oração, fol. 8.
- Tratado 3. Da presença de Deos, fol. 53.
- Tratado 4. Das tentações, fol. 64. vers.
- Tratado 5. Das paixões, fol. 76. vers.
- Tratado 6. Das virtudes, fol. 104. vers.
- Tratado 7. Dos tres estados, ou graos convem a sa-
 ber dos que começam, aproveitão, & são perfei-
 tos, fol. 130.
- Tratado 8. Da vida activa, & contemplativa em
 a qual se declara que cousa seja contemplaçam,
 fol. 141.
- Tratado 9. Dos dons, & fruitos do Espirito Santo;
 & das Bemaventuranças, fol. 150.
- Tratado 10. Das graças gratis datas, fol. 159. v.
- Tratado 11. Dos raptos, visões, & revelações,
 fol. 162. vers.
- Tratado 12. Da theologia mystica, fol. 168. vers.
- Tratado 13. Da discrição dos espiritos, fol. 176. v.

INDEX

A estes tratados pareceo conveniente para mais clareza desta obra fazerle Alfabeto de cada hum em particular, & suposto caula trabalho, guarnece a obra.

TRATADO SEGVNDO.

Da oração.

- | | | |
|-----|--|-----------|
| 1. | Q ue cousa he oração, fol. | 8. |
| 2. | As partes da oração são seis, fol. | 8. vers. |
| 3. | Que exercicios ha de ter a lição, fol. | 9. |
| 4. | Como ha de ser a meditação, | ib. |
| 5. | Como se ha de dar graças, fol. | 9. vers. |
| 6. | Em que consiste o offercimento, | ib. |
| 7. | Em que consiste a petição, | ib. |
| 8. | A rezão porque hão de ser seis partes, fol. | 10. |
| 9. | Breue exemplo da oração, fol. | 11. |
| 10. | Preparação. | ib. |
| 11. | Meditação, fol. | 12. |
| 12. | Agradecimento, fol. | 13. vers. |
| 13. | Offercimento, | ib. |
| 14. | Petição, fol. | 14. |
| 15. | Das partes da oração em commum, | ib. |
| 16. | Duvida. 1. Se ha outras partes mais das sobreditas, | ib. |
| 17. | Du. 2. Se he necessario fazer todas estas partes, fol. | 14. vers. |
| 18. | Du. 3. Se he sempre necessaria a ordem que se propoz. | |

INDEX

- 15.
- propoz aqui, fol.
19. Du. 4. Da preparação, se se ha de preparar antes de ir pera o oratorio, fol. 15. vers.
- Da Meditação.
20. Du. 5. Que cousa he meditação.
- Da pretença de Deos, fol. 17.
21. Du. 6. Que cousa he presença de Deos, ib.
22. Du. 7. Como se poderá acomodar a presença de Deos na oração, fol. 17. vers.
23. Du. 8. Se se ha de formar algũa imagem pera meditar, fol. 18. vers.
24. Du. 9. Que fará o que não pode formar imagens; senão imperfeitamente, ib.
25. Du. 10. Que modo haverá pera meditar na paixão de Christo, fol. 19.
26. Du. 11. Se os que facilmente figurão imagẽs, & lhes parece que as vem, que farão, ib.
27. Du. 12. Se as imagẽs se hão de formar junto, longe, ou dentro de si, fol. 20.
28. Du. 13. Se convem algũas vezes parar em ver a imagem formada, fol. 20. vers.
- Da monção dos affectos.
29. Du. 14. Quando a alma se sente mover mais efficaçmente d'outros pōtos, se ha de parar, ou não, fol. 21.
30. Du. 15. Que ha de fazer hũa alma quando ve, que a meditação lhe não move a vontade, fol. 21. vers.

INDEX

31. Du. 16. Que ha de fazer hũa alma quando a meditação subita move o affecto, mas afrouxa logo, fol. 22. vers.
32. Du. 17. Que ha de fazer a alma quando com a força da meditaçam se inflamma muito o affecto, fol. 23. vers.
33. Du. 18. Que fará a alma quando o affecto se não move, ib.
34. Du. 19. Quando a vontade está movida se ha de discorrer mais, fol. 24.
35. Du. 20. Que fará quando o affecto se move só pera Deos, fol. 24. vers.
36. Du. 21. Que fará o que medita dous, ou tres pontos, & não sente movida a vontade. ib.
37. Du. 22. Que se fará quando a vontade se move ao desejo d'algũa virtude, fol. 25. vers.
38. Du. 23. Se oonvem no discurso da meditação do Sen bor deterse, ib.
39. Du. 24. Como se haõ de acomodar os affectos de humildade ao mysterio da paixãõ na lança-da do lado, fol. 26. vers.
40. Du. 25. Se he a oraçaõ mais proveitosa pera os atribulados meteremse no coraçãõ chagado do Senbor, fol. 27.
41. Du. 26. Se quando senãõ acha gosto em outros objectos se não no da gloria que se ha de fazer, fol. 27. vers.
42. Du. 27. Se o que medita nas penas [infernaes pode

INDEX

- pode entremeter a meditação da gloria, fol. 28.
43. Du. 28. Se pera todos he conveniente aquelle modo de oração, que alguns ensinão de meditar simplesmente, ib.
44. Du. 29. Hũa pessoa que custuma meditar os beneficios divinos, se ha de continuar até chegar à contemplação, ou ha de seguir outro modo, fol. 29.
45. Du. 30. O que se sente levar de algum affecto diferente do que ha lido, que fará, fol. 29. v.
46. Du. 31. Se no discurso da meditação fóra daquellas materias poderá o homem buscar outros discursos, fol. 30. vers.
47. D. 32. Se he necessario pera tirar bons affectos uzar daquella arte de considerar as circunstancias, ib.
48. Du. 33. Que modo de meditar a paixão do Senhor será mais proveitoso, fol. 31.
49. Du. 34. Como se haõ de dilatar, & exercitar mais os affectos na oração, fol. 32.
50. Du. 35. Que modo he perfeito pera conservar, & pôr em execução os bons affectos: ib.
51. Du. 36. Que fará aquelle que na oração mendiga actos de virtudes, & tira pouco fructo, fol. 32. vers.
52. Du. 37. Que fará aquelle que com pouca força que a vontade recebe senão determina a fa-

INDEX

- Ser proposito das virtudes cuidando as não
guardarà, fol. 33. vers.
53. Du. 38. Se convem notar os sentimentos, & movimentos da vontade, que na oração succede, ib.
54. Du. 39. Que materia se ha de meditar regularmente, fol. 34.
55. Du. 40. Que remedio quando as meditações ordinarias lidas, & continuas causão fastio, & pouco fructo, fol. 34. vers.
56. Du. 41. Se se ha de meditar fallando sempre com Deos por segunda pessoa, ib.
57. Du. 42. Se he provada a oração abundante de conceitos, fol. 35.
58. Du. 43. Se na meditação se podem juntar orações vocaes, ib.
- Das lecuras.
59. Du. 44. Que fará hũa alma que ao principio da meditação padece muito em recolher-se, fol. 35. vers.
60. Du. 45. Que fará o que na oração sente grande trabalho, fol. 36.
61. Du. 46. Que fará as pessoas que na oração padecem tentações deshonestas, fol. 37.
62. Du. 47. Se a oração fora da communidade he boa, fol. 37. vers.
63. Du. 48. Que fará o que sente fraqueza na cabeça quando medita, fol. 38.
64. Du.

INDEX

64. Du. 49. Que fará o que na oração não tem
 causa q̄ a mova, senão tudo securas, fol. 38. v.
65. Du. 50. Que fará o que em muitos annos fre-
 quenta a oração, & tudo he segura, fol. 41.
- Dos gostos.
66. Du. 51. Que causa he de oração, fol. 42.
67. Du. 52. Se se ha de desejar consolação na o-
 ração, ib.
68. Du. 53. Se os gostos interiores sam todos de
 hũa maneira, fol. 47. vers.
69. Du. 54. Que gostos são melhores na ora-
 ção, fol. 44. vers.
70. Du. 55. Se quando se sentem gostos na oração
 se se ha de estimar ou desprezar, ib.
71. Du. 56. Se quando sentem gostos espirituaes se
 ham de continuar, fol. 45.
72. Du. 57. Que se ha de fazer quando ha gostos, q̄
 parecem seguros, & visões que parecem de
 Deos, fol. 45. vers.
73. Du. 58. Que fará o Padre espirital com al-
 mas que tem visões, ou revelações, fol. 46.
- Das partes affectivas.
74. Du. 59. Se as graças offercimento, & peti-
 ção se podem deixar quando nellas ha difi-
 culdade, fol. 46. vers.
75. Du. 60. Como se pode apropriar algũas partes
 da oração em algũas materias particula-
 res, fol. 42.
- Da

INDEX

- Da oração em commum, & luas circum-
stancias.
76. Du. 61. Se se ha de advertir algũa cousa quã-
to ao lugar, & tempo da oraçam, fol. 48.
77. Du. 62. Se na oraçam se ha de estar com a-
tençam grande, ib.
78. Du. 63. Se se ha de pôr cuidado em compor o
corpo na oraçam, fol. 48. vers.
79. Du. 64. Se será conveniente estar na oraçam
com olhos fecha dos, ou abertos, fol. 49.
80. Du. 65. Que fará hũa alma quando sente que
o corpo tem sono na oraçam, fol. 49. vers.
81. Du. 66. Que fará o que ora, & ve que passou
o tempo sem prozeito, fol. 50.
82. Du. 67. Como se ha de pedir na ora-
çam, fol. 50. vers.
83. Du. 68. Que condiçoens são as que se requerem
pera a efficacia da oraçam, fol. 51.
84. Du. 69. Quaes são os effeitos da oraçam, ib.
85. Du. 70. Quaes são os sinaes de aproveitar na
oraçam, fol. 51. vers.
86. Du. 71. Que causa ha pera que tratando mui-
tos da oração tão poucos são perfeitos nella, ib.
87. Du. 72. Se ha de ser a oraçam larga, fol. 52.
88. Du. 73. Que farão os que por diversas occu-
paçoens tem impedidas as horas da oraçam
que costumauam, ib.
89. Du. 74. Como se poderá ensinar a oraçam a
pessoas

INDEX

peſſoas idiotas, fol. 52. vers.

Tem eſte tratado 89. numeros,

& 74. duvidas.

TRATADO TERCEIRO.

Da preſença de Deos.

1. **P**erguntase, que couſa he preſença de Deos, fol. 53.
2. Perg. quantas maneiras ha de preſença de Deos, fol. 53. vers.
3. Advertencias pera os temidos, fol. 54. vers.
4. Os ſervos de Deos ſe alentam junto ao Santissimo Sacramento, fol. 54. vers.
5. O que convem a preſença intellectual de Deos, fol. 55.
6. Perg. ſe ha diversos modos de preſença de Deos, pertence eſte §. ao 3. fol. 56.
Perg. ſe ſe pode dar preſença intellectual de alguns objectos corporaes, pertence ao §. 4. fol. 56. v.
7. Perg. ſe ſe pode dar preſença de Deos imaginaria de objectos intellectuaes, pertêce ao §. 5. f. 57. v.
8. Perg. ſe as maneiras ſobreditas de preſença de Deos ſe reduzem a outros exercicios, fol. 58.
9. Perg. qual he melhor a preſença intellectual, ou a imaginaria, fol. 58. vers.
10. Que ſe ha de fazer pera formar boa eleiçam da preſença de Deos, fol. 59.
11. Perg. ſe deſpois de feita a eleiçam da preſença ima-

INDEX

- Imaginaria se pode eleger à intellectual, fol. 59. vers.
10. Perg. se he conveniente exercitar a presença de Deos que de manhã se tomou, fol. 60.
11. Perg. como se ha de unir a presença de Deos com a virtude escolhida pera a semana, ou mez, fol. 60. vers.
12. Se se ha de falar em segunda pessoa com o Senhor no exercicio de sua divina presença, fol. 61. vers.
13. Se ha de haver intensa applicação da alma entre dia, no dito exercicio, ib.
14. Perg. se se ha de aplicar à presença de Deos hum que anda em negocios com os proximos, fol. 62.
15. Perg. como ham de ver as creaturas espiritualmente pera moverem a presença de Deos, fol. 63.
16. Perg. de quanta importancia he o exercicio da presença de Deos, fol. 64.

Tem este tratado 16. perguntas com repostas.

TRATADO QVARTO.

Das tentações.

1. **E** Sta materia he copiosa, fol. 64. vers.
2. **E** Supoem se que o homem pode ser tentado em toda a maneira de peccado contra todas

INDEX

as virtudes, *ib.*

3. *Suponho os remedios communs pera todas as tentações, fol.* 65.
4. *Deixando suposições direi as mais graves tentações, que se offerecem, fol.* 66.
5. *O que se ha de advirtir quanto às tentações da Fe.* *ib.*
6. *Os remedios particulares desta tentação. fol.* 67
Tentações deshonestas.
7. *O que se ha de advirtir acerca das tentações deshonestas, fol.* 68.
8. *Hase de notar que esta batalha he grave, & de muitas maneiras, fol.* 68. vers.
9. *Os remedios particulares desta tentação, fol.* 69
Tentações de blasfemia.
10. *Hase de considerar a furiosa operação do Demonio nesta materia, fol.* 70. vers.
11. *Os remedios particulares desta tentação, fol.* 71.
Tentações de escrupulos.
12. *Estas tentações escrupulosas atormentam muito aos justos, fol.* 72.
13. *Remedios particulares desta tentação alem dos communs, fol.* 72. vers.
14. *Acerca da tentação de desesperação, que muitas vezes procede dos muitos peccados, fol.* 74. vers.
15. *Remedios particulares desta tentação, fol.* 75.

INDEX

Tentaçam de odio contra Deos.

16. De como aflagra aos servos de Deos esta tenta-
çam, fol. 75. vers.

Tem este tratado 16. propostas.

TRATADO QUINTO.

Das paixoens.

1. **Q**ue cousa he paixam, fol. 76. vers.

2. Perg. que cousa he appetite sensitivo, ib.

3. Perg. qual he o appetite inferior do homem
fol. 77.

4. Perg. qual he o officio da concupiscivel, & iras-
civel, fol. 77. vers.

5. Perg. quantas são as paixoens, fol. 78.

6. Perg. que bem, ou mal he aquelle, que olha o a-
ppetite sensitivo, fol. 78. vers.

7. Qual he a ordem, que tem as paixoens com a pri-
meira que he o amor, fol. 79.

8. P. se as paixoens são actos bons, ou maos, f. 79. v.

9. Perg. se as paixoens obedecem à rezam, ib.

10. Perg. se as paixoens chegam a privar do uzo
da rezam, fol. 80.

11. Que cousa seja amor mais distintamente,
fol. 80. vers.

12. Quaes são as cousas principaes do amor, fol. 81.

13. Quaes são os effectos do amor, fol. 81. vers.

14. Perg. se a paixam do amor, & seus effectos es-
tam na ventade, fol. 82.

15. Perg. quaes são os remedios contra o amor de-
ser de-

INDEX

- ib.*
16. Perg. *que cousa he odio, fol.* 82.
17. Perg. *quantas maneiras ha de odio,* *ib.*
18. Perg. *quaes saõ as causas do odio, fol.* 83. *vers.*
19. Perg. *quaes saõ os effeitos do odio,* *ib.*
20. Perg. *quaes sam os remedios contra o odio,* *ib.*
21. P. *q̃ cousa he paixãõ de cõcupiscencia, f.* 84. *v.*
22. P. *quãtas maneiras ha de concupiscencia, f.* 85.
23. Perg. *se as concupiscencias sam finitas, ou infi-*
nitas, fol. 85. *vers.*
24. Perg. *quaes sam as causas da concupiscencia, ib.*
25. P. *quaes saõ os remedios da cõcupiscencia, f.* 86.
26. Perg. *que cousa he fuga,* *ib.*
27. Perg. *quaes sam as causas, & remedios da fu-*
ga, fol. 86. *vers.*
28. Perg. *que cousa he deleitaçam, fol.* 87.
29. Perg. *quaes sam as causas da deleitaçam, ib.*
30. Perg. *quaes saõ os effeitos da deleitaçam, f.* 87. *v.*
31. P. *quaes saõ os remedios da deleitaçam, f.* 88. *v.*
32. Perg. *que cousa he dor, ou tristeza, fol.* 89.
33. Perg. *quantas maneiras ha de dor, fol.* 89. *vers.*
34. Perg. *quaes saõ as causas da dor, fol.* 90.
35. Perg. *quaes saõ os effeitos da desordenada tris-*
teza, fol. 90. *vers.*
36. P. *quaes saõ os remedios da tristeza, fol.* 91. *v.*
Das paixoens da irascivel.
37. Perg. *que cousa he esperança, fol.* 92. *vers.*
38. Perg. *quaes saõ as causas da esperança, fol.* 93.
39. Perg.

INDEX

39. Perg. quaes são os efeitos da esperança, f. 93. v.
40. Perg. quaes são os remedios da desordenada esperança, *ib.*
41. Perg. que cousa he desesperaçam, fol. 94.
42. Perg. quaes sejam as cousas da desesperaçam, fol. 94. vers.
43. Perg. quaes são os efeitos da desesperaçam, fol. 95.
44. Perg. quaes são os remedios da desesperaçam, *ib.*
45. Perg. que cousa he valor, ou ousadia, fol. 96.
46. Perg. quaes são as causas do valor, ou ousadia, *ib.*
47. Perg. quaes são os efeitos da ousadia, ou valor, fol. 96. vers.
48. Perg. quaes são os remedios da ousadia desordenada, fol. 97.
49. Perg. que cousa he temor, fol. 97. vers.
50. Perg. quantas especies ha de temor, fol. 98.
51. Perg. quaes são as causas do temor, fol. 98. vers.
52. Perg. quaes são os efeitos do temor, fol. 99.
53. Perg. quaes são os remedios contra o desordenado temor, fol. 100.
54. Perg. que cousa he ira, fol. 100.
55. Perg. quantas maneiras ha de ira, fol. 101.
56. Perg. quaes são as causas da ira, *ib.*
57. Perg. quaes são os efeitos da ira, fol. 101. v.
58. Perg. quaes são os remedios da ira, fol. 102.

Tem este tratado 58. perguntas.

TRA-

INDEX
TRATADO SEXTO.

Das virtudes.

1. **Q**ue cousa he virtude, fol. 104. vers.
2. A virtude divide-se em intellectual, & moral, ib.
3. Quantas são as virtudes intellectuaes, fol. 105.
4. Distingam das virtudes moraes, fol. 106.
5. Acerca das payxoens ha dez maneiras de virtudes, fol. 106. v.
6. Da liberalidade, & magnificencia, fol. 107. v.
7. Sam quatro as virtudes que respeitam o bem moral, fol. 108.
8. Estas se chamam exemplares, fol. 108. vers.
9. As virtudes moraes são adquiridas, fol. 109.
10. As virtudes moraes infusas se recebem com a graça, & perdem pella culpa, fol. 110.
11. Trata-se das virtudes moraes adquiridas, fol. 110. vers.
12. O officio da prudencia, fol. 111.
13. As partes integraes da prudencia, fol. 111. v.
14. As partes sugitivas, ou especies de prudencia, fol. 112.
15. As partes potenciaes da prudencia, ib.
16. A prudencia não está formalmente nos subditos, fol. 112. vers.
17. A prudencia como se ganha ou se perde, fol. 113.
18. A segunda virtude das cardeaes he a justiça, fol. 113. vers.

INDEX

- | | | |
|-----|---|-------------------|
| 19. | <i>Ha muitas virtudes, que se chamaõ potencias,</i>
<i>fol.</i> | 114. |
| 20. | <i>Entre as virtudes da Religião a primeira, he</i>
<i>observancia, fol.</i> | 115. |
| 21. | <i>Trata-se por ordem de algũas partes potencias</i>
<i>da justiça,</i> | <i>ib.</i> |
| 22. | <i>Que cousa he Religiam, fol.</i> | 115. <i>vers.</i> |
| 23. | <i>Da honra, & reverencia que esta virtude a</i>
<i>Deos dà,</i> | <i>ib.</i> |
| 24. | <i>Os actos desta virtude se dividem em duas or-</i>
<i>dens, fol.</i> | 116. |
| 25. | <i>Devoçam he acto de Religiam, fol.</i> | 117. |
| 26. | <i>As causas da devoçam, fol.</i> | 117. <i>vers.</i> |
| 27. | <i>O principal effeito da devoçam, fol.</i> | 118. |
| 28. | <i>A oraçam he acto de Religiam,</i> | <i>ib.</i> |
| 29. | <i>As condiçoens requisitas pera a efficacia da o-</i>
<i>raçam, fol.</i> | 118. <i>vers.</i> |
| 30. | <i>A virtude da Religiam se segue a piedade,</i>
<i>fol.</i> | 119. |
| 31. | <i>Este nome piedade, significa toda a virtu-</i>
<i>de,</i> | <i>ib.</i> |
| 32. | <i>Desta virtude nam ha mais que dizer,</i>
<i>fol.</i> | 119. <i>vers.</i> |
| 33. | <i>Da virtude da observancia,</i> | <i>ib.</i> |
| 34. | <i>Da virtude chamada dolia, fol.</i> | 120. |
| 35. | <i>Da obediencia, fol.</i> | 120. <i>vers.</i> |
| 36. | <i>Do agradecimento, fol.</i> | 121. |
| 37. | <i>Advir-</i> | |

INDEX

37. Advirtase nestas quatro ultimas virtudes,
fol. 121. vers.
38. Segueje a virtude da fortaleza, ib.
39. Da fortaleza pera o martyrio, fol. 122.
40. A fortaleza nam contem em si diferentes, espe-
cies, fol. 122. vers.
41. Da fiducia, ou confianca, que he virtude que
apreseiçoa a alma, ib.
42. A fortaleza tem partes integraes, fol. 123. v.
43. A temperança he virtude cardeal, fol. 124.
44. A temperança contem em si algũas virtu-
des, ib.
45. A temperança tem quatro partes, fol. 124. v.
46. As partes potenciaes da temperança, fol. 125. v.
47. Que cousa he contenencia, ib.
48. Da mancidam, fol. 126.
49. Da clemencia, ib.
50. Da modestia, fol. 126. vers.
51. Da humildade, fol. 127.
52. A estudiosidade he virtude que modera o dese-
jo de saber, fol. 127. vers.
53. A eutrapelia he virtude que guarda o modo, e
temperança nos jogos, ib.
54. A parcimonia he virtude que refrea os gostos,
fol. 128.
55. Das virtudes theologaes, ib.
56. Que cousa he esperança, fol. 128. vers.
- Cc4
57. Que

INDEX

57. *Que cousa he caridade, fol.* 129.
 58. *Nestas virtudes advirtase o que se segue*
fol. 129. *vers.*
 Tem este tratado 58. numeros.

TRATADO SEPTIMO.

Dos tres estados, ou graos a saber dos que co-
 meçam, dos que aproveitam, & dos per-
 feitos, fol. 130.

1. **D** *V*vida 1. *Se he boa a divisam dos tres*
estados, ib.
2. *Du. 2. Se a estes tres graos de amor cor-*
respondem as tres vias, fol. 120. *vers.*
3. *Du. 3. Se aos mesmos tres graos respondem dis-*
tintos exercicios, fol. 131.
4. *Du. 4. Acerca das tres vias perguntase se sam*
tres, ou hum só caminho, fol. 132.
5. *Du. 5. Como pode ser hum caminho só que dife-*
re nos exercicios, fol. 133.
6. *Du. 6. Porque nos tres estados se acha que apro-*
veitam os do segundo, fol. 133. *vers.*
7. *Du. 7. Se se pode permitir aos principiantes*
exercicios de perfeitos, fol. 134.
8. *Du. 8. Se pode hum principiante ter mais alta*
charidade, que o que aproveita, fol. 135. *v.*
9. *Du. 9. Se pode passar hum homem immediata-*
mente do estado peccaminoso à via unitiva,
fol. 136.
10. *Du.*

INDEX

10. Du. 10. *Se ha nestes tres graos di versas conso-
laçoens, fol. 136. vers.*
11. Du. 11. *Se ha nos tres graos diferentes illustra-
çoens, fol. 137.*
12. Du. 12. *Como se conhece os que aproveitam,
fol. 138.*
13. Du. 12. *Se nesta conjectura pode haver enga-
no, fol. 139.*
14. Du. 14. *Se os perfeitos ham de lançar de si as
imagens corporeas, fol. 140.*
15. Du. 15. *Se os perfeitos alcançam estarem ao
estado da perfeiçam, ib.*
16. Du. 16. *Qual he o caminho mais breve pera a
perfeiçam, fol. 140. vers.*

Tem este tratado 16. duvidas.

TRATADO OVTAVO.

Da vida activa, & contemplativa, declarete
que cousa he contemplaçam, fol. 141.

1. **D**E como tratam os Santos destas vias, *ib.*
2. Du. 1. *Que actos pertence a vida activa,
fol. 141. vers.*
3. Du. 2. *Se esta vida activa se acharà no estado
da gloria, fol. 142.*
4. Du. 2. *Que actos pertencem à contemplativa,
fol. 142. vers.*
5. Du. 4. *Se a vida contemlativa està no enten-
dimento, fol. ib.*

INDEX

6. Du. 5. Se a vida contemplativa dura sempre,
fol. 143.
7. Du. 6. Que cousa he contemplaçam, fol. 143. v.
8. Du. 7. Qual he a contemplaçam divina, f. 144.
9. Du. 8. Que dom he o da sabedoria, fol. 145. v.
10. Du. 9. Que excellente he a noticia da sabedoria
fol. 146.
11. Du. 10. Se he esta noticia delectavel,
fol. 146. vers.
12. Du. 11. Que effeitos faz a contemplaçam nas
almas, ib.
13. Du. 12. Que quer dizer que todos os que estão
em graça tem o dom de sabedoria, fol. 147.
14. Du. 13. Qual he o caminho ordinario pera a
contemplaçam, fol. 147. vers.
15. Du. 14. Se ha diferentes modos de contempla-
çam, fol. 148. vers.
16. Du. 15. Se custuma a contemplaçam dilatar-
se muito tempo, fol. 148. vers.
17. Du. 16. Qual he a vida mais meritoria acti-
va, ou contemplativa, fol. 149.
18. Du. 17. Se a vida solitaria he mais perfeita
que a monastica, fol. 149. vers.

Tem este tratado 18. numeros, & 17.
duvidas.

INDEX

TRATADO NONO.

Dos dons, & fruitos do Espirito Santo, & das bemaventuranças, fol. 150.

1. **O**S que ensinam espirito estudem muito nos dons do Espirito Santo, *ib.*
2. Que cousa são os dons do Espirito Santo, *ib.*
3. Os dons nam chegam às virtudes rheologaes, fol. 150. vers.
4. Quantos são os dons do Espirito Santo, fol. 151.
5. O dom do entendimento dà a conhecer as cousas divinas, *ib.*
6. A estes dons se atribuem as maravilhas que os Santos obram, fol. 153.
7. O atras referido he pera os espirituaes, fol. 154. v
8. He necessario esta intelligencia pera as cousas interiores, fol. 155.
9. Dos fruitos do Espirito Santo, fol. 155. vers.
10. Nam se offerrece mais nesta materia, fol. 156.
11. Advirtase quanto às bemaventuranças, fol. 156. vers.
12. Em que estado andam os que sam chamados do Senhor bemaventurados, fol. 157.
13. Dase noticia das bemaventuranças, fol. 159.

TRATADO DECIMO.

Das graças gratis datas, fol. 159. vers.

1. **C**omo se deram estas graças, *ib.*
2. Como as explica o Apostolo, fol. 160.

3. A

INDEX

3. A significação, & sustancia destas graças, *ib.*
 4. As graças que seruem pera este fim, fol. 161.
 5. A graça de linguas em que consiste, fol. 161. v.
- Tem este tratado 5. numeros.

TRATADO VNDECIMO.

Dos raptos, viloens, & revelações, fol. 162. v.

1. **S**upõe se que estas cousas são diferentes em tudo, ou em parte, *ib.*
2. Dos raptos, veja se este numero, *ib.*
3. Define rapto, fol. 163.
4. Rapto nam consiste na vontade, fol. 163. vers.
5. Que cõusa seja extasi, fol. 164. vers.
6. Advertencias acerca dos raptos, *ib.*
7. Advertencias pera os raptos, fol. 165.
8. Pera arrobamentos advertencias, fol. 165. v.
9. Advertencias acerca das visões, fol. 166.
10. Advertencias das visões, & representações, fol. 166. vers.
11. Das visões intellectuaes, & imaginarias, fol. 167. vers.
12. Das revelações que nas aparições succedem, *ib.*

Tem este tratado 12. numeros.

TRATADO DVODECIMO.

Da mystica Theologia, fol. 168. vers.

1. **E**xplicação primeira, duvida primeira, *ib.*
2. **Du. 2.** Que cõusa he mystica Theologia, fol. 169.
3. **Du.**

INDEX

3. Du. 3. Que he necessario pera vir em conhecimento desta definiçam, ib.
4. Du. 4. Qual das cousas asima he a Theologia mystica, fol. 171.
5. Du. 5. Theologia quer dizer sciencia de Deos, fol. 172.
6. Du. 6. Se a vontade na Theologia ama a Deos mais do q̃ o entendimento entende, f. 172. v.
7. Du. 7. Como se verifica o sobredito, fol. 173.
8. Du. 8. Porque se attribue à vontade aquelle divino gosto, fol. 173. vers.
9. Du. 9. Em que parte, ou porçam da rezam está o gosto divino, ib.
10. Du. 10. Que cousa he porçam, ou parte superior, fol. 174.
11. Du. 11. Se são verdadeiras aquellas distincções das duas potencias, fol. 175.
12. Du. 12. Se he verdade o que alguns escrevem da mystica Theologia, fol. 175. vers.
13. Du. 13. Se he verdade o que significam os nomes de que os Theologos mysticos uzam, ib.
14. Du. 14. Se convem ler liuros da dita Theologia, fol. 176. vers.

Tem este tratado 14. numeros, & 14.
duvidas.

INDEX

TRATADO DECIMOTERCIO.

Da discricam dos espiritos, fol. 176. verl.

1. **D** *V*vida 1. Duas cousas significa o nome espirito, *ib.*
2. *S*upoemse a doutrina commua dos Theologos, fol. 177.
3. *S*e os Anjos podem alumiar o entendimento humano, *ib.*
4. *E*m qualquer espirito se ham de notar duas cousas, fol. 177. vers.
5. *N*a differença dos espiritos se ha de fazer hũa divisãõ, fol. 178.
6. *P*erg. qual he o espirito maes seguro, *ib.*
7. *A*dvertencias sobre esta materia, fol. 179.
8. *S*e ha algũas regras pera discernir os espiritos, fol. 179. vers.
9. *Q*ue effeito faz. ao principio a imaginaçam, que he de Deos, fol. 180. vers.
10. *P*erg. *S*e as pessoas espirituas sentem differença entre bom, ou mau espirito, fol. 181.
11. *P*erg. *S*e as inspiraçoens sam breues, *ib.*
12. *P*erg. *S*e eustumam acontecer muitas vezes as inspiraçoens, *ib.*
13. *P*erg. *S*e ha particulares sinaes pera conhecer o espirito, *ib.*

INDEX

- espírito de Deos, ou maligno, ou natural,*
fol. 181.vers.
14. *Se os que dizem que tem uniam actual com Deos tem bom espirito, fol. 183.*
15. *Perg. Se he bom espirito o que todo o tempo passa em regalos espirituaes, fol. 183.vers.*
16. *Perg. Se he bom espirito quando alguem diz, q̃ no trato familiar com Deos obra sem entendimento, nem vontade, fol. 184.*
17. *Perg. Se he bom espirito o daquelle que a seu parecer se ve entre dilicias celestes, fol. 184.vers.*
18. *Perg. se he bom espirito quando hũa alma depois de muito mortificada se ve em gofo, fol. 185.vers.*
19. *Perg. se he bom espirito o que he facil em raptos, ou extasis, ib.*
20. *Se he bom espirito aquelle que algũa vez fõz enganado nas visoens, ou revelaçoens, fol. 186.*
21. *Perg. se he bom espirito o que de repente desfalece, & cabe morvido do interior, fol. 186.vers.*
22. *Se as paixoens podem fazer ao homem extatico, fol. 187.*
23. *Perg. se he bom espirito o que diz conhece o estado interior das proximos, fol. 187.vers.*
24. *Perg.*

INDEX

24. Perg. se he bom espirito o que diz conhece o estado futuro dos proximos, fol. 188.
25. Perg. se he bom espirito o que he molestado com visões diabolicas, fol. 188.vers.
26. Perg. se he bom espirito o que he molestado com actos indecentes, fol. 189.
27. Perg. se he bom espirito quando as apariçoens são em forma de Christo, de nossa Senhora, & dos Santos, ib.
28. Perg. se pode o Demonio aparecer em figura de Christo, de nossa Senhora, & dos Santos, fol. 189.vers.
29. Perg. se he bom espirito o que tem por certo, q as visões, que tem, sam de Deos, fol. 190.
30. Perg. se he bom espirito o que sonha cousas futuras, fol. 191.
31. Perg. se he bõ espirito o que fazendo oraçam por algum negocio cre, que foi revelaçam divina, o que a sua imaginaçam lhe representou, fol. 191.vers.
32. Perg. se he bom espirito o compassivo, & que facilmente chora, fol. 192.
33. Perg. se he bom espirito aquelle que na oraçãõ recebe gostos espirituaes na parte inferior, fol. 192.vers.
34. Perg. se he bom espirito aquelle que resistindo com fortaleza espiritual lhe succede immundicias, fol. 193.
35. Perg.

INDEX

35. Perg. se he bom espirito o que he tentado de blasfemia, fol. 193. vers.
36. Perg. se he bom espirito o que amando a Deos deveras sente adversam ao mesmo Deos, fol. 194.
37. Perg. aquelle que teve com o Demonio amizade, & depois se converteo ao Senhor, & sente paixcoens desordenadas, que ha de fazer, fol. 194. vers.
38. Perg. Como se ha de examinar o espirito, ib.

Tem este tratado 26. perguntas.



1. ... de ...
 2. ... de ...
 3. ... de ...
 4. ... de ...
 5. ... de ...
 6. ... de ...
 7. ... de ...
 8. ... de ...
 9. ... de ...
 10. ... de ...
 11. ... de ...
 12. ... de ...
 13. ... de ...
 14. ... de ...
 15. ... de ...
 16. ... de ...
 17. ... de ...
 18. ... de ...
 19. ... de ...
 20. ... de ...



LICENC, AS.

O P. M. Fr. Ioam do Spirito Santo qualificador do Santo Officio, veja esta tradução, & informe com seu parecer. Lisboa 5. de Outubro de 677.

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel.

Frey Valerio de São Raymundo.

V I a tradução do livro intitulado Escola de Oraçam, & contemplação, feita pello Padre Balthazar Guedes Reytor do Collegio de Nossa Senhora da Graça da Cidade do Porto, & achei estar coerente, & conforme a tudo o que no dito livro se contem, porque suposto o Padre acrescentasse algũas palavras ~~nam~~ mudam o sentido, antes se expli-

LICENC, AS.

explicam melhor as Castelhanas. São Francisco de Lisboa de Dezembro 11. de 677.

Fr. Ioam do Spirito Santo.

Vista a informaçam podese imprimir o livro intitulado Escola de Oraçao Autor Fr. Ioão de Iesus Maria, traduzido da lingua Castelhana à Portugueza pello Padre Balthezar Guedes, & impresso tornarà pera se conferir, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrà. Lisboa 17. de Dezembro de 677.

Manoel de Magalhães de Menezes.

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel.

Frey Valerio de São Raymundo.


LICENC, AS.

Podefe imprimir. Lisboa 17.
de Janeiro de 1678.

Fr. Bispo C.

Podefe imprimir vistas as licen-
ças do Santo Officio, & Ordina-
rio, & depois de impresso torna-
rà a esta Mesa pera se conferir, &
taixar, & sem isso não correrà. Lis-
boa 24. de Janeiro de 1678.

*M. P. Mag. de Men. D. Basto.
Mouzinho.*



LICENC, AS.

Visto estar conforme cõ seu original, pode correr. Lisboa 19, de Agosto de 1678.

Manoel de Magalhaës de Menezes,

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel.

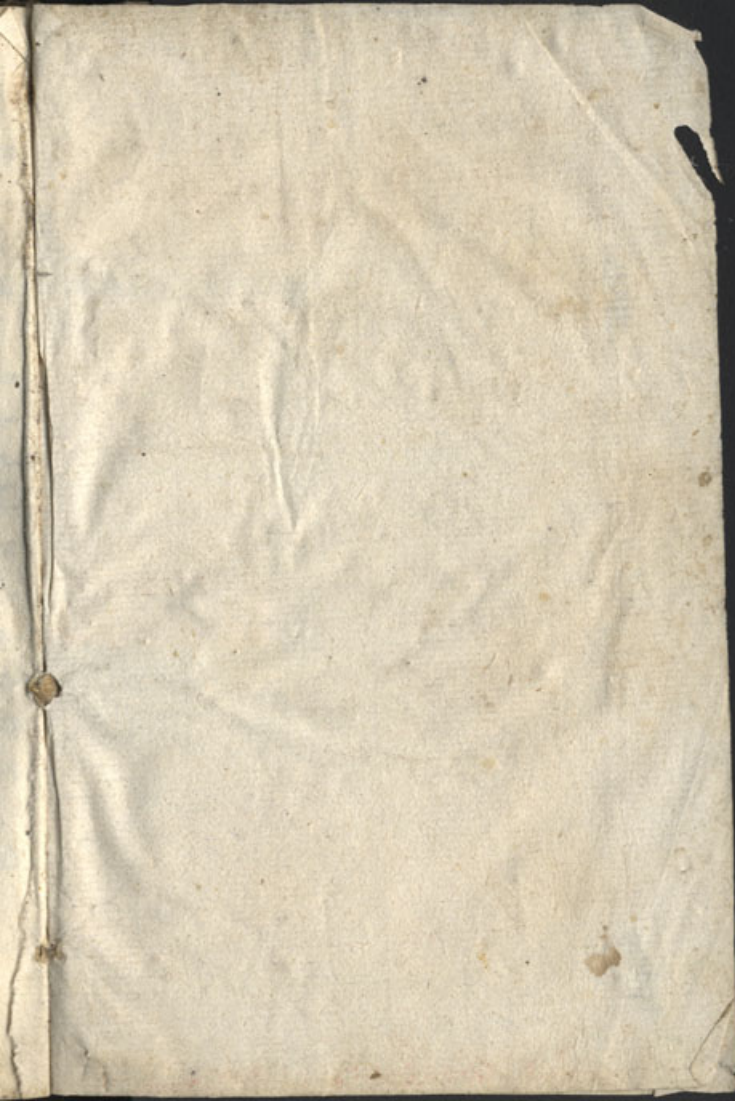
Frey Valerio de São Raymundo.

T Aixão este livro em cento & reis em papel. Lisboa 22. de Agosto de 1678.

M. P. Mag. de Men. D. Basto.

Mouzinho.





1779

1779

1779

1779

1779





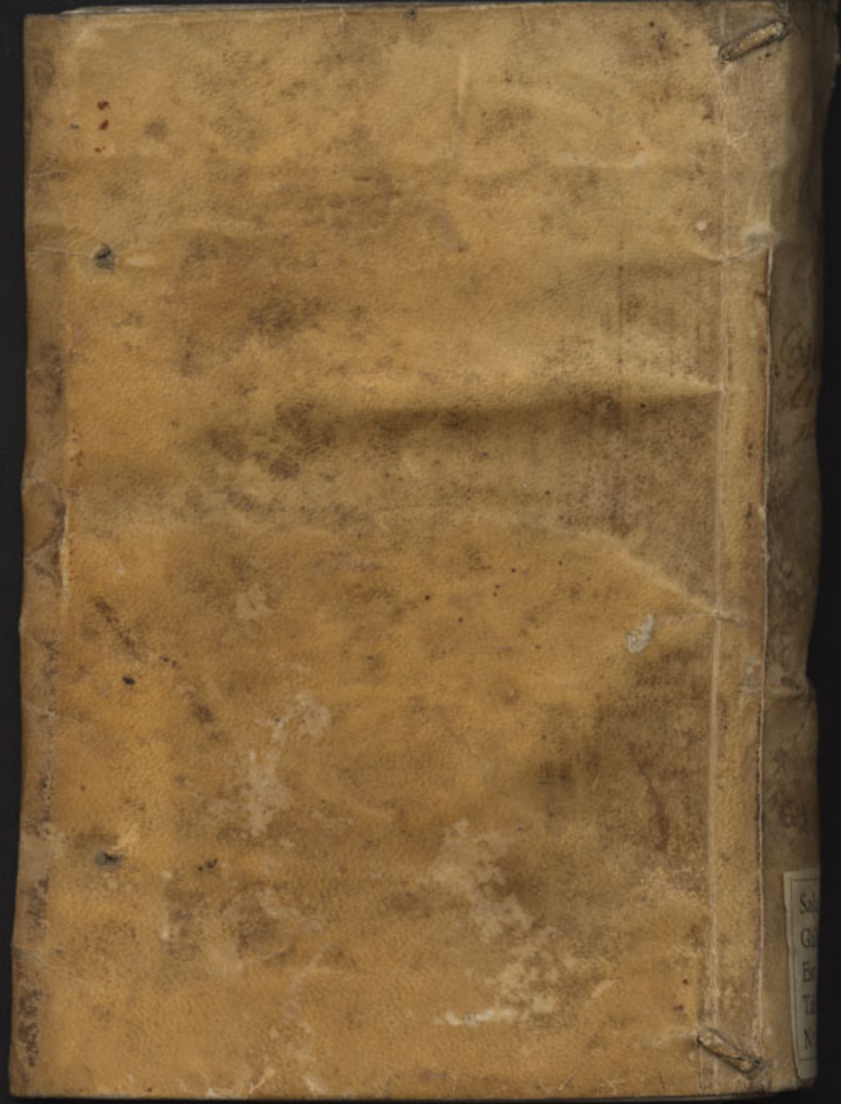
1944
M. G. M. C.

[Faded rectangular stamp or label]

[Faded rectangular stamp or label]

Handwritten text in a cursive script, likely a letter or document, written on a piece of paper pasted onto a larger, aged, yellowish-brown page. The text is faint and difficult to decipher due to fading and bleed-through from the reverse side. The visible words appear to be:

My dear Mother
I received your letter
of the 17th and was
glad to hear from
you and to hear
that you were well.
I am well and hope
these few lines will
find you the same.



*Asola
bona
marta*

Sala R

Gab.

Est.

Tab. 4

N.º 14